

# IHU

ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos  
Nº 531 | Ano XVIII | 17/12/2018

# Etty Hillesum

*O colorido do amor no cinza da Shoá*

**Faustino Teixeira**  
**Beatrice Iacopini**  
**Mariana Ianelli**  
**Ceci Baptista Mariani**  
**Ricardo Fenati**  
**Gabriela Acerbi**  
**Eduardo Losso**  
**Thiago Amud**

## Antropoceno

- Marco Antonio Valentim
- Ethienne Turpin



# Etty Hillesum – O colorido do amor no cinza da Shoá

**É** humanamente compreensível que quem viveu a perversidade do mal, prefigurado no holocausto, perca a luz e passe a refletir apenas a dor. Mas essa não é a única saída. A experiência de Etty Hillesum nos campos de concentração da Segunda Guerra prova isso: a jovem judia não se entrega à dor e tampouco responde ao ódio na mesma potência. Sua arma é o canto de alegria em meio às dificuldades, como uma flor que irradia calor na resistência gélida e tétrica do inverno sob a égide nazista. Na esperança de sempre ver a luz mesmo em meio à realidade sombria, a **IHU On-Line** traz a mística de Etty Hillesum como tema central desta edição.

É nesse sentido que **Faustino Teixeira**, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, observa nessa jovem mística a arte de encontrar o Deus interior capaz de fortalecer contra todo o mal que a cerca, sem ceder em nada a sentimentos malignos e ainda irradiar amor. “Com todas as condições para dizer o contrário, Etty rechaça em sua reflexão qualquer possibilidade de adesão ao ódio”, sintetiza.

**Beatrice Iacopini**, formada em Filosofia e em Teologia e é professora no ITCS Filippo Pacini - Pistoia e colabora com a Escola de Teologia da Diocese de Pistoia, lembra que é necessário desenterrar Deus dos corações martirizados. “Etty Hillesum nos ensina a perceber a profunda unidade de tudo, razão pela qual quem se empenha a melhorar a si mesmo, na realidade, muda o mundo”, pondera.

**Mariana Ianelli**, poeta, ensaísta, cronista e crítica literária brasileira, chama atenção para a capacidade da jovem de encontrar Deus não apenas em seu interior, pois “desenterra Deus do fundo do coração dos outros”, livre de qualquer amarra ou preconceito.

**Ceci Maria Costa Baptista Mariani**, professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e da Faculdade de Teologia, foca sua análise no amor que Etty é capaz de mobilizar. Segundo a professora, pela entrega amorosa, a jovem chega a um Deus que habita nela e reconhece nele a face daqueles que a cercam.

Para **Ricardo Fenati**, mestre em Filosofia e integrante do Centro Loyola, de Belo Horizonte, a experiência mística de Etty Hillesum é espiritual, e não psíquica, segundo revela em registros das primeiras anotações de seu diário.

**Gabriela Acerbi**, socióloga e mestrandia em Ciências Sociais, descobriu Etty recentemente e não esconde seu encanto. Para ela, a experiência da jovem judia revela que é possível se criar mesmo diante de um abismo. Para ela, os diários de Etty Hillesum são um apelo a essa criação e uma recusa a condicionar-se ao adverso.

**Eduardo Guerreiro Brito Losso**, professor de Teoria da Literatura do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, reflete, a partir da experiência de Etty, sobre as inquietudes que afligem o nosso tempo, perversidades que, se não forem apreendidas nas pequenas ações, acabam personificando o pior da humanidade.

**Thiago Amud**, compositor, arranjador, cantor e violonista carioca, também destaca a importância da resistência alegre. Assim, olha para a forma como as Marchas de 2013 foram apreendidas pelo “neofascismo” e vê na arte uma forma de ativar sentimentos que mobilizam sentimentos positivos como reação.

Também podem ser lidas as entrevistas com **Marco Antonio Valentim**, professor da Universidade Federal do Paraná - UFPR, repensa a Filosofia a partir de postulados capazes de pensar nossa humanidade desde um ponto de vista não autocentrado, e sim extra-humano e propõe como o fascismo se tornou a política oficial do Antropoceno; e **Etienne Turpin**, filósofo, pesquisador do Instituto de Tecnologia de Massachusetts e diretor fundador do Anexact Office, reconhece o Antropoceno como um alerta sobre as ações humanas no planeta.

Por fim, uma reportagem especial destaca os eventos que estão sendo preparados pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU para 2019.

Desejamos a todas e todos um Feliz Natal e um abençoado Ano Novo!



Foto: Scott Hart / Flickr Creative Commons

# Sumário

- 4 ■ **Temas em Destaque**
- 6 ■ **Reportagem** | China, Juventudes, Revolução 4.0, Economia, Literatura, Políticas Públicas são temas da programação do IHU para 2019
- 10 ■ **Tema de capa** | Etty Hillesum, a voz que se ergue das sombras como brasa e reinventa a esperança
- 14 ■ **Tema de Capa** | **Faustino Teixeira**: Etty Hillesum canta a alegria contra o ódio
- 22 ■ **Tema de Capa** | **Beatrice Iacopini**: Trabalhar sobre si mesmo é a única solução para o mal
- 29 ■ **Tema de Capa** | **Mariana Ianelli**: A jovem mística que “desenterra Deus do fundo do coração dos outros”
- 35 ■ **Tema de Capa** | **Ceci Mariani**: O amor é central na mística feminina de Etty Hillesum
- 41 ■ **Tema de Capa** | **Ricardo Fenati**: A mística, uma vivência psíquica? Não, uma experiência espiritual
- 45 ■ **Tema de Capa** | **Gabriela Acerbi**: Etty Hillesum e a criação diante do abismo
- 53 ■ **Tema de Capa** | **Eduardo Losso**: A necessidade de reconhecer o mal no humano para enfrentá-lo
- 63 ■ **Tema de Capa** | **Thiago Amud**: Contra os ressentidos de 2013 é preciso alegria como substância para resistência
- 70 ■ **Dossiê Antropoceno** | **Marco Antonio Valentim**: Fascismo, a política oficial do Antropoceno
- 76 ■ **Dossiê Antropoceno** | **Etienne Turpin**: O Antropoceno é um alerta sobre as ações humanas no planeta
- 80 ■ **Publicações** | **Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco**: Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo
- 81 ■ **Publicações** | **Livro**: Pesquisas, Instituições e Sociedade nas Tramas de Crise
- 82 ■ **Publicações** | **Luis David Castiel**: O mal-estar na cultura medicamentizada
- 83 ■ **Publicações** | **Austen Ivereigh**: A opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança?
- 85 ■ **Outras edições**

**IHU** ON-LINE  
Revista do Instituto Humanitas Unisinos

ISSN 1981-8769 (impresso)

ISSN 1981-8793 (on-line)

A IHU On-Line é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br) e no endereço [www.ihuonline.unisinos.br](http://www.ihuonline.unisinos.br).

O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.

**Diretor de Redação**  
Inácio Neutzling  
([inacio@unisinos.br](mailto:inacio@unisinos.br))

**Coordenador de Comunicação - IHU**  
Ricardo Machado – MTB 15.598/RS  
([ricardom@unisinos.br](mailto:ricardom@unisinos.br))

**Jornalistas**  
João Vitor Santos – MTB 13.051/RS  
([joaovs@unisinos.br](mailto:joaovs@unisinos.br))

Patrícia Fachin – MTB 13.062/RS  
([prfachin@unisinos.br](mailto:prfachin@unisinos.br))

**Revisão**  
Carla Bigliardi

**Projeto Gráfico e Editoração**  
Ricardo Machado

**Atualização diária do sítio**  
Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Anielle Silva, William Gonçalves, Stefany de Jesus Rocha, Wagner Fernandes de Azevedo e Juliana Borgmann.



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Instituto Humanitas Unisinos - IHU**

Av. Unisinos, 950 | São Leopoldo / RS  
CEP: 93022-000

**Telefone:** 51 3591 1122 | Ramal 4128  
**e-mail:** [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br)

**Diretor:** Inácio Neutzling  
**Gerente Administrativo:** Nestor Pízl  
([nestor@unisinos.br](mailto:nestor@unisinos.br))

Entrevistas completas em [www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias)

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

## “A morte pertence à vida. Ela nos permite dar um salto para o outro lado de nós mesmos”



*“A teologia sempre é possível e deve ser feita para responder com sentido crítico às demandas derradeiras da condição humana, mas ela deve desembocar numa espiritualidade.”*

Leonardo Boff é doutor em teologia pela Universidade de Munique, na Alemanha. Foi professor com os Franciscanos em Petrópolis e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em <http://bit.ly/2QQ318B>.

## Cinquenta anos depois do AI-5, autoritarismo continua no DNA do brasileiro



*“Eu tomei uma decisão nesse momento: todas as manhãs quando despertava, prometia a mim mesmo ‘hoje não vou ficar paranoico’. Isso valia por 24 horas.”*

Jair Krischke é ativista dos direitos humanos no Brasil, Argentina, Uruguai, Chile e Paraguai. Em 1979, fundou o Movimento de Justiça e Direitos Humanos do Rio Grande do Sul. Disponível em <http://bit.ly/2PFfe13U>.

4

## Cena política é concebida para ser machista



*“A liberdade de expressão das mulheres acaba sendo falsa, pois quando se manifestam e estão em tom discordante do masculino político, são taxadas de ‘loucas’, ‘histéricas’ ou ‘burras’.”*

Luciana Panke é pós-doutora em Comunicação Política pela Universidade Autônoma Metropolitana - UAM do México e professora na Universidade Federal do Paraná – UFPR. Disponível em <http://bit.ly/2UMZkzs>.

## Educação para redes e reconstrução de parâmetros de realidade



*“É preciso mostrar as dinâmicas e as finalidades dos sistemas algorítmicos. Esses dispositivos são performáticos e cada vez mais preditivos. Eles alteram os ambientes em que operam.”*

Sérgio Amadeu é doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo - USP. Participou da implementação dos Telecentros na América Latina e da criação do Comitê de Implementação de Software Livre - CISL. Disponível em <http://bit.ly/2Em0tZi>.

## Estar simplesmente presente: Merton e a vida contemplativa



*“Thomas Merton é para mim uma das figuras mais importantes do século XX, que apontou de forma fundamental o perfil de uma mística profundamente ligada ao tempo e desperta para o amor a Deus e ao próximo.”*

Faustino Teixeira é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais - PPCIR-UFJF. Disponível em <http://bit.ly/2EINir2>.

Textos na íntegra em [www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias)

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

### Leonardo Boff: amigo do bem

*“Leonardo fez ao longo da vida quatro grandes balanços: nos 50, 60, 70 e agora aos 80. Minha intenção aqui, neste breve texto, é captar o que ocorreu nesta revisão de vida que Leonardo foi fazendo em cada um desses passos”.*

O texto é de **Faustino Teixeira**, publicado nas Notícias do Dia do IHU, em 14-12-2018, disponível em <http://bit.ly/2BhauUf>.

### Quase metade dos jovens brasileiros com diploma está fora da área de formação

*O número de brasileiros que concluíram o ensino superior e estão trabalhando fora de sua área de atuação aumentou neste ano. Entre os jovens, esse grupo teve acréscimo de seis pontos percentuais e já representa 44,2% do total de formados. Se consideradas todas as idades, a parcela é de 38%, o maior patamar desde o início da série histórica, em 2012.*

A reportagem é de **Fernanda Nunes**, publicada por O Estado de S.Paulo, 13-12-2018, reproduzida nas Notícias do Dia do IHU, em 14-12-2018, disponível em <http://bit.ly/2LlffeB>.

### A democracia em suspensão, 50 anos do AI-5

*O termo revolução é carregado de toda uma semântica particular, designando uma espécie de contrarrevolução ao que seria a ascensão comunista no Brasil, manifesta na figura de Jango, ex-ministro de Getúlio Vargas. Do delírio anticomunista dos anos 1960, restou apenas as sombras dos dez anos mais duros da ditadura civil-militar.*

A reportagem é de **Ricardo Machado** e **Wagner Fernandes de Azevedo**, publicada nas Notícias do Dia do IHU, em 13-12-2018, disponível em <http://bit.ly/2zZSqyi>.

### “Bolsonaro afronta e confronta os indígenas”

*Em entrevista à revista Globo Rural, Cleber Buzatto, secretário-executivo do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), órgão vinculado à Igreja Católica, disse que as declarações do presidente eleito Jair Bolsonaro sobre os indígenas são desrespeitosas e estão alimentando o preconceito e até atos de violência contra algumas tribos em regiões como Rondônia.*

A entrevista é de **Bruno Blecher**, publicada por Globo Rural, reproduzida nas Notícias do Dia do IHU, em 13-12-2018, disponível em <http://bit.ly/2QOrlzr>.

### “Bolsonaro promete um muro de vergonha para o meio ambiente”

*“Uma derrota”. É assim que Marcio Astrini, coordenador de políticas públicas do Greenpeace e membro da coordenação do Observatório do Clima, classifica a retirada da candidatura do Brasil para sediar a próxima Conferência sobre as Mudanças Climáticas da ONU no ano que vem, a COP25. Durante a Conferência do ano passado, o Brasil anunciou a candidatura para sediar o evento em 2019.*

A entrevista com **Marcio Astrini** é de Marina Rossi, publicada por El País, e reproduzida nas Notícias do Dia do IHU, em 4-12-2018, disponível em <http://bit.ly/2EyufuG>.

### Agrotóxicos. Uma questão de saúde

*Movimentos sociais, sanitaristas e organizações internacionais apontam as contradições do atual sistema agroalimentar, produtor de doença e injustiça social. A agroecologia ganha importância no debate sobre o que fazer para superar o modelo da ‘revolução verde’.*

O artigo é de **André Antunes**, publicado no portal EPSJV/Fiocruz, reproduzido nas Notícias do Dia do IHU, em 4-12-2018, disponível em <http://bit.ly/2Bg6m6U>.



Arte Jonathan Camargo / IHU

6

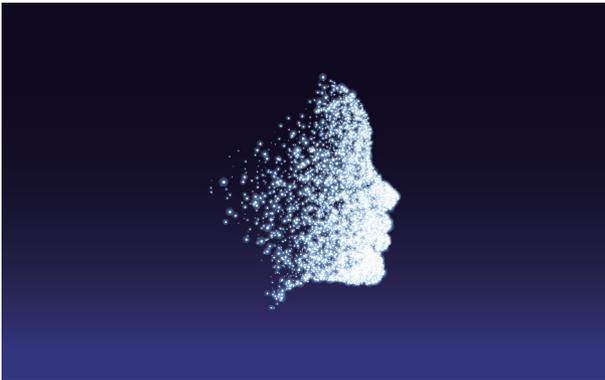
## China, Juventudes, Revolução 4.0, Economia, Literatura, Políticas Públicas são temas da programação do IHU para 2019

Ricardo Machado

**P**ara o ano de 2019, a agenda de programação do Instituto Humanitas Unisinos - IHU está recheada de novos eventos sobre variadas temáticas e com ampliação da programação na Unisinos Porto Alegre. Somente no primeiro semestre serão oito atividades, de ciclo de palestras a cinedebates, passando por jornadas de estudos. Os eventos, cabe lembrar, seguem a tradição do IHU, sendo amplamente abertos não somente para estudantes mas também para toda a comunidade.

As informações detalhadas sobre cada um dos eventos podem ser acessadas no endereço [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos). A seguir, apresentamos brevemente cada um dos eventos que compõem a programação do primeiro semestre.

## 4º Ciclo de Estudos Revolução 4.0. Impactos nos modos de produzir e viver



Dando continuidade aos debates sobre as transformações tecnocientíficas, o 4º Ciclo de Estudos Revolução 4.0. Impactos nos modos de produzir e viver realiza cinco conferências para tratar de um dos temas mais relevantes da contemporaneidade. A exemplo das demais revoluções, a atual que vivemos produziu inovações tecnológicas tais como inteligência artificial, robótica, internet das coisas, veículos autônomos, impressão em 3D, nanotecnologia, biotecnologia e armazenamento de energia. O que há de novo em relação às predecessoras é a fusão, cada vez mais difícil de delimitar, das dimensões física, digital e biológica. Tudo isso produz novos modos de viver, impactando a forma como as pessoas se relacionam no mundo do trabalho e nos modos de aprendizagem. O evento ocorre de 25 de março a 29 de maio de 2019, nos campi São Leopoldo e Porto Alegre da Unisinos.

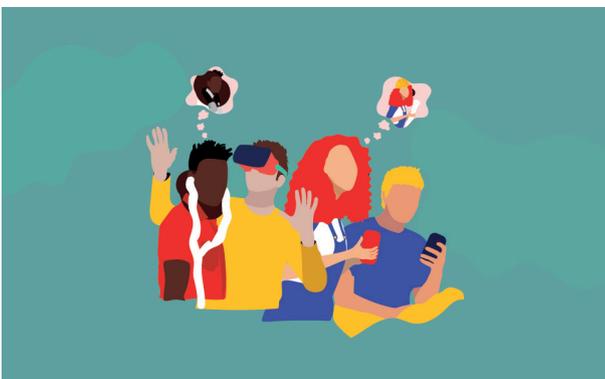
Mais informações em <http://bit.ly/revolucao-40>.

## Ciclo de Estudos A China e o mundo. A (re)configuração geopolítica global

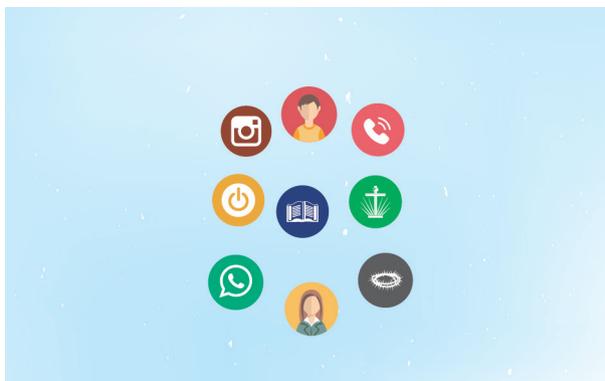


O crescente protagonismo chinês no cenário global se tornou um dos mais importantes vetores geopolíticos no contexto atual. Entender a atuação da China e suas complexidades históricas, políticas e culturais é uma tarefa que se apresenta como um tremendo desafio, sobretudo ao Ocidente. Em termos globais, esta é a primeira vez que o predomínio europeu e norte-americano se vê realmente ameaçado por uma potência oriental que opera a partir de suas próprias lógicas e dinâmicas. O processo é classificado, por alguns autores, como “orientalização”. Dentro da atual conjuntura, a proposta do evento é pensar o Brasil e suas possibilidades de desenvolvimento em perspectiva com estas possíveis mudanças geopolíticas. O evento ocorre no dia 7 de maio, na Unisinos Porto Alegre. Mais informações em <http://bit.ly/china-e-o-mundo>.

## Ciclo de Estudos As juventudes do Brasil. Mutações e (im)possibilidades



Mais do que o atravessamento comum a muitas pautas, o tema da Juventude engendra todo um universo de discussões, incompreensões e análises. Para adentrar nesse universo, o IHU realiza o Ciclo de Estudos As juventudes do Brasil. Mutações e (im)possibilidades, cujo objetivo é compreender as juventudes da contemporaneidade no Brasil, seus protagonismos, possibilidades e limites. As conferências abordam desde temas relacionados às dimensões psicológicas desses jovens até aspectos da religiosidade e da formação cultural e intelectual. Compreender os caminhos trilhados pelos jovens pode ajudar a entender desafios atuais e futuros, sobretudo no que diz respeito aos projetos políticos nacionais que vêm se desenhando. O evento ocorre de 28 de março a 30 de maio de 2019. Mais informações em <http://bit.ly/juventudes-brasil>.



## Juventudes, redes sociais e suas (des)conexões

Outro evento do IHU que discute centralmente a questão da Juventude tem como horizonte e público-alvo agentes pastorais. Intitulado Juventudes, redes sociais e suas (des)conexões, a programação retoma debates da 47ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais, que vem discutindo aspectos da Igreja e suas interconexões com a internet, sobretudo em sua presença nas redes sociais, o que causa profundas transformações nas formas de convívio social e nos aspectos relacionados à religiosidade cristã, em sentido amplo, e, mais especificamente, católica. Diante disso, o evento se propõe a pensar e debater sobre os desafios e possibilidades das mídias e redes sociais para evangelização. Pensar tais implicações significa colocar em pauta os temas das juventudes em perspectiva com a vivência da fé cristã e de seu engajamento eclesial. O evento ocorre no dia 18 de maio de 2019, na Unisinos Porto Alegre. Mais informações em

<http://bit.ly/juventudes-e-redes>.

## Páscoa IHU – Políticas Públicas

Seguindo a tradição do Instituto, a Páscoa IHU, que chega à sua 16ª edição, terá como fio condutor o debate sobre as Políticas Públicas. Quando utilizadas como ferramenta de luta e produção de justiça social, as políticas públicas se tornam como dispositivos de acesso a direitos cidadãos e enfrentamento das mais diversas vulnerabilidades presentes em nossa sociedade. Dado que o cenário atual impõe inúmeras adversidades, (re)pensar as políticas públicas no atual contexto, debatendo os principais desafios e possibilidades, torna-se uma tarefa urgente. A institucionalização da austeridade fiscal como paradigma político e o corte de gastos no orçamento público para áreas como educação e saúde impõem a necessidade de uma profunda discussão sobre os impactos dessas políticas no cenário brasileiro. O evento ocorre de 11 de março a 25 de abril de 2019, na Unisinos São Leopoldo.



## I Ciclo Ontologias Anarquistas

Para pensar as questões contemporâneas desde paradigmas não hegemônicos, o I Ciclo de Palestras Ontologias Anarquistas promove uma articulação entre o pensamento acadêmico, filosófico, psicanalítico, literário e poético em perspectiva com questões contemporâneas. Se o fim do mundo ou de um mundo, tal qual está dado, torna-se uma possibilidade real, restabelecer conexões com pensamentos e cosmologias historicamente marginalizadas – como dos povos ameríndios, por exemplo – se torna uma forma alternativa de propor novas questões. O esgotamento e a necessidade de reformulação de categorias típicas da Modernidade tensionam nossas formas de pensamento diante do fim de um mundo simbólico (a Modernidade) e concreto (a emergência do Antropoceno). O evento ocorre na Unisinos Porto Alegre, de 3 de abril a 30 de maio de 2019. Mais informações em

<http://bit.ly/ontologias-anarquistas>.



## Cinedebates IHU

Pensando em outras linguagens para apresentar os eixos de trabalho do Instituto, o evento Cinedebates IHU promoverá a exibição de filmes e debates sobre temas contemporâneos em perspectiva com aspectos centrais de atuação do IHU: Ética, Trabalho, Sociedade Sustentável, Mulheres – sujeito socio-cultural e Teologia Pública. Os filmes que serão debatidos são Uma noite de 12 anos, Eu, Daniel Blake, Pantera Negra, Hannah Arendt e Ex-Pajé, cada um deles relacionado, respectivamente, a cada um dos eixos de atuação do IHU. O evento é gratuito e ocorre na Unisinos Porto Alegre, de 20 de março a 25 de maio. Mais informações em <http://bit.ly/cinedebates-ihu>.





Etty Hillesum | Foto: Wikimedia Commons

10

## Etty Hillesum, a voz que se ergue das sombras como brasa e reinventa a esperança

João Vitor Santos

Imagine viver a dor da guerra na própria pele, a qual é rasgada pelo sofrimento que transpassa a todos que são reduzidos a um campo de concentração, mas sem perder a potência da vida e a capacidade de olhar além de todo o mal ao redor e encontrar amor. Essa é Etty Hillesum, a judia que, depois de viver confinada no campo de Westerbork, na região onde hoje é a Holanda, é transferida de trem, junto com toda a família, para ser morta em Auschwitz, jornada em que muito provavelmente já perde os pais, sobrando apenas ela e o irmão. Nos seus últimos relatos, diz que todos estavam “calmos e fortes” e que teriam “deixado o campo cantando”. Essa cena revela por que Etty Hillesum é considerada uma das místicas mais destacadas de nosso tempo, ou, como descreve Faustino Teixeira, professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião

da Universidade Federal de Juiz de Fora - PPCIR-UFJF, “uma das personalidades mais luminosas do século XX”.

De acordo com informações da Cruz Vermelha, Etty morreu em Auschwitz, na Polônia, em 30 de novembro de 1943, aos 29 anos de idade. Nasceu em 25 de janeiro de 1914, em Middelburg, nos Países Baixos, atual Holanda. Aos dez anos de idade, vai com os pais e dois irmãos viver na cidade de Deventer. Sua família era de judeus não praticantes. O pai, Louis Hillesum, era professor com formação em línguas clássicas. Junto com a esposa, a russa Riva Hillesum-Bernstein, além de Etty, tiveram ainda dois filhos, Jaap Hillesum, que se torna médico, e Mischa Hillesum, reconhecido pelo talento musical.

Quando Etty completa 18 anos, os pais a enviam para estudar línguas eslavas em

## “Quão grandes são as necessidades de suas criaturas terrestres, Deus meu. Agradeço-lhe porque permite que tantas pessoas venham a mim com suas tristezas” – Etty Hillesum

Amsterdã. Ali, gradua-se em Jurisprudência, além de seguir os estudos de línguas e dar aulas de russo, idioma que aprende com a mãe. Descrita por muitos biógrafos e pesquisadores como uma jovem culta, animada, curiosa e inquieta, nunca escondeu sua grande capacidade de introspecção. Ela mesma se reconhece assim, como descreve em um de seus diários em 1941:

*“Quero algo e não sei o quê. Mais uma vez me sinto presa a grande ansiedade e desejo de busca; tudo está em tensão dentro da minha cabeça [...] No fundo de mim mesma, sou como uma prisioneira de um novelo de fios e com absoluta clareza nos pensamentos. Às vezes não sou mais que um pobre diabo com medo. [...] Às vezes me sinto como uma lata de lixo; sou tão turva, cheia de vaidade, de irresolução, de sentimento de inferioridade. Mas em mim também há honestidade e um desejo apaixonado, quase elementar de clareza e harmonia entre o exterior e o interior”*

É para conhecer mais o seu interior e atender esses desejos de harmonia que a jovem vai procurar Julius Spier, um judeu alemão refugiado na Holanda, psicoterapeuta, discípulo de Jung e que trabalha com a nova ciência da psicoquirologia, que estuda o comportamento humano a partir da análise das mãos. É ele quem vai motivar Etty a escrever como forma de buscar o seu mundo interior. Sob sua batuta também vai se dedicar à leitura da Bíblia

e a escritos de Santo Agostinho, além de Rilke e Dostoiévski. Mais tarde, os dois vão viver um relacionamento amoroso. Ela será sempre grata pelos ensinamentos de seu mentor, a quem denominava como seu “obstetra da alma”. “Você me ensinou a pronunciar com propriedade o nome de Deus. Você tem sido o intermediário entre Deus e eu [...] Agora eu serei o intermediário para todos aqueles a quem eu possa chegar”, escreveu ela depois da morte de seu parceiro.

Na mesma medida em que Etty avançava no conhecimento interior, a guerra recrudescia e tornava a vida cada vez mais difícil para os judeus. Nesta altura, a jovem já estabelecera uma relação bem próxima com Deus. Aliás, um Deus que descreve como habitando o seu “eu” interior. E é nesse interior e com apoio desse Deus que vai buscar resistência às atrocidades impostas pelo regime nazista.

*“Meu Deus, toma-me pela mão, vou segui-lo como uma boa menina, não vou opor muita resistência. Não me afastarei de nenhuma das coisas que me acontecerem nesta vida, tentarei aceitar tudo da melhor maneira. Gosto do aconchego e da segurança, mas não vou me rebelar se for a minha vez de estar no frio, enquanto segurar a minha mão, eu vou a qualquer lugar e tentarei não ter medo. E onde quer que eu esteja, procurarei irradiar um pouco desse amor, desse amor verdadeiro*

*pelos homens que eu carrego dentro de mim [...] Uma vez que se começa a caminhar com Deus, simplesmente se continua a caminhar e a vida se transforma em um único e longo passeio.”*

E assim ela fez. Em julho de 1942 começou a trabalhar como datilógrafa no Conselho Hebraico, um órgão burocrático criado pelos alemães para fazer a mediação com a comunidade judaica. No entanto, ela não se encontrava feliz e seguia sua busca até que, estimulada por outros funcionários do departamento burocrático, decidiu se tornar voluntária no campo de Westerbork. Originalmente criado como um acampamento para refugiados judeus por autoridades locais no verão de 1939, vai se tornar um campo de concentração também em julho de 1942, quando as autoridades alemãs tomam o espaço. Etty chega ao campo em agosto do mesmo ano, depois da dominação germânica. Como esse era um local de refugiados, havia antes escolas e muitos judeus trabalhavam e produziam nesse espaço. Mais tarde, quando todos foram levados para Polônia, havia ainda os que nutriam a esperança de viver como no antigo abrigo.

Quando os nazistas recrudescem sobre os judeus de Westerbork, as autoridades determinam que parte dos servidores do Conselho Hebraico retornem para Amsterdã. Etty decide ficar, pois considerava fundamental cuidar daquelas pessoas feridas e assustadas. Conforme relata em um de seus diários:

*“Quão grandes são as necessidades de suas criaturas terrestres, Deus meu. Agradeço-lhe porque permite que tantas pessoas venham a mim com suas tristezas: falam tranquilas e sem suspeitas e, de repente, saem todas as suas tristezas e se descobre uma pobre*

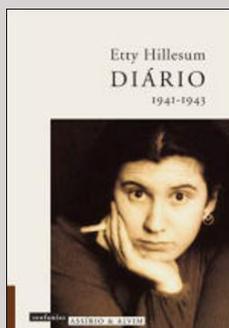
*criatura desesperada que não sabe como viver. Então, começam os meus problemas. Não basta pregá-lo, Deus meu, não basta desenterrá-lo dos corações dos outros. É preciso abrir-lhe o caminho, Deus meu, e para fazer isso é preciso ser um grande conhecedor do espírito humano. Meus instrumentos para isso são limitados. Mas já existem, até certo ponto: vou melhorá-los pouco a pouco, com muita paciência.”*

E assim ela vai trabalhando junto a essas pessoas dilaceradas pela guerra. Mas a escuta exercida por Etty Hillesum não é apenas no sentido de confortar os sofridos. Ela se nega a entregar suas forças ao ódio que se espalha como rastilho de pólvora e vê na alegria e na punção de vida a maior de todas as formas de resistência, como é possível perceber em sua anotação:

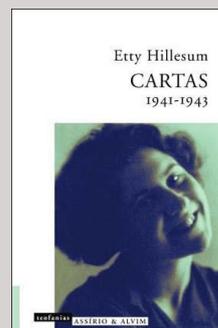
*“A ausência de ódio não significa, por si só, a ausência de um desdém moral elementar. Eu sei que quem odeia tem boas razões para isso. Mas por que devemos sempre escolher o caminho mais barato? Lá [em Westerbork] eu pude tocar com a mão como cada átomo de ódio que se soma ao mundo torna-o mais inhóspito. E creio que, talvez ingênua, mas teimosamente, esta terra poderia ser um pouco mais habitável, graças ao amor sobre o qual o judeu Paulo escreveu aos habitantes de Corinto”.*

O professor Faustino Teixeira recorda que, dentre os confinados no campo de Westerbork, “Etty era reconhecida como o ‘coração pensante’, a ‘personalidade luminosa’”. “Foi um testemunho de fé, esperança e amor entre aqueles deserdados. O seu trabalho essencial foi o de erigir uma ‘barreira interior’ para evitar que a apatia ou o desânimo tomassem conta de seus companheiros”, aponta. Para Faustino, a voz de Etty Hillesum se erguia “das sombras como brasa nas cinzas e reinventava a esperança”. ■

## Veja as principais publicações com os escritos de Etty Hillesum



- **Diário.** Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.



- **Cartas 1941-1943.** Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.

## Confira algumas obras sobre Etty Hillesum

- **15 dias de oração com Etty Hillesum**, de Pierre Ferrière. Paulinas, 2016.
- **Etty Hillesum: Interioridad y transformación social**. Una lectura desde la ladera sur, de Manuel de Jesús Corral Corral
- **Etty Hillesum - Um Itinerario Espiritual**, de Lebeau- Paul. Editorial Ao Braga, 2014
- **Reading Etty Hillesum in Context: Writings, Life, and Influences of a Visionary Author**, de Klaas Smelik, Gerrit van Oord e Jurjen Wiersma. Amsterdam University Press, 2018.
- **Etty Hillesum in facetten**, de Brandt van den. Damon Educatie, 2003.
- **Anne Frank en Etty Hillesum**, de Denise de Costa. Balans, Uitgeverij, 1996.
- **Siamo partiti cantando**. Etty Hillesum, un treno, dieci canzoni, de Matteo Corradini. Rueballu, 2017.
- **Etty Hillesum: Dio matura**. Un viaggio in quaranta tappe, de MichaelDavide Semeraro. la meridiana, 2005.

## O IHU também publicou uma série de textos sobre Etty Hillesum

- **Etty Hillesum: o canto da vida**. Publicado nas Notícias do Dia de 20-1-2014, disponível em <http://bit.ly/2Skyvkr>.
- **Etty Hillesum, a jovem que encontrou Deus durante a Shoah**. Publicado nas Notícias do Dia de 27-11-2018, disponível em <http://bit.ly/2KE3l4J>.
- **Etty Hillesum: reencontrar a vida no turbilhão do Holocausto**. Publicado nas Notícias do Dia de 22-2-2013, disponível em <http://bit.ly/2zvoeux>.
- **Etty Hillesum rumo a Auschwitz, com radiosa esperança**. Publicado nas Notícias do Dia de 19-11-2013, disponível em <http://bit.ly/2P8bu21>.
- **No arco-íris de Etty Hillesum**. Publicado nas Notícias do Dia de 22-4-2013, disponível em <http://bit.ly/2PYFa6Z>.
- **O renascimento de Etty Hillesum**. Publicado nas Notícias do Dia de 8-1-2014, disponível em <http://bit.ly/2AvXbyR>.
- **No fim, permanecerá apenas o grande amor. Em memória de Edith Stein**. Publicado nas Notícias do Dia de 9-8-2018, disponível em <http://bit.ly/2QkPdCT>.
- **Etty Hillesum, o abandono do sujeito**. Publicado nas Notícias do Dia de 16-8-2018, disponível em <http://bit.ly/2KGk7Ae>.
- **Etty Hillesum na oração inter-religiosa desta semana**. Publicado nas Notícias do Dia de 23-11-2018, disponível em <http://bit.ly/2DNrzbs>.
- **Etty Hillesum na oração inter-religiosa desta semana**. Publicado nas Notícias do Dia de 14-9-2018, disponível em <http://bit.ly/2P92WI3>.

## Documentário

Veja mais sobre a vida e os escritos de Etty Hillesum no documentário **O Amor como única solução - Etty Hillesum**, dublado em português, disponível em <http://bit.ly/2SIAGhj>.

# Etty Hillesum canta a alegria contra o ódio

Faustino Teixeira observa na mística a arte de encontrar o Deus interior capaz de fortalecer contra todo o mal que a cerca, sem ceder em nada a sentimentos malignos e ainda irradiar amor

João Vitor Santos

Uma das faculdades mais impressionantes em Etty Hillesum é a de se manter firme, resistente em meio ao horror que é o de estar sufocada em um campo de concentração. Mas ela ainda vai além, não se resigna apenas a respirar para se manter de pé, quer pulsar, e mais: quer nutrir uma paixão alegre em meio à tristeza. “Com todas as condições para dizer o contrário, Etty rechaça em sua reflexão qualquer possibilidade de adesão ao ódio”, destaca Faustino Teixeira, teólogo e professor na Universidade de Juiz de Fora. “Abrir espaços para sentimentos de vingança era para ela ampliar a dinâmica da dor e do sofrimento”, avalia. É por isso, segundo o professor, que ela vai por outra via. “A grande lição é a da resistência e alegria. Vejo como um de seus legados mais importantes, o desafio de alargar sempre mais os espaços de alegria e paz nos caminhos de nosso tempo”, aponta.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Faustino detalha como a jovem judia vai se fortalecer para seguir adiante e levar a esperança em tempos sombrios. “Com seu finíssimo olho espiritual, Etty era capaz de amar a todos, sem pensar em reciprocidade. Esse amor estava firmado em seu mundo interior e irradiava como perfume”, analisa. E é também nesse mundo interior que ela encontra Deus. Afinal, “Deus, para Etty, consistia na ‘parte melhor e mais profunda’ de si mesma”. “Deus estava para ela dentro do ‘poço’ pro-

fundo de seu mundo interior, mas interdito por camadas de pedras e detritos, que somente através de um trabalho contínuo poderia ser desenterrado novamente”, descreve.

Assim, é por Deus que Etty chega ao amor. “Os dois sentimentos fundamentais que delineavam o percurso espiritual de Etty foram Deus e o Amor”, acrescenta Faustino. São sentimentos que a fazem ver o outro e crer que há nele uma potência de resistência alegre. “O amor ao próximo era um desdobramento natural de sua experiência de Deus”, sintetiza.

**Faustino Teixeira** é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais - PPCIR-UFJF. É doutor e pós-doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, de Roma. Entre suas obras publicadas, destacamos Caminhos da mística (São Paulo: Paulinas, 2018), Em que Creio Eu (São Paulo: Terceira Via, 2017) e Finitude e Mistério. Mística e Literatura Moderna (Rio de Janeiro: Mauad, 2014). Também organizou, entre outros, Nas teias da delicadeza (São Paulo: Paulinas, 2006), As religiões no Brasil: continuidades e rupturas (Petrópolis: Vozes, 2006), este em parceria com Renata Menezes, e As orações da humanidade (Petrópolis: Vozes, 2018), em parceria com Volney Berkenbrock.

**Confira a entrevista.**

## “Diferentemente dos místicos tradicionais, Etty foi alguém que viveu sua experiência de Deus na dinâmica ordinária do tempo”

### IHU On-Line – Quem é Etty Hillesum? Qual sua importância no universo místico?

**Faustino Teixeira** – Ela talvez seja uma das mais impressionantes e singulares místicas do século XX. Era holandesa. Ela nasceu em Middelburg de uma família de judeus não praticantes no dia 5 de janeiro de 1914. O seu pai, Levie Hillesum, era professor de línguas clássicas e vivia em Middelburg desde 1911. Estudou línguas clássicas na Universidade de Amsterdã, coroando sua carreira com um doutorado em 1908. Sua mãe, Rebeca Bernstein, era russa. Os pais se casaram em dezembro de 1912 e tiveram três filhos: Etty, Jaap e Mischa. Os dois meninos tinham formações distintas. O primeiro, Jaap, formou-se em medicina. Era muito inteligente mas psicologicamente frágil, tendo-se internado diversas vezes em instituições psiquiátricas. O outro irmão, Mischa, tinha um grande talento musical. Tornou-se pianista. Mas como seu irmão, tinha problemas psiquiátricos que o acompanharam por toda vida.

Etty, como os outros membros de sua família, não frequentava a sinagoga. Isso significa que a presença religiosa explícita era rarefeita em sua vida, não estando habituada à prática religiosa. Deus era “pouco mais que um sentimento de algo que preside a natureza e tudo o que existe”<sup>1</sup>. Etty passou sua juventude em Middelburg. Em sua primeira formação acadêmica não se mostrou

assim excepcional. Voltou-se para o Direito, com estudos em Amsterdã. Encontrou guarida na casa de Hendrik (Han) J. Wegerif, um viúvo com o qual Etty vai se relacionar posteriormente. Permaneceu em Amsterdã até junho de 1943, quando então foi encaminhada para o campo de concentração de Westerbork, no nordeste da Holanda, criado em 1939 pelo governo holandês para abrigar os refugiados judeus. Durante sua formação universitária em Amsterdã, Etty conviveu num clima estudantil de esquerda e antifascista, com empenho político militante, mesmo não pertencendo a nenhum partido político. Estudou ainda línguas eslavas em Amsterdã e Leiden, um trabalho interrompido em razão da intervenção bélica alemã na Holanda. Chegou, porém a concluir sua formação em língua e literatura russa, tendo ensinado a língua numa Universidade popular de Amsterdã. Curioso destacar que quando ela foi deportada para Auschwitz, onde morreu, tinha levado consigo uma Bíblia e um livro de gramática russa.

Hoje, Etty vem reconhecida por todos estudiosos como uma mística singular. O processo de seu crescimento interior foi, porém, progressivo, com uma dinâmica vital que driblou a inquietude que dominava o seu mundo interior. E vários fatores contribuíram para isso, entre os quais a presença do terapeuta e quiromancista Julius Spier (1887-1942) em sua vida, a partir do início de fevereiro de 1941. Foi lindo esse processo vital que mudou a vida desta

menina que não sabia ajoelhar-se<sup>2</sup>.

### IHU On-Line – No que consiste a mística dessa jovem? O que a difere de místicas que, como Teresa de Ávila<sup>3</sup>, encontram seu “Castelo Interior” através da oração?

**Faustino Teixeira** – Foi uma mística singular e original. Diferentemente dos místicos tradicionais, Etty foi alguém que viveu sua experiência de Deus na dinâmica ordinária do tempo, com suas vicissitudes, dramas e contradições. Foi uma mística “anticonvencional”. Tinha como traço peculiar uma vida fora do padrão. Com 27 anos, relacionou-se simultaneamente com dois homens, o viúvo Han Wegerif<sup>4</sup> e o terapeuta dela, Julius Spier<sup>5</sup>. Viveu também

<sup>2</sup> Etty Hillesum. Diário. Edizione integrale. Milano: Adelphi, 2012, p. 794. Utilizei também a tradução portuguesa. Etty Hillesum. Diário 1941-1943. 3 ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009. (Nota do entrevistado)

<sup>3</sup> Teresa de Ávila (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se Livro de su vida (1601), Libro de las fundaciones (1610), Camino de la perfección (1583) e Castillo interior ou Libro de las siete moradas (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira Teresa – A Santa Apaixonada, (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz; Obras completas (São Paulo: Loyola, 1995) e Santa Teresa de Jesus – “Livro da vida” (4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983). A edição 460 da revista IHU On-Line, sob o título A mística nupcial. Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários, analisa o legado de Merton. Confira em <https://goo.gl/jOIXOI>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Han Wegerif: contador, viúvo, pai de quatro filhos e dono de uma casa que abriga outras pessoas. Etty Hillesum acaba indo viver na casa dele, torna-se sua governante e tem uma relação com ele, ainda antes de conhecer Julius Spier. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Julius Spier (1887-1942): psicólogo e quirologista judeu alemão. Foi o primeiro gerente de banco do Beer, Sondheimer & Co, mas em 1925 muda sua vida e funda a Iris Edition. Segue um treinamento em canto clássico e vai para Zurique conhecer Carl Gustav Jung. Entra em análise e treina com ele por dois anos. Jung pediu-lhe que fizesse da “psicoquirologia” o seu trabalho, tendo em conta o seu dom de ler nas linhas das mãos as aptidões e o caráter do povo. Abriu em 1930 um escritório em Berlim, onde se

<sup>1</sup> Etty Hillesum. *Il gelsomino e la pozzanghera*. Firenze: Le Lettere, 2018, p. 18 (a cura di Beatrice Iacopini). (Nota do entrevistado)

o “trauma” de um aborto voluntário, relatado em seu diário, em 8 de dezembro de 1941<sup>6</sup>. O assunto será mencionado em seu diário, com dor, quando assinala a presença do “menino nunca nascido”. A leitura do diário indica que essa “carência” de instinto materno se deve também à violência com que presenciou a retirada forçada de seu irmão, Mischa, de casa para uma de suas internações psiquiátricas.

Dizia no diário, impactada com a cena, que jamais portaria em seu ventre uma criança que poderia ser infeliz. Era o trauma dessa presença do sofrimento psíquico na família<sup>7</sup>. Como mostrou a estudiosa Wanda Tommasi<sup>8</sup>, “nem a sua liberdade sexual nem o aborto são obstáculos à sua relação com Deus, que prossegue e até se intensifica após estes acontecimentos”<sup>9</sup>. Distintamente de Teresa de Ávila, bem domiciliada no catolicismo, Etty foi uma mística de grande “liberdade do Espírito”, sem estar encerrada em nenhum recinto confessional: “não pertence totalmente nem ao judaísmo nem ao cristianismo”<sup>10</sup>. Se podemos definir de alguma forma sua santidade, o termo que melhor se adapta é o de uma santidade inter-religiosa.

### IHU On-Line – Como compreender o Deus de que Etty Hillesum fala?

**Faustino Teixeira** – Antes de falar sobre Deus, é necessário indicar os passos que marcaram o cenário de sua vida interior. O que ocorreu em sua caminhada foi um rico e paciente processo pedagógico de cres-

cimento interior, muito favorecido pela presença de Spier ao seu redor. Sua juventude, como a de outros contemporâneos, foi marcada por inquietude e impaciência, insegurança e solidão. Relata em seu diário que chegou em certa ocasião a pensar em suicídio<sup>11</sup>. Sofria também de bulimia, mesmo durante o período em que viveu em Westerbork<sup>12</sup>. Só aos poucos, num trabalho singular de “higiene espiritual” é que ela foi encontrando o caminho da paz em seu coração. Foi um intenso processo de busca do domínio interior, de harmonização de todas as suas contradições e dificuldades<sup>13</sup>. Não foi um caminho fácil até encontrar a intimidade com Deus<sup>14</sup>.

“Dizia no diário, impactada com a cena, que jamais portaria em seu ventre uma criança que poderia ser infeliz”

A experiência de Deus acompanha profundamente sua experiência de mergulho no mundo interior, de cuidado com o “ponto virgem”, com o seu fundo interior, com a centelha florescente e verdejante, para utilizar uma expressão cara a Mestre Eckhart<sup>15</sup>. Como diz o místico alemão, “aqui o fundo de Deus é o meu fundo e o meu fundo é o fundo de Deus”<sup>16</sup>. Deus, para Etty, consistia na

“parte melhor e mais profunda” de si mesma, aquela a quem chamava Deus<sup>17</sup>. A jovem holandesa sentia-se “eleita por Deus”, eleita para permanecer atenta e viva num ambiente que se acentuava cada vez mais hostil e desumano. Dizia em seu diário, em 12 de julho de 1942, numa de suas mais lindas orações:

*“Vou ajudar-te, Deus, a não me abandonares, apesar de eu não poder garantir nada com antecedência. Mas torna-se-me cada vez mais claro o seguinte: que tu não nos podes ajudar, que nós é que temos de te ajudar, e ajudando-te, ajudamo-nos a nós próprios. E esta é a única coisa que podemos preservar nestes tempos, e também a única que importa: uma parte de ti em nós, Deus”<sup>18</sup>.*

O que vai presidir a vida de Etty, a partir de certo momento, é um diálogo ininterrupto com Deus, um contínuo falar com ele, com alegria e liberdade. Um passo fundamental de acolhida gratuita ou reconhecimento de Deus em seu mundo interior. Falava sempre da necessidade de abrir caminhos para esse Mistério, deixar que ele aflorasse com seus dons inusitados e benfazejos. Deus estava para ela dentro do “poço” profundo de seu mundo interior, mas interditado por camadas de pedras e detritos, que somente através de um trabalho contínuo poderia ser desenterrado novamente<sup>19</sup>.

É algo laborioso, que exige paciência, que se dá a cada dia, num processo de abrir passagem à fonte original que habita o nosso mundo interior e que aprendemos a nomear como Deus<sup>20</sup>. O acesso a Deus, segundo sua visada, só vem facultado pelo mergulho na vital “corrente subterrânea” que preside o mistério da vida. Essa “corrente” (stroom) “é a alma do mundo, o sentido e a força vital que, como uma música de fundo, permeia e sustenta todo o criado: toda criatura humana e a história mesma”<sup>21</sup>. Diz ainda em

especializou em estabelecer diagnósticos médicos a partir da morfologia e linhas da mão, e desenvolver a partir deles uma abordagem terapêutica inspirada no ensino junguiano. Depois de se divorciar de sua primeira esposa (com quem teve dois filhos, Ruth e Wolfgang), pelas perseguições nazistas, ele emigra para Amsterdã, onde sua irmã já reside. É ali que vai conhecer Etty Hillesum. (Nota da IHU On-Line)

6 Ibidem, p. 265. (Nota do entrevistado)

7 Ibidem, 260. (Nota do entrevistado)

8 Wanda Tommasi: professora associada de história da filosofia no Departamento de Ciências Humanas na Universidade de Verona, na Itália. Por muitos anos ela vem pesquisando o horizonte da diferença sexual. Sua intenção também é aumentar a contribuição de pensadoras femininas, especialmente no contexto contemporâneo. (Nota da IHU On-Line)

9 Wanda Tommasi. A liberdade do Espírito: Etty Hillesum, uma santidade nova. Concilium, v. 351, n. 3, 2013, p. 116. (Nota do entrevistado)

10 Ibidem, p. 117. (Nota do entrevistado)

11 Etty Hillesum. Diário, p. 737 e 796. (Nota do entrevistado)

12 Etty Hillesum. Il gelsomino e la pozzanghera, p. 8 e Etty Hillesum. Cartas 1941-1943. Lisboa: Assírio & Alvim, 2009, p. 199. A edição italiana: Lettere. Edizione integrale. Milano: Adelphi, 2013. (Nota do entrevistado)

13 Etty Hillesum. Diário, p. 687. (Nota do entrevistado)

14 Etty Hillesum. Il gelsomino e la pozzanghera, p. 92. (Nota do entrevistado)

15 Mestre Eckhart. Sermões alemães 1. Bragança Paulista/Petrópolis: São Francisco/Vozes, 2006, p. 50 (Sermão 2). (Nota do entrevistado)

16 Ibidem, p. 67 (Sermão 5b). (Nota do entrevistado)

17 Etty Hillesum. Diário, p. 141-142. Na edição portuguesa, p. 251-252. (Nota do entrevistado)

18 Ibidem, p. 713. (Nota do entrevistado)

19 Etty Hillesum. Cartas, p. 112. (Nota do entrevistado)

20 Etty Hillesum. Diário, p. 777. (Nota do entrevistado)

21 Etty Hillesum. Il gelsomino e la pozzanghera, p. 158. (Nota do entrevistado)

seu diário, em 28 de setembro de 1942:

*“Creio que é justamente o medo que as pessoas têm de se esforçarem demais que lhes retira as suas melhores forças. Quando uma pessoa, ao fim de um processo longo e difícil que prossegue diariamente, atingiu as fontes primárias dentro de si, a que eu agora desejo chamar Deus, e quando uma pessoa trata de manter esse caminho até Deus aberto e livre de obstáculos – o que acontece ‘trabalhando-se a si própria’ –, essa pessoa renova-se na fonte e então não necessita de ter medo de oferecer forças a mais”<sup>22</sup>.*

Foi justamente bebendo nesta corrente subterrânea que Etty conseguiu dar um significado novo à sua vida e firmar-se na resiliência essencial. Anotava em seu diário, em 17 de setembro de 1942: “Estou-te grata, meu Deus, por tornares a minha vida tão bonita onde quer que eu esteja”<sup>23</sup>. Daí o toque peculiar de seu mantra vital: “A vida é bela”.

### **IHU On-Line – E se o Deus de Etty Hillesum reside no seu interior, quais os desafios de encontrar a face de Deus no outro? Como ela atualiza a ideia de hospitalidade?**

**Faustino Teixeira** – A missão levada avante por Etty foi de não deixar escapar Deus, daí sua preocupação em agradá-lo de todas as formas possíveis. Na bela oração de 12 de julho de 1942 dizia:

*“O jasmim nas traseiras da minha casa encontra-se agora completamente destruído pelas chuvas e temporais dos últimos dias. As suas florzinhas brancas boiam dispersas nas lamas negras do telhado raso da garagem. Mas, algures em mim, esse jasmim continua a florir sem impedimentos, tão exuberante e delicado como sempre floriu. E espalha os odores pela casa onde habitas, meu Deus. Como vês, trato bem de ti.*

*Não te trago somente as minhas lágrimas e pressentimentos temerosos, até te trago, nesta tempestuosa e parda manhã de domingo, jasmim perfumado. E hei-de trazer-te todas as flores que encontre pelo caminho, meu Deus, e a sério que são muitas. Hás-de ficar sinceramente tão bem instalado em minha casa quanto é possível. E já agora para te dar um exemplo ao acaso: se eu estivesse encerrada numa cela acanhada e uma nuvem passasse ao longo da minha janela gradeada, então eu iria trazer-te essa nuvem, meu Deus, se pelo menos ainda tivesse forças para isso”<sup>24</sup>.*

Etty sentia-se, verdadeiramente, nos braços de Deus, em seu acolchoado misericordioso e hospitaleiro<sup>25</sup>. O mistério de sua resistência encontrava também na presença de amigos especiais, como Spier, Liesl e Werner<sup>26</sup>. Os dois sentimentos fundamentais que delineavam o percurso espiritual de Etty foram Deus e o Amor. O amor ao próximo era um desdobramento natural de sua experiência de Deus<sup>27</sup>. Dizia com frequência que nossa tarefa no tempo é a de “aumentar a escolha de amor sobre esta terra”, evitando a todo o custo o acirramento do ódio. O amor, sim, é o valor essencial que ela buscava deixar como herança para os tempos futuros.

E assim o fez. Como num belo gesto eucarístico, doou o seu corpo, partiu-o, para reparti-lo entre os seres humanos<sup>28</sup>. Etty estava movida pelo sentimento de amor universal, que envolvia alemães e holandeses, judeus e não judeus<sup>29</sup>. Com seu finíssimo olho espiritual, Etty era capaz de amar a todos, sem pensar em reciprocidade. Esse amor estava firmado em seu mundo interior e irradiava como perfume. Dizia que o amor ao semelhante é como “um brilho elementar que nos sustenta”<sup>30</sup>. Era uma

mística apaixonada pelo capítulo 13 da primeira carta aos Coríntios, que fala do hino à caridade: “Ainda que eu falasse línguas, as dos homens e as dos anjos, seu eu não tivesse a caridade, seria como um bronze que soa ou como um címbalo que tine” (1 Cor 13, 1)<sup>31</sup>. Etty tinha muita clareza sobre a urgência da hospitalidade. Acentuava a importância de “hospedar o outro no espaço interior e deixar que se expanda”, de buscar conservar um lugar para ele, um lugar de destaque, onde possa amadurecer e revelar sua potencialidade única<sup>32</sup>.

## “A experiência de Deus acompanha profundamente sua experiência de mergulho no mundo interior”

17

**IHU On-Line – A jovem judia é completamente desterrada e condenada a viver o mundo que lhe sufoca a liberdade. Mas, ao mesmo tempo, ela mergulha em si mesma e alarga seu espaço interior. Quais os desafios para apreender esses movimentos em Etty Hillesum? Como é possível em tanta dor ainda ser capaz de perceber um céu azul?**

**Faustino Teixeira** – Dentre os diversos místicos que ajudaram a delinear a vida espiritual de Etty Hillesum, podemos indicar o poeta Rainer Maria Rilke<sup>33</sup>. São diversas vezes que ele aparece citado no seu

31 Ibidem, p. 98. (Nota do entrevistado)

32 Etty Hillesum. Diário, p. 416. E também: Etty Hillesum. *Pagine mistiche*. Milano: Ancora, 2007, p. 83. (Nota do entrevistado)

33 Rainer Maria Rilke, ou Rainer Maria von Rilke (1875-1926): foi um poeta de língua alemã do século XX. Escreveu também poemas em francês. Rilke fez seus estudos nas universidades de Praga, Munique e Berlim. Em 1894 fez sua primeira publicação, uma coleção de versos de amor, intitulada *Vida e canções* (Leben und Lieder). Não exerceu nenhuma profissão, tendo vivido, sempre, à custa de amigas nobres. (Nota da IHU On-Line)

22 Etty Hillesum. Diário, p. 777. Na edição portuguesa, p. 310. (Nota do entrevistado)

23 Ibidem, p. 758. (Nota do entrevistado)

24 Etty Hillesum. Diário, p. 714-715. Na edição portuguesa, p. 253. (Nota do entrevistado)

25 Ibidem, p. 711. (Nota do entrevistado)

26 Etty Hillesum. *Il gelsomino e la pozzanghera*, p. 16. (Nota do entrevistado)

27 Beatrice Iacopini & Sabina Moser. *Uno sguardo nuovo. Il problema del male in Etty Hillesum e Simone Weil*. Milano: San Paolo, 2009, p. 117. (Nota do entrevistado)

28 Etty Hillesum. Diário, p. 797. (Nota do entrevistado)

29 Etty Hillesum. *Cartas*, p. 55. (Nota do entrevistado)

30 Ibidem, p. 190. (Nota do entrevistado)

diário<sup>34</sup>. Nas *Cartas a um jovem poeta*, Rilke aconselha o aprendiz de poesia, Franz Kappus<sup>35</sup>, a “entrar em si mesmo”, como condição essencial de iniciação ao mundo dessa arte. Igualmente nas *Elegias de Duíno*, Rilke assinala que “em parte alguma o mundo existirá, senão interiormente”<sup>36</sup>.

Etty adentra-se no mundo interior e busca ouvir o canto da profundidade, a escuta da paisagem de si mesma. Diversas vezes utiliza a expressão *hineinhorchen*, ou seja, o prestar atenção dentro, que envolve o mundo de si, dos outros e de Deus, ou, em outras palavras, o canto das coisas. Ela seguia à risca o conselho de reservar um momento especial e garantido para o devido tempo interior, a hora de quietação (*stille stunde*), o repousar em si mesma (*ruhen in sich*). Ali naquele espaço interior é que ela podia acessar com alegria a “corrente subterrânea da vida”, que aquece os dias e fornece o significado essencial da dinâmica existencial. Ali ela encontrou a força necessária para manter acesa a sua resistência contra a dor e a perseguição. Ela dizia em seu diário, em 12 de março de 1942: “Quando uma pessoa leva uma vida interior, talvez nem haja assim tanta diferença entre estar fora ou dentro dos muros de um campo”<sup>37</sup>. Com o olhar iluminado do mundo interior ela era capaz de ver jardins nas paisagens mais sombrias e irradiar o toque da alegria. Em página de seu diário, em 30 de maio de 1942, afirmou:

*“Num momento inesperado, abandonada a mim própria – encontro-me de repente encostada ao peito nu da Vida e os braços dela são muito macios e envolvem-me de modo muito protetor, e nem sequer consigo*

*descrever o bater do coração: tão lento e regular e tão suave quanto abafado, mas tão fiel, como se nunca mais findasse, e também tão bondoso e compassivo”*<sup>38</sup>.

Animada interiormente ela podia dizer ao final de cada dia, a ple-nos pulmões, que a vida é bela, que “apesar de tudo é muito bela”<sup>39</sup>. A cada momento que se seguia à sua submersão em si, retornava com a alegria essencial. Uma escuta luminosa que fazia repercutir e irradiar o canto do amor e da esperança. Tinha também o hábito de se recolher no banheiro, numa esteira de fibra de coco, para fazer suas orações, ali tranquila como Buda<sup>40</sup>, e participar vitalmente de sua “hora quieta”, fazer sua “higiene da alma”<sup>41</sup>. Aprendeu a escutar o mundo da profundidade, a estar atenta no aqui e no agora, com as marcas do despojamento e da simplicidade.

Quanto mais equilibrada se sentia, tanto mais forte e solidificada para enfrentar os desafios. Dizia em carta ao seu terapeuta e amante Spier, também nomeado amorosamente como Tide: “Mesmo se estivesse numa cela subterrânea, aquele pedacinho de céu se estenderia dentro de mim e o meu coração voaria até ele como um pássaro, e é por isto que tudo é assim simples, extraordinariamente simples e belo, e rico de significado”<sup>42</sup>. Seu desejo mais forte era o de viver a simplicidade dos lírios do campo e poder “tocar com a ponta dos dedos os contornos da época”, ou então ser como o pequeno pastor que guia suas ovelhas tocando alegremente a sua flauta e olhando o céu<sup>43</sup>.

38 Ibidem, p. 568. Na edição portuguesa, p. 187-188. (Nota do entrevistado)

39 Ibidem, p. 414. (Nota do entrevistado)

40 Buda: é um título dado na religião budista àqueles que despertaram plenamente para a verdadeira natureza dos fenômenos e se puseram a divulgar tal redescoberta aos demais seres. “A verdadeira natureza dos fenômenos”, aqui, quer dizer o entendimento de que todos os fenômenos são impermanentes, insatisfatórios e impessoais. Tornando-se consciente dessas características da realidade, seria possível viver de maneira plena, livre dos condicionamentos mentais que causam a insatisfação, o descontentamento, o sofrimento. O primeiro buda Sidarta Gautama. Foi um príncipe da região do atual Nepal que se tornou professor espiritual, fundando o budismo. Na maioria das tradições budistas, é considerado como o “Supremo Buda” de nossa era, Buda significando “o desperto”. (Nota da IHU On-Line)

41 Etty Hillesum. Il gelsomino e la pozzanghera, p. 12. (Nota do entrevistado)

42 Etty Hillesum. Diário, p. 752. (Nota do entrevistado)

43 Ibidem, p. 766. (Nota do entrevistado)

“O que vai presidir a vida de Etty, a partir de certo momento, é um colóquio ininterrupto com Deus, um contínuo falar com Ele, com alegria e liberdade”

Era uma jovem mulher ensolarada. Tinha dentro de si uma porção da eternidade. Dizia: “Os céus dentro de mim são tão vastos como os que estão por cima de mim”<sup>44</sup>; ou ainda: “Através de mim correm os largos rios e situam-se as altas montanhas. E por detrás dos matagais do meu desassossego e confusão estendem-se as largas planícies do meu sossego e entrega. Todas as paisagens estão dentro de mim”<sup>45</sup>. Tinha a viva consciência de que a construção da paz interior repercutiria na paz universal<sup>46</sup>. Chegou a cunhar uma palavra, com base em Eckhart, *Gelatenheid*, que poderia ser definida como abandono *fiducioso*.

**IHU On-Line – Qual o papel de Julius Spier nas descobertas de Etty Hillesum? A partir dessa relação, como “experiência” o amor?**

**Faustino Teixeira – Foi Julius Spier um dos personagens mais importantes na tessitura do mundo interior de Etty Hillesum. O primeiro contato aconteceu em 3 de fevereiro de 1941, quando ela o procurou para**

44 Ibidem, p. 638. (Nota do entrevistado)

45 Ibidem, p. 792-793. (Nota do entrevistado)

46 Ibidem, p. 778. (Nota do entrevistado)

fazer terapia. Era grande a diferença de idade entre os dois: ele tinha 54 anos e ela 26. Era um judeu alemão que veio para a Alemanha em razão da perseguição nazista. Incentivado por Jung<sup>47</sup>, desenvolveu uma técnica terapêutica que se utilizava da leitura das formas e linhas das mãos para abordar o tratamento e cura das pessoas. Era um profissional competente, muito amado pelas mulheres, com uma vida espiritual destacada<sup>48</sup>.

Assim ocorreu com ETTY, que foi tomada de encanto por ele. Em várias páginas de seu diário relata o traço sedutor de sua personalidade, o fascínio causado por ele. Dizia que dez minutos com ele valiam um dia inteiro. Em página de seu diário, em 9 de março de 1941, fala sobre ele: “Os seus olhos límpidos e puros, a grande boca sensual, a corporalidade maciça, quase taurina, os movimentos livres e ligeiros como pluma”<sup>49</sup>. Diante dele conseguia recuperar suas forças.

Ocorria também, na dinâmica terapêutica, lutas corporais entre os dois, onde muitas vezes ela saía exaurida<sup>50</sup>. Ao longo do processo, ela acabou apaixonando-se por ele. Foi também uma relação que abriu novos caminhos espirituais na vida de ETTY, com conselhos importantes dados por ele a ela em torno de sua formação espiritual, indicando autores que foram fundamentais para o seu aprimoramento pessoal: a leitura da Bíblia e de Agostinho<sup>51</sup>, por exemplo<sup>52</sup>.

ETTY assinala em seu diário que foi ele, Spier, quem libertou suas forças interiores e quem a ensinou a pronunciar com naturalidade o nome de

Deus<sup>53</sup>. Foi também com Spier que ETTY deu-se conta da centralidade do amor universal. Em carta a Spier, datada de 5 de agosto de 1941, reconhece que foi ele quem ensinou a ela “que o amor por todas as coisas é mais belo do que o amor por uma só pessoa”<sup>54</sup>. Foi por incentivo de Spier que ETTY deu início à redação de seu diário.

### **IHU On-Line – De que forma o exercício da escrita contribui para a constituição de um caminho que leva ao conhecimento e fortalecimento interior?**

**Faustino Teixeira** – O processo da escrita em ETTY Hillesum ocorreu como passo de seu tratamento terapêutico. Foi Spier quem, provavelmente, a incentivou a começar a escrever o seu diário<sup>55</sup>. Foi quando então ela pôde expressar com sentimento vivo os traços de sua vida, seus temores, alegrias e esperanças. Não há dúvida alguma sobre a importância desta arte de escrever na conformação do pensamento de ETTY, bem como de seu equilíbrio interior e de sua espiritualidade. Dizia, em página de seu diário, que não tinha acesso ao significado profundo da dinâmica de sua escrita<sup>56</sup>. Mas certamente era algo que marcou e firmou o seu itinerário.

“ETTY sentia-se nos braços de Deus, em seu aconchego misericordioso e hospitaleiro”

No processo de sua criação, deve-se destacar o influxo importante de

Rilke. Com ele, alguns conselhos essenciais para o processo formativo, que incidu na sua redação, como os traços da paciência e da humildade, bem como uma porta de entrada significativa para adentrar-se nos mistérios de Deus. De forma semelhante ao que ocorreu com Thomas Merton<sup>57</sup>, Rilke teve um lugar de destaque na vida de ETTY. Dizia no seu diário que ele é alguém que se leva junto a vida inteira, um marco referencial para a existência<sup>58</sup>.

### **IHU On-Line – ETTY Hillesum fala em abrir o espaço interior todas as manhãs. Podemos associar essa perspectiva à ideia cristã de que os valores evangélicos devem ser vividos a cada dia e em todos os atos, por mais insignificantes que possam parecer? Por quê?**

**Faustino Teixeira** – Foi também um conselho dado por Spier a ETTY no processo terapêutico, o de levar ao coração aquilo que se encerra na cabeça. Ou seja, o caminho de busca essencial do mundo interior e da prática da oração continuada. Aconselhou ETTY a dedicar-se pelo menos meia hora por dia à prática da meditação, e também a ajoelhar-se<sup>59</sup>. Tudo isso fazia parte de um programa de “higiene da alma”, mesmo reconhecendo que já antes ETTY tinha feito contato com a obra de Rilke, que também aconselha esse exercício interior.

É evidente a associação com a prática cristã, cujos livros inspiradores foram também indicados para leitura de ETTY, como a Bíblia e Santo Agostinho. Aos poucos, ETTY foi acordada para o valor capital da oração, do ajoelhar-se, de se entregar humildemente ao Mistério Maior. Dizia em página de seu diário que queria ser “uma única, grande oração. Uma única, grande paz”<sup>60</sup>. Dizia ainda: “Ainda me restam duas mãos

47 Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra suíço. Colega de Freud, estudou medicina e elaborou estudos no campo da psicologia, discutindo os conceitos de introversão e extroversão. (Nota da IHU On-Line)

48 ETTY Hillesum. Il gelsomino e la pozzanghera, p. 10. (Nota do entrevistado)

49 ETTY Hillesum. Diário, p. 31 e 599. (Nota do entrevistado)

50 Ibidem, p. 42 e 71. (Nota do entrevistado)

51 Agostinho de Hipona (354-430): conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental. Escrevendo na era patrística, ele é amplamente considerado como sendo o mais importante dos padres da Igreja no Ocidente. Suas obras-primas são A cidade de Deus e Confissões. (Nota da IHU On-Line)

52 ETTY Hillesum. Il gelsomino e la pozzanghera, p. 11. (Nota do entrevistado)

53 ETTY Hillesum. Diário, p. 752. (Nota do entrevistado)

54 ETTY Hillesum. Cartas, p. 23. (Nota do entrevistado)

55 ETTY Hillesum. Diário, p. 22 (palavras do editor do diário: Klaas A.D. Smelik). (Nota do entrevistado)

56 ETTY Hillesum. Diário, p. 452. (Nota do entrevistado)

57 Veja Patrick Hart & Jonathan Montaldo. Merton na intimidade. Sua vida em seus diários. Rio de Janeiro: Físus, 2001, p. 302. (Nota do entrevistado)

58 ETTY Hillesum. Diário, p. 368-369 e 592-593. (Nota do entrevistado)

59 ETTY Hillesum. Il gelsomino e la pozzanghera, p. 11. (Nota do entrevistado)

60 ETTY Hillesum. Diário, p. 786. (Nota do entrevistado)

juntas e um joelho dobrado”, algo que aprendeu com dificuldade<sup>61</sup>.

Em momentos ainda mais sombrios, quando os apuros se acirram, dizia: “Há de haver sempre uma nesga de céu visível em alguma parte e tanto espaço em meu redor, que as minhas mãos sempre se poderão juntar em oração”<sup>62</sup>. Quanto mais o cerco se apertava no campo de Westerbork, mais significado alcançava a oração na vida de Etty, formando como que uma “cela monástica” protetora, onde podia encontrar a paz<sup>63</sup>.

**IHU On-Line – A jovem judia também fala em “respeitar as pausas”. No que consiste isso? E como difere a ideia de “pausa” da de “paralisia” e “medo”?**

**Faustino Teixeira** – As pausas foram sendo fundamentais na vida espiritual de Etty, como já falei anteriormente. Trata-se do cuidado com o mundo interior e com o repousar em si mesmo para poder escutar o canto das coisas. É nesses momentos de calma, tranquilidade e atenção que se consegue captar o rumor da corrente subterrânea da vida.

Para que isso ocorra é necessário todo um trabalho para vencer as barreiras do pequeno eu (*kleine ik*). Essa dinâmica de quietação não significa, em hipótese alguma, em fuga do mundo ou temor da dinâmica do tempo, mas um processo de “equilibração” interior para poder adentrar-se no tempo e nas suas lutas com mais empenho e eficácia. É o que também dizia Teresa de Ávila em suas *Moradas*: “O amor ao próximo nunca desabrochará perfeitamente em nós se não brotar da raiz do amor de Deus” (VM 3,9).

**IHU On-Line – O que é a liberdade em Etty Hillesum?**

**Faustino Teixeira** – A liberdade para ela é algo de essencial, que vem coroar uma dinâmica de vida pautada pela gratuidade e pelo ple-

no desabrochar da espontaneidade. Dizia com razão a teóloga Wanda Tommasi, a liberdade do Espírito é o que caracteriza a mística de Etty Hillesum. Ela trouxe consigo e inspirou para o mundo uma santidade colada no tempo, aberta aos ventos da espontaneidade, ancorada na certeza da Presença de um Mistério que é sempre maior, e que não se conforma exclusivamente a nenhum recinto confessional.

“O amor, sim, é o valor essencial que ela buscava deixar como herança para os tempos futuros”

**IHU On-Line – Etty Hillesum manifesta claramente a potência do amor e da alegria, mas chega a refletir acerca de sentimentos contrários a esses, como o ódio?**

**Faustino Teixeira** – O amor é a chave de compreensão da espiritualidade de Etty Hillesum. Dizia com vigor em suas cartas e em seu diário que é tarefa nossa contribuir para que a “escolta de amor” cresça sobre a terra. A seu ver, “cada migalha de ódio que se acrescenta ao ódio já exorbitante torna esse mundo inabitável e insustentável”<sup>64</sup>. Etty tinha todos os ingredientes para deixar-se tomar pelo ódio ali no campo de concentração, em Westerbork. Ali viveu num pedacinho “terrivelmente triste e vergonhoso” da história da humanidade<sup>65</sup>. Um motivo de vergonha. Ali visualizou o potencial de sofrimento que um ser humano é capaz de enfrentar, da dor e da humilha-

ção. Naquele local, como assinalou em carta, “não se podia fazer muito com palavras, e por vezes, uma mão sobre o ombro era demasiado pesada”<sup>66</sup>.

Duras são suas palavras sobre as condições vividas ali no campo de Westerbork<sup>67</sup>. Mas não se deixou tomar pelo ódio, ao contrário, continuou celebrando a alegria da vida, num abandono *fiducioso* e arrebatador ao Deus misericordioso. Com todas as condições para dizer o contrário, Etty rechaça em sua reflexão qualquer possibilidade de adesão ao ódio. Abrir espaços para sentimentos de vingança era para ela ampliar a dinâmica da dor e do sofrimento<sup>68</sup>. Assinalou em carta de dezembro de 1942: “Lá (em Westerbork), experimentei com vigor como cada átomo de ódio que se introduz neste mundo torna-o ainda menos acolhedor”<sup>69</sup>. Etty, com seu exemplo e sua prática, não nega a existência do mal, mas o desarma, “subtraindo-o do poder de definir em última instância o que é a vida”<sup>70</sup>. Há que alargar, sim, os espaços e sentimentos de amor.

**IHU On-Line – Na sua opinião, qual a grande lição de Etty Hillesum?**

**Faustino Teixeira** – Para mim, a grande lição é a da resistência e alegria. Vejo como um de seus legados mais importantes o desafio de alargar sempre mais os espaços de alegria e paz nos caminhos de nosso tempo. E também de acender sempre os meandros da resistência, encontrando brechas para apontar caminhos alternativos em favor de um mundo melhor.

Apesar de todas as opressões, exclusões e marginalizações a que nós humanos, e também as outras espécies companheiras, sofrem, faz-se necessário criar novos espaços de acolhida, cuidado, ternura e hospi-

61 Etty Hillesum. Diário, p. 793. (Nota do entrevistado)

62 Ibidem, p. 718. Na edição portuguesa, p. 256. (Nota do entrevistado)

63 Etty Hillesum. Il gelsomino e la pozzanghera, p. 20. (Nota do entrevistado)

64 Etty Hillesum. Diário, p. 688. (Nota do entrevistado)

65 Etty Hillesum. Cartas, p. 92. (Nota do entrevistado)

66 Ibidem, p. 93. (Nota do entrevistado)

67 Etty Hillesum. Due lettere da Westerbork. Roma: Srl, 2014. (Nota do entrevistado)

68 Etty Hillesum. Il gelsomino e la pozzanghera, p. 110. (Nota do entrevistado)

69 Ibidem, p. 147. (Nota do entrevistado)

70 Beatrice Iacopini & Sabina Moser. Uno sguardo nuovo, p. 35 (citando P. King). (Nota do entrevistado)

talidade. São valores essenciais que aprendemos com práticas como as de Etty Hillesum. Uma jovem provada, que em situações de extrema opressão conseguiu manter acesa a chama da alegria e partiu cantando para Auschwitz<sup>71</sup>. É um exemplo que deixa rastros na nossa memória e que nos anima a irradiar algo semelhante em nosso tempo sombrio.

**IHU On-Line – De que forma, inspirados na mística de Etty Hillesum, podemos encarar os desafios de nosso tempo erigindo uma barreira interior para evitar que a apatia e o desânimo tomem conta de nosso ser? Como, diante da afronta e da intolerância, responder com alegria e amor?**

**Faustino Teixeira** – Sem dúvida, esse é um desafio essencial. Ampliar o campo energético de nosso mundo interior. Já dizia um grande humanista, “revolucionários tristes só fazem uma triste revolução”. É cuidando de nosso mundo interior e ajudando os nossos amigos a fortalecerem o seu mundo, que poderemos manter acesa a chama da esperança. Em nosso tempo, a doença mais terrível e quantitativamente mais presente é a depressão. Exemplos e testemunhos como os experimentados por Etty são alvissareiros. Daí a importância de resgatar e alimentar o seu fantástico legado.

**IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Faustino Teixeira** – Gostaria ainda de dizer algo a respeito de como Etty Hillesum encarou a proximidade de sua morte. É impressionante a serenidade com que ela enfrentou a dura situação no campo de Westerbork. O sofrimento estava presente. Ela dizia: “A cada dia se envelhece dez anos”<sup>72</sup>. Tão difícil verificar que diariamente morriam duas a três crianças naquele campo, e ter que testemunhar continuamente

te o medo e o desespero de tantos companheiros e companheiras não foi nada fácil. Tudo muito difícil. Apontava em seu diário – citando *Mechanicus* – que se sobrevivesse naqueles tempos difíceis, sairia mais madura, mas se morresse, também sairia mais madura e profunda<sup>73</sup>.

“Com seu finíssimo olho espiritual, Etty era capaz de amar a todos, sem pensar em reciprocidade”

Tão duro ver a cada semana o trem partir levando seus amigos para Auschwitz; tão difícil acompanhar o sofrimento de seus pais, e se maravilhar ao ver seu pai dizer que estava pronto para suportar viver o que tantos outros passaram antes dele<sup>74</sup>. Tudo isso se explica pela presença de um brilho incomum em seu coração, de potencialização vital. Uma força dinâmogênica que a fazia manter acesa a alegria em seu coração. Dizia numa clássica carta que era fundamental manter “uma grande dose de sol dentro de si” para evitar o choque psicológico<sup>75</sup>. Permaneceu aquecida sob o mote central de sua vida: “A vida é bela!”, apesar de tudo. Em outra passagem de seu diário, sublinha: “Quero estar lá no meio daquilo a que as pessoas chamam ‘terrores’ e ainda dizer que a vida é bela”<sup>76</sup>.

Sabia como enfrentar suas “depressões”, encarando-as como “pausas criativas”<sup>77</sup>, sempre com o olhar voltado para o alto e para

o centro de si mesma. Sabia aceitar com honradez os momentos “não criativos” e mais vazios que às vezes “distráiam” o seu coração, e tudo enfrentado com muito garbo e paciência<sup>78</sup>. Sabia que tinha uma missão essencial naquele campo de dor: “Desenterrar Deus no coração dos atormentados”, resguardando neles o sentido da própria dignidade<sup>79</sup>, o desafio de despertar para a vida aquilo que já morreu nos vivos<sup>80</sup>.

Desde aquela data central de sua vida, em 3 de julho de 1942, compreendeu o plano dos alemães e se deu conta da proximidade de sua morte<sup>81</sup>. Começa a falar sobre a morte com tranquilidade e a aceita em seu itinerário. Diz numa carta: “A possibilidade da morte é um dado tão absoluto na minha vida, como se a morte, por assim dizer, a tivesse ampliado tanto que o enfrentar e aceitar a morte, a destruição, qualquer espécie de destruição, passou a fazer parte desta vida”<sup>82</sup>. Mas foi adiante com segurança e fé, pois sabia que tinha um destino a cumprir e que estava amparada por Deus. Sabia como se colocar diante das circunstâncias adversas, e de forma otimista. Estava ali para poder testemunhar que Deus viveu também naquele tempo<sup>83</sup>. Daí ser reconhecida no campo de Westerbork como o “coração pensante”, que mantinha a chama da esperança sempre acesa.

E concluo com um lindo pensamento tirado de seu diário: “Dá-me um pequeno verso por dia, meu Deus. E se eu nem sempre o puder copiar por não haver papel ou luz, então hei-de declamá-lo baixinho para o teu grande céu, à noite, mas dá-me um pequeno verso de vez em quando”<sup>84</sup>. Esse pode ser, sem dúvida, o mantra de todos nós nesses momentos sombrios em que também vivemos. ■

78 Etty Hillesum. Diário, p. 796. (Nota do entrevistado)

79 Etty Hillesum. *Il gelsomino e la pozzanghera*, p. 30. (Nota do entrevistado)

80 Etty Hillesum. Diário, p. 755. (Nota do entrevistado)

81 Beatrice Iacopini & Sabina Moser. *Uno sguardo nuovo*, p. 39. (Nota do entrevistado)

82 Etty Hillesum. Cartas, p. 219. (Nota do entrevistado)

83 Etty Hillesum. Diário, p. 738. (Nota do entrevistado)

84 *Ibidem*, p. 773. Na edição portuguesa, p. 305. (Nota do entrevistado)

71 Etty Hillesum. Cartas, p. 238 e 261. (Nota do entrevistado)

72 Etty Hillesum. Diário, p. 715. (Nota do entrevistado)

73 Etty Hillesum. Cartas, p. 159. (Nota do entrevistado)

74 *Ibidem*, p. 171. (Nota do entrevistado)

75 Etty Hillesum. *Due lettere da Wesberbork*, p. 29. (Nota do entrevistado)

76 Etty Hillesum. Diário, p. 791. (Nota do entrevistado)

77 Etty Hillesum. Cartas, p. 28-29. (Nota do entrevistado)

# Trabalhar sobre si mesmo é a única solução para o mal

Para a filósofa Beatrice Iacopini, Etty quis, acima de tudo, desenterrar Deus dos corações martirizados

João Vitor Santos | Edição: Patricia Fachin | Tradução: Moisés Sbardelotto

Nas páginas que compõem os seus diários, Etty Hillesum “nos ensina a perceber a profunda unidade de tudo, razão pela qual quem se empenha a melhorar a si mesmo, na realidade, muda o mundo”, diz a filósofa italiana Beatrice Iacopini à IHU On-Line. Segundo ela, as maldades que a jovem judia presenciou em Westerbork fez com que ela cultivasse uma “riquíssima vida interior”. Lá, diz, ela “carregou-se de primorosa ternura e, pelo menos, de compaixão pelos milhares de rostos da miséria e da dor que encontrava todos os dias, incluindo os dos agressores”.

Apesar de a mística de Etty não ter florescido dentro de uma tradição religiosa, Beatrice explica que, “em essência”, o caminho de Etty foi o mesmo percorrido por Teresa de Ávila e João da Cruz, “o da superação da dimensão estreita, mesquinha do próprio eu, que favorece o acesso àquela dimensão de nós em que somos a imagem e semelhança de Deus, e na qual, ao alcançá-la, somos capazes de compreender realmente o sentido profundo da vida, de amá-la verdadeiramente por aquilo que ela é,

assim como ela é e de amar o próximo sem reservas”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail, Beatrice também faz um convite aos leitores: “Cada um de nós pode tentar fazer aquilo que Etty fez: cultivar e manter a própria ‘posição interior’, porque, sempre como naquela época, alguém deve sobreviver para que ‘mais tarde possa testemunhar que Deus viveu também nessa época’; e cada pessoa de fé deveria se fazer a pergunta que ela se fez: ‘Por que eu não deveria ser essa testemunha?’”.

**Beatrice Iacopini** é formada em Filosofia e em Teologia. Atualmente leciona no ITCS Filippo Pacini - Pistoia e colabora com a Escola de Teologia da Diocese de Pistoia. Estudiosa do pensamento de Etty Hillesum, Beatrice é autora, juntamente com Sabina Moser, de *Uno sguardo nuovo. Il problema del male in Etty Hillesum e Simone Weil* [Um olhar novo. O problema do mal em Etty Hillesum e Simone Weil, em tradução livre] (Ed. San Paolo 2009).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Quais os maiores desafios para compreendermos o percurso de crescimento humano e espiritual de Etty Hillesum?**

**Beatrice Iacopini** – Essa jovem judia holandesa, nascida em 1914 e morta em Auschwitz em 1943, deixou-nos um volumoso diário que ocupa milhares de páginas impressas. Além disso, felizmente, também

restaram várias cartas escritas por ela a amigos. A leitura de um material tão vasto pode assustar muitos, até porque, como sempre acontece no gênero diarístico, nas páginas de Etty, encontramos reflexões poderosas, misturadas, porém, com anotações da vida cotidiana ou com trechos que ela copiava de autores particularmente congeniais a ela. Assim, não é fácil traçar o fio dou-

rado do extraordinário crescimento humano e espiritual que ocorreu nela em poucos meses, desde que – deprimida, confusa, egocêntrica – começou a se tratar com Julius Spier<sup>1</sup>, psicoterapeuta dotado de

<sup>1</sup> Julius Spier (1887-1942): psicólogo e quirologista judeu alemão. Foi o primeiro gerente de banco do Beer, Sondheimer & Co, mas em 1925 muda sua vida e funda a Iris Edition. Segue um treinamento em canto clássico e vai para Zurique conhecer Carl Gustav Jung. Entra em análise e treina com ele por dois anos. Jung pediu-lhe que fizesse da “psicoquirologia” o seu trabalho, tendo em conta o seu

# “Etty não floresceu dentro de uma tradição religiosa específica: mesmo sendo de família judaica, não tinha sido educada na religião dos seus antepassados, nem jamais se converteu ao cristianismo ou a outra religião”

uma notável profundidade espiritual, até quando tomou a decisão muito corajosa de pedir para ser enviada para o campo de concentração de Westerbork para ajudar os deportados como podia e, acima de tudo, para tentar “desenterrar Deus dos corações devastados dos homens”.

Depois, há uma dificuldade mais substancial: em uma primeira leitura, a posição que Etty tomou nas trágicas circunstâncias em que se encontrava vivendo pode ser incompreensível, até mesmo inaceitável. Os seus escritos são pontilhados por uma espécie de refrão, que a vida é “bela, boa, até mesmo justa”. Ressoa continuamente a determinação de rejeitar o ódio em relação aos agressores e o convite a amar os inimigos, precisamente enquanto a Europa era dilacerada pela guerra e enfureciam-se as perseguições nazistas. A escolha de não se pôr a salvo e, ao contrário, de ir voluntariamente a um campo de concentração também pode parecer uma forma de imperdoável resignação. A esse propósito, considero que é mais fácil compreender tudo isso se inserirmos Hillesum na grande tradição mística, não só cristã.

## IHU On-Line – O que difere a mística de Etty Hillesum, que vive na chamada Modernidade,

dom de ler nas linhas das mãos as aptidões e o caráter do povo. Abriu em 1930 um escritório em Berlim, onde se especializou em estabelecer diagnósticos médicos a partir da morfologia e linhas da mão, e desenvolver a partir deles uma abordagem terapêutica inspirada no ensino junguiano. Depois de se divorciar de sua primeira esposa (com quem teve dois filhos, Ruth e Wolfgang), pelas perseguições nazistas, ele emigra para Amsterdã, onde sua irmã já reside. É ali que vai conhecer Etty Hillesum. (Nota da IHU On-Line)

## de outros místicos medievais, como Teresa de Ávila<sup>2</sup>, João da Cruz<sup>3</sup>, entre outros?

**Beatrice Iacopini** – Aparentemente, é claro, trata-se de autores muito distantes de Hillesum. Acima de tudo, ao contrário dos místicos citados por você, Etty não floresceu dentro de uma tradição religiosa específica: mesmo sendo de família judaica, não tinha sido educada na religião dos seus antepassados, nem jamais se converteu ao cristianismo ou a outra religião. Portanto, não há nela qualquer base dogmática nem uma linguagem teológica específica. Eu também acredito que é importante salientar que, enquanto esses místicos amadureceram as suas experiências espirituais dentro de ordens religiosas e, portanto, de uma vida monástica, Etty

<sup>2</sup> Teresa de Ávila (1515-1582): freira carmelita espanhola nascida em Ávila, Castela, famosa reformadora da ordem das Carmelitas. Canonizada por Gregório XV (1622), é festejada na Espanha em 27 de agosto, e no resto do mundo em 15 de outubro. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora da igreja, por decreto de Paulo VI (1970). Entre seus livros citam-se *Libro de su vida* (1601), *Libro de las fundaciones* (1610), *Camino de la perfección* (1583) e *Castillo interior* ou *Libro de las siete moradas* (1588). Escreveu também poemas, dos quais restam 31 deles, e enorme correspondência, com 458 cartas autenticadas. Sobre Teresa, confira Teresa – A Santa Apaixonada (Rio de Janeiro: Objetiva, 2005), de autoria de Rosa Amanda Strausz; *Obras completas* (São Paulo: Loyola, 1995) e *Santa Teresa de Jesus – “Livro da vida”* (4ª ed., São Paulo: Ed. Paulus, 1983). A edição 460 da revista IHU On-Line, sob o título *A mística nupcial. Teresa de Ávila e Thomas Merton, dois centenários, analisa o legado de Merton*. Confira em <https://goo.gl/jOIXOI>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> João de Yepes ou São João da Cruz (1542-1591): ingressou na Ordem dos Carmelitas aos 21 anos de idade, em 1563, quando recebe o nome de Frei João de São Matias, em Medina del Campo. Em setembro de 1567, encontrou-se com Santa Teresa de Jesus, que lhe falou sobre o projeto de estender a Reforma da Ordem Carmelita também aos padres. Aceitou o desafio e trocou o nome para João da Cruz. No dia 28 de novembro de 1568, juntamente com Frei Antônio de Jesús Heredia, iniciou a Reforma. No dia 25 de janeiro de 1675, foi beatificado por Clemente X. Canonizado em 27 de dezembro de 1726 e declarado Doutor da Igreja em 1926 por Pio XI. Em 1952, foi proclamado Patrono dos Poetas Espanhóis. Sua festa é comemorada no dia 14 de dezembro. Sobre São João da Cruz, confira *As obras completas de São João da Cruz* (Petrópolis: Vozes, 2002). (Nota da IHU On-Line)

leveu uma vida secular, caracterizada, acima de tudo, por uma liberdade de costumes bastante surpreendente para aquele tempo, portanto, muito diferente da de um dominicano como Eckhart<sup>4</sup> ou de uma carmelita como Teresa. Isso a torna particularmente contemporânea e próxima do ser humano de hoje, da qual ela é verdadeiramente irmã. Seu percurso místico – especifiquemos também que ele não tem nada de visionário ou de extático – desenvolve-se todo na dimensão cotidiana, na prosaicidade de ambientes comuns, e a sua ascese, que também está presente (ela também, assim como os grandes mestres do passado, desenvolveu um caminho de purificação de si), não tem nada de medieval.

Em essência, porém, o seu caminho foi o mesmo, ou seja, o da superação da dimensão estreita, mesquinha do próprio eu, que favorece o acesso àquela dimensão de nós em que somos a imagem e semelhança de Deus, e na qual, ao alcançá-la, somos capazes de compreender realmente o sentido profundo da vida, de amá-la verdadeiramente por aquilo que ela é, assim como ela é e de amar o próximo sem reservas.

## IHU On-Line – No que consiste o mal em Etty Hillesum? Como ela concebe a superação do mal?

<sup>4</sup> Eckhart de Hochheim, O.P. (1260-1328): mais conhecido como Mestre Eckhart, em reconhecimento aos títulos acadêmicos obtidos durante sua estadia na Universidade de Paris, foi um frade dominicano, reconhecido por sua obra como teólogo e filósofo e por seu misticismo. Ele é considerado como um dos grandes símbolos do espírito intelectual da idade média. (Nota da IHU On-Line)

**Beatrice Iacopini** – A esse propósito, é preciso, acima de tudo, ter em mente que Hillesum não é uma filósofa e não escreveu tratados, mas sim páginas de diário: portanto, nunca encontramos um tratamento sistemático do problema do mal, que é abordado, em vez disso, em chave existencial, como cada um de nós faz quando é posto contra a parede pela vida e pelos dramas que ela coloca diante de nós. Desde a primeira juventude, Etty tinha vivido uma profunda desorientação: era afligida por distúrbios psicossomáticos, passava por um opressivo estado de pessimismo, de falta de sentido e de tentações suicidas. Os dois irmãos mais novos, além disso, sofriam de fortes distúrbios psiquiátricos, e ela tinha assistido pessoalmente, várias vezes, cenas chocantes que acabaram em internações forçadas. Portanto, ela conhecera o mal na forma de sofrimento existencial desde a adolescência. Mais tarde, acrescentou-se o encontro com a guerra, o nazismo, as perseguições.

### Percurso espiritual

O percurso espiritual que Etty iniciou graças a Spier que a levou a uma conversão do olhar sobre aquilo que chamamos de *mal*: quanto mais ela ia rastreado nas suas profundezas o centro de si, mais ela se enraizava no Deus que lá havia encontrado, mais percebia que aquilo que ocorre de fora não é tão importante, se aprendermos a viver “à escuta daquilo que vem de dentro”.

A sua resposta não é filosófica: o mistério do mal, do sofrimento, da opressão do homem sobre o homem permanece insolúvel; mas nos diz que há um modo de contemplar a realidade mais profundo do que o intelectual, que permite aceitar as contradições e inseri-las na “única poderosa totalidade”, em que cada uma delas tem o seu lugar certo. Ao olhar iluminado pela luz do espírito, tudo se revela “um bem assim como é”.

Como se vê, Etty não tenta sequer elaborar alguma teodiceia, ao contrário, denuncia em cada tentativa

de fundar uma teodiceia a vontade mistificadora do eu de impor as próprias leis sobre a realidade e encaixá-la em esquemas reconfortantes. Aquela que se escancara inesperadamente diante de Etty, em vez disso, é uma verdadeira via mística, ou seja, uma visão das coisas desprovida das projeções do eu. Etty compreende que, ao se renunciar a interpretar a realidade com categorias nossas, evitando de fazer violência e de criar sistemas consoladores, mas falsos, e ao se cultivar a paciência e a humildade de escutá-la profundamente, então se captam o ritmo e as leis, as profundas conexões que mantêm o todo unido, sem, portanto, eliminar o negativo, que encontra, assim, também ele, o seu lugar no todo.

O sentido, que ela mesma define como “inexplicável”, da beleza de viver certamente não pode se fundar na realidade da crônica – muitas vezes desoladora e angustiante –, mas no fato de ter afinado os sentidos espirituais que permitem perceber a corrente subterrânea que percorre a vida e que só um ouvido treinado e finíssimo pode ouvir atrás do barulho das bombas e dos tanques, atrás do clamor e do caos dos eventos cotidianos.

### IHU On-Line – Que conexões podemos estabelecer entre Etty Hillesum e Simone Weil<sup>5</sup>?

**Beatrice Iacopini** – De certa forma, é difícil encontrar duas mulheres mais diferentes do que Etty e Simone: a primeira, sensual e extremamente feminina, “bulfímica” em relação a tudo que encontrava de belo no seu caminho; a segunda, ascética, quase acorpórea, que praticamente se deixou morrer de fome.

5 Simone Weil (1909-1943): filósofa cristã francesa. Centrou seus pensamentos sobre um aspecto que preocupa a sociedade até os dias de hoje: o tormento da injustiça. Vítima da tuberculose, recusou-se a se alimentar, para compartilhar o sofrimento de seus irmãos franceses que haviam permanecido na França e viviam os dissabores da Segunda Guerra Mundial. Sobre Weil, confira as edições 84, de 17-11-2003, Simone Weil Palavra Viva, disponível em <http://bit.ly/tZSCDr>; 168, de 12-12-2005, Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX, disponível em <http://bit.ly/v0aMxT>; 313, de 3-11-2009, Filosofia, mística e espiritualidade. Simone Weil, cem anos, disponível em <http://bit.ly/w374lt>. (Nota da IHU On-Line)

Weil, comprometida a tal ponto com o social que foi operária de fábrica e participou da revolução espanhola; Hillesum, capaz de não “fazer”, como ela mesma dizia, mas apenas de “ser”.

No entanto, a experiência espiritual delas – que floresceu, em ambos os casos, sem ter sido preparada de modo algum por qualquer caminho de tipo confessional – foi praticamente idêntica: o contato vital com o eterno permitiu-lhes viver livres dos limites e da mesquinhez dentro dos quais tudo o que é “pessoal” nos força. Ambas consideraram fundamental trabalhar pela progressiva separação do eu, para dar lugar ora à aceitação do vazio, nas palavras de Weil, ora à quietude interior, com uma expressão cara a Hillesum, vazio/quietude que contribuem para a total acolhida e aceitação de tudo o que é. Assim, o mundo e a vida se escancararam em toda a sua beleza aos seus olhos e, neles, aprenderam a ler o sinal da presença de Deus.

### IHU On-Line – Etty Hillesum conserva na essência de seu fortalecimento interior uma ideia de liberdade? Como compreende esse conceito de liberdade e de que forma, na sua experiência de escuta e acolhimento, ela revela essa liberdade?

**Beatrice Iacopini** – Efetivamente, poderíamos ver todo o percurso de Hillesum como uma busca da liberdade, como um caminho de libertação: ela entrou na psicoterapia porque se sentia presa de um “nó emaranhado”, de uma desordem interior que lhe tornava quase intolerável viver. A terapia com Spier imediatamente fez milagres, e a sua vida começou a decorrer mais fluidamente, a desordem progressivamente cedeu espaço a uma quietude interior cada vez maior, graças à qual foi-lhe possível “repousar em si mesma”. Depois, quando começou a pôr em prática os ensinamentos espirituais de Spier, treinando-se para extinguir o “pequeno eu”, aquele eu “tão obtuso, com os seus desejos que se limitam a perseguir as satisfações

mesquinhas”, ela sentiu que se escancarava o acesso a regiões de si das quais ela não conhecia a existência. Assim, descobriu que é possível ser pátria para si mesmo, que dentro de nós existem espaços tão vastos que podem hospedar e deixar decantar, purificando-o, tudo aquilo que ocorre lá fora, tão vasto a ponto de ter lugar até mesmo para Deus. Superar o apego ao próprio eu significou para ela não dar mais ouvidos às próprias “paixões” (diante das quais, como indica o próprio termo, somos “passivos”, portanto, não livres), aos sentimentos mais baixos de inveja, ciúme, rancor, ódio – que também ela, assim como todos, sentia e sobre os quais trabalhou muito – e aos medos que fazem perder a bússola.

Assim, o fato de viver enraizada nas profundezas do eu, onde eu e Deus são a mesma coisa, presenteou-lhe uma experiência de autêntica liberdade, que ela nunca havia experimentado antes; uma liberdade tão grande a ponto de lhe permitir não odiar os nazistas e não temer as suas opressões: “Não estamos nas garras de ninguém quando repousamos nos braços de Deus”, respondia ela aos amigos que lhe imploravam para se proteger, de algum modo. Uma liberdade tão grande a ponto de se internar espontaneamente no campo de Westerbork, para compartilhar o destino do seu povo e a ponto de poder exclamar, dentro das restritas fronteiras daquele campo de concentração, que “estamos em casa em todos os lugares sob este céu, quando trazemos tudo dentro de nós mesmos”.

### **IHU On-Line – Que Deus é revelado através da experiência de Etty Hillesum?**

**Beatrice Iacopini** – Antes do encontro com Spier, Etty era – como muitos hoje – essencialmente agnóstica: Deus para ela era apenas o Grande Talvez (roubo a esplêndida expressão de Thornton Wilder<sup>6</sup>),

apenas a suspeita fugaz de uma harmonia na natureza, algo incerto e indefinido, absolutamente irrelevante.

Aprendendo a frequentar os seus lugares interiores, porém, no fundo de si, escancararam-se para ela “vastos panoramas”, amplos espaços acolhedores aos quais ela se assomou timidamente, para depois tomar posse com decisão daquele Alguém que Etty, no início, custava a chamar de Deus. Sempre me surpreende muito essa espécie de pudor linguístico: o temor de dizer “Deus”. Talvez, ela tivesse medo de que ela confundisse essa surpreendente Presença interior com aquele ser mitológico de barba, que é Deus para muitos, ou com qualquer imagem que o homem possa fazer dele. Talvez ela soubesse que esse Alguém é grande demais para poder ser encerrado em uma palavra. Depois, ela se curvou a usar aquela palavra “Deus”, porque, de algum modo, tinha que se expressar, mas especificando que se tratava apenas de “uma estrutura de

“Hillesum não é uma filósofa e não escreveu tratados, mas sim páginas de diário”

serviço”.

O fato é que, de um modo totalmente misterioso também para ela, a sua vida tornou-se “um ininterrupto escutar dentro de mim mesma, aos outros, a Deus. E, quando eu digo que escuto dentro, na realidade, é Deus quem escuta dentro de mim. A parte mais essencial e profunda de mim que dá ouvidos à parte mais essencial e profunda do outro. Deus a Deus”.

Etty nos conta aqui uma descoberta: ela encontrou aquilo que os

místicos chamam de fundo da alma, o lugar onde surge a identidade, a intimidade mais profunda do sujeito, onde Deus habita ou, melhor, onde, de modo misterioso, Deus e a alma são uma coisa só. Ela, que de aventuras teve muitas, dirá, depois, que Deus é “a maior e ininterrupta aventura interior” do ser humano, e que aquelas, para Deus, são as únicas cartas de amor que deveriam ser escritas.

No encontro com Deus, Etty amadureceu uma visão revolucionária, perfeitamente resumida nestas linhas esplêndidas: “Tu não podes nos ajudar, nós, a contrário, devemos te ajudar, e é fazendo isso que, no fundo, ajudamos a nós mesmos. Tudo o que podemos salvar em tempos como estes e também a única coisa que importa é um pedacinho de ti em nós mesmos, Deus... Há pessoas – não é possível acreditar nisto! – que, mesmo no último momento, põem a salvo aspiradores, garfos e colheres de prata, em vez de se preocuparem contigo, meu Deus. E há pessoas que só pensam em assegurar o próprio corpo, que já se tornou um mero recipiente de mil medos e de mil ressentimentos. Elas dizem: não me terão em suas garras! Esquecem-se que nunca estamos nas garras de ninguém quando estamos nos teus braços”.

### **O Deus de Etty**

Trata-se de uma verdadeira revolução copernicana, que coloca no centro não mais a responsabilidade de Deus, mas sim a do ser humano: “E Deus também não é responsável em relação a nós pelos absurdos que nós mesmos cometemos: os responsáveis somos nós!”. O Deus de Etty é um Deus que confia a própria presença no mundo ao ser humano, porque, sem o ser humano, nada pode fazer; é uma presença a ser cuidada e uma fonte jorrante, mas que deve ser limpada continuamente para que não se obstrua. E, quando se manifesta a tentação de não crer mais, é preciso “recolher Deus”, impedir que ele se afaste e nos abandone, por nossa causa.

<sup>6</sup> Thornton Niven Wilder (1897-1975): foi um escritor estadunidense. (Nota da IHU On-Line)

É impressionante como nas páginas de Etty já está contida grande parte do debate sobre a compreensão de Deus após Auschwitz: com extraordinária lucidez, ainda no meio do grande massacre, ela não só captou a enormidade de todo aquele mal, mas também previu as interrogações que, depois, surgiriam.

Etty explora, graças à sua experiência espiritual, fronteiras teológicas particularmente atuais: ela nos fala de um Deus que não é o deus onipotente da história – no qual, aliás, hoje, não se está mais disposto a crer –, mas sim um Deus que se confia, um Deus a ser cuidado, a ser hospedado, a ser mantido vivo, que coincide com a nossa verdadeira liberdade e que nos salva de dentro de nós, mudando não as coisas e os eventos, mas o nosso olhar sobre as coisas e sobre os eventos.

Ao grito nietzschiano “Deus está morto”, com Etty poderíamos responder que é bom que ele tenha sido morto, porque ele era apenas um ídolo da nossa imaginação e, com ele, não desaparece o horizonte, de fato, ao contrário, ele é recolocado no lugar certo: não fora, mas dentro de nós, onde na realidade sempre se encontrou – por outro lado, os místicos de todos os tempos disseram isso – e de onde ninguém tem o poder de apagá-lo. Etty nos entrega, em tempos de grande desorientação e, pelo menos nas minhas latitudes, de agnosticismo generalizado, as coordenadas de uma fé ainda possível.

### **IHU On-Line – Na sua opinião, quais são os conceitos mais centrais na mística de Etty Hillesum? Por que e como compreendê-los?**

**Beatrice Iacopini** – Vou responder usando alguns termos-chave do léxico de Etty. Começamos com dois verbos, *hineinhorchen* (alemão) e *verwerken* (holandês), que indicam no diário duas atitudes da alma. *Hineinhorchen*, escutar dentro, significa se habituar a ver o que flui em profundidade, ir além da superfície dos eventos, das pessoas, de si mes-

mo e saber captar a verdade sem deformá-la com as projeções do eu psicológico (desejos, ciúmes, medos...); é escutar as profundezas de si e do mundo, invertendo a perspectiva comum pela qual nos deixamos guiar pelos eventos externos e não por “aquilo que sobe de dentro”. Escutar dentro requer um constante exercício de silêncio e atenção, retribuído, no entanto, pelo escancaramento de espaços interiores cada vez mais livres e inalienáveis.

O outro verbo (literalmente *digerir, assimilar*) é uma prática consequente à primeira e significa dar espaço e amorosa hospitalidade a toda pessoa e a todas as coisas, também àquilo que parece negativo e provoca dor. É a habilidade de recolocar também as circunstâncias e as experiências mais negativas no centro de si, impedindo-as de permanecer no nível superficial e de se apossar da pessoa, perturbando a sua emotividade. A dor assim absorvida e resolvida pode se transformar em uma peça daquela “grande bem-aventurança” que é a vida interior e desenvolver energias insuspeitadas.

Treinando-se até o ponto de fazer com que a escuta profunda e a assimilação se tornassem verdadeiros hábitos da alma, Etty aprendeu a sentir e, depois, a permanecer conectada com aquela *corrente subterrânea* – outra expressão recorrente e central – que, como uma música de fundo, permeia e sustenta a criação, cada criatura humana e a própria história, e na qual se manifesta a presença de Deus. É vivendo conectados com essa corrente que ganhamos o olhar mesmo de Deus sobre o cosmos e captamos, assim, a sua coerência e a sua riqueza de significado; caso contrário, perdemos-nos atrás dos detalhes e perdemos de vista as “grandes linhas”. Essa corrente universal, que é a voz e o poder de Deus no universo, jorra em cada ser humano, nas suas fontes interiores que são a própria essência do seu ser, mas, muitas vezes, estão sepultadas por detritos e, para liberar o seu acesso, é preciso um trabalho de escavação e de remoção daquilo que ali depositam o eu e a mente, que, com o seu incessante trabalho, produzem

ruminações, “representações convencionais” ou “fossilizadas” da vida e das pessoas, sentimentos apropriativos e divisivos, e, assim, estão na origem de toda insatisfação, infelicidade, pessimismo.

Permanecer conectado à corrente que permeia todas as coisas produz a atitude interior de aceitação confiante das coisas como elas são, o “abandono confiante” (*gelatenheid*, correspondente holandês ao eckhartiano *Gelassenheit*), que é uma consequência imediata, senão até a mesma coisa, da fé em Deus. O abandono confiante cria um estado de *quietude* e torna possível *repousar em si mesmo*, no próprio *espaço interior*, mas só é possível no desapego, que é a tarefa que cabe ao ser humano e a qual Etty se dedicou com os seus exercícios ascéticos: todo o resto é simplesmente dado a nós, sem que nós devamos fazer mais nada.

### **IHU On-Line – Que dimensão o amor e a compaixão universal assumem em Etty Hillesum?**

**Beatrice Iacopini** – Com a exacerbação das leis raciais, Etty dedica muitas reflexões à sua situação e, ao contrário do que muitos lhe sugerem, sente a precisa responsabilidade pessoal de não poder aceitar soluções privilegiadas e, assim, se isentar de um destino comum. Aquilo que ela viu acontecendo com os judeus de toda a Europa, em sua opinião, tinha dimensões tão assustadoras que constituíam uma espécie de “destino de massa” que ela estava decidida a não evitar, “eliminando todos os infantilismos pessoais”: tentar proteger a si mesma parecia-lhe um comportamento fora da história e, além disso, uma covardia – como no caso daqueles judeus que se escondiam – porque “quem quer que queira se salvar deve saber, porém, que, se ele não for, outra pessoa terá que ir em seu lugar”. É evidente que não se trata de um fatalismo resignado, mas sim da convicção que se tem diante de algo muito maior do que uma questão pessoal, algo que o indivíduo não pode mudar de modo algum, senão inserindo-se nisso:

“Duvido que eu me sentiria bem se soubesse que me salvaria, enquanto milhares vão morrer. Acho absurdo e ilógico tomar iniciativas [assim]”.

Etty quis compartilhar “o fardo da dor” e da história, mantendo sempre um olhar mais amplo do que as estreitas fronteiras do presente imediato e levando consigo aquela que ela sentia como sua tarefa: “Gostaria de me encontrar em todos aqueles campos que estão espalhados por toda a Europa, gostaria de estar em todas as frentes; não quero, por assim dizer, ‘estar segura’, quero estar lá, quero que haja um pouco de fraternidade entre todos esses chamados ‘inimigos’ onde quer que eu me encontre, quero entender o que acontece; e gostaria que todos aqueles que conseguirei encontrar [...] possam entender esses grandes acontecimentos como eu os entendo”.

Por isso, ela fez com que fosse en-

“Ela conheceu o mal na forma de sofrimento existencial desde a adolescência”

viada para Westerbork, o lugar que os judeus tentavam evitar com todas as suas forças. Lá, apesar do inferno, ela viveu uma riquíssima vida interior e de relação: carregou-se de primorosa ternura e, pelo menos, de compaixão pelos milhares de rostos da miséria e da dor que encontrava todos os dias, incluindo os dos agressores.

Bem antes de as deportações se desencadarem, Etty escreveu: “A barbárie nazista desperta em nós uma barbárie equivalente, que operaria com os mesmos métodos se apenas pudéssemos pôr em prática hoje

aquilo que gostaríamos. Está em nosso poder rejeitar essa barbárie no nosso íntimo: podemos não cultivar em nós esse ódio, porque, caso contrário, o mundo não dará sequer um passo fora da lama em que se encontra”.

No campo, ela se esforçou como pôde para ajudar, mas, acima de tudo, para “desenterrar Deus dos corações martirizados”, como ela dizia. Ela chegou a escrever, com uma estupefaciente referência ao sacrifício eucarístico: “Parti o meu corpo como se fosse pão”.

**IHU On-Line – Tzvetan Todorov<sup>7</sup> diz que Etty Hillesum rompe com uma tradição de pensamento ocidental, que enfatiza o sujeito, “que representa os outros como os instrumentos eventuais das investigações realizadas pelo eu”. A senhora concorda? E a partir do próprio texto dela, poderia nos demonstrar como propõe esse rompimento de “eu autocentrado” e exerce esse autoconhecimento capaz de acolher e escutar o outro a partir de si mesma?**

**Beatrice Iacopini** – É uma observação bastante pertinente, e eu acho que esse aspecto é uma das muitas perspectivas de leitura de Hillesum. A história da filosofia ocidental foi, principalmente, a descoberta e a exaltação progressiva do eu e da sua força, enquanto, no pensamento indiano e oriental, em geral, sempre teve muito mais espaço a desconstrução do eu. No entanto, gostaria de salientar que, na nossa história, também é rastreável uma corrente indubitavelmente minoritária, que muitas vezes permaneceu subterrânea, que vai na direção oposta: poderíamos fazê-la partir no neoplatonismo e depois segui-la nos seus entrelaçamentos com uma certa filosofia cristã. É aquela que floresceu especialmente na mística renana-flamenga e nos autores que depois se

inspiraram nela e aos quais, na minha opinião, Hillesum, de um modo mais ou menos consciente, se vincula.

Alguns intérpretes da pós-modernidade, primeiramente R. Panikkar<sup>8</sup>, interrogando-se sobre o futuro das religiões, defenderam que o nosso século “ou será místico ou não será”: eu acho que Etty é uma das respostas mais convincentes nesse sentido.

**IHU On-Line – Uma das cenas mais impactantes de Etty Hillesum é a descrição de quando ela joga do trem que a leva à morte um bilhete que diz “deixamos o campo [de concentração] cantando”. Como a senhora lê esse momento? E que outras cenas na história dessa mística a senhora destacaria?**

**Beatrice Iacopini** – Certamente, o bilhete a que você alude é um testemunho altíssimo: ter a força e o desejo ainda de verter sobre o papel palavras como essas, de dentro de um vagão lotado de pessoas que vão morrer, já é, por si só, um sinal do profundo amor pela vida e pelos outros que Etty tinha amadurecido. Naquele bilhete, que alguns camponeses piedosos recolheram no campo adjacente à ferrovia e enviaram à destinatária, a amiga Christine, Etty escreveu que tinha aberto a Bíblia ao acaso: um dos últimos gestos que conhecemos dessa jovem mulher, portanto, é um gesto de entrega a Deus, através da sua Palavra. Não só isso, o versículo que ela copiou contém um significativo jogo de palavras: “O Senhor é o meu refúgio”, em que a palavra que significa “refúgio”, no holandês antigo da Bíblia, é a mesma que, em holandês moderno, significa “partida”! Etty quer dar a entender aos seus amigos que a sua “partida” está em Deus, como todas as coisas que lhe acontecem, como testemunho do “abandono confiante” de que eu falava acima.

No diário e nas outras cartas, há ce-

<sup>7</sup> Tzvetan Todorov (1939): filósofo e historiador búlgaro, crítico da linguagem. Confira a entrevista concedida por ele à IHU On-Line, intitulada Os inimigos da democracia e o perigo das exigências hipertrofiadas, publicada na edição número 407, de 05-11-2012, disponível em <http://bit.ly/U4r4I4>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup> Raimundo Panikkar: teólogo indiano, autor de, entre outros, *The Unknown Christ Of Hinduism: Towards An Ecumenical Christophany*. Maryknoll, Nova Iorque: Orbis Books, 1981. (Nota da IHU On-Line)

nas que permanecem impressas, não tanto porque são eventos de grande porte, mas pelo seu significado espiritual: vem-me à mente, por exemplo, aquela manhã em que – ela conta isso no dia 27 de fevereiro de 1942 – ela acompanhou Spier à Gestapo. Lá, um jovem gendarme gritou contra ela não sei o quê, e ela, em vez de se assustar ou se indignar, conta ter sentido uma sincera compaixão por aquele jovem de ar atormentado e oprimido. Ou quando fala das flores, particularmente do jasmim atrás da casa, que ela tanto amava e que continua amando e, sobretudo, diria, olhando: são o símbolo da beleza da vida, da compaixão, da presença de Deus no mundo, que sempre existem, mas que é preciso saber percebê-las; e ela sabe que é importante que alguém, ainda, no meio da degradação e dos desastres da guerra e do ódio, tenha olhos para elas, porque esse olhar salva e transmite intactas às gerações futuras beleza, amor, substancialmente, Deus.

Depois, tem esse gesto tão recorrente no diário, ajoelhar-se: Spier se ajoelhava para rezar, e, assim, ela também quis tentar, mas, no início, ela não gostava desse gesto, não o sentia como dela. Um dia, no entanto, de repente, encontrou-se jogada no chão por algo maior e, a partir de então, começou a se definir como “a moça que não sabia se ajoelhar e aprendeu a fazê-lo”. Esse movimento do corpo, que para ela era de recolhimento mais do que de submissão, era o ato de quem está como que vencido pela beleza e, ao mesmo tempo, sabe conservar em si o seu segredo, e tornou-se o gesto sintetizador de toda a sua fé. Um gesto que, depois, se fez até mesmo interior, a tal ponto que, mais tarde, ela escreveu: “Nos momentos mais inesperados, alguém se ajoelha de repente em um cantinho do meu ser. Às vezes, enquanto estou caminhando pela rua ou estou bem no meio de uma conversa. E esse alguém que se ajoelha lá sou eu”.

**IHU On-Line – Recentemente, a senhora editou uma nova publicação acerca dos escritos de Etty Hillesum, *Il gelsomino e la pozzanghera. Testi dal Diario e***

**dalle Lettere [O jasmim e a poça. Textos do Diário e das Cartas, em tradução livre] (Ed. Le Lettere, 172 páginas). Por que republicar os diários agora? O que essa volta ao texto de Etty Hillesum lhe revelou?**

**Beatrice Iacopini** – Como eu dizia, os escritos de Hillesum preenchem mais de mil páginas, e nem todos estão dispostos a fazer o esforço necessário para lê-los na sua inteireza. Por outro lado, é importante demais que essa figura central do século XX seja conhecida pelo maior número de pessoas possível. A minha antologia nasce com a intenção de fornecer uma escolha de trechos ordenados por temas, de modo que esteja à disposição dos leitores uma espécie de mapa que possa orientá-los pelas etapas fundamentais do seu percurso espiritual. Preparar a tradução dos textos, por outro lado, permitiu-me entrar ainda mais no mundo de Etty e fazer algumas descobertas iluminadoras: por exemplo, a presença em algumas de suas páginas do termo eckhartiano *Gelassenheit* (na forma holandesa *gelatenheid*) que ajuda a demonstrar como a experiência espiritual de Hillesum se insere na tradição da grande mística cristã.

**IHU On-Line – Quais os maiores desafios para, em nosso tempo e inspirados em Etty Hillesum, salvaguardarmos o jasmim, símbolo de beleza e vida, das poças, do ódio, da guerra e da intolerância?**

**Beatrice Iacopini** – Aqui, quero evidenciar principalmente a realização em si da unidade que se cumpriu em Etty: a moça saiu do caos e do desespero quando encontrou o centro de si e, então, todas as contradições, as divisões foram sanadas, porque tudo ganhava luz e vida da poderosa autoridade central que reinava nela. Então, com ela, poderíamos aprender a não distinguir e opor – como fizemos durante séculos e tendemos a fazer sempre – pares de opostos, como compromisso consigo mesmo/compromisso com os outros, vida ativa/vida contemplativa, trabalhar na inte-

rioridade/compromisso social. Usando as suas próprias palavras, trabalhar sobre si mesmo não é individualismo mórbido, mas sim a única solução para o mal. Eu acho que Hillesum nos ensina a perceber a profunda unidade de tudo, razão pela qual quem se empenha a melhorar a si mesmo, na realidade, muda o mundo, e essa lição, com mais razão, deveria ser assumida pelas religiões que, mais do que nunca, têm uma grande responsabilidade, a de ensinar a superar cercas e divisões, abandonar todo espírito de proselitismo para lançar com uma só voz uma mensagem às pessoas de boa vontade, mensagem que poderíamos sintetizar assim: trabalhar sobre si mesmo para abandonar toda perspectiva egocêntrica e, assim, deixar emergir Deus, ou seja, o amor, no mundo.

**IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Beatrice Iacopini** – Gostaria de concluir com uma reflexão que também é um convite. A barbárie nazista foi terrível, mas novas barbáries estão continuamente à espreita no nosso planeta (e, não nos esqueçamos, dentro de nós). Diante de violências, opressões, depredações do homem contra o homem, assim como diante das próprias tentações de ceder à intolerância, à raiva, à violência, cada um de nós pode tentar fazer aquilo que Etty fez: cultivar e manter a própria “posição interior”, porque, sempre como naquela época, alguém deve sobreviver para que “mais tarde possa testemunhar que Deus viveu também nessa época”; e cada pessoa de fé deveria se fazer a pergunta que ela se fez: “Por que eu não deveria ser essa testemunha?”.

“Eu gostaria tanto de sobreviver para transmitir a esta nova era toda a humanidade que conservo em mim, apesar dos fatos de que sou testemunha todos os dias. Além disso, o único modo que temos para preparar o tempo novo é prepará-lo desde agora em nós mesmos”: também essas palavras, tão altas, podem e devem inspirar cada leitor do diário, contra todo desencorajamento e contra toda tentação de abdicar das nossas responsabilidades. ■

# A jovem mística que “desenterra Deus do fundo do coração dos outros”

Mariana Ianelli reconstrói a Etty Hillesum livre de qualquer amarra, que é capaz de encontrar o divino até mesmo entre os perversos

João Vitor Santos

“Ela não se sentia nas garras de ninguém. A maneira como essa mulher age coincide com o que ela sente, pensa e escreve.” É assim que a poeta Mariana Ianelli define Etty Hillesum, a jovem holandesa que decide viver entre judeus no campo de concentração. Mas essa mulher não escolhe apenas sentir a dor. Ela busca conhecer o seu interior. “Etty como que faz as pazes com seu próprio sofrimento, com a saúde fraca, as dores de cabeça, um aborto, ela vai se unificando, criando um espaço interno de silêncio, conseguindo um equilíbrio entre fora e dentro”, observa, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. E, uma vez encontrando esse equilíbrio, é dele que espalha o sorriso em meio a tanto desespero. “A partir daí, bem no meio do inferno de sua época, no meio de gente que se desesperava ou desistia ou negociava a vida a qualquer preço, ela pôde estender a mão para o outro”, completa.

Entretanto, se engana quem pensa que a jovem buscava dar alento apenas aos menores. O Deus que ela alcança através de cultivo de seu “eu interior” lhe gera um brilho e esse brilho, segundo Mariana, a faz capaz de perceber Deus até mesmo entre aqueles que promovem o sofrimento. “Era esse brilho que importava defender até as últimas, e fazia Etty observar com interesse todo tipo de gente, inclusive o comandante do campo, os guardas, os dirigentes judeus, os judeus alemães. Etty queria desenterrar Deus do fundo do coração dos outros, assim,

exatamente nesses termos”, pontua.

Ainda sobre sofrimento, Mariana ainda destaca que “Etty insiste que ainda nos falta, aos ocidentais, aprender a sofrer, aprender a não repudiar a experiência da dor, porque a energia que alguém empenha em resistir ao sofrimento poderia estar sendo empenhada em algo mais fecundo”. Assim, deixa claro que não é necessário “remoer” o sofrimento, ainda mais em tempos de penúrias. A lição da jovem mística é a de que “é urgente cultivar um espaço de calma para restauração das nossas forças”. “A lição que Etty depreende da guerra, e que transcende circunstâncias históricas, é uma lição espiritual”, sintetiza Mariana.

**Mariana Ianelli** é poeta, ensaísta, cronista e crítica literária brasileira, com mestrado em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Entre suas produções, destacam-se os livros de poesia *Trajatória* de antes (1999), *Duas chagas* (2001), *Passagens* (2003) e *Fazer silêncio* (2005), finalista dos prêmios Jabuti e Bravo! Prime de Cultura 2006, além de *Almádena* (2007), finalista do prêmio Jabuti 2008, *Treva alvorada* (2010) e *O amor e depois* (2012), todos pela editora Iluminuras. Como ensaísta, é autora de *Alberto Pucheu por Mariana Ianelli* (ed. UERJ, 2013). Estreou na prosa com o livro de crônicas *Breves anotações sobre um tigre* (ed. ardotempo, 2013).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Entre tantas imagens fortes de Etty Hillesum está aquela em que, do trem que vai levá-la do campo de concentração para a morte, ela joga para a amiga um cartão em que diz “deixamos o campo cantando”. O que essa passagem revela sobre essa mulher?**

**Mariana Ianelli** – Essa partida de Etty Hillesum, cantando, é realmente impressionante, lembrando que, no mesmo trem, uns vagões à frente, iam seus pais e o irmão mais novo. Isso revela exatamente o que a própria Etty expressou nos seus cadernos, um ano antes: que ela não se sentia nas garras de ninguém. A maneira como essa mulher age coincide com o que ela sente, pensa e escreve. Quando passa a frequentar, ainda voluntariamente, o campo de Westerbork<sup>1</sup>, é como se estivesse pronta para aceitar Auschwitz<sup>2</sup> como qualquer outra coisa terrível, porque àquela altura já nada podia quebrá-la por dentro. Sua alma não estava em jogo nessa partida.

Para isso, Etty esteve se preparando durante dois anos, lutando interiormente, e escrevendo sobre essa luta interna em seus diários, se limpando do ódio, do rancor, do medo, cuidando da alma. Etty como que faz as pazes com seu próprio sofrimento, com a saúde fraca, as dores de cabeça, um aborto, ela vai se unificando, criando um espaço interno de silêncio, conseguindo um equilíbrio entre fora e dentro. E então, a partir daí, bem no meio do inferno de sua época, no meio de gente que se desespe-

rava ou desistia ou negociava a vida a qualquer preço, ela pôde estender a mão para o outro, pôde se dar para o outro, viver o dia a dia num campo de trânsito e escrever sobre o que via sem submergir. Etty preparava a bagagem dos que eram convocados para o transporte e não submergia. Depois foi ela mesma com seus pais e seu irmão, cantando. Isso revela que sua alma continuava viva.

**IHU On-Line – Como compreender a dinâmica do silêncio e da escuta em Etty Hillesum?**

**Mariana Ianelli** – Há uma imagem à qual Etty recorre frequentemente em seus diários para descrever sua paisagem interior. Ela sega o matagal que esconde a vista, depois capina a terra, até que pouco a pouco o exercício da meditação vai abrindo uma planície imensa e imperturbável dentro dela. Essa planície a acompanha aonde ela vai, uma paisagem cultivada nos momentos de oração, meditação, silêncio. É nesse lugar que Etty se põe à escuta.

Se pudéssemos recorrer a outra imagem, agora, para sintetizar a natureza espiritual dessa escuta, seria aquela dos anjos de Wim Wenders<sup>3</sup> sobre os nossos ombros, ouvindo e sofrendo nossas angústias, nossos traumas, nossas pequenas ternuras. Etty se abre para essa compaixão quase sobre-humana e vai em busca do que se passa no mais íntimo do outro. Numa das entradas dos diários, em 16 de setembro de 1942, percebemos bem essa dinâmica do silêncio e da escuta numa espécie de oração, que é dirigida, dessa vez, não a Deus, mas aos homens que Etty observa em Westerbork, indo e vindo, sempre atarefados. Ela pede intimamente para ser a guardiã da alma desses homens.

Mais adiante, Etty formula o desejo místico de ser “o coração pensante de todo um campo de concentra-

ção”, frase que se tornou famosa. E, finalmente, a última frase, do último caderno dos diários de Etty de que se tem notícia (o caderno que Etty manteve no campo de Westerbork se perdeu): “Gostaria de ser um bálsamo para muitas feridas”. Essa frase está gravada num monumento à beira do rio IJssel, em Deventer, cidade onde Etty passou sua adolescência. Representa, espiritualmente, com seu característico acento cristão, o ápice da entrega amorosa de Etty, sua máxima abertura para o outro.

**IHU On-Line – De que amor fala Etty Hillesum em seus escritos?**

**Mariana Ianelli** – Etty fala de um amor que é refúgio, confiança, proteção. Ela começa a cultivar esse amor rezando, o que exige dela a quebra de um primeiro bloqueio, porque até então, com 27 anos, Etty nunca tinha pronunciado o nome de Deus, nem se ajoelhado. O que ela passa a cultivar, na medida em que esse exercício da oração vai ganhando espaço e importância, é uma parte de Deus dentro dela.

Quando, mais adiante, Etty consegue canalizar esse amor para os gestos mais simples, é sua parte de Deus vindo à tona, buscando a parte de Deus que existe no outro. O amor pelo outro passa a ser uma extensão desse amor maior. Numa carta de agosto de 1943 à amiga Maria Tuinzing<sup>4</sup>, Etty fala desse sentimento, radicalmente místico e poético ao mesmo tempo, quando diz que “o amor pelo nosso semelhante é como um brilho elementar que nos sustenta” e que o “nosso semelhante por si só quase não tem nada a ver com isso”.

Era esse brilho que importava defender até as últimas, e fazia Etty observar com interesse todo tipo de gente, inclusive o comandante do campo, os guardas, os dirigentes judeus, os judeus alemães. Etty queria

<sup>1</sup> Campo de Westerbork: foi um campo de concentração situado a cerca de 15 km da vila de Westerbork, Países Baixos, onde hoje é a Holanda. Este acampamento tinha sido iniciado pelas autoridades neerlandesas durante o verão de 1939, a fim de receber os refugiados provenientes de origem judaica na Alemanha. Os primeiros refugiados chegaram em Westerbork. Quando o exército alemão invadiu a Holanda, havia 750 refugiados no acampamento. Em 1 de julho de 1942, as autoridades alemãs tomaram o controle do acampamento. Westerbork se tornou oficialmente um “campo de trânsito”, ou campo de passagem, antes do envio de judeus para outros locais, como Auschwitz, na Polônia. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Auschwitz-Birkenau: nome de um grupo de campos de concentração localizados no sul da Polónia, símbolos do Holocausto perpetrado pelo nazismo. A partir de 1940, o governo alemão comandado por Hitler construiu vários campos de concentração e um campo de extermínio nesta área, então na Polónia ocupada. Houve três campos principais e 39 auxiliares. Como todos os outros campos de concentração, os campos de Auschwitz eram dirigidos pela SS comandada por Heinrich Himmler. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Ernst Wilhelm “Wim” Wenders (1945): cineasta, dramaturgo, fotógrafo e produtor alemão, além de uma das mais importantes figuras do Novo Cinema Alemão. Desde 1996, Wenders é presidente da Academia de Cinema Europeu em Berlim. Entre suas obras, destacamos *Der Himmel über Berlin* (Asas do Desejo, de 1987). (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Maria Tuinzing: foi uma das melhores amigas de Etty. Foi ela que indicou Etty para trabalhar na casa de Han Wegerif, um viúvo de quem ela foi uma espécie de governanta, em Amsterdã. Antes de deixar Westerbork pela última vez, Etty deu a Maria seus diários que, por sua vez, passou os diários de Etty para Klaas Smelek e sua filha Jopie (Johanna). (Nota da IHU On-Line)

desenterrar Deus do fundo do coração dos outros, assim, exatamente nesses termos. Achava que só individualmente, cada um trabalhando por dentro esse refúgio comum, uma nova geração mais humana poderia começar a ser gestada. Quando as pessoas elas mesmas se permitissem emanar algo além de ressentimento, quando interrompessem o ciclo do ódio. Para Etty, não era Deus que devia acudir a humanidade, mas o contrário.

### **IHU On-Line – Etty Hillesum tem admiradores em todos os campos, superando a ideia de fronteiras entre Oriente e Ocidente. Como observa essa grande adesão dos leitores aos seus escritos?**

**Mariana Ianelli** – Podemos pensar a universalidade de Etty, e o entusiasmo de seus leitores, sob vários aspectos. Do ponto de vista da linguagem, a metáfora de um “coração pensante” talvez seja o que melhor simboliza o caráter universal dessa interlocução, que não se dá (ou não se basta) no plano das ideias, mas no fundo de um coração. Essa linguagem, que irradia de um ponto central, tem ressonância em diferentes culturas, filosofias e religiões.

Vale citar Karima Berger<sup>5</sup>, e seu livro *Les Attentives*<sup>6</sup>, de 2014. Esse ensaio tem o espírito de uma imensa carta de amor assinada por uma leitora de Etty. Argelina, muçulmana, Karima se identifica com a menina de uma fotografia (de um recorte de jornal) que Etty mantém perto da sua escrivaninha, a quem ela chama de “pequena marroquina” em seus diários. Karima reconhece, também, no recinto de silêncio dentro de Etty, o *mihrab*<sup>7</sup> das mesquitas. Essa amizade profunda, inter-religiosa, de

coração a coração, que Etty inspira, é sem dúvida uma das chaves para se compreender a admiração e o entusiasmo dos seus leitores.

Uma bibliografia atualizada, somente em francês, já reúne mais de quarenta títulos sobre Etty Hillesum, sem contar dezenas de artigos em coletâneas e outros estudos. Os leitores de Etty são, de fato, amigos de Etty.

Outro aspecto a considerar é o meio intelectualmente fecundo, embora psicologicamente difícil, em que essa mulher se criou, o talento para o estudo das línguas (o pai, judeu holandês, foi diretor do liceu de Deventer), a presença da música (o irmão mais novo era pianista e compositor), a intimidade com a língua e a literatura russas (a mãe era russa). Além disso, o entorno sempre cheio de pessoas, todas muito diferentes, é outro aspecto igualmente relevante. Em Amsterdã, Etty foi governanta na casa de Han Wegerif<sup>8</sup>, e ali convivia diariamente com uma família bastante heterogênea (a descrição a seguir é dela): uma alemã cristã, uma estudante judia, um pequeno-burguês social-democrata e um jovem estudante cristão. Ela considerava uma “tarefa” manter todos unidos, ainda que os conflitos da época vazessem cada vez mais para dentro de casa. Depois, o convívio com o círculo de Julius Spier<sup>9</sup>, o Conselho Judaico e, por fim, o campo de Westerbork, onde literalmente um mundo em miniatura se concentrava.

Toda essa multidão de pessoas interessava a Etty, ela buscava ouvir

a todos. Sem deixar de mencionar a riqueza de leituras cruzadas que há nas cartas e nos diários, Mestre Eckhart<sup>10</sup>, Santo Agostinho<sup>11</sup>, Dostoiévski<sup>12</sup>, Freud<sup>13</sup>, Jung<sup>14</sup>, Rilke<sup>15</sup>,

<sup>10</sup> Mestre Eckhart (1260-1327): nasceu em Hochheim, na Turingia. Ingressando no convento dos dominicanos de Erfurt, estudou em Estrasburgo e em Colônia. Tornou-se mestre em Teologia e ensinou em Paris. Em sua obra, está muito presente a unidade entre Deus e o homem, entre o que consideramos sobrenatural e o que achamos ser natural. É um pensamento holístico, pois para Eckhart devemos reconhecer Deus em nós, mas este caminho não é fácil. O homem deve se “exercitar nas obras, que são seus frutos”, mas, ao mesmo tempo, “deve aprender a ser livre mesmo em meio às nossas obras”. Eckhart morreu em 1327. Em 27 de março de 1329, foi dado ao público a bula In agro dominico, através da qual o Papa João XXII condenou vinte e oito proposições do Mestre Eckhart. Das vinte e oito, dezessete foram consideradas heréticas e onze, escabrosas e temerárias. Entre estas, estava a de que nos transformamos em Deus. Mas esta condenação papal justifica-se, na medida que as ideias de Eckhart tinham uma dimensão revolucionária. Elas foram acolhidas pelas camadas populares e burguesas, que interpretavam o apelo eckhartiano à interioridade da fé e à união divina como uma rebelião implícita à exterioridade “farisaica” de uma hierarquia e de um clero moralmente decadente (parece que a coisa nunca mudou muito mesmo). Sua herança influenciou, entre outros, significativamente, Martinho Lutero. Sobre o tema Místicas, conferir tema de capa da IHU On-Line, edição 133. (Nota da IHU On-Line)

<sup>11</sup> Agostinho de Hipona (354-430): conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental. Escrivendo na era patristica, ele é amplamente considerado como sendo o mais importante dos padres da Igreja no Ocidente. Suas obras-primas são A cidade de Deus e Confissões. (Nota da IHU On-Line)

<sup>12</sup> Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destaca-se Crime e castigo, O Idiota, Os Demônios e Os Irmãos Karamázov. Ao autor, a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa intitulada Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano, disponível em <http://bit.ly/ihuon195>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: Dostoiévski e Tolstói: exacerbação e esbranqueamento, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <https://goo.gl/xzfwFD>; Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski, na edição 288, de 6-4-2009, disponível em <https://goo.gl/VvqQSt>; Dostoiévski chorou com Hegel, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 2-7-2007, disponível em <https://goo.gl/Uap1Sb>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>13</sup> Sigmund Freud (1856-1939): neurologista nascido em Freiberg, Tchecoslováquia. É o fundador da psicanálise. Interessou-se, inicialmente, pela histeria e, tendo como método a hipnose, estudou pessoas que apresentavam esse quadro. Mais tarde, interessado pelo inconsciente e pelas pulsões, foi influenciado por Charcot e Leibniz, abandonando a hipnose em favor da associação livre. Estes elementos tornaram-se bases da psicanálise. Desenvolveu a ideia de que as pessoas são movidas pelo inconsciente. Freud, suas teorias e o tratamento com seus pacientes foram controversos na Viena do século 19 e continuam ainda muito debatidos. A edição 179 da IHU On-Line, de 8-5-2006, dedicou-lhe o tema de capa sob o título Sigmund Freud. Mestre da suspeita, disponível em <http://bit.ly/ihuon179>. A edição 207, de 4-12-2006, tem como tema de capa Freud e a religião, disponível em <https://goo.gl/wL1FIU>. A edição 16 dos Cadernos IHU em formação tem como título Quer entender a modernidade? Freud explica, disponível em <http://bit.ly/ihuem16>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>14</sup> Carl Gustav Jung (1875-1961): psiquiatra suíço. Colega de Freud, estudou medicina e elaborou estudos no campo da psicologia, discutindo os conceitos de introversão e extroversão. (Nota da IHU On-Line)

<sup>15</sup> Rainer Maria Rilke (1875-1926): foi um poeta de língua alemã do século XX. Escreveu também poemas em francês. Rilke fez seus estudos nas universidades de Praga, Munique e Berlim. Em 1894 fez sua primeira publicação, uma coleção de versos de amor, intitulados Vida e canções (Leben und Lieder). Não exerceu nenhuma profissão, tendo vivido, sempre, à custa de amigas nobres. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Karima Berger: escritora argelina, autora de vários romances e ensaios que têm como tema culturas árabe e francesa e o questionamento de suas raízes espirituais. Entre suas obras, destacamos Éclats d’islam (2009) et Les attentives. Un dialogue avec Etty Hillesum (2014). (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Albin Michel Littérature, 2014. (Nota da IHU On-Line)

<sup>7</sup> Mirabe ou mirabi é um termo que designa um nicho em forma de abside numa mesquita. Tem como função indicar a direção da Mecca, para qual os muçulmanos se orientam quando realizam as cinco orações diárias. (Nota da IHU On-Line)

<sup>8</sup> Han Wegerif: contador, viúvo, pai de quatro filhos e dono de uma casa que abriga outras pessoas. Etty Hillesum acaba indo viver na sua casa, torna-se sua governante e tem uma relação com ele, ainda antes de conhecer Julius Spier. (Nota da IHU On-Line)

<sup>9</sup> Julius Spier (1887-1942): psicólogo e quirologista judeu alemão. Foi o primeiro gerente de banco do Beer, Sondheimer & Co, mas em 1925 muda sua vida e funda a Iris Edition. Seguiu um treinamento em canto clássico e foi para Zurique conhecer Carl Gustav Jung. Ele entra em análise e treina com ele por dois anos. Jung pediu-lhe que fizesse “psico-quirológica” o seu trabalho, tendo em conta o seu dom de ler nas linhas das suas mãos as aptidões e o caráter do povo. Abriu em 1930 um escritório em Berlim, onde se especializou em estabelecer diagnósticos médicos a partir da morfologia e linhas da mão, e desenvolver deles uma abordagem terapêutica inspirada no ensino junguiano. Depois de se divorciar de sua primeira esposa (com quem ele teve dois filhos, Ruth e Wolfgang), pelas perseguições nazistas, ele emigra para Amsterdã, onde sua irmã já reside. É lá que vai conhecer Etty Hillesum. (Nota da IHU On-Line)

Kierkegaard<sup>16</sup>, Nietzsche<sup>17</sup>, Tolstói<sup>18</sup>, a Bíblia, e tantos outros. Tudo isso atesta uma amplitude de afinidades e conexões, uma empatia, uma abertura, que possivelmente se desdobra hoje numa multidão de leitores. Acrescentando, finalmente, nosso contexto de época, de corações aflitos, um contexto mais que propício para receber o que Etty tem a nos dizer.

### IHU On-Line – Que narrativa Etty Hillesum tece do mundo que a cerca?

**Mariana Ianelli** – Etty tece uma narrativa cheia de nuances, em que

o trágico se mistura com o cômico, o maravilhoso com o banal, o banal com o terrível, igual à vida. Por exemplo, nem tudo era pesadelo no dia a dia em Westerbork, havia também momentos dignos de beleza, e Etty mostra isso maravilhosamente nas suas cartas. Ela não se contenta com esquemas nem maniqueísmos, está sempre procurando ver mais fundo e sob outras perspectivas. Sua visão de mundo não é só feita de palavras e pensamento, é também uma visão de mundo que nasce da experiência do corpo e do sentimento, e aí é que reside a potência da escrita de Etty: ela coloca à prova a linguagem e, para isso, seu meio de exercício é a própria vida, as pessoas à sua volta, sua época.

Ela tece realidades matizadas, por assim dizer, em que paisagens do espírito coexistem com paisagens humanas. Se o cerco vai se fechando com interdições, confiscos, convocatórias, Etty continua a sentir que respira um “ar não racionado” e que o céu sobre ela é sem fronteiras. Prisioneiro, para Etty, era o soldado para lá do arame farpado. O terrível de sua época era Auschwitz, mas em outras circunstâncias, outra época, podia ser a Sibéria. Essa compreensão maior das coisas, de ver mudar a roupagem, o cenário da história, sem mudarem os sentimentos, alimentava em Etty o interesse pelas pessoas, que afinal estão sempre a misturar, nelas mesmas, o bem e o mal.

### Uma vida sem esquemas

Sabendo que a vida não cabe em esquemas, ela procura um rosto humano no soldado, ou percebe, além do ódio evidente dos nazistas, o ódio menos óbvio, mas igualmente destruidor, entre os seus. De maneira que Etty está sempre a buscar o que ela chama de uma nova linguagem para dar conta dessas nuances. Aquilo que ela descreve como paisagem do espírito ou vida interior é algo que precisa se misturar à vida cotidiana, emanar do corpo e agir sobre a realidade. Quando a linguagem de Etty se põe à prova desse modo, é para abandonar qualquer espécie de

esteticismo e buscar uma “sinceridade cristalina”, essa na qual toda mística, segundo ela, deveria se basear.

Há um episódio que ocorre com Etty em Westerbork que lembra o ocorrido com Anna Akhmátova<sup>19</sup> nas filas das prisões de Leningrado<sup>20</sup>. Etty pergunta a alguém, na plataforma dos transportes, enquanto observa os vagões serem carregados de gente: “Conseguirá alguma vez alguém descrever ao mundo exterior o que aconteceu aqui?” Porque seria preciso discernir, no meio daqueles trens e barrações lotados, as pessoas, cada uma com suas contradições, seus sonhos, seus medos.

### IHU On-Line – Que grande experiência reside e é relatada nos diários de Etty Hillesum?

**Mariana Ianelli** – A experiência de um destino construído desde dentro, sem autoboicotes. A arquitetura de um espaço íntimo de silêncio desde onde a relação com o mundo e as pessoas se transforma. Ninguém nos pode fazer mal, Etty insiste em dizer. Pode não restar mais nada, ela continua a se sentir em casa debaixo do céu. O jasmineiro nos fundos da sua casa pode ser completamente destruído por um temporal, porque, em algum lugar dentro de Etty, esse jasmineiro continua a dar flor.

Portanto, é também a experiência de uma liberdade inviolável, que vai se fortalecendo ao longo dos diários, transformando o ânimo dessa mulher, desbloqueando-a para certas palavras, como amor e Deus, que antes ela evitava por soarem pretensiosas, até que passa a vivê-las na prática. É também a experiência de uma repotencialização dessas palavras, como amor e Deus, num contexto que as mesmas parecem perder sentido.

<sup>19</sup> Anna Akhmátova (1889-1966): pseudônimo de Anna Andreevna Gorenko, foi uma das mais importantes poetisas acmeístas russas. (Nota da IHU On-Line)

<sup>20</sup> Cerco a Leningrado: foi um cerco militar à então cidade de Leningrado (atualmente, São Petersburgo), na então União Soviética (atualmente, Rússia), pelas tropas da Alemanha Nazista, Itália e Finlândia durante a Segunda Guerra Mundial. Durou cerca de 900 dias, de 8 de setembro de 1941 a 27 de janeiro de 1944. Foi um dos cercos mais longos e destrutivos da história das guerras. (Nota da IHU On-Line)

<sup>16</sup> Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus e Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e o que viria a ser posteriormente o existencialismo. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de O Conceito de Ironia (1841), Temor e Tremor (1843) e O Desespero Humano (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista Paulo e Kierkegaard, realizada com Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-4-2006, da IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>. A edição 314 da IHU On-Line, de 9-11-2009, tem como tema de capa A atualidade de Soren Kierkegaard, disponível em <https://goo.gl/kZW87Z>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da IHU On-Line, de 16-8-2010, intitulada Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <https://goo.gl/cr44qoE>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>17</sup> Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes Assim falou Zaratustra (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), O anticristo (Lisboa: Guimarães, 1916) e A genealogia da moral (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulada Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada O pensamento de Friedrich Nietzsche, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqOB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des) governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-5-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista O amor fati como resposta à tirania do sentido, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzaJpJ>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>18</sup> Liev Tolstói (1828-1910): escritor russo de grande influência na literatura e na política do seu país, teve uma importante influência no desenvolvimento do pensamento anarquista, concretamente, considera-se que era um cristão libertário. Suas obras mais famosas são Guerra e Paz, de 1865, onde ele descreve dezenas de diferentes personagens durante a invasão napoleônica de 1812; e Anna Karenina, de 1875, que traz a história de uma mulher presa nas convenções sociais e um proprietário de terras (reflexo do próprio Tolstói), que tenta melhorar a vida de seus servos. (Nota da IHU On-Line)

Etty denomina Julius Spier, que aparece citado logo nas primeiras linhas dos diários, o “parteiro da sua alma”, o que “desenterrou Deus do seu interior”. Os diários, justamente, (ao todo onze cadernos preservados entre 1941 e 1943) como que dão conta desse desabrochar da alma de Etty. Entre os escritores mais citados (e são muitos), há um que ela denomina seu mestre: Rainer Maria Rilke. Vale a pena lembrar a importância de Rilke nessa jornada espiritual de Etty, tanto quanto a de Julius Spier, porque o que os diários relatam é também a experiência extraliterária de uma poesia possível, hoje, agora.

**IHU On-Line – Etty Hillesum faz da sua experiência em Westerbork, região próxima de onde hoje é a Holanda, a busca pela esperança. Quais os desafios para compreender essa mística que é capaz de ver cor no cinza da dor? Como nutrir a esperança em meio ao desterro?**

**Mariana Ianelli** – Cento e quarenta anos antes de Etty frequentar a província de Drenthe, onde fica Westerbork, no norte da Holanda, Van Gogh<sup>21</sup> esteve ali, e, durante três meses, pintou alguns quadros e aquarelas de uma paisagem verde-terrosa, de horizonte aberto, com um grande céu predominando sobre os campos. O que Etty acrescenta a essa paisagem, quando ela chega ali, primeiro como voluntária, depois como interna do campo, é, por exemplo, a surpresa de um tremo-ceiro-roxo, um pôr do sol que ela vê sentada num caixote ou o retrato de um momento de seu pai lendo Homero<sup>22</sup> para meninos doentes. São

21 Vincent Willem Van Gogh (1853-1890): pintor neerlandês, considerado o maior de todos os tempos desde Rembrandt, apesar de durante a sua vida ter sido marginalizado pela sociedade. Sua influência no expressionismo, fauvismo e abstracionismo foi notória e pode ser reconhecida em variadas frentes da arte do século XX. Van Gogh foi pioneiro na ligação das tendências impressionistas com as aspirações modernistas. Hoje em dia várias das suas pinturas, entre elas Doze girassóis numa jarra, A casa amarela, Quarto em Arles, Os comedores de batatas e Auto-retrato encontram-se entre os objetos mais caros do mundo, sendo superados apenas por Pablo Picasso. Era portador de epilepsia e também de distúrbio bipolar (psicose maniaco-depressiva). (Nota da IHU On-Line)

22 Homero: primeiro grande poeta grego, que teria vivido

“porções de eternidade”, na pintura de Etty.

Tudo acontece no presente e é também atemporal. Naquele lugar, árido em tantos aspectos, a vida continua cheia de sentido para Etty. Nem tudo é melancolia e cansaço, o sofrimento é um componente entre outros, só um dos tons, de uma paisagem riquíssima em matizes. Cada dia em Westerbork, para Etty, é uma vida. O que importa para ela é “cem por cento ser”, esteja onde estiver, dure o tempo que durar. Podem expropriá-la de tudo, ela não se sente expropriada. A semente de esperança, nesse caso, depende de um novo tempo ir se preparando, humanamente, dentro de cada um.

**IHU On-Line – Num mundo que não para, numa sociedade da informação e do estresse, como o silêncio e a poesia podem nos abrir caminhos para a busca interior, daquilo que é essencial?**

**Mariana Ianelli** – O silêncio permite uma abertura, uma brecha para sentir uma outra duração, um outro ritmo, que não se afina com essa vida alucinada de estímulos por minuto, mas se afina com a experiência da poesia, no que nela há de profundamente pessoal. Porque Etty praticava essa abertura, porque exercitava cotidianamente a leitura de poesia (entre outras leituras), em especial a poesia de Rilke, quando chegou o momento de ela deixar o conforto da sua escrivania em Amsterdã para viver num dos barracões lotados de Westerbork, esse refúgio de silêncio, fortalecido na prática, foi também com ela.

Enquanto chegavam e partiam os trens para o Leste, Etty abria uma brecha naquele cotidiano cinzento para, de repente, olhar gaiotas. É como se a poesia a ajudasse a ler me-

há cerca de 3500 anos e consagrado o gênero épico com as suas grandiosas obras: A Ilíada e a Odisseia. Nada se sabe seguramente da sua existência; mas a crítica moderna inclina-se a crer que ele terá vivido no século VIII a.C., embora sem poder indicar onde nasceu nem confirmar a sua pobreza, cegueira e afã de viajante, caracteres que tradicionalmente lhe têm sido atribuídos. (Nota da IHU On-Line)

lhor a própria vida nessas filigranas de beleza que coexistem com o horror. Se alguém não experimenta essa outra duração, se alguém vai levado de cá para lá, de estímulo em estímulo, a alma pode enfartar, como diz Byung-Chul Han<sup>23</sup> em *A sociedade do cansaço*<sup>24</sup>, pensando nos nossos dias. Era contra esse colapso da alma que Etty trabalhava dentro de si mesma e na sua relação com o outro, sempre buscando despertar para vida essa interioridade com a qual a poesia, em geral, se comunica.

**IHU On-Line – Qual a potência de Etty Hillesum para se compreender e encarar os desafios de nosso mundo/tempo com o amor e a alegria?**

**Mariana Ianelli** – Etty nos faz ver uma dupla vida que todos levamos, mas de que nem todos se dão conta: a vida ao redor, que a toda hora nos enreda em circunstâncias diferentes, e a vida que cada um vive em si mesmo, espiritualmente. Essas vidas coexistem, se comunicam, atuam juntas, e Etty dá expressão a esse movimento, diga-se, nem sempre harmonioso. Quando por fora tudo desmorona e o que está em jogo é o que alguém tem por dentro, é então que esta segunda vida é chamada a mostrar a sua força.

Etty insiste que ainda nos falta, aos ocidentais, aprender a sofrer, aprender a não repudiar a experiência da dor, porque a energia que alguém empenha em resistir ao sofrimento poderia estar sendo empenhada em algo mais fecundo. O que Etty aponta, em outros termos, é que não há necessidade de enfatizarmos o sofrimento, sobretudo em tempos

23 Byung-Chul Han (1959): pensador sul-coreano, teórico cultural e professor da Universidade de Artes de Berlim. É o autor de dezesseis livros, dos quais os mais recentes são tratados sobre o que ele chama de “sociedade do cansaço” (Müdigkeitsgesellschaft), uma “sociedade da transparência” (Transparenzgesellschaft) e seu conceito neologista de shanzhai, que procura identificar modos de desconstrução nas práticas contemporâneas do capitalismo chinês. O trabalho atual de Han se concentra na transparência como uma norma cultural criada pelas forças do mercado neoliberal, que ele entende como o impulso insaciável para a divulgação voluntária que beira o pornográfico. Segundo Han, os ditames da transparência impõem um sistema totalitário de abertura à custa de outros valores sociais, como vergonha, sigilo e confiança. (Nota da IHU On-Line)

24 Vozes, 2015. (Nota da IHU On-Line)

de sofrimento evidente, mas sim é urgente cultivar um espaço de calma para restauração das nossas forças, um refúgio de silêncio, um momento de repouso.

Preparar a vida nova requer um trabalho justamente em favor da vida e do que dá sentido a ela. “A dor é imperativa, mas não a dor / da dor”, diz um poema de Adriana Lisboa<sup>25</sup>, e esses versos poderiam ser de

25 Adriana Lisboa: poeta e contista, autora, entre outros livros, dos poemas de Parte da Paisagem e Pequena música, e dos romances Sinfonia em branco (Prêmio José Saramago), Um beijo de colômbina, Rakushisha, Azul-corvo

Etty Hillesum. A lição que Etty compreende da guerra, e que transcende circunstâncias históricas, é uma lição espiritual. Cada um deve “retornar ao próprio centro” e trabalhar dentro de si a vida nova.

(um dos livros do ano do jornal inglês The Independent) e Hanói (um dos Livros do ano do jornal O Globo). Publicou também grandes obras para crianças, como Língua de trapos (Prêmio de autor revelação da FNLJ) e Um rei sem majestade. Seus livros foram traduzidos em mais de vinte países. Seus poemas e contos saíram em publicações como Modern Poetry in Translation, Granta, Asymptote e revista Casa de las Américas. É mestra em literatura brasileira e doutora em literatura comparada pela UERJ. (Nota da IHU On-Line)

## IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?

**Mariana Ianelli** – Escrevi alguns artigos e crônicas sobre Etty Hillesum e o campo de Westerbork. Também um ensaio, “O livro de horas de Etty Hillesum”, publicado na coletânea *Mística e Literatura* (Fonte Editorial, 2015) organizada pelo prof. Faustino Teixeira.

Tomo a liberdade de transcrever aqui dois poemas, também escritos a partir da leitura das cartas e dos diários. ■

## UMA FLOR ENTRE AS PÁGINAS

*E espalha os odores pela casa onde habitas, meu Deus.*

*Etty Hillesum*

*Olhai o jasmim como cresce*

*Entre o muro lamacento e o telhado,*

*Como continua a florir no meio dos campos gelados –*

*Nem o lírio dos Evangelhos*

*Nem a rosa branca de Rilke*

*Em todo o seu esplendor se vestiu como um deles.*

[Do livro *O amor e depois*, Editora Iluminuras, 2012]

## UMA ESTRELA NOS CAMPOS

*Com Etty Hillesum*

*Trabalhava. Trabalhava numa primavera fria*

*esperando ser como a lua, ser como um pasto:*

*uma vasta paisagem tranquila –*

*e desenterrava Deus de sob pedras e cascalhos.*

*O caminho até o cais era feito entre soldados*

*(todos tão pequenos por trás de*

*seus crimes).*

*E trabalhava mais: era uma estaca no mar,*

*era um pedaço de granito, era o próprio mundo*

*prestes a ser destruído. E trabalhava mais:*

*estava com os deportados, com os desaparecidos,*

*estava com uma flor num retângulo de jardim.*

*De minuto a minuto, forjando a calma em pessoa,*

*o sorriso de Buda, um terreno baldio.*

*E já havia partido, muito antes de partir, debaixo*

*de um céu sem palavras: era uma estrela nos campos,*

*era a mulher já sem nome do vagão número 12,*

*na direção do Leste, cantando com alegria.*

[Do livro *Tempo de voltar*, Edições Ardotempo, 2016]

# O amor é central na mística feminina de Etty Hillesum

Ceci Mariani observa como, pela entrega amorosa, a jovem chega a um Deus que habita nela e reconhece nele a face do outro, daqueles que a cercam

João Vitor Santos

**D**e uma forma muito simplificada, podemos afirmar que os místicos, segundo a teóloga Ceci Maria Costa Baptista Mariani, são aqueles que por uma experiência subjetiva alcançam o divino. Mas esse não é apenas um divino celestial, distante. É algo próximo, capaz de habitar em si e nos que estão em nosso entorno, como apreende Etty Hillesum na sua experiência mística. “Essa mulher descobre, no silêncio atento aos seus movimentos interiores, os caminhos para o encontro com Deus que vai inspirar uma vivência profunda do amor no cotidiano da vida”, destaca a professora. Sem promover separações polares, Ceci destaca que essa mística em Etty é ainda carregada de nuances femininas. “Quando nos atemos aos testemunhos femininos, percebemos que eles refletem uma forma própria de relação com a realidade”, aponta. E explica: “o corpo feminino é marcado por uma dinâmica centrípeta, movimento de atração, sedução, desejo de ser penetrada, tornar-se fecunda; diferente do corpo masculino, que tem uma dinâmica centrífuga que corresponde ao movimento de penetração em relação ao objeto desejado”.

Assim, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line, Ceci detalha em que consistem esses movimentos de amor. “Os relatos místicos femininos refletem, em geral, uma forma de entrega amorosa própria. Lendo os escritos de Etty Hillesum, temos a sensação de que ela vai trabalhando a cada dia o

mundo que recebe em seu corpo. Com seu seio aberto, deixa-se penetrar pela vida”, constata. Para ela, a jovem judia vive não só o encontro consigo. Parte de si, mas busca uma relação com o mundo. “A mística de Etty Hillesum é uma mística relacional, ela chega a Deus na relação com o mundo e com o outro, lidando com a realidade que recebe em si e a inquieta. Não é apenas autoconhecimento, um conhecimento de si para si mesma. É um trabalho interior, um conhecimento de si para o outro”, explica.

**Ceci Maria Costa Baptista Mariani** é professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de Campinas e da faculdade de Teologia. Ainda integra a Sociedade de Teologia e Ciências da Religião - Soter. Possui bacharelado e Licenciatura em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Nossa Senhora de Medianeira, graduação em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção, mestrado em Teologia Dogmática pela Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora de Assunção e doutorado em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Entre suas publicações, destacamos *Mística e Teologia: Desafios contemporâneos e contribuições. Atualidade Teológica* (PUCRJ, 2009, v. 33) e *Teologia e Arte: expressões de transcendência, caminhos de renovação* (São Paulo: Paulinas, 2011).

**Confira a entrevista.**

## IHU On-Line – Como o místico e o feminino se revelam na experiência de Etty Hillesum?

**Ceci Maria Costa Baptista Mariani** – Eu tenho como referência para a compreensão do místico, a caracterização do fenômeno proposto por Velasco<sup>1</sup>. Esse autor vai distinguir na experiência mística os seguintes traços essenciais: (1) é uma experiência subjetiva que afeta o humano como um todo e tem lugar no centro da pessoa; (2) é vivida de forma insuperavelmente obscura e sumamente certa; (3) é uma experiência passiva, recebida como dom; (3) tem caráter extático, supõe descentramento; (4) impõe uma forma específica de uso das faculdades: a razão não atua explicando, compreendendo, mas escutando, e a vontade não intervém dominando, mas fazendo-se disponível e acolhendo; (5) impõe nesse sentido uma nova forma de ser que não se opera com base em possuir ou dominar, mas na disposição para entregar-se e acolher, é uma experiência que tem caráter oblatoivo<sup>2</sup>.

É certo que encontramos no diário de Etty Hillesum (escritos entre os anos 1941 e 1943), esses traços apontados por Velasco. Tendo inicialmente objetivos terapêuticos, esses cadernos vão narrar o processo que a leva ao encontro com Deus a partir do mergulho ao fundo de si mesma. Aconselhada por Julius Spier<sup>3</sup> – psiquirólogo com quem começa um acompanhamento – a realizar meia hora de meditação diá-

ria, essa mulher descobre, no silêncio atento aos seus movimentos interiores, os caminhos para o encontro com Deus que vai inspirar uma vivência profunda do amor no cotidiano da vida. A meditação, lemos no diário de Etty Hillesum, em registro de 8 de junho de 1941, tem como objetivo converter o mais íntimo do próprio ser em uma vasta planície vazia para que Deus e o amor possam entrar. Não o amor exclusivista que produz deleite indescritível e faz orgulhar-se do sublime que se sente, mas o amor que se pode dedicar às pequenas coisas de cada dia<sup>4</sup>.

“Quando nos atemos aos testemunhos femininos, percebemos que eles refletem uma forma própria de relação com a realidade”

Saindo da dispersão em busca do centro no interior de si, para além das aparências, se descobre a paz que vem do descentramento. No diário ela diz, o importante é deixar de lado o pequeno ego na relação com o trabalho e com as outras pessoas (posição 337), passar do pessoal ao suprapessoal, o mais importante é o todo. Dirigindo-se a si mesma, aconselha: “Hás de permanecer distanciada de tudo aquilo que atrai teu interesse. Não debes aliar tuas forças interiores a nenhuma outra coisa, não debes investir nelas, mas reservá-las para ti mesma. (...) não debes desejar possuir o outro, não exijas dele nada” (posição 343, registro de junho de 1941). Isso proporciona uma grande

liberdade. Em muitas narrativas consideradas místicas se observa uma relação íntima entre o descentramento e a liberdade. Dentro da tradição cristã isso é muito presente.

### Mística feminina

Esses traços que Velasco distingue, em princípio não oferecem elementos para falar de uma mística feminina, pois são características essenciais que se percebe nos vários relatos místicos independentemente de gênero, através de uma abordagem fenomenológica. No entanto, quando nos atemos aos testemunhos femininos, percebemos que eles refletem uma forma própria de relação com a realidade. Do ponto de vista simbólico, esclarece F. Dolto<sup>5</sup>, o corpo feminino é marcado por uma dinâmica centrípeta, movimento de atração, sedução, desejo de ser penetrada, tornar-se fecunda; diferente do corpo masculino, que tem uma dinâmica centrífuga que corresponde ao movimento de penetração em relação ao objeto desejado<sup>6</sup>. Sendo o relato místico, expressão de uma busca pessoal, ele carrega as marcas da corporeidade.

Os relatos místicos femininos refletem, em geral, uma forma de entrega amorosa própria. Lendo os escritos de Etty Hillesum, temos a sensação de que ela vai trabalhando a cada dia o mundo que recebe em seu corpo. Com seu seio aberto, deixa-se penetrar pela vida. Isso é simbolicamente feminino. Percebemos, em sua narrativa, que ela encontra o mistério de Deus – faz a experiência da totalidade – trabalhando a vida que recebe em si, com suas tensões e seus conflitos.

O seu itinerário espiritual inclui também a valorização da intuição, um aspecto associado à experiência feminina, no sentido que descreve, por exemplo, Edith Stein<sup>7</sup>, quando se refe-

1 Juan Martín Velasco (1934): teólogo espanhol, sacerdote, doutor em filosofia de Leuven, lecionou no seminário de Madrid (1960) e, desde 1970, é professor de fenomenologia na história da religião na Pontifícia Universidade de Salamanca. Suas obras incluem *El encuentro con Dios. Una interpretación personalista de la religión* (1976) e *Lenguaje científico, mítico y religioso* (1980). (Nota da IHU On-Line)

2 VELASCO, 1994, p. 79. (Nota da entrevistada)

3 Julius Spier (1887-1942): psicólogo e quirologista judeu alemão. Foi o primeiro gerente de banco do Beer, Sondheimer & Co, mas em 1925 muda sua vida e funda a Iris Edition. Segue um treinamento em canto clássico e vai para Zurique conhecer Carl Gustav Jung. Entra em análise e treina com ele por dois anos. Jung pediu-lhe que fizesse da “psiquiologia” o seu trabalho, tendo em conta o seu dom de ler nas linhas das mãos as aptidões e o caráter do povo. Abriu em 1930 um escritório em Berlim, onde se especializou em estabelecer diagnósticos médicos a partir da morfologia e linhas da mão, e desenvolver a partir deles uma abordagem terapêutica inspirada no ensino junguiano. Depois de se divorciar de sua primeira esposa (com quem teve dois filhos, Ruth e Wolfgang), pelas perseguições nazistas, ele emigra para Amsterdã, onde sua irmã já reside. É ali que vai conhecer Etty Hillesum. (Nota da IHU On-Line)

4 (HILLESUM, 2011, posição 308). (Nota da entrevistada)

5 Françoise Dolto (1908-1988): foi uma pediatra e psicanalista francesa. Foi nomeada por Michel Foucault como um dos signatários proeminentes da petição francesa de 1977 contra as leis de idade de consentimento. (Nota da IHU On-Line)

6 cf. DOLTO, Françoise. No jogo do desejo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984, pp. 260-26. (Nota da entrevistada)

7 Edith Theresa Hedwing Stein [Edith Stein] (1891-1942): religiosa alemã, a última de onze irmãos de uma família judia que professava o judaísmo. Faleceu, aos 51 anos, asfixiada numa câmara de gás, no campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. Foi professora de Filosofia, discípula de Edmund Husserl. Para conhecer mais sobre

re a uma natureza própria da mulher voltada para o cuidado. Na mulher, ela afirma, existe uma tendência natural à totalidade e integridade em dois sentidos: ela própria gostaria de transformar-se num ser humano completo, total e universalmente desenvolvido, além de querer ajudar também aos outros a serem assim e de ter em vista sempre o ser humano completo quando lida com as pessoas<sup>8</sup>. No seu relato de 7 de outubro de 1941, Etty Hillesum escreve: “Não debes viver baseando-se unicamente em tua inteligência, mas em fontes mais profundas, mais permanentes, se bem que debes estar agradecida à tua inteligência como precioso instrumento para aprofundar os problemas que sua alma suscita. Dito mais sobriamente: o que tudo isso quer dizer-me é que, provavelmente, deveria ter mais confiança em minha intuição” (posição 500).

### Dor e amor

Olhando para o profundo de si, Etty Hillesum encontra as palavras apropriadas para falar da passividade que também marca simbolicamente o feminino por estar associada à atitude receptiva própria da corporeidade feminina. Vale ler todo o dolorido registro de 4 de setembro de 1941 onde se encontram reflexões em que a dor de amor provocada pela consciência de não poder ter o homem que ama se mistura às dores experimentadas no enfrentamento dos desafios da realidade social conflituosa em que está imersa. No interior desse relato, ela fala de passividade ativa, uma forma de expressão muito interessante para descrever a síntese operada internamente entre atividade e passividade: “Às vezes sinto que estou em um abrasador purgatório e que estou sendo forjada em outra coisa. Mas, em quê? Somente posso ser passiva, deixar que me suceda. Mas também sinto que todos os problemas de nossa época e da humanidade em geral têm que ser combatidos dentro de

minha pequena cabeça. E isso significa ser ativa”.

Essa síntese a partir da vivência feminina da passividade que Etty Hillesum percebe tão bem, talvez seja uma das melhores contribuições que a mulher possa dar no resgate da possibilidade de uma atuação no mundo fundada na comunhão e não na dominação.

### IHU On-Line – O que mais o encanta da experiência mística de Etty Hillesum? Por quê?

**Ceci Maria Costa Baptista Mariani** – O que me toca nos escritos de Etty Hillesum é a transparência. Seu esforço sincero de falar sobre si mesma, convicta do bem que as suas descobertas espirituais podem proporcionar a outras mulheres. O trabalho de enfrentar-se a si mesma buscando palavras apropriadas: “Não há remédio: terei que resolver meus próprios problemas. Sempre tenho a sensação de que se os resolvo para mim mesma, também os resolverei para outras mil mulheres. Por isso tenho que enfrentar-me a mim mesma. Mas a vida é, certamente, muito difícil, sobretudo quando não se encontram as palavras apropriadas”<sup>9</sup>.

Sua experiência espiritual é, de fato, eucarística. O relato de sua dura busca pessoal não é apresentado como modelo de superação a ser seguido, mas como oferta de si. Vale destacar esse belo extrato: “Sigo buscando fora a confirmação do que se oculta em meu interior, sabendo que só posso obter clareza empregando minhas próprias palavras. Tenho que acabar com essa preguiça, e em particular com minhas inibições e minhas inseguranças, se quero encontrar a mim mesma e, desse modo, encontrar aos demais. Devo obter clareza e aprender a aceitar-me”<sup>10</sup>.

### IHU On-Line – Como Etty Hillesum chega ao seu Deus e de

que forma isso se reverte na relação com o outro?

**Ceci Maria Costa Baptista Mariani** – A mística de Etty Hillesum é uma mística relacional, ela chega a Deus na relação com o mundo e com o outro, lidando com a realidade que recebe em si e a inquieta. Não é apenas autoconhecimento, um conhecimento de si para si mesma. É um trabalho interior, um conhecimento de si para o outro. Isso é extremamente atual e necessário em uma sociedade narcisista que entende o conhecimento de si como autoajuda para um bem viver superficial e não como duro trabalho de aprofundamento. Sua tarefa espiritual é encontrar palavras apropriadas que deem sentido à vida em ebulição – em tensão, em contradição – e oferecê-las (sabe que o que resolve em si, resolve para mil outras mulheres).

É certo que esse seu esforço de encontrar palavras apropriadas que refletem o sentido das coisas é a melhor dádiva, um grande ato de amor que alcança a todos, atravessa o tempo e chega a nós com grande poder de atuar em novas sensibilidades. Escrever sobre a sua relação com o mundo é sua missão sagrada. Vale destacar a força do que escreve no registro de 26 de agosto de 1941: “Estou sumamente incomodada, com um estranho e infernal desassossego que poderia ser produtivo se soubesse o que fazer com ele. Uma inquietude ‘criativa’. Não do corpo – nem sequer uma dezena de apaixonadas noites de amor poderia mitigá-la. É quase uma inquietude ‘sagrada’. ‘Oh, Deus, toma-me em tuas grandes mãos e converte-me em seu instrumento, permite-me escrever...’”<sup>11</sup>.

### IHU On-Line – Como a Modernidade impacta na experiência mística?

**Ceci Maria Costa Baptista Mariani** – Os registros de Etty Hillesum podem ser considerados bons exemplos de uma mística que se con-

seu pensamento, consulte a edição 168 da revista IHU On-Line, de 12-12-2005, sob o título Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XX. (Nota da IHU On-Line)  
8 STEIN, 1999, p. 282. (Nota da entrevistada)

9 HILLESUM, 2011, posição 349, registro de 4 de agosto de 1941. (Nota da entrevistada)

10 Ibidem, posição 349. (Nota da entrevistada)

11 posição 516. (Nota da entrevistada)

figurou com as transformações modernas. Ela pode ser caracterizada como uma mística dos olhos abertos, para usar a expressão de Metz<sup>12</sup>. Uma mística que conta com o desenvolvimento de uma consciência histórica crítica adquirida na modernidade e que tem no seu centro a compaixão. Uma hermenêutica histórico-crítica possibilita ver mais claramente que o olhar messiânico de Jesus que não se destina aos pecados dos outros, mas aos seus sofrimentos. Descubra-se com isso, no olhar de Jesus, “a paixão por Deus como empatia pelo sofrimento alheio, como mística prática de compaixão”<sup>13</sup>.

Metz fala a partir do cristianismo, mas podemos observar esse espírito também em outras tradições. No judaísmo, por exemplo, temos os escritos de Heschel<sup>14</sup> que tem um sentido profético muito forte. No livro intitulado *O Schabat. Seu significado para o homem moderno* (2002), ele faz uma crítica à civilização técnica que fez do trabalho lugar de exploração: “A despeito de nossos triunfos, caímos vítimas do trabalho de nossas mãos; é como se as forças que conquistamos nos tenham conquistado”, ele escreve. Para ele, o sábado, dia de abstenção do trabalho, é um dia de resistência, “dia para estarmos conosco, um dia de separação do vulgar, de independência de obrigações externas, um dia em que nós deixamos de adorar ídolos da civilização técnica, um dia que não usamos dinheiro, um dia de armistício na luta econômica com nossos semelhan-

tes e com as forças da natureza (...)”.

Também Moltmann<sup>15</sup>, resgatando a tradição judaica do cristianismo, em sua obra *A fonte da vida: O Espírito Santo e a teologia da vida* (2002), vai refletir sobre a santidade como testemunho de vida que implica liberdade e justiça. Deus santifica o povo, ele afirma, caminhando junto com ele e promovendo um aprendizado de liberdade e justiça: “Como companheiro de Israel na caminhada e também no sofrimento, Deus santifica o povo que elegeu, fazendo dele a ‘luz das nações’, porque desse povo hão de vir o conhecimento de Deus, a liberdade e a justiça, ou seja, a salvação do *shalon* para todos os povos” (p. 54). Para os cristãos, ele acrescenta, santificação é seguir a Jesus que vivenciou a contradição entre a vontade de santificação divina e o sentido humano da santidade como privilégio.

### Etty

A mística expressa nos registros do diário de Etty Hillesum tem esse mesmo sentido de uma espiritualidade engajada na realidade e marcada pela compaixão e pelo cuidado. Diante da dura realidade da *Shoá* que toca a sua própria pele, Etty Hillesum reza a Deus, dizendo: “Pretendo enfrentar o seu mundo, oh Deus, não fugir da realidade para os meus belos sonhos – embora eu acredite que belos sonhos possam coexistir com a realidade mais horrível – e continue a louvar sua criação, oh Deus, apesar de tudo.”<sup>16</sup> Quer olhar tudo de frente, inclusive os piores delitos, e “descobrir o pequeno ser humano

nu em meio aos restos monstruosos provocados pelas absurdas ações do homem”<sup>17</sup>.

Em seu diário, ela expressa um compromisso espiritual com a ação. Quer ajudar a Deus, pois entende que Deus só pode nos ajudar se nos dispomos a ajudá-lo. E ajudar a Deus significa para ela, fundamentalmente, proteger o que há de Deus em nós e nos outros. No registro de julho de 1942, anotação intitulada “*Oração matutina de domingo*”, podemos ler: “E tudo o que podemos fazer nesses dias e o que realmente importa é proteger esse pouco de ti, oh Deus, em nós. (...) devemos defender a sua morada em nosso interior até o final”<sup>18</sup>.

Podemos dizer que Etty Hillesum é de fato contemplativa na ação, pois os seus registros vão mostrar um esforço cotidiano de concentrar-se no que é fundamental, fazer com que cada dia seja uma pedra a mais na construção do futuro que se mostra tão incerto. No mesmo registro de 12 de julho de 1942, ela escreve: “Oh Deus, tenho a suficiente força para sofrer em grande escala, mas existem mais de mil preocupações diárias que me assaltam sem aviso prévio como se fossem pulgas. Assim que, por hora me coço e me digo: ‘Já recebi suficiente atenção neste dia, os muros protetores de um lugar acolhedor ainda me rodeiam como uma roupa gasta e familiar, há suficiente comida para hoje, e a cama, com lençóis brancos e cobertores quentes, me aguarda essa noite, então não permitas que desperdice um átomo de minha força em mínimas preocupações materiais. Faça que eu use cada minuto e o converta em um dia proveitoso, uma pedra a mais nos cimentos sobre os quais construir nosso futuro tão incerto”<sup>19</sup>.

**IHU On-Line – Podemos compreender a mística como uma crítica ao estado de opressão que se vive? Por quê?**

**Ceci Maria Costa Baptista Ma-**

12 Johann Baptist Metz (1928): teólogo católico alemão, professor de Teologia Fundamental, professor emérito na Universidade de Münster, Alemanha. Aluno de Karl Rahner, desfilou-se da teologia transcendental de Rahner, em troca de uma teologia fundamentada na prática. Metz está no centro de uma escola da teologia política que influenciou fortemente a Teologia da Libertação. É um dos teólogos alemães mais influentes no pós-Concílio Vaticano II. Seus pensamentos giram ao redor de atenção fundamental ao sofrimento de outros. As chaves de sua teologia é memória, solidariedade e narrativa. Dele publicamos uma entrevista na 13ª edição, de 15-4-2002, disponível em <http://bit.ly/ihuon13>. (Nota da IHU On-Line)

13 METZ, 2013, p. 19. (Nota da entrevistada)

14 Abraham Joshua Heschel (1907-1972): rabino nascido na Polônia, de origem judaica hassídica (tinha entre seus ascendentes várias lideranças ligadas ao movimento hassídico do leste europeu). Estudou na Universidade Humboldt, Alemanha, e viveu nos Estados Unidos. Esteve ao lado de Martin Luther King em manifestações pela igualdade de direitos entre brancos e negros. É autor de *O Schabat: seu significado para o homem moderno* (São Paulo: Editora Perspectiva, 2012), obra que, no contexto da espiritualidade judaica, introduz a ideia de uma “arquitetura da santidade”, surgida não no espaço, mas no tempo: o judaísmo seria uma religião da temporalidade, com significações relacionadas à eternidade. (Nota da IHU On-Line)

15 Jürgen Moltmann (1926): professor emérito de Teologia da Faculdade Evangélica da Universidade de Tübingen. Um dos mais importantes teólogos vivos da atualidade. Foi um dos inspiradores da Teologia Política nos anos 1960 e influenciou a Teologia da Libertação. É autor de *Teologia da Esperança* (São Paulo: Herder, 1971) e *Deus crucificado: a cruz de Cristo como fundamento e crítica da teologia cristã* (Petrópolis: Vozes, 1993), entre outros. Do autor, a Editora Unisinos publicou o livro *A vinda de Deus. Escatologia cristã* (São Leopoldo, 2003). Confira a entrevista de Moltmann na IHU On-Line nº 94, de 29-3-2004 em <http://bit.ly/ihuon94>. Sobre o tema, Frei Luiz Carlos Susin deu uma entrevista na edição 72, de 25-8-2003, disponível em <http://bit.ly/ihuon72>. A edição 23 dos Cadernos Teologia Pública, de 26-9-2006, tem como título *Da possibilidade de morte da Terra à afirmação da vida. A teologia ecológica de Jürgen Moltmann*, de autoria de Paulo Sérgio Lopes Gonçalves. (Nota da IHU On-Line)

16 registro de 29 de maio de 1942, posição 635. (Nota da entrevistada)

17 posição 632. (Nota da entrevistada)

18 posição 645. (Nota da entrevistada)

19 posição 652. (Nota da entrevistada)

**riani** – Olhando para as narrativas místicas, percebe-se muito bem a sua dimensão crítica. Em vista de uma aproximação mais íntima a Deus e almejando um contato mais direto com o Absoluto, o místico, por um lado, vislumbra o essencial, central na existência. Rubem Alves<sup>20</sup>, um teólogo brasileiro de quem eu gosto muito, falecido em 2014, fala que na profundidade do humano habita uma grande ausência, um desejo imenso que indica que não estamos limitados a essa vivência imanente e que somos destinados à transcendência.

Vislumbrando o absoluto, o místico capta, por outro lado, a relatividade de todas as coisas. Ora, o poder da opressão está muitas vezes associado à idolatria, ao fato de se atribuir valor absoluto ao que é relativo, transformar o que é mediação em fim último. Esse é o grande debate empreendido por Paulo<sup>21</sup> na Carta ao Romanos em torno do tema da Lei. Absolutizar a lei religiosa ou moral, absolutizar um sistema político, absolutizar uma forma de organização social etc. é estar sob o risco da escravidão. O místico

descobre a quem pertence e a partir disso ordena a sua vida.

Nessa medida, é livre, resiste a toda forma de opressão. Uma espiritualidade mística, como vemos nos relatos de Etty Hillesum já citados anteriormente, confere centralidade ao sujeito porque nutre a partir mesmo da fonte, do Mistério Santo, do “De onde” e do “Para Onde” de nossa existência.

“A mística de Etty Hillesum é uma mística relacional, ela chega a Deus na relação com o mundo e com o outro”

**IHU On-Line – Qual o espaço da mística numa sociedade pós-moderna? Que caminhos a mística pode nos abrir para encarmos os desafios de nosso tempo?**

**Ceci Maria Costa Baptista Mariani** – Estamos caminhando sobre os escombros da Modernidade e vendo a religião transformada em um conjunto de quinquilharias e sendo oferecida como mercadoria barata. Lipovetsky<sup>22</sup>, em sua obra *A felicidade paradoxal* (2007), descreve muito bem a espiritualidade do consumo. Na sua interpretação, o retorno do religioso é, na verdade, uma reconfiguração do cristianismo mais adequado aos ideais de felicidade hedonista do capitalismo de consumo. Essa espiritualidade de consumo se constitui, ele afirma, sobre um fundo “de enfra-

quecimento das capacidades organizadoras das instituições religiosas, a tendência forte é para a individualização do crer e do agir, para a afetivização e a relativização das crenças” (p. 132). Faz parte da última fase do capitalismo de consumo a penetração dos princípios do hiperconsumo no interior da alma religiosa.

Por outro lado, observam-se ainda posturas que recorrem a um outro polo, vemos claramente o crescimento do fundamentalismo religioso. Num contexto de relativismo promovido pela multiplicação de ofertas religiosas, muitos vão buscar socorro em propostas em geral dogmáticas e moralistas, que ofereçam respostas claras e seguras. Os caminhos da mística em contraposição a essa onda de superficialidade ou ao enrijecimento tradicionalista, é busca de liberdade apoiada no encontro com esse Mistério Santo com o qual nos deparamos quando ousamos, na vida, empreender mergulhos mais profundos, inspirados nos testemunhos desses que, como Etty Hillesum, trilharam esse itinerário e encontraram as palavras apropriadas para comunicar a beleza das suas descobertas espirituais.

**IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Ceci Maria Costa Baptista Mariani** – Quero agradecer ao IHU por ter me convidado a debruçar sobre a experiência espiritual dessa mulher nesse momento de celebração do advento, de contemplação do Mistério da Encarnação. Seus escritos são realmente inspiradores, frutos de intensa convivência com essa Presença amorosa que armou sua tenda nesse mundo. Espero que esse trabalho de vocês contribua muito para tornar essas belas palavras mais conhecidas entre nós. Lamentavelmente temos apenas uma edição em língua portuguesa do livro *Uma vida interrompida*, publicada em 1981 pela editora Record e de muito difícil acesso. Quem sabe, por conta de uma maior divulgação desses escritos, possamos ganhar uma nova edição em português aqui no Brasil. ■

20 Rubem Azevedo Alves [Rubem Alves ] (1933-2014): foi um psicanalista, educador, teólogo, escritor e pastor presbiteriano brasileiro. Foi autor de livros religiosos, educacionais, existenciais e infantis. É considerado um dos maiores pedagogos brasileiros de todos os tempos [carece de fontes], um dos fundadores da Teologia da Libertação e intelectual polivalente nos debates sociais no Brasil. Foi professor da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. (Nota da IHU On-Line)

21 Paulo de Tarso (3-66 d.C.): nascido em Tarso, na Cilícia, hoje Turquia, era originariamente chamado de Saulo. Entretanto, é mais conhecido como São Paulo, o Apóstolo. É considerado por muitos cristãos como o mais importante discípulo de Jesus e, depois de Jesus, a figura mais importante no desenvolvimento do Cristianismo nascente. Paulo de Tarso é um apóstolo diferente dos demais. Primeiro porque, ao contrário dos outros, não conheceu Jesus pessoalmente. Antes de sua conversão, se dedicava à perseguição dos primeiros discípulos de Jesus na região de Jerusalém. Em uma dessas missões, quando se dirigia a Damasco, teve uma visão de Jesus envolto numa grande luz e ficou cego. A visão foi recuperada após três dias por Ananias, que o batizou como cristão. A partir deste encontro, Paulo começou a pregar o Cristianismo. Ele era um homem culto, frequentou uma escola em Jerusalém, fez carreira no Templo (era fariseu), onde foi sacerdote. Era educado em duas culturas: a grega e a judaica. Paulo fez muito pela difusão do Cristianismo entre os gentios e é considerado uma das principais fontes da doutrina da Igreja. As suas Epístolas formam uma seção fundamental do Novo Testamento. Afirma-se que foi ele quem verdadeiramente transformou o cristianismo em uma nova religião, superando a anterior condição de seita do Judaísmo. A IHU On-Line 175, de 10-4-2006, dedicou sua capa ao tema Paulo de Tarso e a contemporaneidade, disponível em <http://bit.ly/ihuon175>, assim como a edição 286, de 22-12-2008, Paulo de Tarso: a sua relevância atual, disponível em <https://goo.gl/bKZcM0>. Também são dedicadas ao religioso a edição 32 dos Cadernos IHU em formação, Paulo de Tarso desafia a Igreja de hoje a um novo sentido de realidade, disponível em <http://bit.ly/ihuem32>, e a edição 55 dos Cadernos Teologia Pública, São Paulo contra as mulheres? Afirmação e declínio da mulher cristã no século I, disponível em <http://bit.ly/ihuteo55>. (Nota da IHU On-Line)

22 Gilles Lipovetsky (1944): filósofo francês, professor de filosofia da Universidade de Grenoble, teórico da hipermodernidade, autor dos livros *A Era do Vazio*, *O luxo eterno*, *O império do efêmero*, entre outros. Sobre o tema, confira a edição 105 da revista IHU On-Line, edição 105, de 14-6-2004, intitulada *Moda. Luxo. Uma sociedade cosmética*, disponível para download em <http://www.ihuonline.unisinos.br/uploads/edicoes/1158262259.25pdf.pdf>. (Nota da IHU On-Line)

## REFERÊNCIAS

OLTO, Françoise. **No jogo do desejo**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

HILLESUM, Ety. **Escritos esenciales**. Introducción y edición: Annemarie S. Kidder. Santander: Sal Terrae, 2011. (Ebook)

HESCHEL, Abraham Joschua. **O Schabat**. Seu significado para o homem moderno, São Paulo, Perspectiva, 2000.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

METZ, J. B. **Mística de olhos abertos**. São Paulo: Paulus, 2013.

MOLTMANN. **A fonte da vida: O Espírito Santo e a teologia da vida**. São Paulo: Loyola (2002).

STEIN, Edith. **A mulher**. Sua missão segundo a natureza e a graça. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

VELASCO, Juan Martin (org.). **La experiência mística**. Madrid: Ed. Trotta, 2004.

ACOMPANHE NO  
FACEBOOK  
/InstitutoHumanitasUnisinos



# A mística, uma vivência psíquica ? Não, uma experiência espiritual

A experiência mística de Etty Hillesum foi registrada em seu Diário, que nas primeiras anotações demonstra haver alguma coisa que a incomoda, relata Ricardo Fenati

João Vitor Santos | Edição: Patricia Fachin

Os desafios para apreender a experiência mística de Etty Hillesum “decorrem da natureza” da própria experiência mística, que transcende a razão, pontua Ricardo Fenati. Segundo ele, numa cultura como a nossa, “marcada pela onipresença do discurso”, aquelas “experiências que assinalam os limites da linguagem tendem a ser ignoradas ou circular em meios muito restritos”. Em relação às experiências místicas, frisa, “há uma dificuldade adicional, dada a deterioração que a expressão mística vem sofrendo”. Na avaliação do professor, o “uso abusivo” do termo mística tem diluído o seu significado e é “preciso resgatar o seu uso mais apropriado que alude seja ao limite da racionalidade, seja, sobretudo, à presença de uma Alteridade radical”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail para a IHU On-Line, Fenati explica que a experiência mística “assinala os limites do humano, numa civilização marcada pela ilusão da saciedade e da autossuficiência” e implica “um afastamento do eu”, “um mergulho no que o excede” e, portanto, “trata-se de uma

experiência espiritual, e não de uma vivência psíquica”.

Etty Hillesum, menciona o professor, é um exemplo de quem viveu a experiência mística. “Se formos capazes de acolher esse desconhecimento a que pertencemos, é bem possível que isso nos aproxime de uma experiência religiosa. Esse foi o caso de Etty Hillesum. Mas não se trata de um método. Ou como diz ela: ‘A única coisa que uma pessoa pode fazer é pôr-se humildemente à disposição e deixar-se tornar um campo de batalha. As questões têm de se albergar nalgum lado, precisam encontrar um lugar onde possam lutar e descansar, e nós, míseros humanos, devemos abrir nosso espaço interior a elas e não fugirmos”.

**Ricardo Fenati** graduou-se e fez mestrado em Filosofia na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, cuja dissertação debruçou-se sobre o tema O mal-estar na epistemologia, a partir de Gaston Bachelard. Fenati integra o Centro Loyola, de Belo Horizonte.

**Confira a entrevista.**

## IHU On-Line – O senhor situa a experiência de Etty Hillesum entre o sofrimento e a sede de infinito. Por quê?

**Ricardo Fenati** – Se acompanharmos o *Diário* de Etty Hillesum, veremos, já nas primeiras anotações, o sentimento de que há alguma coisa que a incomoda, alguma coisa a ser enfrentada, ainda que não se saiba exatamente do que se trata. É ela quem diz que “há algo que continua profundamente encarcerado dentro de mim... é como se lá bem no fun-

do houvesse... algo a prender-me”. E como a ela sobram argúcia intelectual e experiência existencial, o que lhe parece faltar não é oferecido pela vida em torno, que ela experimenta intensamente. Ou seja, o mal-estar a que ela se refere excede os recursos disponíveis no meio à sua volta, alude a alguma coisa ainda não nomeada, mas que, à maneira de uma ausência, permanece presente. Mais do que sofrimento, talvez devêssemos falar de padecimento, de um pathos que invade a existência e que

nada, num primeiro momento, parece aplacar. E ela espera que, com o tempo, tudo isso que, por ora, permanece oculto, venha à tona. Tem, então, apenas 27 anos e espera muito do futuro.

## IHU On-Line – Quais os maiores desafios para apreender a experiência mística de Etty Hillesum?

**Ricardo Fenati** – Inicialmente, os desafios que decorrem da natu-

reza da experiência mística, sabidamente opaca às investidas de uma razão bem-comportada. Numa cultura marcada pela onipresença do discurso, experiências que assinalam os limites da linguagem tendem a ser ignoradas ou circular em meios muito restritos. E, no que se refere a experiências de natureza mística, há uma dificuldade adicional, dada a deterioração que a expressão mística vem sofrendo. O uso abusivo dessa expressão – a mística de um time de futebol, por exemplo – dilui o seu significado. Seria preciso resgatar o seu uso mais apropriado que alude seja ao limite da racionalidade, seja, sobretudo, à presença de uma Alteridade radical. Também devemos lembrar que tradição católica entre nós é pouca afeita à dimensão mística da experiência religiosa.

**IHU On-Line – Quais são as marcas e características dos chamados místicos contemporâneos? O que os diferem da mística medieval, especialmente no que diz respeito à busca do “eu interior”?**

**Ricardo Fenati** – Essa é uma pergunta muito ampla e seria muito difícil respondê-la. São muitos os místicos contemporâneos, e eles pertencem a tradições religiosas muito distintas, o que inviabiliza uma caracterização mais aguda. Observo apenas dois pontos: o primeiro diz respeito à implausibilidade da experiência mística, cuja natureza assinala os limites do humano, numa civilização marcada pela ilusão da saciedade e da autosuficiência. Nesse sentido, o campo da mística – enquanto experiência e enquanto reflexão – é um lugar efetivo de crítica da cultura. E o segundo ponto é que costumamos nos esquecer que a experiência mística é um afastamento do eu, é um mergulho no que o excede. Trata-se de uma experiência espiritual, e não de uma vivência psíquica.

**IHU On-Line – Etty Hillesum busca um Deus na profundida-**

**de de nossa singularidade humana. Mas como compreender esse seu movimento em meio à dor de uma guerra gerada pelo que de pior pode haver na perversidade humana?**

**Ricardo Fenati** – Essa é a singularidade da experiência de Etty Hillesum. Se havia, e havia, nela o pressentimento de algo a sua espera, de algo a ser desenterrado em meio a escombros, apenas com a perseguição dolorosa ao seu povo e a si mesma é que esse pressentimento se torna um acontecimento. É ela quem diz: “Trabalho e vivo com a mesma convicção e acho a vida prenhe de sentido, cheia de sentido apesar de tudo, embora já não me atreva a dizer uma coisa dessas em grupo... O viver e o morrer, o sofrimento e a alegria, as bo-lhas nos meus pés gastos e o jasmim atrás do quintal, as perseguições, as incontáveis violências gratuitas, tudo e tudo em mim é como se fosse uma forte unidade e começo a entender cada vez melhor, espontaneamente por mim, sem que ainda o consiga explicar a alguém como as coisas são”.

“O campo da mística – enquanto experiência e enquanto reflexão – é um lugar efetivo de crítica da cultura”

Talvez estejamos acostumados a acolher a presença de Deus apenas em circunstâncias pouco adversas, mas convém lembrar que não há gesto humano, nem mesmo a mais absurda e dolorosa das guerras, capaz de extinguir ou mesmo impossi-

bilitar a presença de Deus entre nós.

**IHU On-Line – Como o senhor apreende a presença do pensamento de Julius Spier<sup>1</sup> na mística de Etty Hillesum?**

**Ricardo Fenati** – José Tolentino Mendonça<sup>2</sup>, que prefacia a edição portuguesa do *Diário*, fala de três encontros decisivos na vida de Etty Hillesum: “o primeiro tem o nome de uma pessoa; o segundo tem o nome de um lugar; o terceiro não tem nome: é o encontro com o próprio Inominável”. A pessoa do primeiro encontro é Julius Spier, que se ocupa da psicoquirologia, leitura morfológica das mãos. Spier, à maneira de um tutor, é o primeiro a indicar uma passagem na selva de sentimentos que caracterizava a vida de Etty Hillesum. As palavras dela não poderiam ser mais claras: “ele foi o obstetra de minha alma”. Com ele, ela aprende a orar, a se referir a Deus. Lê a Bíblia, lê Sto. Agostinho<sup>3</sup>. É junto a ele que irá descobrir a singularidade do seu caminho. E é dele que escuta: “Tenho a impressão de ser um estado preparatório para um grande amor teu”. Um pouco mais tarde, Julius Spier morre e ela prossegue o caminho.

<sup>1</sup> Julius Spier (1887-1942): psicólogo e quirologista judeu alemão. Foi o primeiro gerente de banco do Beer, Sondheimer & Co, mas em 1925 muda sua vida e funda a Iris Edition. Segue em treinamento em canto clássico e vai para Zurique conhecer Carl Gustav Jung. Entra em análise e treina com ele por dois anos. Jung pediu-lhe que fizesse da “psicoquirologia” o seu trabalho, tendo em conta o seu dom de ler nas linhas das mãos as aptidões e o caráter do povo. Abriu em 1930 um escritório em Berlim, onde se especializou em estabelecer diagnósticos médicos a partir da morfologia e linhas da mão, e desenvolver a partir deles uma abordagem terapêutica inspirada no ensino junguiano. Depois de se divorciar de sua primeira esposa (com quem teve dois filhos, Ruth e Wolfgang), pelas perseguições nazistas, ele emigra para Amsterdã, onde sua irmã já reside. É ali que vai conhecer Etty Hillesum. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> José Tolentino Calaça Mendonça (1965): teólogo e poeta português. Ordenado padre em 28 de julho de 1990, deslocou-se para Roma, onde terminou o seu mestrado em Ciências Bíblicas. Doutorando em Teologia Bíblica e escritor de peças de teatro, é igualmente diretor da revista de teologia *Didaskalia* editada pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa. Atualmente é professor auxiliar na mesma Universidade e diretor do Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura da Conferência Episcopal Portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> Agostinho de Hipona (354-430): conhecido como Santo Agostinho, foi um dos mais importantes teólogos e filósofos dos primeiros anos do cristianismo, cujas obras foram muito influentes no desenvolvimento do cristianismo e da filosofia ocidental. Escrevendo na era patrística, ele é amplamente considerado o mais importante dos padres da Igreja no Ocidente. Suas obras-primas são *A cidade de Deus* e *Confissões*. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line – Julius Spier defendia que corpo e alma estão estreitamente ligados e precisavam estar em harmonia. Podemos associar essa perspectiva a uma lógica moderna que articula fé e razão? Por quê?**

**Ricardo Fenati** – Certamente que Spier defendia a interação entre corpo e alma. Lembremo-nos que a iniciação espiritual de Etty Hillesum junto a seu mentor foi acompanhada de exercícios físicos e de um intenso convívio amoroso. Essa junção de corpo e alma não me parece constituir uma novidade para ela, cuja vida amorosa, desde muito tempo, nunca foi separada da inquietação espiritual. Somos nós, uma vez mais, na nossa tradição católica que temos dificuldade com essa aproximação. Com relação ao restante da questão, não concordo. Aqui não se trata da articulação entre fé e razão, mas do reconhecimento da sacralidade do corpo humano.

**IHU On-Line – Etty Hillesum começa sua jornada interior através do exercício da escrita. Podemos compreender esse como um método para acessar o divino que habita em nós? Por quê?**

**Ricardo Fenati** – Etty Hillesum é intelectualmente talentosa. Leitora de Rilke<sup>4</sup> e Dostoiévski<sup>5</sup>, professora de russo, certamente seguiria a carreira acadêmica, não fosse o seu assassinato tão precoce. Escrever, portanto, estava no seu horizonte.

4 Rainer Maria Rilke (1875-1926): um dos mais importantes poetas de língua alemã do século 20 por sua obra inovadora e seu incomparável estilo lírico. (Nota da IHU On-Line)

5 Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destaca-se Crime e castigo, O Idiota, Os Demônios e Os Irmãos Karamázov. Ao autor, a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa intitulada Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano, disponível em <http://bit.ly/ihuon195>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: Dostoiévski e Tolstói: exacerbação e estranhamento, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <https://goo.gl/xzfwFD>; Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamazov, de Dostoiévski, na edição 288, de 6-4-2009, disponível em <https://goo.gl/VvqQSt>; Dostoiévski chorou com Hegel, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 2-7-2007, disponível em <https://goo.gl/Uap1Sb>. (Nota da IHU On-Line)

Mas a origem do *Diário* é outra, procede da busca de compreensão de si, quando já está bastante próxima de Jules Spier. É ela quem diz: “Vai ser um momento doloroso e difícil de ultrapassar para mim: confiar o meu ânimo reprimido a um insignificante pedaço de papel quadriculado. Os pensamentos são por vezes muito nítidos e claros na minha mente, os sentimentos extremamente profundos, é, porém, difícil conseguir escrevê-los. Essencialmente, acho, tem a ver com um sentimento de vergonha”.

“Pausa e silêncio são formas de combater nossa voracidade”

O *Diário*, que não foi escrito tendo em vista a publicação, é constitutivo do itinerário espiritual de Etty Hillesum. É um exercício de intimidade, uma forma de atenção a si mesma, um texto que recebemos do desconhecido que há em nós. Se formos capazes de acolher esse desconhecimento a que pertencemos, é bem possível que isso nos aproxime de uma experiência religiosa. Esse foi o caso de Etty Hillesum. Mas não se trata de um método. Ou como diz ela: “A única coisa que uma pessoa pode fazer é pôr-se humildemente à disposição e deixar-se tornar um campo de batalha. As questões têm de se albergar nalgum lado, precisam encontrar um lugar onde possam lutar e descansar, e nós, míseros humanos, devemos abrir nosso espaço interior a elas e não fugirmos”.

**IHU On-Line – No seu processo de busca interior, Etty Hillesum descobre a necessidade de respeitar as pausas e os silên-**

**cios. O que são essas pausas e silêncios? E como os encontrar hoje, num tempo de muitas falas, ruídos e pouca escuta?**

**Ricardo Fenati** – Pausa e silêncio são formas de combater nossa voracidade. A realidade nunca se oferece ao nosso primeiro olhar, nunca se esgota nas interpretações habituais, não importa o quão compartilhadas elas sejam. A linguagem, o recurso à linguagem, é a primeira estratégia de que dispomos para não nos sujeitarmos aos nossos hábitos, aos nossos costumes e, é claro, à pressão de tudo que é imediato em nós. Mais adiante, também a linguagem e as ideias a que recorreremos podem funcionar como um esforço de plenitude, como uma recusa do vazio, do inacabado, do incerto. Ora, esses elementos são ingredientes inescapáveis da existência humana. Nas palavras de Etty Hillesum: “Há alturas em que gostaria de refugiar-me, com tudo o que existe em mim, em meia dúzia de palavras, procurar um abrigo para aquilo que há em mim, em algumas palavras. Mas ainda não há palavras que queiram me abrigar... E eu estou sempre à procura de meia dúzia de palavras”.

Não importa muito, acredito, que o nosso tempo seja esse de muitas falas e ruído e pouca escuta. A aventura da existência sempre ocorre na singularidade de cada um de nós. E como estamos tratando de Etty Hillesum, convém lembrar que a sua experiência, de densidade mística insuspeita, ocorre em circunstâncias as mais desfavoráveis possíveis, em meio a uma violência estonteante.

**IHU On-Line – Como Etty Hillesum compreende o amor e de que forma esse amor a conecta ao divino?**

**Ricardo Fenati** – A experiência amorosa, nas suas diversas dimensões, sempre esteve presente na vida de Etty Hillesum. No seu *Diário*, ela diz que “Eroticamente sou refinada, e quase diria suficien-

temente experiente para figurar entre o número das boas amantes”. E devemos lembrar que manteve, durante muito tempo, uma dupla ligação amorosa, com Jules Spier e com Han Wegerif<sup>6</sup>, em cuja casa morava. Mais adiante, após a sua aproximação mais intensa com a experiência religiosa, a disposição amorosa caminhará em mais direções. O seu trabalho como enfermeira no campo de Westerbork, o lugar do segundo encontro a que se referia Tolentino, e o terceiro, o seu encontro com o Inominável. E aí o que ela escreve e vive é inesquecível: “Vou ajudar-te, Deus, a não me abandonares”. Mais tarde escreverá: “Às vezes, pergunto-me, num momento difícil como esta noite, quais são os planos que tens para mim, tu Deus... Hoje, vendo bem, vivi coisas grandiosas e esta noite, também, meu Deus, agradeço-te por eu poder suportar tudo e por haver poucas coisas que não ponhas no meu caminho”. Ou ainda: “Dentro de mim há um poço profundo. E lá dentro está Deus. Às vezes consigo lá chegar. Mas acontece mais frequentemente haver pedras e cascalhos no poço, e aí Deus fica soterrado. Então é preciso desenterrá-lo”. A história, tão curta, tão intensa, de Etty narra uma crescente disponibilidade, uma crescente entrega e, mesmo, um progressivo repouso inquieto em Deus.

<sup>6</sup> Han Wegerif: contador, viúvo, pai de quatro filhos e dono de uma casa que abriga outras pessoas. Etty Hillesum acaba indo viver na sua casa, torna-se sua governante e tem uma relação com ele, ainda antes de conhecer Julius Spier. (Nota da IHU On-Line)

“A história, tão curta, tão intensa, de Etty narra uma crescente disponibilidade, uma crescente entrega e, mesmo, um progressivo repouso inquieto em Deus”

**IHU On-Line – Etty Hillesum transforma a dor em potência alegre de resistência. O que essa sua experiência pode nos dizer acerca de nosso tempo?**

**Ricardo Fenati** – Etty Hillesum, mais de uma vez, referindo-se aos alemães ocupantes do território holandês, diz que não deveríamos nos deixar aprisionar pelo ódio. Resistir ao que avilta a condição humana, o que procura banalizá-la, será sempre um dever. Foi o que ela fez em circunstâncias mais do que difíceis. Entretanto, nenhuma dor, é ainda

com ela que aprendemos, deve nos tomar a tal ponto que nos esqueçamos do que há de infinito na potência amorosa. Resistimos porque é nosso dever, resistimos porque nada é mais real do que aquilo que gera nossa esperança. Para terminar com palavras de Etty Hillesum: “... a vida é grandiosa e boa e interessante e eterna, e quando uma pessoa coloca a tônica sobre si própria e se debate e se enfurece, a pessoa ignora a grande e eterna corrente que é a vida... Então aparece de repente, batendo as asas com grande envergadura, um pedaço de eternidade sobre mim”.

**IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Ricardo Fenati** – Recomendo vivamente a leitura do *Diário* e das *Cartas* de Etty Hillesum. Estão editados em Portugal, pela Assírio e Alvim. No *Diário*, há um prefácio notável de José Tolentino Mendonça. E lamento que uma mística da grandeza de Etty Hillesum seja, do ponto de vista editorial, pouco difundida entre nós, ausente mesmo das editoras confessionais, o que talvez seja explicado pela quase ausência da tradição mística no catolicismo brasileiro. Contamos apenas com um volume publicado pelas Paulinas (*15 dias de oração com Etty Hillesum*). Tenho notícia de uma edição do *Diário* no Brasil, editora Record, 1981, mas trata-se de um volume difícil de ser encontrado. Em sites, é mais fácil encontrar material sobre Etty Hillesum. ■

## Leia mais

- O trânsito da mística no espaço do conhecimento. Entrevista com Ricardo Fenati, publicada na revista IHU On-Line número 435, disponível em <https://bit.ly/2EmRDeA>.



**ONTOLOGIAS ANARQUISTAS**

03/04 a 30/05 de 2019

19h30min às 22h  
Unisinos Campus Porto Alegre

# Etty Hillesum e a criação diante do abismo

Segundo a socióloga Gabriela Acerbi, os diários de Etty Hillesum são um apelo à criação e uma recusa a condicionar a experiência ao abismo

João Vitor Santos | Edição: Patricia Fachin

**A** catástrofe, seja como condição de vida ou como mote para a produção intelectual de Etty Hillesum, é o que desperta o interesse da socióloga Gabriela Acerbi para a obra dessa jovem judia, que narrou em cartas e diários a sua experiência durante a Segunda Guerra Mundial. “Etty é uma descoberta recente para mim e o que eu sei sobre ela, no sentido daquilo que me instiga em relação ao seu trabalho e sua vida, é que ela foi uma escritora na catástrofe. Na catástrofe, enquanto uma condição de vida e de produção intelectual, mas também sobre a catástrofe, enquanto um tema a ser abordado, que está refletido nos seus escritos de um modo muito particular, por outras vias. E é por isso que seu trabalho me afeta tanto”, diz.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Gabriela Acerbi menciona que, através dos diários de Etty, “somos convidados a um percurso onde fronteiras entre o íntimo e a noção de humanidade, entre o homem e a natureza, entre nós e a metafísica divina estão borradas, se atravessam e são constantemente redefinidas”. Nos escritos da jovem judia, que foi “emballada pelo estado de guerra e políticas de morte”, também é possível encontrar a sua “crença na criação, de que é possível criar mesmo sem escrever uma palavra ou pintando um quadro, mas moldando uma vida interior”, pontua.

Gabriela também encontra a potência criativa dos poemas de Etty na vida cotidiana, ao acompanhar experiências em moradias populares e em ocupações

ciganas da etnia callon na região do sul de Minas Gerais para o desenvolvimento de suas pesquisas. “Em uma das pesquisas que trabalhei direcionada às políticas de financiamento social e moradia popular, passei bastante tempo tentando redimensionar a vida e as formas de resistir nesse campo social da habitação que é também financeiro e que está imerso num sistema de crédito, dívida e estruturas do mercado”, observa. “Aos poucos mergulhando em políticas públicas e lógicas de gestão, se entende que a vida é feita, sim, a partir do que o Estado oferece, mas também a partir de todas as coisas e situações nas quais ele se ausenta. E nesse sentido, a vida é muito criativa. Podemos usar o mesmo raciocínio para pensar nas ocupações indígenas, quem sabe nas ocupações urbanas na cidade, ou nos movimentos camponeses. São tantas as ausências institucionais (sejam elas de esquerda ou direita), são tantas as derrotas quase corriqueiras – de um ponto de vista estrutural – que a vida vai sendo promovida por outros meios: um tal modo de fazer retalhado, também com tudo aquilo que falta. E isso tudo é muito produtivo, como eu já falei anteriormente, é tecido também a partir dos abismos colocados”, afirma.

**Gabriela Acerbi** é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Atualmente é mestranda em Ciências Sociais, com ênfase em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP.

**Confira a entrevista.**

## IHU On-Line – O que você conhece acerca de Etty Hillesum e sobre a sua forma de resistência à dor, ao sofrimento e à amargura gerados pela guerra?

**Gabriela Acerbi** – Etty é uma descoberta recente para mim e o que eu sei sobre ela, no sentido daquilo que me instiga em relação ao seu trabalho e sua vida, é que ela foi uma escritora na catástrofe. Na catástrofe, enquanto uma condição de vida e de produção intelectual, mas também sobre a catástrofe, enquanto um tema a ser abordado, que está refletido nos seus escritos de um modo muito particular, por outras vias. E é por isso que seu trabalho me afeta tanto.

Etty foi uma jovem judia que viveu intensamente a atmosfera da Segunda Guerra Mundial e seus desdobramentos mais violentos e íntimos, aqueles que afetaram os corpos durante o avanço das ocupações nazistas. É nesse contexto do holocausto, dessa matança de mais de oito milhões de pessoas consideradas “indignas de viver” que Etty começou a escrever o primeiro dos seus oito diários, isso em 1941, na Holanda, dois anos antes de ir para o campo de concentração. E é nesse contexto também que ela se produziu enquanto escritora e intelectual. É nesse universo tirânico que ela se formou e se fez enquanto uma mulher que estava ali elaborando, criando e reformulando os desdobramentos políticos do seu tempo à sua maneira. Elaborações éticas, estéticas, políticas, poéticas e místicas sobre o caos instaurado, também sobre si mesma e dimensões da experiência e do ser, num sentido mais filosófico e tecidas nesse estado de guerra total. Um estado de guerra que refletia a consolidação de uma racionalidade científica, totalitária, instrumental, que atuou sobre natureza, vidas, territórios e corpos, numa realidade de violência tão intensa que dificulta qualquer reflexão no sentido de reparações. E se você se dedicar aos escritos de Etty, vai encontrar ali forças imponderáveis, muito sutis, mas também potentes, de uma capacidade de seguir acreditando diante de

toda barbárie. E isso causa bastante estranhamento e ao mesmo tempo admiração.

Etty é uma mulher que vai morrer no campo de extermínio e que tem uma escrita embalada pelo estado de guerra e políticas de morte, mas que ao mesmo tempo está cavando fugas para o corpo capturado em Auschwitz. E sua poética vai sendo costurada entre esses dilaceramentos, de corpos, de subjetividades, de cidades, de organizações comunitárias, de famílias, de relações, da espiritualidade... Mas diante disso, ela está oferecendo algo que é mais do que um testemunho diante do horror e do abismo.

## “Ela foi uma escritora na catástrofe”

### Crença na criação

Em um de seus famosos trechos, Etty reforça sua crença na *criação*, de que é possível criar mesmo sem escrever uma palavra ou pintando um quadro, mas moldando uma *vida interior*, o que nos faz pensar muito nessa situação dos campos de concentração onde há uma paralisação do corpo, que aprisionado, não pode fazer muita coisa diante do horror. E ela está atenta a essa dimensão menor, que é também por onde compartilha a sua dor. Quando escreve, Etty vai povoando essa vida confinada e perseguida com outras forças, como, por exemplo, as forças da natureza a quem ela sempre se refere. Lendo seus diários, fico com a impressão de que Etty redimensiona sua vida capturada, por exemplo, quando insiste em dizer que em seu corpo correm largos rios, situam-se altas montanhas. Ou que nos matagais do seu desassossego – palavras suas – há largas planícies rasas do seu sossego e entrega. *“Todas as paisagens estão dentro de mim. Há igualmente lu-*

*gar para tudo. Em mim há a Terra e também o céu”.*

Etty morreu antes de completar 30 anos, em setembro de 1943. Ela também teve todos os seus familiares, pais e os dois irmãos exterminados pelo nazismo e o momento em que começou a escrever foi exatamente quando o domínio nazista se intensificou na Holanda, não muito distante de onde a pequena Anne Frank também escrevia.

Ainda sobre seus diários em tempos de guerra, tenho a impressão de que somos convidados a um percurso onde fronteiras entre o íntimo e a noção de humanidade, entre o homem e a natureza, entre nós e a metafísica divina estão borradas, se atravessam e são constantemente redefinidas. Lendo alguns trabalhos de análises sobre a produção de Etty, enquanto uma tradição também espiritual e um percurso de resistência e libertação, há autores que destacam o distanciamento de Etty de um olhar autocentrado, assim como o abandono de representações convencionais da vida e do eu. Tzvetan Todorov<sup>1</sup> (2016) vai defender que Etty se afasta progressivamente da tradição do pensamento ocidental, do predomínio do sujeito, onde a sua recusa e resistência propõem um caminho em que não há a prevalência do eu centralizador, nesses termos que estamos eurocentricamente familiarizados. E também, que ela propõe um direcionamento outro para que a vida pudesse ser salvaguardada, com novos parâmetros, como um recomeçar do zero na Europa pós-guerra. Nesse sentido, é mais do que uma oposição ao nazismo, mas uma recusa de lugares e modos de agir. Desses lugares afogados nos poços de ódio – em suas palavras – onde as retidões não vão vir em benefício de um “eu” autocentrado e nem apenas por ele. E nessa dimensão existencial que é outra, Etty estava sempre recrutando os elementos da natureza, experimentando árvores enquanto bosques inteiros,

<sup>1</sup> Resistenti. Storie di donne e uomini che hanno lottato per la giustizia [Resistentes. Histórias de mulheres e homens que lutaram pela justiça, em tradução livre], Ed. Garzanti, 2016. (Nota da entrevistada)

hospedando em si as flores, trazendo a terra. Trazendo-as para esse território existencial que afrontava os muros dos campos de concentração perseverando na vida pacientemente, de forma recolhida e até mesmo esvaziada, que era íntegra e criativa.

**IHU On-Line – Pensando ainda a partir da experiência de Etty, como compreender o avanço do individualismo e da intolerância no mundo de hoje? E como, em meio à aspereza das relações cotidianas, acreditar na possibilidade de mudança tanto através do amor quanto da alegria?**

**Gabriela Acerbi** – Entre as várias questões que podemos encontrar nos textos de Etty, vejo seu apelo à criação como uma estratégia de fuga, assim como uma forma de recusa à proliferação de práticas de ódio, tirania e dominação. Etty descreve como a barbárie nazista despertava uma barbárie idêntica, íntima, que se pudesse, empregaria os mesmos métodos de poder para fazer o que está na ordem do seu desejo. De acordo com ela, sobre essa barbárie que seria nossa, pessoal, talvez corporal, deveríamos rejeitar arduamente e interiormente, o que seria um combate a qualquer ódio possível de ser cultivado. Seria necessário manter acesa tal combatividade, coloca Etty, mas nunca, em hipótese alguma, ela poderia passar por um regime de ódio e violência, compartilhando o idioma desses sistemas dominadores, opressivos.

Quando comecei a ler Etty e pensar sobre essas questões de intolerância e sofrimento, lembrei muito de um livro do filósofo italiano Antonio Negri<sup>2</sup>, chamado *Jó a força do escravo*. Quando escreveu o livro, o autor cumpria seu quarto ano de

prisão, que aconteceu em 1979 por questões políticas associadas ao seu envolvimento na causa operária e lutas autônomas italianas. Apesar de abordagens e contexto distintos entre Etty e Negri – que também perdeu o pai assassinado por fascistas – promovi esse encontro, pois ambos remontam questões interessantes sobre tal compartilhamento da dor, as possibilidades da criação e desdobramentos possíveis diante de condições opressivas. É uma ligação imaginária sobre condições de vulnerabilidade que estruturam processos de reinvenção da vida.

“Lendo seus diários, fico com a impressão de que Etty redimensiona sua vida capturada”

**Avanço do individualismo e da intolerância**

E se a intenção é falar sobre o avanço do individualismo e da intolerância no mundo de hoje, a militância e o trabalho de Negri são bom encontro para reformular as questões desse individualismo, já que o que ele anuncia relaciona-se diretamente com as condições de desigualdade no modo de produção capitalista (que nos é uma condição e muito nos têm feito pensar atualmente em relação aos seus horizontes neoliberais). Penso que a questão da intolerância liga-se a tudo que sustenta esse modo que nos paralisa e esgota, estruturalmente, politicamente, economicamente, afetivamente e que também tem a ver com dimensões da colonialidade do poder, com a fabricação da miséria humana do

modo capitalista e as condições materiais e subjetivas que vão fazendo a vida ruir a partir desses domínios e referentes. Diante disso, Negri é bom também porque nos ajuda a pensar a partir das derrotas, com sua análise do sofrimento que é uma chave para resistir.

Voltando a Etty, tenho que ela está produzindo diante do avanço dos campos de extermínio e há aí uma experiência ética da dor (também através do corpo), do domínio nazista sobre o existente – a quem ela responde desmedidamente, em direção ao amor, com sua experiência mística e religiosa. Etty não está recusando falar apenas do horror, ela está recusando condicionar sua experiência ao abismo. Ela cria sobre ele. Em seus diários, toca Deus, a humanidade e a si mesma. No livro de Negri, ele está retomando a história bíblica de Jó e sua experiência com Deus também diante do sofrimento. Jó confronta Deus, mas também se aproxima dele, depois constrói radicalmente um mundo novo. Um mundo liberto – e é sobre essa libertação que Negri vai tecer a ideia de criação, onde a potência forma-se na dor, mas se desenvolve na relação com o ser.

Para mim, todas essas coisas vão sendo articuladas a nos permitirem pensar em modos de fazer que são políticos, onde as crises vão se constituindo como caminhos de luta e reconstrução do ser. E nesse sentido, gosto muito quando o autor contrapõe a incomensurabilidade das dores diante daquilo que ele chama de *cultura da medida*, um fanatismo instrumental pelo cálculo, esse esforço de racionalização que ao mesmo tempo que se expande, expõe sua decadência e insustentabilidade; *uma ruína das leis*. É assim que Negri associa sua ânsia por libertação à incomensurabilidade de uma dor que não pode ser medida, e a consequência disso é que só a paixão da criação poderia responder à derrocada da medida. “*Lá onde as velhas medidas caíram, era preciso criar novas, e a partir daí a paixão residia inteiramente na capacidade de mover-se com alegria para além*”

<sup>2</sup> Antonio Negri (1933): filósofo político e moral italiano. Durante a adolescência, foi militante da Juventude Italiana de Ação Católica, como Umberto Eco e outros intelectuais italianos. Em 2000, publicou o livro-manifesto *Império* (Rio de Janeiro: Record), com Michael Hardt. Em seguida, publicou *Multidão. Guerra e democracia na era do império* (Rio de Janeiro/São Paulo: Record), também com Michael Hardt – sobre esta obra, a edição 125 da IHU On-Line, de 29-11-2004, publicou um artigo de Marco Bascetta, disponível em <https://goo.gl/9rj1Qw>. (Nota da IHU On-Line)

da medida.” (Negri, 2002). É a descrição de uma dor ontológica, como destaca Pelbart<sup>3</sup> (2013), o que na lógica negriana é também uma recusa ontológica. Uma forma de pensar as existências por aquilo que dói e também por aquilo que elas constroem recusando, como Etyy, que recusa se resignar às condições do extermínio, trazendo em seus diários não só dor, mas também aquilo que florir, que pode enunciar uma nova comunidade.

E quando vocês me perguntam, como, em meio à aspereza das relações cotidianas, acreditar na possibilidade de mudança tanto através do amor quanto da alegria, acredito que o caminho seja por aí. Redimensionar a potência da dor e daquilo que ela pode recusar e criar. Dado ao contexto em que vivemos, o desenho desse Brasil que ganhamos agora em outubro de 2018, mas também a partir de toda nossa trajetória histórica, acredito que precisamos redimensionar as criações, a potência da alegria e estar atento ao que vem sendo produzido. Podemos pensar que desde as ocupações portuguesas em nosso território, nossas primeiras experiências coloniais e os processos de escravidão, paixões, alegrias e formas de resistir estão sempre sendo tecidas diante das suas derrotas (que são inúmeras e desiguais, acumuladas historicamente). Mas elas estão aí, cotidianamente consolidando forças escapáveis e muitas vezes imperceptíveis, mas imensamente potentes.

Penso tudo isso num sentido político-prático, nos modos cotidianos de levar a vida, nas alianças comunitárias que seguem as margens e nas bordas, as lutas diárias e o cultivo do estar junto, principalmente frente às desigualdades que se alastram. Podemos pensar nas dimensões coloniais do racismo, nas forças do

patriarcado, no campo de desigualdades no mundo do trabalho, no genocídio indígena, das populações pretas e periféricas. Que é um mar de gente, de universos, de corpos e de experiências que não se entregou diante das derrotas. Mas produziu sobre elas, deu sentido à vida, perpetuou modos de ocupar as cidades, os campos, aliançadas localmente em múltiplas experiências produzidas a partir das suas dores incomensuráveis e dos seus mundos, que se mantiveram, que não deixaram de existir. Penso que isso é responder com paixão e alegria, ainda que tudo... Serve pra pensar em todas as *vidas matáveis* que resistiram...

“Vejo seu apelo à criação como uma estratégia de fuga, assim como uma forma de recusa à proliferação de práticas de ódio, tirania e dominação”

**IHU On-Line – Você viveu intensamente as reivindicações de 2013 e as possibilidades de transformações sociais profundas implicadas nas marchas e manifestações populares. Hoje, cinco anos depois, e com o avanço da extrema direita, como ficam todos aqueles sonhos? E o que resiste num Brasil amargurado pela crise econômica?**

**Gabriela Acerbi** – É sempre difícil falar de *Junho de 2013*... Acredito que chega a ser uma tarefa ingrata, já que *Junho* é muita coisa. Isso sem falar de todos os afetos que

a lembrança daquelas manifestações mobiliza, uma euforia da ordem do caos... Mas as *Jornadas de Junho* foram tanta coisa que nós seguimos aqui falando sobre elas, retomando os acontecimentos pra tentar elaborar o que estamos vivendo agora, já que essas coisas parecem estar entrelaçadas. Cinco anos depois das ruas cheias de gente, de exigências inegociáveis, múltiplas, quase incommunicáveis, a gente não sabe bem o que achar daquele emaranhado que era muito potente e também assustador – no sentido daquilo que sentimos diante do desconhecido, como me lembra Clarice Lispector em um de seus poemas: “*uma espécie de pudor que se tem diante do que é grande demais*”.

Mas quando vocês me perguntam como ficam todos aqueles sonhos diante desse atual avanço da extrema direita, e o que resiste num Brasil amargurado pela crise econômica, primeiro gosto de lembrar onde estão enraizadas essas amarguras e também parte daqueles sonhos. Um dos pesquisadores de Junho em que confio bastante é André Fogliano (2018). Em sua cartografia afetiva dos enunciados e imagens do levante brasileiro, ele tratou Junho como um *acontecimento-problema*, experiências-limite que desestabilizaram o atual estado de coisas e de discursos com o qual a governamentalidade do capitalismo mundial integrado operava no país e no mundo. Sua hipótese descreve como essas insurreições desarmaram estados de percepções estabelecidos, que se convencionou chamar de *Antropoceno* – e então há no seu trabalho uma abordagem que chama atenção para essa crise do referente, em terras brasileiras e também como um problema geral, de mundo, que traz à tona o confronto de vários mundos e modos de vida que vinham entrando em confronto com parâmetros da governamentalidade vigente. Como já vinha sendo colocado por pesquisadores como Eduardo Viveiros de Castro<sup>4</sup>, Débo-

<sup>3</sup> Peter Pál Pelbart (1956): é um filósofo, ensaísta, professor e tradutor húngaro, residente no Brasil. Graduado em Filosofia pela Universidade Paris IV (Sorbonne), é mestre pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e livre-docente pela PUC-SP. Vive na cidade de São Paulo, onde é professor da PUC-SP e coordena a Companhia Teatral Ueinzz, formada por pacientes psiquiátricos do hospital-dia A Casa. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> Eduardo Viveiros de Castro (1951): antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu a entrevista O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife à edição 161 da IHU On-Line, de 24-10-2005,

rah Danowski<sup>5</sup>...

Nesse sentido, *Junho de 2013* teria levantado todo um campo de possíveis experimentações e também de incômodos não mais sustentáveis. Experimentações tecidas também diante dos desdobramentos neoliberais que nos atravessam, enquanto Brasil, e diante dos nossos impasses coloniais-capitalistas atualizados, dinâmicas neodesenvolvimentistas muito bem instauradas e todas as tensões produzidas nessa intensificação de modos de exploração e condicionamentos da vida na era do capital financeiro, dos grandes empreendimentos, dos megaeventos, de regimes de endividamento contemporâneo, expropriações e de uma crise política generalizada, quanto aos seus formatos e modos de operar, o esgotamento dessas instituições.

### Necropolítica tropical

E pensando no agora, é claro que estamos todos muito preocupados com o que foi consolidado em outubro deste ano no país. Não consigo ver menos do que uma necropolítica tropical alargando passos, ganhando mais braços. Planos explícitos de morte, de medo e um campo de desmontes que intensificarão o soterramento de direitos, dos programas e políticas sociais, enfim, tudo sendo arrastado por horizontes neoliberais e ultraconservadores, a radicalização dessa *coisificação* da vida, das pessoas, do meio ambiente, das relações de trabalho, do campo educacional, da saúde pública... A política intensificando ares empresariais devastadores, sob a lógica do investimento e da resiliência. E isso tem menos a ver com quem os escolheu, mas mais com as condições que eles vão ope-

rar. Achille Mbembe<sup>6</sup>, autor do livro *Crítica da Razão Negra*, já havia anunciado sobre essa bifurcação entre democracia e capital financeiro, e sobre as ameaças que esse modo de subjetivação neoliberal nos traria às nossas frágeis democracias: uma condição de endividamento da vida similar à lógica perpetuada na escravização das populações negras, horizontes endurecidos e mortais, produtores de sistemas de regimes de sofrimento aliados aos modos de governo.

“Etty não está recusando falar apenas do horror, ela está recusando condicionar sua experiência ao abismo. Ela cria sobre ele”

Dito isso, ainda acredito que nos ajuda a pensar e a respirar, lembrar que esse avanço da extrema direita é também a expressão de um mundo

e de um tempo que ruíu. Que está ruindo faz tempo... Por mais que ele se alastre, nas suas variações, contradições, na incoerência dos muitos votos... Ele expressa também o desespero de algo em queda. Não é só isso, mas tem ali algo que insiste desesperadamente, que esbraveja para não deixar outros modos que estão aí prevalecerem. Acontece que todas as forças as quais o Bolsonaro se opõe seguem existindo, sempre! E se agora estamos vivendo uma dimensão de *derrota*, estamos vivendo também uma dimensão de lutas que se acirram, que não se dobram diante dos insuportáveis que as assolam. E isso não é uma situação só de agora, isso sobrevive historicamente.

Nesse sentido, eu penso com Negri o Brasil de agora e o presidente que ganhamos: criações a partir das próprias condições de sofrimento vivenciadas. Acho necessário lembrar que o que está ruindo diz mais respeito a eles do que a nós. Como não pensar nos impactos do feminismo que corre a ventos rápidos, que produz novas coisas em termos de produção de subjetividade, dimensões de família, de relações, do mundo do trabalho? Novas socialidades implicadas. Ou como não pensar nas *vidas aldeadas* que não estão historicamente diminuindo? Pelo contrário, são territórios em disputa, aderidos, exigidos, de gente que se dispõe a falar uma língua institucional no sentido de uma traição político-linguística, para garantir seu direito de sobrevivência. Também formas de vidas aquilombadas, pretas, que alicerçam sua ancestralidade às novas formas e caminhos para conquistar direitos, acessos e redimensionar as violências vividas... Uma luta que vem a suor e sangue. Assim, prefiro pensar num campo que se cria a partir das condições menos favoráveis possíveis, mas que se opõe à nossa sensação atual de desmoronamento. Há vidas não arruinadas. Como não olhar para 2018 sem lembrar das candidaturas de mulheres, mulheres-trans, negras, indígenas e quilombolas eleitas este ano? Bancadas populares e coletivas, por exemplo

disponível em <http://bit.ly/ihuon161>. Entre outras publicações, escreveu *Arawete: O Povo do Ipxuna* (São Paulo: CEDI), *A inconstância da alma selvagem* (e outros ensaios de antropologia) (São Paulo: Cosac & Naify) e *Metafísicas canibais* (São Paulo: Cosac & Naify). Também é autor do prefácio do livro *A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami*, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> **Déborah Danowski**: bacharela, mestra e doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio, onde é professora. Fez estágio pós-doutoral em Filosofia na Universidade de Paris IV (Paris-Sorbonne). (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> **Joseph-Achille Mbembe**, conhecido como Achille Mbembe (1957): é um filósofo e cientista político. Natural de Otélé, em Camarões Franceses, obteve seu Ph.D. em História na Universidade de Sorbonne, em Paris, França, em 1989. Referência acadêmica no estudo do pós-colonialismo e pensador das grandes questões da história e da política africana – apesar de, ele próprio, não se definir como “teórico do pós-colonialismo”. É professor de História e Ciência Política na Universidade Duke (Virgínia, Estados Unidos) e na Universidade Witswatersrand (Joanesburgo, África do Sul), além de pesquisador no Wits Institute for Social and Economic Research (WISER) dessa mesma universidade. É um autor conhecido, tanto pelos seus artigos nas versões em espanhol do *Le Monde Diplomatique* como pelas suas contribuições para os livros coordenados por Gilles Kepel, *As políticas de Deus* (A proliferação do divino na África subsaariana); Jérôme Bindé, *Para onde vão os valores?: colóquios do século XXI* (Do racismo como prática da imaginação); Fernando López Castellano, *Desenvolvimento: Crônica de um desafio permanente* (Poder, violência e acumulação) e Okwui Enwezor, *O desacolhedor. Cenas fantasma na sociedade global* (Necropolítica). Em *Crítica da razão negra* (Lisboa: Antígona, 2014), o autor elabora sobre o conceito de “Negro”, sobre a evolução do pensamento racial europeu que o origina e sobre as máscaras usadas para o cobrir com um manto de invisibilidade. O texto é profundamente teórico, permeado por uma filosofia política latente: além de ser um acadêmico de referência, Mbembe é também um acadêmico comprometido com o tema. (Nota da IHU On-Line)

como o *MUITAS*<sup>7</sup>, a candidata eleita Érica Malunguino que administra o quilombo urbano Aparelha Luzia, a *Bancada Ativista*<sup>8</sup> no Rio de Janeiro, Áurea Carolina em Minas Gerais anunciando que eles vão *aquilombar as instituições*?... Se a gente quiser, podemos chamar de política menor – no sentido minoritário, como bem queria Deleuze<sup>9</sup>, e assim, incrivelmente potentes, batalhadas diante das derrotas históricas e diárias.

Ainda sobre esses caminhos não resignados e dores que criam, gosto de retomar a pesquisadora bell hooks<sup>10</sup> (2013), que fala da sua trajetória com a produção de conhecimento e as questões do sofrimento – e que no seu caso, associam-se diretamente às violências e desigualdades vividas na segregação racial institucionalizada nos Estados Unidos, que, nos termos de lei, só foi cair depois de 1967. No livro *Ensinando a transgredir, a educação como prática de liberdade*, bell hooks elabora sobre os efeitos e os caminhos abertos ao se *dar nome à dor*. O que abarca tanto uma dimensão coletiva da dor, quanto uma muito íntima e individual dos processos de cura ao se nomear os efeitos do sofrimento e trazê-los ao campo educativo, trazê-los ao lugar de elaboração.

Quando penso nessas campanhas, quando olho para o que temos em termos de Brasil, as dinâmicas comunitárias que se perpetuam e as amarguras dos processos políticos que passamos, gosto de lembrar que historicamente nossas condições nunca foram fáceis. Há anos e anos, populações indígenas, xamãs, anunciam que as catástrofes e fins

de mundo não cansaram de chegar. Temos aí Davi Kopenawa<sup>11</sup>, Ailton Krenak<sup>12</sup>, Sônia Guajajara<sup>13</sup> que saiu como candidata a vice-presidente do país. A verdade é que nunca foi muito favorável e que as dimensões da dor e da catástrofe sempre estiveram aí. E nesse sentido, penso que é importante a gente reforçar e lembrar os projetos e iniciativas que estão e sempre estiveram sendo produzidos por aqueles que podem dar nome à sua própria dor, que podem criar a partir dos seus abismos. Isso tudo são políticas de localização. São políticas não ressentidas, são expressões de amor, de potência, de guerra, de festa e de vida. Também é poético, estético, místico e é político.

### IHU On-Line – Quais os maiores desafios para se conceber uma reinvenção da política no Brasil através da alegria?

**Gabriela Acerbi** – Acho que gostaria de direcionar a intenção da *reinvenção* para a própria pergunta em vez de respondê-la. Ainda tenho dúvidas de se não seria necessário a gente parar de perguntar sobre a reinvenção da política, mas reinventar os olhos de quem olha para ela (e também os olhos que definem o que é política). Às vezes fico com a impressão de que não estamos prepa-

rados para enxergar aquilo que está sendo inventado, essas produções cotidianas, comunitárias, que talvez sejam “pequenas” demais para quem concentrou-se apenas numa lógica de partidos – ou de um determinado lugar da “esquerda” nacional. Existem modos de vida, modos de organizações coletivas que estão aí constantemente se atualizando e que talvez a gente não consiga encaixá-los naquilo que esperamos que seja um modo de resistir ou de agir politicamente.

Em uma das pesquisas que trabalhei direcionada às políticas de financiamento social e moradia popular, passei bastante tempo tentando redimensionar a vida e as formas de resistir nesse campo social da habitação que é também financeiro e que está imerso num sistema de crédito, dívida e estruturas do mercado. Após acompanhar experiências cotidianas em moradias populares e também em ocupações ciganas da etnia callon na região do sul de Minas Gerais, me esforcei para tentar percorrer com mais cuidado as articulações e negociações que produzem formas de habitar distintas e também particulares. Aos poucos mergulhando em políticas públicas e lógicas de gestão, se entende que a vida é feita, sim, a partir do que o Estado oferece, mas também a partir de todas as coisas e situações nas quais ele se ausenta. E nesse sentido, a vida é muito criativa. Podemos usar o mesmo raciocínio para pensar nas ocupações indígenas, quem sabe nas ocupações urbanas na cidade, ou nos movimentos campesinos. São tantas as ausências institucionais (sejam elas de esquerda ou direita), são tantas as derrotas quase corriqueiras – de um ponto de vista estrutural – que a vida vai sendo promovida por outros meios: um tal modo de fazer retalhado, também com tudo aquilo que falta. E isso tudo é muito produtivo, como eu já falei anteriormente, é tecido também a partir dos abismos colocados. E no nosso contexto atual, penso que isso tudo é sobre criação de condições de sobrevivência, como para a pesquisadora Verônica Gago (2014) que vai falar de um

7 <https://www.somosmuitas.com.br/> (Nota da entrevista da)

8 <https://monicadabancada.com.br/> - <https://pt-br.facebook.com/bancadaativista/> (Nota da entrevistada)

9 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Bergson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de devir, acontecimentos e singularidades. (Nota da IHU On-Line)

10 Gloria Jean Watkins (1952): mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks (escrito em minúsculas), é uma autora feminista e ativista social nascida nos Estados Unidos. O nome bell hooks foi inspirado em sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. Sua produção trata da interconectividade de raça, capitalismo e sexo, que ela descreve por sua capacidade de produzir e perpetuar os sistemas de opressão e dominação de classe. Publicou mais de 30 livros e muitos artigos. Aborda raça, classe e gênero na educação, arte, história, sexualidade, mídia de massa e feminismo. (Nota da IHU On-Line)

11 Davi Kopenawa Yanomami (1956): escritor e líder indígena brasileiro. Ainda criança, viu a população de sua terra natal ser dizimada por duas epidemias, ambas trazidas pelo contato com o homem branco. Trabalhou na Fundação Nacional do Índio como intérprete. Mudou-se para a aldeia Watorik+ na década de 1980. Casou-se com a filha do pajé e se tornou chefe do posto indígena Demini. Foi um dos responsáveis pela demarcação do território Yanomami em 1992. Recebeu o prêmio ambiental Global 500 da ONU. Em 2010, viu sua autobiografia *La chute du ciel*, escrita em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert, foi lançada na França. O livro teve tradução para o inglês, francês e italiano e sua edição em português saiu em 2015 *A queda do céu. Palavras de um xamã yanomami* (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

12 Ailton Alves Lacerda Krenak, mais conhecido como Ailton Krenak (Minas Gerais, 1953): é um líder indígena, ambientalista e escritor brasileiro. É considerado uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro, possuindo reconhecimento internacional. Pertence à etnia indígena crenaque. (Nota da IHU On-Line)

13 Sônia Bone Guajajara (1974): é uma líder indígena brasileira, formada em Letras e em Enfermagem, especialista em Educação especial pela Universidade Estadual do Maranhão. Recebeu em 2015 a Ordem do Mérito Cultural. Sua militância em ocupações e protestos começou na coordenação das organizações e articulações dos povos indígenas no Maranhão - Coapima e levou-a à coordenação executiva da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil - Apib. Antes disso ainda passou pela Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira - Coaiab. Foi candidata à vice-presidência na chapa com Guilherme Boulos, pelo Psol. (Nota da IHU On-Line)

*neoliberalismo desde baixo*, que são os modos de dar conta da dinâmica social, política e econômica, que resiste à exploração e à despossessão e que se despreza desse espaço do cálculo, das leis de medida.

Nesse sentido, eu lembro que todas as vezes que eu preciso falar sobre reinvenção política, gosto de usar o mesmo trecho de uma poeta que gosto muito. Matilde Campilho<sup>14</sup>, em uma breve entrevista sobre arte, música e poesia, insiste que essas coisas não salvam o mundo, mas salvam o minuto e isso é suficiente. Depois ela reforça que estamos aqui para “*dançar um pouquinho sobre os escombros. Não deixar que a poeira dê alergia nos olhos*”. E nessa dança, cada um faz como pode... “*A gente vai tentando salvar os segundinhos — da minha vida, da vida de todos meus amigos e de alguém que lê uma estrofe. E já é bom.*”

A dança sobre os escombros de Matilde me lembra a política cotidiana, constantemente reinventada. Me lembra que as dimensões do que é política e resistência são mais largas do que definem os teóricos. Uma discussão que vem sendo amplamente tecida por uma antropóloga em que confio e admiro, a Alana Moraes<sup>15</sup>, em suas pesquisas a partir da atuação das mulheres no movimento de luta por moradia, o MTST... Alana me ajudou a retomar os desafios epistemológicos de uma pesquisadora que lemos bastante, e que nos ajuda a reconfigurar o olhar para o que seria o campo da ação política. Donna Haraway<sup>16</sup> (1995) enfatiza tal possibilidade de ver a partir dos abismos, a partir dessa localização que é periférica. E quando convocou os abismos, a autora me levou automaticamente para experiências

que constantemente atualizam o campo das resistências que estamos querendo nos referir e enxergar, das reinvenções. Sejam jornadas do mês de Junho<sup>17</sup>, sejam pequenos e estrondosos ganhos no campo da política institucional, seja na amplitude de um quilombo ou de uma terra ocupada frente as não demarcações

17 Junho de 2013: os protestos no Brasil em 2013, também conhecidos como Manifestações dos 20 centavos, Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho, foram várias manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, sobretudo nas principais capitais. Inicialmente restrito a pouco milhares de participantes, os atos pela redução das passagens nos transportes públicos ganharam grande apoio popular em meados de junho, em especial após a forte repressão policial contra os manifestantes, cujo ápice se deu no protesto do dia 13 em São Paulo. Quatro dias depois, um grande número

“Ainda tenho dúvidas se não seria necessário a gente parar de perguntar sobre a reinvenção da política, mas reinventar os olhos de quem olha para ela (e também os olhos que definem o que é política)”

de populares tomou parte das manifestações nas ruas em novos diversos protestos por várias cidades brasileiras e até do exterior. Em seu ápice, milhões de brasileiros estavam nas ruas protestando não apenas pela redução das tarifas e a violência policial, mas também por uma grande variedade de temas como os gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política em geral. Os protestos geraram grande repercussão nacional e internacional. Sobre o tema, confira a edição 193 dos Cadernos IHU ideias, intitulada #VEMpraRUA: Outono Brasileiro? Leituras, disponíveis em <http://bit.ly/2aVdHxw>. A edição 524 da revista IHU On-Line, Junho de 2013 – Cinco Anos depois. Demanda de uma radicalização democrática nunca realizada, de 18 de junho de 2018, está disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/524>. (Nota da IHU On-Line)

oficiais, é preciso também querer enxergar esses lugares por onde a vida está constantemente produzindo. Essas localizações onde é necessário um fazer particular e até mesmo táticas de visibilidade, também formas de cuidar da vida e mantê-la vivível, já que, de onde se situa, as condições nem sempre ou quase favoreceram. É como uma perseverança ainda que tudo – e que nos dias atuais é atravessada, joga junto e dribla modos de fazer neoliberais e as condições institucionais que se avivam nesses contextos.

Fiquei pensando que eu podia encerrar o trecho dessa pergunta retomando Etty Hillesum e tudo aquilo que ela fez com as condições de exatidão, me perguntar quais as condições de resistência e invenção política no contexto do nazismo... E aí, penso que eu teria que tentar focar no que Etty criou.

**IHU On-Line – De que forma a arte e a cultura podem se configurar como alternativas de resistência ao totalitarismo, sendo capazes de abrir perspectivas para o diálogo?**

**Gabriela Acerbi** – Acho que um pouco dessa resposta está dissolvida em tudo que tenho falado até agora. Queria apenas sugerir que a gente trouxesse para a palavra *cultura* uma dimensão de “*modo de vida*” e então me sinto mais à vontade pra falar, no sentido de perceber, de estar sensível a captar a inventividade desses modos, aquilo que eles estão produzindo, em variados aspectos que compõem suas “culturas”... Penso que, diante dos totalitarismos, estão em jogo também os inegociáveis dos modos de existir, ainda que eles estejam sob ameaça de serem triturados. Talvez a *arte* seja sim uma dimensão por onde é possível que algo escape, mas assim como tantas outras coisas que estão implicadas nas tais *culturas*. Não sei se falar em formas de diálogo, mas daquilo que vai ser mantido, que vai ser comunicado de alguma maneira – nem que seja inventando uma maneira nova. Se for pra pensar a arte, então pen-

14 Matilde Maria d'Orey de Sousa e Holstein Campilho (1982): é uma poeta portuguesa. (Nota da IHU On-Line)

15 Alana Moraes: é antropologia formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, mestra em Sociologia e Antropologia pela mesma universidade, e atualmente cursa doutorado no Programa em Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ. É feminista e integrante do coletivo Urucum pesquisa-luta. (Nota da IHU On-Line)

16 Donna Haraway (1944): bióloga, filósofa, escritora e professora nascida nos Estados Unidos. Escreveu diversos livros e artigos sobre ciência e feminismo. Entre seus textos mais destacados está o ensaio Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX, publicado originalmente no periódico *Socialist Review*, em 1985. (Nota da IHU On-Line)

sar uma dimensão de perpetuação, de comunicar, de fazer falar aquilo que diz respeito aos modos de vida. E isso também tem a ver com formas de se relacionar, de se alimentar, as práticas religiosas, as dimensões rituais, afetivas e festivas que são mantidas, as formas como educamos as crianças, como se cura, como se trata do corpo...

Penso que a vida – todas essas que são negadas pelos regimes que definem os matáveis, os aniquiláveis – já é em si foco de resistência, e são vários focos... É claro que podemos falar em circuitos artísticos, mas podemos falar em todos os circuitos produtivos que propagam modos de estar no mundo e suas formas de extravasar e driblar as forças que os oprimem... E assim eles garantem perpetuação... Gosto de pensar quais são as histórias que estão sendo cantadas num samba de roda, que histórias estão sendo dançadas, por exemplo, por um grupo de afoxé, no maracatu, no jongo, que mundo é cantado no rap. Que mundos esses gestos, essas letras, esses modos de fazer estão convocando? E nesse sentido, de contar histórias que não as narrativas oficiais, de achar modos pra fazer vazar uma vida, isso é sim muito potente, necessário, urgente! E ao mesmo tempo, isso é o que se faz, há anos e anos... Nessas horas gosto de pensar a própria vida enquanto obra, uma estética da existência. Estética, ética, política...

Fico pensando que com Bolsonaro ou sem Bolsonaro, por exemplo, candomblecistas vão seguir guardando as sextas-feiras, vestindo o branco, não comendo determinados alimen-

tos naquele dia. Ou que a pajelança indígena vai continuar existindo, que a congada mineira ocupará as ruas em maio pra São Benedito, que é um Santo negro. Ou que os Yanomami vão seguir enxergando os espíritos xapiri, fazendo eles dançarem para o céu não cair, ainda que a mineração coma seus territórios aceleradamente e os contamine com suas epidemias.

**IHU On-Line – A truculência da ditadura no Brasil fez aflorar movimentos artísticos que são reconhecidos até hoje, a dor da Shoá fez emergir a poesia de amor nos escritos de Etty Hillesum, e nas dificuldades da vida nas periferias das grandes cidades do Brasil surgem o samba, o rap e outras tantas manifestações culturais e artísticas. É em momentos-limite que o ser humano pode ser capaz de revelar o seu melhor? Por quê?**

**Gabriela Acerbi** – Acredito que a resposta dessa pergunta pode ser encontrada em tudo que falei até agora, e para não me repetir, chamo atenção apenas para essa questão do que “melhor pode ser revelado” do ser humano. Não sei se alcança essa condição do melhor ou do pior, mas aquilo que pode ser feito, produzido frente a todas essas dificuldades, as violências vividas e aos problemas estruturais que assolam. Acredito que estamos falando então da capacidade de produzir um *possível*. E frente a todas essas truculências, nessa ação artística ou qualquer outra que seja, há um possível

que se abre, que vem desse encontro de forças. Um possível esse que se liga a uma feitura do mundo, um *modo de fazer* diante dos escombros, como disse acima, e que está vinculado a um modo de vida e às formas que ele encontra para perseverar suas concepções, seus conceitos, sua ação.

**IHU On-Line – Que histórias você gostaria que sua geração narrasse aos que virão?**

**Gabriela Acerbi** – Se for pra falar em histórias que deixaremos, gostaria que a gente conseguisse trazer a força das contranarrativas. Histórias a contrapelo, num sentido benjaminiano talvez (para usar as ideias de alguém que também morreu no colapso da Segunda Guerra Mundial e seus extermínios, como Etty). Gostaria que deixássemos uma multiplicação de histórias do *ponto de vista dos vencidos*, aquelas que até então existiram, mas não ocuparam as narrativas oficiais. Aquelas que não são encontradas no idioma institucional, e se estão, foram retorcidas. Contranarrativas, no plural, que furem as bolhas, as identidades, as noções de sujeito dominantes e também as pretensões modernas de modos ocidentais, europeus, masculinos, brancos, da mercadoria de criar, escrever e produzir.

Na verdade, tenho a impressão de que essas contranarrativas não param de se multiplicar, de ocupar os espaços, e principalmente, sem precisar dobrarem-se à gramática da sujeição, da servidão e da subalternidade instaurada. ■



07 de maio de 2019 (terça-feira)

19h30min às 22h – Do BRICS ao triângulo RIC (Rússia, Índia e China). Desafios ao Brasil e ao mundo frente a uma nova geopolítica global

Prof. Dr. José Eustáquio Diniz Alves – Ence/IBGE

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

[ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)



# A necessidade de reconhecer o mal no humano para enfrentá-lo

Eduardo Losso reflete sobre as inquietudes que afligem o nosso tempo, perversidades que, se não forem apreendidas nas pequenas ações, acabam personificando o pior da humanidade

João Vitor Santos

**E**m geral, quando se fala que Etty Hillesum esteve diante da face do mal por ter vivido a Shoá, a afirmação é aceita. Entretanto, quando se diz que esse mal que nutriu uma guerra é composto de sentimentos presentes ainda hoje, um estranhamento pode se estabelecer. “Se não estamos pensando radicalmente o nosso mal, é porque ele está vencendo. Bem, diante dos fatos recentes, isso é uma evidência”, aponta o professor Eduardo Losso, que quer chamar atenção justamente para esse ponto. Afinal, a maldade da Shoá não surge do nada, mas de sentimentos bem humanos que se convertem em ações perversas. “Hoje, contudo, temos bons motivos para dizer que o abismo de nosso niilismo é bem mais grave que o de nossos antecessores modernos, mas não vejo ninguém encarando o assombroso alcance dele, isto é, o nosso mal”, observa. “Isso significa que, por mais que tenhamos lido Nietzsche, Kierkegaard, Benjamin, Adorno, Cruz e Sousa, Augusto do Anjos, Machado de Assis, Drummond, não estamos à altura dos abismos de nosso tempo como eles, no seu tempo, estiveram, talvez precisamente porque o nosso é bem maior”, completa.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, Losso se propõe a refletir acerca de formas de fazer resistência ao mal de nosso tempo. Para tanto, reitera, é preciso conhecer esse mal. “Todo ser humano é um nazista diante de outros animais, dito famoso de Isaac Bashevis Singer. Nunca houve tantos corpos dóceis, tantos trabalhadores produtivos, logo, tanta riqueza detida por tão poucos, proporcionalmente, e nunca houve uma nobreza tão poderosa e intocável quanto a atual elite financeira global”, reconhece. Segundo o professor, o ser humano é

livre, “nosso corpo deseja ambientes naturais, não cubículos emparedados, nem prédios gigantescos, luzes ofuscantes, barulhos gritantes, ruas apinhadas e carros numerosos”. Ou seja, é na natureza que o ser humano se completa. Mas, no nosso tempo, nos movemos para cada vez mais longe desses ambientes naturais. “O mercado, essa mão invisível, inquestionável e soberana, quer eliminar as poucas reservas naturais que sobram, multiplicar mais seres como nós retirando todos os seus direitos mínimos e engordar cidades: isso não tem como dar certo”, analisa. Assim, das muitas possibilidades de buscar essa reconexão, está o silêncio. Aquele mesmo que faz Etty encontrar a paz dentro de si num ambiente tão inóspito. Para Losso, o desafio é buscar essa conexão. “O silêncio diz mais do que todos os sons que incessantemente nos perseguem, e é e será cada vez mais, sem dúvida, um dos maiores luxos da contemporaneidade”.

**Eduardo Guerreiro Brito Losso** é professor adjunto de Teoria da Literatura do Departamento de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, membro permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ e coeditor da Revista Terceira Margem, do PPG-CL da UFRJ. É graduado em Letras, mestre e doutor em Ciência da Literatura pela UFRJ, com estágio na Universität Leipzig, Alemanha. Entre os livros que organizou, destacamos *Diferencia minoritaria en Latinoamérica* (Georg Olms, 2008), *O carnaval carioca de Mário de Andrade* (Azougue, 2011) e *Música Chama* (Circuito, 2016). Ainda é autor de Renato Rezende por Eduardo Guerreiro B. Losso (EdUERJ, 2014).

**Confira a entrevista.**

## IHU On-Line – Etty Hillesum encarou de frente as faces mais perversas do mal. O que é o mal do nosso tempo? E como resistir a ele?

**Eduardo Losso** – Ao longo da história de diferentes civilizações dominantes, a humanidade desenvolveu orgulho por suas habilidades e conquistas, que levaram, no período moderno, à crença no progresso: social, tecnológico e espiritual. O capitalismo é um sistema que se alimenta de suas próprias crises. Houve muitos questionamentos a respeito de seus perigos, houve muita luta contra seus princípios, houve a crise dos mais caros valores ocidentais, cristãos e iluministas, mas mesmo tal crise engendrou uma eufórica transvaloração de todos os valores.

Hoje, contudo, temos bons motivos para dizer que o abismo de nosso niilismo é bem mais grave que o de nossos antecessores modernos, mas não vejo ninguém encarando o assom-

broso alcance dele, isto é, o nosso mal. Isso significa que, por mais que tenhamos lido Nietzsche<sup>1</sup>, Kierkegaard<sup>2</sup>, Benjamin<sup>3</sup>, Adorno<sup>4</sup>, Cruz e

Sousa<sup>5</sup>, Augusto do Anjos<sup>6</sup>, Machado de Assis<sup>7</sup>, Drummond<sup>8</sup>, não estamos à altura dos abismos de nosso tempo como eles, no seu tempo, estiveram, talvez precisamente porque o nosso é bem maior. Se não estamos pensando radicalmente o nosso mal, é porque ele está vencendo. Bem, diante dos fatos recentes, isso é uma evidência.

Não estamos mais diante do niilismo nietzschiano, que serve de base para a afirmação trágica da vida e a descoberta libertadora da vontade de poder. Não estamos mais diante da crítica da burguesia que resulta numa utopia revolucionária. Não estamos mais diante da descoberta abissal do inconsciente e do entusiasmo modernista diante de mundos desconhecidos a serem revelados pela inovação artística da forma, de uma autodestruição criativa e radicalmente renovadora da arte. Tampouco estamos no período de revolta dos jovens diante das inúteis mortes da guerra do Vietnã, nos EUA, que levou à descoberta de toda uma geração do pacifismo, da liberação sexual, da alteração da percepção, motivando o projeto de colocar a “imaginação no poder”, no maio de 68 francês, assim como na possibilidade de transformar antropofagicamente a cultura de massa internacional numa modernização complexa em que o local só enriquece uma perspectiva global, no tropicalismo brasileiro.

“O abismo de nosso niilismo é bem mais grave que o de nossos antecessores modernos, mas não vejo ninguém encarando o assombroso alcance dele, isto é, o nosso mal”

1 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras, figuram como as mais importantes Assim falou Zaratustra (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), O anticristo (Lisboa: Guimarães, 1916) e A genealogia da moral (São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche, foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://bit.ly/H17xwP>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada O pensamento de Friedrich Nietzsche, e pode ser acessada em <http://bit.ly/HdcqQB>. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-5-2010, disponível em <http://bit.ly/162F4rH>, intitulada O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado, na qual discute ideias de sua conferência A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des) governo biopolítico da vida humana. Na edição 330 da revista IHU On-Line, de 24-5-2010, leia a entrevista Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência, concedida pelo professor Oswaldo Giacoia e disponível em <https://goo.gl/zuXC4n>. Na edição 388, de 9-4-2012, leia a entrevista O amor fati como resposta à tirania do sentido, com Danilo Bilate, disponível em <http://bit.ly/HzajpJ>. (Nota da IHU On-Line)

2 Soren Kierkegaard (1813-1855): filósofo existencialista dinamarquês. Alguns de seus livros foram publicados sob pseudônimos: Víctor Eremita, Johannes de Silentio, Constantín Constantius, Johannes Climacus, Vigilius Haufniensis, Nicolás Notabene, Hilarius Bogbinder, Frater Taciturnus e Anticlimacus. Filosoficamente, faz uma ponte entre a filosofia de Hegel e o que viria a ser posteriormente o existencialismo. Boa parte de sua obra dedica-se à discussão de questões religiosas como a natureza da fé, a instituição da igreja cristã, a ética cristã e a teologia. Autor de O Conceito de Ironia (1841), Temor e Tremor (1843) e O Desespero Humano (1849). A respeito de Kierkegaard, confira a entrevista Paulo e Kierkegaard, realizada com Álvaro Valls, da Unisinos, na edição 175, de 10-4-2006, da IHU On-Line, disponível em <http://bit.ly/iuon175>. A edição 314 da IHU On-Line, de 9-11-2009, tem como tema de capa A atualidade de Soren Kierkegaard, disponível em <https://goo.gl/kZW87Z>. Leia, também, uma entrevista da edição 339 da IHU On-Line, de 16-8-2010, intitulada Kierkegaard e Dogville: a desumanização do humano, concedida pelo filósofo Fransmar Barreira Costa Lima, disponível em <https://goo.gl/cr4qoE>. (Nota da IHU On-Line)

3 Walter Benjamin (1892-1940): filósofo alemão. Foi refugiado judeu e, diante da perspectiva de ser capturado pelos nazistas, preferiu o suicídio. Associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica, foi fortemente inspirado tanto por autores marxistas, como Bertolt Brecht, como pelo místico judaico Gershom Scholem. Conhecedor profundo da língua e cultura francesas, traduziu para o alemão importantes obras como Quadros parisienses, de Charles Baudelaire, e Em busca do tempo perdido, de Marcel Proust. O seu trabalho, combinando ideias aparentemente antagônicas do idealismo alemão, do materialismo dialético e do misticismo judaico, constitui um contributo original para a teoria estética. Entre as suas obras mais conhecidas, estão A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica (1936), Teses sobre o conceito de história (1940) e a monumental e inacabada Paris, capital do século XIX, enquanto A tarefa do tradutor constitui referência incontornável dos estudos literários. Sobre Benjamin, confira a entrevista Walter Benjamin e o império do instante, concedida pelo filósofo espanhol José Antonio Zamora à IHU On-Line nº 313, disponível em <http://bit.ly/zamora313>. (Nota da IHU On-Line)

4 Theodor Wiesengrund Adorno (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico Dialética do Iluminismo, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. (Nota da IHU On-Line)

5 João da Cruz e Sousa (1861-1898): foi um poeta brasileiro. Com a alcunha de Dante Negro ou Cisne Negro, foi um dos precursores do simbolismo no Brasil. Segundo Antonio Candido, Cruz e Sousa foi o “único escritor eminente de pura raça negra na literatura brasileira, onde são numerosos os mestiços”. (Nota da IHU On-Line)

6 Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos [Augusto dos Anjos] (1884-1914): poeta paraibano, identificado muitas vezes como simbolista ou parnasiano, mas muitos críticos, como o poeta Ferreira Gullar, concordam em situá-lo como pré-moderno. Entre seus autoepítetos, se destacam “Poeta da morte”, “Poeta do hediondo” e “Poeta da Anti-Hipocrisia”. (Nota da IHU On-Line)

7 Machado de Assis [Joaquim Maria Machado de Assis] (1839-1908): escritor brasileiro, considerado o pai do realismo no Brasil, escreveu obras importantes como Memórias póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro, Quincas Borba e vários livros de contos. Também escreveu poesia e foi um ativo crítico literário, além de ser um dos criadores da crônica no país. Fundador da Academia Brasileira de Letras. Sobre o escritor, há duas edições da IHU On-Line: 262, de 16-6-2008, intitulada Machado de Assis: um conhecedor da alma humana, disponível em <http://bit.ly/iuon262>, e 275, de 29-9-2008, intitulada Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil, disponível em <https://bit.ly/2oHHiQt>. (Nota da IHU On-Line)

8 Carlos Drummond de Andrade (1902-1987): poeta brasileiro, nascido em Minas Gerais. Além de poesia, produziu livros infantis, contos e crônicas. (Nota da IHU On-Line)

Não temos mais motivo de nenhum grande entusiasmo metafísico, pós-metafísico, existencial, artístico e político. Todo ser humano é um nazista diante de outros animais, dito famoso de Isaac Bashevis Singer<sup>9</sup>. Nunca houve tantos corpos dóceis, tantos trabalhadores produtivos, logo, tanta riqueza detida por tão poucos, proporcionalmente, e nunca houve uma nobreza tão poderosa e intocável quanto a atual elite financeira global.

## Morte de Deus e do homem

Nunca na história da humanidade setores progressistas tiveram uma consciência tão clara das ilusões de sua superioridade frente a outros seres. O ser humano escraviza animais, extingue várias espécies, desequilibra profundamente a biosfera e multiplica a sua população – para quê, afinal? Para emburrecer passando horas na timeline das redes? Para assistir insultos e piadinhas de youtubers? Para aumentar a desigualdade dentro de sua própria espécie, para manter o bem-estar de cada vez menos pessoas e agravar o estresse e o sofrimento de uma maioria crescente?

Se todo o polo progressista sabe muito bem aonde esse monumental empreendimento levará – para o fim dos recursos naturais, o fim das grandes florestas, o completo desequilíbrio ecológico e, por conseguinte, o aquecimento global, a tragédia anunciada das mais terríveis catástrofes –, não estamos mais somente diante da morte de Deus e da consequente morte do homem, da qual falava Foucault<sup>10</sup>. Estamos

diante da inversão de todo motivo de orgulho em vergonha de ser homem. Homem: nos dois execráveis e interligados sentidos da palavra. Nunca na história chegamos à conclusão de que era melhor não termos existido. Somos baratas mamíferas fazendo porcarias no único planeta que temos. Uma certa leitura da metamorfose de Kafka<sup>11</sup> se tornou o nosso retrato. Os poucos índios que ainda e sempre resistem têm toda razão em sentirem nojo de nós. Se o homem branco via-se a si mesmo como o paladino da racionalidade e, conseqüentemente, da responsabilidade, que fazer diante da descoberta

“Todo ser humano é um nazista diante de outros animais”

de que sua racionalidade instrumental é a destruidora da vida no planeta, incapaz de frear a ânsia exterminadora de gerar lucro a todo custo?

## Banalização das pautas

Podemos afirmar aqui e ali que temos novos projetos pela frente: sustentabilidade, movimentos identitários, democratização das mídias. Apesar de serem pautas urgentes e extremamente necessárias, a própria

lógica propagandística do escândalo do dia, perpetrada pela estrutura conjunta da grande mídia, mídias alternativas oportunistas e Facebook, banaliza tais pautas, para, como resposta, propagar a ascensão das mentiras que a contrariam, das ilusões favoráveis ao sistema, e desagregam o árduo trabalho formativo, prático e crítico que deveríamos ter nelas. As pautas da esquerda viram pequenas crenças, uma separada da outra, brigando por espaço.

Talvez os evangélicos sejam mais sinceros em sua fé do que a fé dos progressistas. As diferentes modalidades de culto ao escândalo se tornam, então, manifestações de nossa cegueira fundamental: estampa-se o nosso fracasso, mas ele é tão definitivo e gritante que, justamente, não somos capazes de assumi-lo, aí podemos inventar o simulacro substitutivo que quisermos para tampar o vazio.

A revolta progressista, que continuamente conclama um novo slogan, retira uma nova hashtag do bolso para reivindicar suas pautas, só responde à agenda prévia de notícias do dia ditadas pela mídia e impostas pela estrutura programática das redes sociais. Em suma, ela é tão niilista quanto o desejo de grandeza nacional da extrema direita. Uma reage impotente diante da catástrofe, outra alucina, potente, e torna a catástrofe o seu triunfo. Essa sede de grandeza, tanto dos ideólogos de Trump<sup>12</sup> quanto do atual ministro das Relações Exteriores do novo presidente, é uma reação compreensível à derrocada de todos os valores passados que a esquerda hoje só pode entender como mentira, e não consegue encontrar outro valor senão nos oprimidos por essa mentira, naqueles tidos como fracassos, que agora

9 Isaac Bashevis Singer (1902-1991): escritor judeu-americano. Nasceu na Polônia, mas viveu muitos anos nos Estados Unidos, onde escreveu e publicou sua obra. (Nota da IHU On-Line)

10 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada 'História da loucura' e o discurso racional em debate, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, O (des)governo biopolítico da vida humana, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, Biopolítica, estado de

exceção e vida nua. Um debate, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética. (Nota da IHU On-Line)

11 Franz Kafka (1883-1924): escritor tcheco, de língua alemã. Considerado pela crítica um dos escritores mais influentes do século 20. A maior parte de sua obra, como A metamorfose, O processo e O castelo, está repleta de temas e arquétipos de alienação e brutalidade física e psicológica, conflito entre pais e filhos, personagens com missões aterradoras, labirintos burocráticos e transformações místicas. Albert Camus, Gabriel García Márquez e Jean-Paul Sartre estão entre os escritores influenciados pela obra de Kafka. O termo “kafkiano” popularizou-se em português como algo complicado, labiríntico e surreal, como as situações encontradas em sua obra. (Nota da IHU On-Line)

12 Donald Trump (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da IHU On-Line)

devem se tornar fortes.

## O mal

Um é o fundamentalista da grandeza, outro não deixa de idolatrar o oprimido. Ambos fogem, do mesmo modo, do niilismo, isto é, do mal de nosso tempo. Entendo o mal não como a força de atração do pecado, mas como a consequência da fragilidade diante da poderosa treva da falta de sentido. Tal abismo leva à proliferação de culpas e dívidas infinitas, concretas ou imaginárias, monetárias ou morais, que se pode atribuir aos dominantes, por seus privilégios, ou aos dominados, por sua suposta incapacidade meritocrática, mas que não serve a outro motivo senão dar sentido ao que não tem.

Só ganhamos força diante do vazio, primeiro, descobrindo que ele faz parte de nós; segundo, o quanto somos pequenos diante dele, sendo partes dele; terceiro, o quanto tal pequenez tem sua grandeza. Uma lição dos grandes pensadores do niilismo foi sempre a seguinte: não existe a mínima perspectiva de resposta a ele senão reconhecendo e assumindo toda a extensão de seu alcance. Antes de passar para qualquer proposta de solução, que já deve ser entendida de saída como parcial, é preciso demorar-se mais tempo no insolúvel. Ora, é precisamente isso que não estamos fazendo.

**IHU On-Line – Como o mal se perfaz no totalitarismo? E como ele se revela no tecido social em nosso tempo, em que também somos atravessados pelas tecnologias?**

**Eduardo Losso** – Nunca setores dominantes, como celebridades da política e do entretenimento, foram tão atacados e injuriados. Toda e qualquer pessoa, por mais respeitada ou querida que seja ou tenha sido, pode ser vítima de escracho nas redes sociais. Esse fenômeno não está desligado daquele, da vergonha de ser homem. O destronamento da hu-

manidade e de suas personalidades modelares cria, naturalmente, uma histeria moral, pois todo mundo quer apontar os defeitos dos outros, as qualidades perderam o atrativo. Manipuladores de opinião perceberam que o ódio deve ser estimulado e direcionado para os seus interesses.

Contudo, essencialmente, esse império do ódio, essa impossibilidade de admiração substancial, vem de uma vergonha de toda a espécie, que não está sendo nem pode ser

“Nunca  
na história  
chegamos à  
conclusão de  
que era melhor  
não termos  
existido”

ditada. Mas, na prática, a sensação de asco do ser humano por outros seres humanos existe, especialmente nas cidades cada vez mais numerosas, e vai aumentar, e vai buscar justificativas ideológicas advindas de orgulho ferido, preconceito, bolhas, polarização, moralismo, do que seja, para se expressar e agir.

Nosso corpo deseja ambientes naturais, não cubículos emparedados, nem prédios gigantescos, luzes ofuscantes, barulhos gritantes, ruas apinhadas e carros numerosos. Nossos olhos desejam olhar paisagens de verdade, não telas durante horas por dia. Nosso olfato deseja respirar o ar de vegetação exuberante, não cheiros de comida por todo lado só para atrair clientes, perfumes artificiais, poluição. Não preciso dizer que nosso sistema nervoso deseja andar tranquilo e não com medo de agressores e assaltantes. Mas o mercado, essa mão invisível, inquestionável e soberana, quer eliminar as poucas reservas naturais que sobram, multiplicar mais seres como nós retirando todos os seus direitos mínimos e

engordar cidades: isso não tem como dar certo.

Para alienar-se de suas necessidades reais, as pessoas se deixam atrair não pelo remédio, mas pelo veneno. A lógica dispersiva da notícia e da propaganda, que já era parte integrante da grande mídia, é agravada mil vezes com as postagens e os encaminhamentos das redes sociais. Muitos acreditaram piamente no potencial de informação e democratização da internet, que, de fato, seria enorme, se o seu potencial destrutivo não fosse maior, se o último pudesse ser alertado, aplacado, e não estimulado, como é o caso.

## Renovação bem-sucedida do totalitarismo

Enquanto os técnicos da internet estavam testando e sofisticando novas modalidades de controle com seus complexos algoritmos, intelectuais progressistas vips estavam rebatendo alegremente os teóricos da manipulação de cinquenta anos atrás com sorriso no rosto. Enquanto argumentos da teoria pós-moderna estavam se regalando com relativismos, o cinismo dos manipuladores atuais estava se servindo deles para uma renovação muito bem-sucedida do totalitarismo.

Sabe aquela tese de Lyotard<sup>13</sup> de que as metanarrativas dominantes deram lugar a micronarrativas fragmentadas, e cujo conceito de “narrativa” se tornou tão onipresente? Bem, talvez estejamos vendo justamente o avanço de metanarrativas que se alimentam de polarização recíproca. O mais confortável é sempre estar, inclusive, do lado de uma vituperando outra. Quem critica ambas e busca algo genuinamente diferente vive no meio do tiroteio, desprotegido. A hipótese das micronarrativas, nos locais mais globalizados, não é

<sup>13</sup> Jean-François Lyotard (1924-1998): filósofo francês, autor de uma filosofia do desejo e significado representante do pós-modernismo. Escreveu, entre outros, *A fenomenologia* (Lisboa: Edições 70, 1954), *O inumano: considerações sobre o tempo* (Lisboa: Estampa, 1990), *Heidegger e 'os judeus'* (Lisboa: Instituto Piaget, 1999) e *A condição pós-moderna* (8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004). (Nota da IHU On-Line)

senão mais uma metanarrativa.

**IHU On-Line – Em meio à dor do campo de concentração, Etty Hillesum encontra espaço para agradecer a vida e enxerga o céu azul em meio ao cinza. Poderia esse ser um exemplo da poesia como exercício espiritual que valoriza a arte do viver, apesar de toda adversidade?**

**Eduardo Losso** – O que não faltam são exemplos da poesia como uma forma moderna de prática espiritual, por mais que críticos literários pós-modernos impliquem com a palavra “espiritual” e não saibam como um Pierre Hadot<sup>14</sup> a utilizou em relação à filosofia antiga. A poesia moderna, especialmente desde o simbolismo, não foge do niilismo, pelo contrário, ela dedica boa parte de suas energias a ele e, ao mesmo tempo, exercita a fundo vias sutis de reencantamento do mundo, através de experiências embriagadoras que ela mesma pode originar, sem apelar nem para drogas, nem para grandes rituais ou festas.

Do mesmo modo, em vários casos ela se propõe a estabelecer um novo tipo de prática de vida material e espiritual em meio à apoteose da produtividade, do consumo e da desigualdade. Um traço característico da poesia moderna é, antes de mais nada, ser uma nova medida de sobrevivência ascética, nunca fuga ou passatempo intimista. É a resistência da experiência que deseja se tornar uma reexistência do encantamento.

**IHU On-Line – A mística de Etty Hillesum é revelada nos escritos de seus diários e cartas.**

<sup>14</sup> Pierre Hadot (1922-2010): filósofo francês, é um dos coautores do livro *Dicionário de ética e Filosofia Moral* (São Leopoldo: Unisinos, 2003). Suas pesquisas concentraram-se primeiramente nas relações entre helenismo e cristianismo, em seguida, na mística neoplatônica e na filosofia da época helenística. Elas se orientam atualmente para uma descrição geral do fenômeno espiritual que a filosofia representa. Em português, pode ser lido o livro de sua autoria *O que é a filosofia antiga?* (São Paulo: Loyola, 1999). Para uma resenha da obra, confira a revista *Síntese* 75 (1996), p. 547-551. A resenha do original francês é de Henrique C. de Lima Vaz. Em português, foi publicado, em novembro de 2014, o seu livro *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga* (É Realizações Editora). (Nota da IHU On-Line)

**De que forma a relação com a escrita é capaz de fornecer um caminho para o transcendente?**

**Eduardo Losso** – Não há nada transcendente sem que não ganhe existência no imanente, assim como não há nada espiritual que não se dê senão a partir e por meio do material, daí o conceito de Hadot se intitular *prática* espiritual. De fato, o ato de escrever é uma das principais atividades da história da ascese, isto é, da prática de si, cuja meditação

“Os poucos índios que ainda e sempre resistem têm toda razão em sentirem nojo de nós”

demorada e registrada se dá nas anotações pessoais, quando a escrita serve ao desenvolvimento espiritual do sujeito, e não a trabalhos meramente burocráticos. A escrita sai do âmbito utilitário e entra no terreno da autotransformação e, sempre quando imerge em si mesmo, necessariamente serve para outros que estejam numa busca, numa *quête*.

Evidentemente, a investigação espiritual que ocorreu no terreno da filosofia antiga, do monasticismo e, no renascimento, dos filósofos herméticos da natureza, influenciou profundamente a imersão subjetiva da poesia nos mesmos períodos até a modernidade, bem como vice-versa. Isto é, a poesia também influenciou tais movimentos. A conexão entre os dois é uma das pesquisas comparatistas mais importantes de se fazer hoje em dia, e esse é um foco central do meu trabalho.

**IHU On-Line – Etty Hillesum também fala da necessidade dos silêncios. Qual o espaço do**

**silêncio e da contemplação na mística moderna?**

**Eduardo Losso** – “O silêncio me diz muito mais, muito mais/ do que todos os sons: diz-me aos ouvidos da alma”, afirma a poeta simbolista, feminista e negra e ainda hoje infelizmente pouco conhecida Gilka Machado<sup>15</sup>, em 1917, no fabuloso livro *Estados da alma*.

Quando alguém vive na cidade grande, mesmo num bairro residencial relativamente tranquilo, quando se mora num prédio de sete andares ao lado de outros de dez, ouvirá ininterruptamente ruídos de obras, músicas de alto-falantes estridentes de pessoas que não sabem escutar sem incomodar os outros, latidos de cães infelizes porque vivem dentro de apartamento, festas, brigas, TVs no máximo volume. Dificilmente teremos a perspectiva social de uma reeducação para o respeito ao espaço acústico do outro e para a apreciação do silêncio. Tenho insistido muito nesse ponto.

O que poetas e místicos mais fizeram ao longo da história foi evidenciar uma verdadeira *recherche* do silêncio, interior e exterior, inclusive da complexa interpenetração espacial entre o material e o espiritual que se dá na ambiência, na *Stimmung*, dentro do fora e fora do dentro. O silêncio diz mais do que todos os sons que incessantemente nos perseguem, e é e será cada vez mais, sem dúvida, um dos maiores luxos da contemporaneidade. Feliz de quem possui a dádiva rara de algum tempo de silêncio em sua residência. Alceu Amoroso Lima<sup>16</sup>, no livro *Meditações sobre o mundo interior*, de 1953, reflete já naquele tempo sobre a dificuldade do amante do silêncio viver na cidade grande, no caso, no Rio de Janeiro. Imagine então o que ele não diria hoje, já que a maioria

<sup>15</sup> Gilka Machado (1893-1980): foi uma poetisa brasileira. Seu trabalho geralmente é classificado como simbolista. Machado ficou conhecida como uma das primeiras mulheres a escrever poesia erótica no Brasil; também foi uma das fundadoras do Partido Republicano Feminino (em 1910), que defendia o direito das mulheres ao voto. (Nota da IHU On-Line)

<sup>16</sup> Alceu Amoroso Lima (1893-1983): nascido no Rio de Janeiro, crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico. Adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde. (Nota da IHU On-Line)

da população vive em cidades e não mais no campo, estando os centros urbanos brasileiros certamente entre os mais barulhentos e hostis do mundo?

### Poesia e espaço para quietude

A violência social não está só no âmbito mais grosseiro da ameaça à integridade física, ela também se dá no estresse ininterrupto do desconforto físico e psíquico, que poderíamos chamar de tortura suave, *soft torture*. A poesia, nesse sentido, é mais, repito, do que um passatempo de pessoas instruídas, ela pratica um modo de vida que já é uma forma de sobrevivência. Ela abre um espaço de quietude que permite observar a ansiedade exterior e interior de longe, de modo semelhante a meditações budistas.

Tenho escrito frequentemente sobre essa questão, justamente porque quase ninguém reflete sobre isso em termos históricos, concretos e contemporâneos. Louvar o silêncio abstratamente, sem ter em mente essa dimensão concreta, é insatisfatório.

### IHU On-Line – De que forma a Modernidade reconfigura a poesia e como isso impacta no místico, no transcendente?

**Eduardo Losso** – A Modernidade deu à poesia a possibilidade de sua autonomia, de seu destaque de ideologias e doutrinas religiosas. Como a mística, inclusive a poesia mística, especialmente desde o século XII, tinha sido uma ameaça ao controle eclesiástico, a mística deu à poesia moderna a chave de como perseguir o reencantamento do mundo num mundo desencantado, sem ignorar o abalo dos valores doutrinários e, mesmo que a mística tradicional não pretenda romper com autoridades doutrinárias, são elas que rompem com a mística, devido a sua incorrigível ousadia.

As variadas místicas do século XII ao XVII deram à poesia moderna

tanto uma lição de rebeldia quanto de prática de si, tanto de disciplina quanto de indisciplina extática. Recomendando a audição da canção “Indiscipline”, do King Crimson<sup>17</sup> dos anos 80, um bom exemplo de peso dionisíaco pós-psicodélico, feita de uma estrutura contrastiva, cheia de jogos rítmicos internos, que ilustra musicalmente o assunto.

A outra questão que a sua pergunta toca é o que seria, afinal, uma mística da própria poesia moderna, não é?

“As pautas da esquerda viram pequenas crenças, uma separada da outra, brigando por espaço”

### IHU On-Line – O senhor trabalhou a secularização da mística na arte moderna. No que consiste essa secularização? Podemos considerar que o transcendente foi esvaziado? Por quê?

**Eduardo Losso** – Foi. A crença numa transcendência eterna foi completamente abalada, sim, no setor mais avançado da poesia moderna, mas isso não se deu sem muitas perturbações coletivas e pessoais. Baudelaire<sup>18</sup> e Rimbaud<sup>19</sup> expõem

17 King Crimson: é um grupo musical inglês formado pelo guitarrista Robert Fripp e pelo baterista Michael Giles em 1969. O estilo musical da banda costuma ser categorizado como rock progressivo, mas a sua sonoridade carrega vários estilos, como jazz, música erudita, new wave, heavy metal e folk. (Nota da IHU On-Line)

18 Charles-Pierre Baudelaire (1821-1867): poeta e teórico da arte francês. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. Em 1857 lança *As flores do mal*, contendo 100 poemas. O livro é acusado de ultrajar a moral pública. (Nota da IHU On-Line)

19 Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (1854-1891): poeta francês. Produziu suas obras mais famosas quando ainda era adolescente, sendo descrito por Paul James, à época, como “um jovem Shakespeare”. (Nota da IHU On-Line)

um conflito interior muito intenso com seu destino de pecadores. Lautréamont<sup>20</sup> assume a maldição, Huysmans<sup>21</sup> produziu um decadentismo maldito para depois se converter de novo ao catolicismo. Depois, muitos escritores católicos defendem o catolicismo de Baudelaire e Rimbaud; outros, especialmente os surrealistas, defendem seu caráter anticlerical. Essa briga fica evidente, aqui no Brasil, nas diferentes leituras que Mário<sup>22</sup> e Oswald de Andrade<sup>23</sup>, de um lado, e Murilo Mendes<sup>24</sup>, Jorge de Lima<sup>25</sup> e Alceu Amoroso Lima<sup>26</sup>, de outro, fazem dos precursores, e como os desdobram em suas

20 Isidore Lucien Ducasse, mais conhecido pelo pseudônimo literário de *Conde de Lautréamont* (1846-1870): foi um poeta uruguaio que viveu na França. É o autor dos *Cantos de Maldoror*. Sua poesia também era apreciada por André Breton, que o considerava, de certa forma, como um dos precursores do surrealismo. (Nota da IHU On-Line)

21 Joris-Karl Huysmans (1848-1907): foi um escritor e crítico de arte francês, primeiramente associado a Émile Zola e ao grupo de naturalistas. Depois, juntou-se ao Movimento Decadente Francês. Huysmans era “um artista maior do que Zola”, segundo o crítico Ford Maddox Ford, no *Marchas da literatura* (1938): “deixou as catedrais e as estradas deste mundo em 1907, e não suponho que se ouvirá, ao menos uma vez, em qualquer época, seu nome mencionado em reuniões literárias.” A conversão de Huysmans, do Satanismo ao Catolicismo, da obsessão por sensações bizarras à busca da vida espiritual, pode ser seguida em livros como *A rebours* (1884), *Là-bas* (1891) e *La cathédrale* (1898). (Nota da IHU On-Line)

22 Mário de Andrade (1893-1945): nascido em São Paulo, poeta, romancista, musicólogo, historiador, crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Pauliceia desvairada*, em 1922. Foi a força motriz por trás da *Semana de Arte Moderna*, evento ocorrido em 1922 que reformulou a literatura e as artes visuais no Brasil. Exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso (foi um pioneiro do campo da etnomusicologia), sua notoriedade transcendeu as fronteiras do Brasil. Andrade foi a figura central do movimento de vanguarda de São Paulo por vinte anos. Seu romance *Macunaima* foi publicado em 1928. (Nota da IHU On-Line)

23 Oswald de Camargo: poeta e escritor brasileiro, estudou no Seminário Menor Nossa Senhora da Paz, em São José do Rio Preto. Ainda aprendeu a tocar piano e harmonia no Conservatório Santa Cecília, em São Paulo. Intitulou-se herdeiro de buscas culturais de negros do País que, no início do século XX, começaram a reavaliação da situação do elemento afro-brasileiro e partiram para uma tentativa de inseri-lo social e culturalmente, tendo como armas sobretudo agremiações de cultura, jornais alternativos para a coletividade, teatro negro, a literatura, sobretudo a escrita por poetas de temática afro-brasileira, como Lino Guedes e Solano Trindade. (Nota da IHU On-Line)

24 Murilo Mendes (1901-1975): um dos mais importantes poetas brasileiros, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Publicou seu primeiro livro, *Poemas*, em 1930, ao qual também estreia o poeta Carlos Drummond de Andrade. Recebeu, em 1972, o prêmio internacional de poesia *Etna-Taormina*. Nesse ano veio ao Brasil pela última vez. Ao lado de seus livros, Murilo Mendes também publicou muito na imprensa, em especial artigos sobre artes plásticas, tendo ainda escrito muitos textos para catálogos de exposições de arte. (Nota da IHU On-Line)

25 Jorge de Lima (1893-1953): escritor brasileiro, alagoano. Suas obras se dividem em três fases mais notórias: a primeira, de cunho parnasianista/simbolista; a segunda, quando aderiu ao movimento modernista; e a terceira, quando seus livros exibiam um profundo traço surreal e religioso, notadamente católico. (Nota da IHU On-Line)

26 Alceu Amoroso Lima (1893-1983): nascido no Rio de Janeiro, crítico literário, professor, pensador, escritor e líder católico. Adotou o pseudônimo de Tristão de Ataíde. (Nota da IHU On-Line)

poéticas.

Uma coisa é a rebeldia anticlerical que é explícita nos movimentos simbolista e surrealista, outra é a proximidade de ambos com o esoterismo. A presença constante do esoterismo no século XIX e em boa parte do século XX nos movimentos artísticos sempre foi vista com extrema repulsa tanto por católicos e protestantes quanto por ateus anarquistas, comunistas, socialistas e liberais. Tal esoterismo tem raízes antigas, mas suas bases floresceram no hermetismo renascentista e ele explodiu, tornando-se moda, na segunda metade do século XIX, e não se entende o simbolismo sem ele. No modernismo, o esoterismo foi uma presença central em todas as suas vertentes, especialmente em figuras como Kandinsky<sup>27</sup> e Breton<sup>28</sup>; em seguida, todo um espiritualismo da vida alternativa, fora da cidade, vai mobilizar beatniks e hippies. O belo filme *Hilda Hilst pede contato* (2018)<sup>29</sup>, de Gabriela Greeb<sup>30</sup>, deste ano, exemplifica o lado paranormal dessa vertente.

Na briga entre ateus e cristãos, escritores ateus ou supostamente ateus ou disfarçadamente ou discretamente religiosos são bem aceitos para críticos literários laicos, enquanto escritores orgulhosamente cristãos são bem aceitos em terrenos teológicos, e menos aceitos do outro lado. Muitos escritores que flertaram com o esoterismo ou tiveram esse seu

lado menosprezado (como é o caso de Hugo<sup>31</sup>, Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé<sup>32</sup>, Nerval<sup>33</sup>, Breton<sup>34</sup>, entre tantos outros), ou foram quase apagados da história (é o caso do grande poeta e intelectual simbolista brasileiro Dario Vellozo<sup>35</sup>). O que nossa academia pós-moderna não quer ver é que o esoterismo pode ter tanto tentáculos progressistas quanto os mais temerariamente conservadores. Se você não reconhece os progressistas, se você teima em manter o tabu de não falar dele, de não estudá-lo, o resultado é lógico: ele vai prosperar lá no outro lado.

Tudo isso para dizer que existe uma problemática nessa questão que está puramente atrelada a meros conflitos de influência política, em que os terrenos de saber e poder se digladiam e criam forças de atuação no reconhecimento de escritores modernos. Quando se fala levemente de “cânone”, dever-se-ia pensar nessas relações de força mais específicas de sua configuração.

## O abismo do niilismo

O outro lado da questão é o drama

do sujeito diante da morte de Deus – o abismo do niilismo – que foi experimentado intensamente por todos esses nomes que citei aqui e que motivou idas e vindas de todos eles entre os três territórios que eu mencionei: cristianismo, ateísmo e esoterismo, e que, inclusive, deu margem a incursões em religiões orientais, hinduísmos e budismos, especialmente.

Não podemos desconsiderar o fato de que a política se tornou, estruturalmente, a verdadeira religião, com direito a fidelizações inabaláveis ou conversões extremas, demonizações do lado oposto, cismas, projetos messiânicos, e a maior prova disso é, justamente, como a importância da religião na política só tem crescido. Deveríamos pensar num outro fenômeno: escolas de pensamento dentro de formações profissionais, tanto na universidade como fora dela, contêm uma estrutura que tem suas modalidades de conversão, iniciação e sacerdócio secular. Certamente que elas convivem entre si, seja com discussões amigáveis, seja com formas de blindagem e tipificação recíprocas. Pessoas podem pertencer a uma, ou a duas escolas, ou áreas de conhecimento, ou de estudo (*studies*), podem criar espaços de mediação metodológica ou “interdisciplinar”, ou mesmo podem existir pessoas híbridas, “contemporâneas”, perdidas ou não, mas essas possibilidades de afrouxamento não diminuem seu poder de estabelecimento não só no plano mental, mas no âmbito de todo um modo de vida. Uma pode estar em baixa e diminuir sua influência e voz, outra pode estar em alta e obrigar todas a ser levada em consideração. Chegando a esse ponto, ela vai incidir em costumes, comportamentos, modos de existência.

Recentemente, no plano político, houve, para um grande número de pessoas, uma experiência radical de conversão ao feminismo, ou ao ativismo ecológico, ou ao veganismo, em que o mundo se revelou completamente diferente do que havia sido outrora. Essa capacidade de transformação profunda de subjetivi-

27 Wassily Kandinsky (1866-1944): artista russo, nacionalizado francês, professor da Bauhaus e introdutor da abstração no campo das artes visuais. (Nota da IHU On-Line)

28 André Breton: criador do movimento artístico e literário conhecido como Surrealismo, surgido na França, no início do século XX. Em 1924, André Breton publica o Primeiro Manifesto Surrealista. A sua pretensão é conseguir a escrita automática, o fluxo do subconsciente liberado de todas as pressões sociais e culturais. A influência da psicanálise e das obras de Freud é evidente, e na sua base reside a ideia de conseguir mudar a sociedade. Para isso, a escrita deve ser pura, refletindo unicamente aquilo que pensamos, sem correções nem retificações impostas pela “autocensura” que todos exercemos. (Nota da IHU On-Line)

29 Documentário sobre a escritora, poeta e dramaturga Hilda Hilst, considerada uma das mais importantes vozes da língua portuguesa do século 20. Com arquivos pessoais, depoimentos, encontros e intervenções, o filme revela sua memória e presença na Casa do Sol, chácara onde vivia em Campinas. (Nota da IHU On-Line)

30 Gabriela Greeb: diretora e roteirista de cinema, estudo Filosofia, Letras e Ciências Humanas na PUC e na USP. Deixou o Brasil em 1989 para estudar línguas na Europa, onde ficou por 12 anos entre Londres, Barcelona e Paris. Autora de curtas de ficção, documentários e vídeo instalações, Greeb realizou seu primeiro documentário em 1996, *Le Baiser*, que foi exibido em mais de mil salas de cinema da França. Em 2003, fundou o estúdio independente Homemadefilms, com o objetivo de produzir documentários autorais e instalações audiovisuais. (Nota da IHU On-Line)

31 Hugo von Hofmannsthal (1874-1929): foi um escritor e dramaturgo austríaco e um dos instituidores do Festival de Salzburgo. Hofmannsthal alcançou prestígio internacional graças a sua colaboração com o compositor e maestro alemão Richard Strauss e foi um dos mais importantes representantes do movimento Fin de Siècle da língua alemã. (Nota da IHU On-Line)

32 Stéphane Mallarmé (1842-1898): poeta e crítico literário francês. Mallarmé se utilizava dos símbolos para expressar a verdade através da sugestão, mais que da narração. Sua poesia e sua prosa se caracterizam pela musicalidade, a experimentação gramatical e um pensamento refinado e repleto de alusões que pode resultar em um texto às vezes obscuro. Seus poemas mais conhecidos são *L'après-midi d'un faune* (1876), *Herodias* (1869) e *Un coup de dés* (1897). Outras obras importantes de Mallarmé são a antologia *Verso e prosa* (1893) e o volume de ensaios em prosa *Divagações* (1897). Mallarmé destacou-se por uma literatura que se mostra ao mesmo tempo lúcida e obscura. É, por isso, considerado um poeta difícil e hermético. Sobre Mallarmé, confira a entrevista *A quase-arte de Mallarmé*, concedida por André Dick, doutor em Literatura Comparada pela UFRGS. O material pode ser acessado em [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). (Nota da IHU On-Line)

33 Gérard de Nerval (1808-1855): poeta francês. Desde cedo foi atraído pela literatura alemã, em especial “*Contos Fantásticos*”, de Hoffmann, e “*Fausto*”, de Goethe, que começou a traduzir em 1828. (Nota da IHU On-Line)

34 André Breton: criador do movimento artístico e literário conhecido como Surrealismo, surgido na França, no início do século XX. Em 1924, André Breton publica o Primeiro Manifesto Surrealista. A sua pretensão é conseguir a escrita automática, o fluxo do subconsciente liberado de todas as pressões sociais e culturais. A influência da psicanálise e das obras de Freud é evidente, e na sua base reside a ideia de conseguir mudar a sociedade. Para isso, a escrita deve ser pura, refletindo unicamente aquilo que pensamos, sem correções nem retificações impostas pela “autocensura” que todos exercemos. (Nota da IHU On-Line)

35 Dario Persiano de Castro Vellozo (1869-1937): poeta e escritor brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

vidades que movimentos políticos, intelectuais, ideológicos e culturais possuem molda a visão de mundo dos envolvidos. No elevado nível de promessa e potencial de autotransformação, escolas de pensamento laicas e ordens esotéricas não estão nada distantes umas das outras.

Os conservadores reagem religiosamente a um fenômeno que, de fato, não pode ser excluído do âmbito religioso, mesmo que advindo de um terreno tido como secular. O que geralmente é trabalhado no plano discursivo, em cursos, palestras, artigos e livros, tendo um projeto de expansão ideológica, depois pode chegar em notícias, memes, posts, vídeos, compartilhamentos e encaminhamentos de WhatsApp e Facebook. Vivemos hoje uma espécie de hiperpenetração de ideologias na vida virtual dos usuários. O nível de constância e intensidade de informação, advinda de diversas mídias e interatividades, pode compor um indivíduo tão preenchido por uma visão de mundo quanto o monge mais devoto e o ativista mais empenhado.

### IHU On-Line – No Brasil de hoje, há espaço para a arte em meio a tantas crises? Por quê?

**Eduardo Losso** – Deve haver, não tem como não haver. Depende de nossa saúde mental, de nossa medida de sobrevivência, hoje, não ficar só dando importância a eternas discussões sobre política partidária, que geralmente nos tornam reféns de projetos de poder dos políticos e dos partidos, e destituem nossa própria autonomia e espaço de circulação enquanto produtores culturais, isto é, ofuscam a nossa política. O holofote constante na polarização apagou a cena artística de tal forma que geralmente as únicas manifestações culturais que se destacam são aquelas que se referem a ele. Isso já é um certo silenciamento da cultura, justamente na sua capacidade única de singularização de vozes. A espetacularização da guerra moral (que é chamada, ironicamente, de “cultural”) retira a atenção para outras dimensões do olhar. Trata-se de um dos efeitos da *cultura do dé-*

*ficat de atenção*, sobre a qual filosofia o grande teórico crítico Christoph Türcke<sup>36</sup>, cujo último livro lançado no Brasil José Pedro Antunes<sup>37</sup> traduziu e eu revisei: ela leva a um empobrecimento inédito da percepção, uma tremenda cegueira para sutilezas. Francisco Bosco<sup>38</sup>, importante figura da política cultural de hoje, é um dos poucos pensadores conscientes desse problema.

Então, se artistas, críticos e produtores culturais de alto nível não param de trabalhar, devemos é dar espaço a eles, e não duvido que, junto com o árduo esforço de educadores, essa é a melhor coisa que podemos fazer para lidar com os terrores contemporâneos, por isso vou aqui citar alguns nomes. Thiago Amud<sup>39</sup> acabou de lançar o CD *O cinema que o sol não apaga*. Junto com os dois outros, a obra de Amud tem se revelado como a melhor coisa que já ouvi da MPB nos últimos 30 anos, não é à toa que Caetano tem falado dele em quase toda entrevista que dá recentemente.

Ainda insisto no CD do Pedro Sá Moraes<sup>40</sup>, *Além do princípio do prazer*, de 2013, que merece mais atenção do que teve. Tanto o CD de Amud quanto o do Pedro tiveram a inventiva produção de Ivo Senra. O

trabalho de incursão na Amazônia profunda de Thiago de Mello<sup>41</sup>, na voz da divina cantora Ilessi, também me entusiasma. O livro que organizei com Pedro Sá Moraes, *Música chama*, fala sobre essa produção.

### Além da MPB

Já não sei se seria fora da MPB, mas de qualquer modo mais dentro do rock alternativo, as composições solos de ex-integrantes da histórica banda dos anos 90 de “rock regressivo”, Zumbi do Mato, refiro-me a Lôis Lancaster e Marlos Salustiano, estão simplesmente no auge de sua criatividade e produtividade e revelam-se a fina flor do melhor que o rock brasileiro produziu em toda sua história, motivo pelo qual eu os considero, junto com Amud, os principais nomes de uma construtiva ousadia artística na música popular.

A banda Dos Cafundós foi, a meu ver, a grande revelação de 2012, mas, por ser um trabalho sofisticado demais para atrair um público mais extenso (é o que sempre lamento na vida...), um de seus integrantes, Pedro Carneiro<sup>42</sup>, por vezes com o nome artístico “Vovô Bebê”, passou para o terreno da MPB e aí tem sido mais reconhecido, e nos últimos dias fez um quarteto com Amud, Sylvio Fraga<sup>43</sup> e Luiza Brina, cujo show recente foi lindo de se ver, aliás, o trabalho poético, musical e cancional de Sylvio Fraga é especial. Nos últimos anos também se sobressaíram as belíssimas composições mineiras de Kristoff Silva, que recomendo expressamente. Gosto também de Rômulo Fróes<sup>44</sup> e Bruno Cosentino<sup>45</sup>.

36 Christoph Türcke: filósofo alemão, professor de filosofia na Hochschule für Grafik und Buchkunst em Leipzig. Dentre suas principais publicações, destacam-se: *Der tolle Mensch. Nietzsche und der Wahnsinn der Vernunft* (4a ed., 2000), livro que foi traduzido para a língua portuguesa com o seguinte título: *O louco: Nietzsche e a mania da razão* (Rio de Janeiro: Vozes, 1993); *Sexus und Geist: Philosophie im Geschlechterkampf* (3a ed., 2001); e *Rückblick aufs Kommende: Altlasten der neuen Weltordnung*. (Nota da IHU On-Line)

37 José Pedro Antunes: possui graduação em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (1972), mestrado em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (1989) e doutorado em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2001). Atualmente é professor assistente doutor da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Temas de interesse: tradução literária, teoria literária, vanguardas históricas, literatura alemã do século XX, teatro, cinema, poesia, língua alemã, entre outros. (Nota da IHU On-Line)

38 Francisco de Castro Mucci (1976): conhecido como Francisco Bosco, é um poeta, compositor e filósofo brasileiro. Em 2015, foi nomeado presidente da Funarte. Em 2016 foi exonerado. Filho do músico João Bosco, fez doutorado em Teoria Literária pela UFRJ. Foi coordenador da Rádio Batuta e colunista do jornal O Globo. Suas primeiras composições em parceria com o pai foram registradas por este no CD *As mil e uma aldeias*, de 1997. A dupla voltou a funcionar nos álbuns *Na esquina* (2000) e *Malabaristas do sinal vermelho* (2003). Também compôs com Guinga (Noturno Copacabana) e Fred Martins (Sem avisado, gravado por Maria Rita). (Nota da IHU On-Line)

39 Thiago Amud (1980): cantor, compositor, arranjador e violonista brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

40 Pedro Sá Moraes: cantor e compositor carioca de MPB. (Nota da IHU On-Line)

41 Thiago de Mello (1926): poeta brasileiro, ícone da literatura do Amazonas. Tem obras traduzidas para mais de trinta idiomas. Preso durante a ditadura, exilou-se no Chile, encontrando em Pablo Neruda um amigo e companheiro por toda a vida. Com o fim do regime militar voltou à sua pequena cidade natal, Barreirinha, onde vive até hoje. (Nota da IHU On-Line)

42 Pedro Carneiro: músico, percussionista, compositor e maestro. Pedro Carneiro é um dos poucos músicos de percussão que fez carreira internacional como solista e se estabeleceu como um dos principais percussionistas solo do mundo, apresentando-se regularmente por toda a Europa, Ásia e Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

43 Sylvio Fraga: poeta e compositor carioca, formado em Economia pela PUC-Rio, diretor do Museu Antônio Parreiras, em Niterói. Também é mestre em poesia na New York University. (Nota da IHU On-Line)

44 Rômulo Fróes (1971): cantor e compositor brasileiro, iniciou sua carreira na banda Losango Cáqui, com quem lançou de forma independente, dois discos: *Losango Cáqui\_1997* e *Losango Cáqui #2\_1999*. (Nota da IHU On-Line)

45 Bruno Cosentino: é cantor e compositor brasileiro.

## Poesia

Poetas em atividade não faltam: merecem especial louvor os veteranos que sempre aparecem com grandes surpresas, como Afonso Henriques Neto, o verdadeiro mago surreal da geração marginal, que em breve vai lançar seu primeiro épico; a vida no estranho mundo natural de Leonardo Fróes<sup>46</sup> e seu último livro, *Trilha*; a incansável e ininterrupta produção de Armando Freitas Filho<sup>47</sup>; impressionam também os últimos livros de Salgado Maranhão.

O trabalho crítico e poético de Alberto Pucheu<sup>48</sup>, também intenso e numeroso, tem sido uma voz singular ao pensar sobre política a partir de seu desguarnecimento poético-filosófico. Também impressiona o nosso acadêmico Marco Lucchesi<sup>49</sup>, um dos maiores pensadores e praticantes da contemporaneidade da mística na poesia hoje. Dessa geração, sempre acompanho Claudia Roquette Pinto<sup>50</sup>, Carlito Azevedo<sup>51</sup> e Eucanaã Ferraz<sup>52</sup>; vale destacar a extravagante poesia de Waldo Motta<sup>53</sup>.

A mais incansável e ativa de todas as pessoas que conheço é Sergio

Cohn<sup>54</sup> e sua Azougue Editorial, cujo trabalho crítico é imprescindível, re- vigorador de um viés do pensamento poético pouco visível antes dele e do qual sinto fazer parte. Sua produção encantadora tenho estudado como o ponto de chegada daquilo que chamamos de *tradição delirante* na poesia brasileira, bem como o trabalho editorial e poético de Renato Rezende<sup>55</sup>, sobre o qual já escrevi um livro. Da minha geração, também destaco a produção de André Luiz Pinto, Tarso de Melo<sup>56</sup>, Rodrigo Petronio<sup>57</sup> e Mariana Ianelli<sup>58</sup>.

“Louvar o  
silêncio  
abstratamente,  
sem ter em  
mente essa  
dimensão  
concreta, é  
insatisfatório”.

Agora cito novos poetas que têm me chamado atenção. Em primeiro lugar, uma explosão de mulheres, o que todos estão comemorando com razão: Ana Paula Simonaci, Danielle Magalhães, Gab Marcondes, Mariana Basílio e Bruna Mitrano; além delas, Nuno Rau, Rafael Zacca e o jovem monge Tito Leite, cujo livro *Digitais do caos*, me surpreendeu.

Na prosa, gosto especialmente dos romances de Marcia Tiburi<sup>59</sup> e os contos de Evando Nascimento.

Por que não lembrar do meu recém-lançado livro, *Sublime e violência. Ensaio sobre poesia brasileira contemporânea*, em que reflito sobre todas essas questões e analiso a obra de alguns dos autores que citei?

**IHU On-Line – Depois da experiência de 2013, o Brasil vive um avanço da extrema direita. Como o senhor vê esse atual cenário? O que ficou das resistências e dos sonhos de 2013?**

**Eduardo Losso** – Acho que a esquerda (não somente o PT, a esquerda como um todo) deve fazer uma profunda autocritica de todos os erros que levaram a dar de mão beijada a vitória a eles. A meu ver, ela se enganou gravemente em quatro aspectos: desprezo pela classe média, desprezo pela religião (dos setores mais culturais e intelectualizados), desconsideração pelas preocupações morais da população e fragmentação dos movimentos identitários.

Por tudo isso, eu poderia ficar aqui falando do pavor que todos sentem pela ascensão de um pensamento ex-

(Nota da IHU On-Line)

46 **Leonardo Fróes** (1941): é um poeta, tradutor, jornalista, naturalista e crítico literário brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

47 **Armando Martins de Freitas Filho** (1940): é um poeta brasileiro. Foi pesquisador na Fundação Casa de Rui Barbosa, secretário da Câmara de Artes no Conselho Federal de Cultura, assessor do Instituto Nacional do Livro, no Rio de Janeiro, pesquisador na Fundação Biblioteca Nacional, assessor no gabinete da presidência da Funarte, onde se aposentou. (Nota da IHU On-Line)

48 **Alberto Pucheu** (1966): filósofo, poeta e ensaísta brasileiro, professor doutor do curso de Teoria Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

49 **Marco Lucchesi**: mestre em História pela Universidade Federal Fluminense e em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Nota da IHU On-Line)

50 **Claudia Roquette-Pinto** (1963): poeta brasileira. (Nota da IHU On-Line)

51 **Carlito Azevedo** (1961): é um editor, tradutor, crítico e poeta brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

52 **Eucanaã Ferraz** (1961): poeta brasileiro. Publicou, entre outros, os livros de poemas *Desassombro* (7 Letras, 2002 - Prêmio Alphonse de Guimaraens, da Fundação Biblioteca Nacional, melhor livro de poesia de 2002), *Rua do mundo* (Companhia das Letras, 2004), *Cinemateca* (Companhia das Letras, 2008), *Sentimental* (Companhia das Letras, 2012 - Prêmio Portugal Telecom 2013) e *Escuta* (Companhia das Letras, 2015): para o público infanto-juvenil, *Poemas da lara* (Língua Geral, 2008). (Nota da IHU On-Line)

53 **Edivaldo Motta** (1959): é poeta, ator, numerólogo, curador, místico e agitador cultural brasileiro, comumente ligado à geração marginal da década de 1980 e, mais especialmente, à de 1990, apontado como uma das mais representativas vozes da poesia brasileira no final do século XX e início do século XXI, ao lado de Fabrício Carpinejar, Angélica Freitas, Micheline Veruschck, Frederico Barbosa, Cláudia Roquette-Pinto e Cuti. (Nota da IHU On-Line)

54 **Sergio Cohn** (1974): poeta e editor. Dirige a revista *Azougue* desde 1994 e coordena a *Azougue Editorial* desde 2001. (Nota da IHU On-Line)

55 **Renato Rezende** (1964): escritor, tradutor e artista visual. Graduou-se em Estudos Hispânicos pela Universidade de Massachusetts, Estados Unidos. Sua obra *Impar* venceu o Prêmio Alphonse de Guimaraens da Biblioteca Nacional como melhor livro de poesia de 2005. (Nota da IHU On-Line)

56 **Tarso de Melo** (1976): é um advogado e poeta brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

57 **Rodrigo Petronio** (1975): escritor e filósofo brasileiro. Doutor em Literatura Comparada pela UERJ, com uma tese sobre mesologia, uma teoria geral dos meios situada na fronteira entre a cosmologia, a filosofia, a arte e a antropologia. Desenvolveu doutorado sanduíche na Stanford University, sob orientação de Hans Ulrich Gumbrecht. Formado em Letras Clássicas (USP), tem dois mestrados: em *Ciência da Religião* (PUC-SP), sobre o filósofo contemporâneo Peter Sloterdijk, e em *Literatura Comparada* (UERJ), sobre arte e filosofia na Renascença. Foi professor e coordenador dos cursos de Literaturas Espanhola e Hispano-Americana na Universidade Santo André e da Universidade Anhangera. É professor da pós-graduação dos cursos de *Argumento e Roteiro* e de *História da Arte* da FAAP. (Nota da IHU On-Line)

58 **Mariana Ianelli**: poeta, ensaísta, cronista e crítica literária brasileira, mestra em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUCSP. Entre suas produções, destacam-se os livros de poesia *Trajatória* de antes (1999), *Duas chagas* (2001), *Passagens* (2003) e *Fazer silêncio* (2005), que chegou a finalista dos prêmios Jabuti e Bravo! Prime de Cultura 2006, Além de Almádena (2007), finalista do prêmio Jabuti 2008, *Treva* alvorada (2010) e *O amor e depois* (2012), todos pela editora Iluminuras. Como ensaísta, é autora de *Alberto Pucheu por Mariana Ianelli*, (ed. UERJ, 2013). Estreou na prosa com o livro de crônicas *Breves anotações sobre um tigre* (ed. ardotempo, 2013). (Nota da IHU On-Line)

59 **Marcia Tiburi**: filósofa e artista plástica brasileira, especialista em Filosofia pela Universität Gesamthochschule Kassel, Alemanha, mestra e doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), respectivamente, com a tese *Dialética negativa: superação negativa e a transformação da Filosofia em Theodor W. Adorno*. É autora de, entre outros, *Filosofia Cinza – a melancolia e o corpo nas dobras da escrita* (Porto Alegre: Escritos, 2004); *Metamorfoses do Conceito – ética e dialética negativa em Theodor Adorno* (Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005) e *A mulher de costas* (Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006). É autora da 11ª edição do *Cadernos IHU ideias*, intitulado *Os 100 anos de Theodor Adorno e a filosofia depois de Auschwitz*, disponível para download no site do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, [www.ihu.unisinos.br](http://www.ihu.unisinos.br). Tiburi fez parte do elenco do programa *Saia Justa*, veiculado pelo canal fechado GNT, ao lado de Moniça Waldvogel, Betty Lago, Maitê Proença e Soninha Francine. Para mais detalhes, visite [www.marciatiburi.com.br](http://www.marciatiburi.com.br). (Nota da IHU On-Line)

tremista e nada respeitado por todos os nossos critérios. Ao contrário, o que eu vou dizer é que precisamos ouvi-los. Nossas humanidades foram criando, ao longo do tempo, uma redoma em que só se lê mais ou menos as mesmas escolas, as mesmas tradições e vive-se sempre no mesmo espectro ideológico. Um Benjamin, um Adorno, um Foucault<sup>60</sup>, um Leandro Konder<sup>61</sup>, um Antonio Candido<sup>62</sup> não tinham esse entrave:

60 Michel Foucault (1926-1984): filósofo francês. Suas obras, desde a História da Loucura até a História da sexualidade (a qual não pôde completar devido a sua morte), situam-se dentro de uma filosofia do conhecimento. Foucault trata principalmente do tema do poder, rompendo com as concepções clássicas do termo. Em várias edições, a IHU On-Line dedicou matéria de capa a Foucault: edição 119, de 18-10-2004, disponível em <http://bit.ly/ihuon119>; edição 203, de 6-11-2006, disponível em <https://goo.gl/C2rx2k>; edição 364, de 6-6-2011, intitulada 'História da loucura' e o discurso racional em debate, disponível em <https://goo.gl/wjqFL3>; edição 343, O (des)governo biopolítico da vida humana, de 13-9-2010, disponível em <https://goo.gl/M95yPv>, e edição 344, Biopolítica, estado de exceção e vida nua. Um debate, disponível em <https://goo.gl/RX62qN>. Confira ainda a edição nº 13 dos Cadernos IHU em formação, disponível em <http://bit.ly/ihuem13>, Michel Foucault – Sua Contribuição para a Educação, a Política e a Ética. (Nota da IHU On-Line)

61 Leandro Konder: filósofo e professor da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ) e autor de várias obras, entre elas Marxismo e alienação: contribuição para um estudo do conceito marxista de alienação (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965); A democracia e os comunistas no Brasil (Rio de Janeiro: Graal, 1980) e A derrota da dialética: A recepção das ideias de Marx no Brasil, até o começo dos anos trinta (Rio de Janeiro: Campus, 1988). Em maio de 2002, foi homenageado com o Prêmio Darcy Ribeiro de Melhor Intelectual do Ano durante a cerimônia de lançamento do Fórum do Rio de Janeiro. É considerado um dos grandes responsáveis pela divulgação e expansão dos diálogos sobre o marxismo no Brasil. Filho de Valério Konder, médico e líder comunista, Leandro teve o primeiro contato com os ideais marxistas durante a infância, em sua própria casa, onde intelectuais do Partido Comunista Brasileiro (PCB) se reuniam. Tanto que ele militou dos 15 aos 47 anos no partido. O que era apenas um interesse infantil gerou mais de 20 obras publicadas, além de traduções de autores marxistas como o húngaro Georg Lukács. Por causa da luta política, foi obrigado a fugir para a Alemanha, na década de 70, com o regime militar em seu encalço. (Nota da IHU On-Line)

62 Antonio Candido de Mello e Souza (1918-2017): nascido no Rio de Janeiro, na infância sua família mudou-se para Poços de Caldas, em Minas Gerais. Escritor, ensaísta, sociólogo e professor universitário, era expoente da crítica literária brasileira e um dos maiores intelectuais da história do Brasil. Professor emérito da Universidade de São Paulo - USP e da Universidade Estadual Paulista - Unesp. Lecionou na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - FFLCH da USP por 50 anos (1942 a 1992). Candido foi um dos principais pensadores ligados aos estudos sobre a formação do Brasil, inaugurados nos anos 1930 e 1940 por Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior. Ingressou na Faculdade de Direito e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP em 1939, tendo abandonado a primeira no quinto ano e se formado em Ciências Sociais em 1942. Em 1945, obteve o título de livre-docente com a tese Introdução ao Método Crítico de Silvio Romero e, em 1954, o grau de doutor em Ciências Sociais com a tese Parceiros do Rio Bonito. Na Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, recebeu o título de doutor honoris causa. Aposentou-se na USP em 1978, mas manteve-se como professor do curso de pós-graduação até 1992, ano em que orientou a última tese. Foi crítico da revista Clima (1941-4), juntamente com intelectuais como o crítico de cinema Paulo Emilio Salles Gomes, a ensaísta Gilda de Mello e Souza e o neurocientista Antonio Branco Lefèvre. Acadêmica, a revista estabeleceu novos caminhos para a crítica paulistana. Candido também trabalhou como crítico dos jornais Folha da Manhã (1943-5) e Diário de São Paulo (1945-7). Em 1956, idealizou o Suplemento Literário, caderno de crítica que circulava no jornal O Estado de S. Paulo até 1966. Na vida política, participou da luta contra a ditadura do Estado Novo no grupo clandestino Frente de

liam o outro lado, discutiam com muitas alteridades epistemológicas e sabiam, inclusive, apreciá-las.

Eu sou um ateu que fiz de todo o meu esforço intelectual um espaço de diálogo com estudiosos de religião, e sinto muita falta desse empenho no meu campo. Não é sem motivo que meu grupo de pesquisa seja de estudos interdisciplinares de mística, o Apophatiké, e que estejamos sempre publicando e produzindo eventos e discussões. Merece menção um deles, organizado por Marcus Reis Pinheiro<sup>63</sup> e pela direção do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense - UFF, em que compus a mesa com Maria Clara Bingemer<sup>64</sup>, e falamos sobre a fundamental relação entre cristianismo e universidade hoje.

Este ano houve eventos necessários e produtivos dentro dessa área: participei do VII Congresso ALALITE Rio 2018. Teopoética: Mística e Poesia, que foi organizado por Alex Villas Boas, Marcio Capelli e Maria Clara, na PUC-Rio; e de outro que destaco: Teopoética - Presenças do Sagrado na Literatura, no Sesc São Paulo, organizado por Leandro Garcia. Além desses amigos citados que admiro, o trabalho de mística comparada de Faustino Teixeira, que além do mais é um leitor voraz de poesia, confirma-

-se a meu ver como central.

## Repensando questões morais

Acho que intelectuais de esquerda precisam repensar questões morais, precisam ler mais sobre religião, precisam parar de menosprezar a classe média e precisam parar de se subdividir, de se magoar uns aos outros e ter algum horizonte de união, para além das disputas partidárias. E quando digo união, é para expandir mesmo: com religiosos, evangélicos inclusive e, naturalmente, com a classe média que ridicularizam, enfim, é preciso reconhecer os progressistas de setores que podem não estar dentro dos tipos ideais que a esquerda passou a cultivar. Eles podem ser a ponte para se chegar à base perdida.

A maior parte do povo brasileiro se considera classe média, mesmo sendo classe C, então falar mal de classe média é um disparate, como já demonstrei em um artigo que teve alguma repercussão. A maior parte do povo brasileiro gosta de moral e religião. Se quiser sensibilizá-los, é preciso deixar que eles nos sensibilizem.

Mano Brown<sup>65</sup> deu um recado a esse respeito, falta seguirmos a sua indicação. Enquanto isso não ocorrer, verei o retumbante fracasso como perfeitamente natural. Se a única esperança da esquerda se reduzir a aguardar o fracasso deles, fico com a sensação de que ninguém mais sabe aprender com as derrotas, isto é, que ninguém mais sabe aprender.

**IHU On-Line – Como nutrir esperança através da arte, especialmente poesia e literatura, mobilizando um conhecimento de si mesmo? E como levar esse conhecimento individual à transformação coletiva?**

**Eduardo Losso – Eis a questão.■**

Resistência. Em 1980, participou da fundação do Partido dos Trabalhadores - PT. Em 1959, lançou sua obra mais influente, Formação da Literatura Brasileira. Outros títulos importantes que lançou são Literatura e sociedade (1965), Educação pela noite e outros ensaios (1987) e O romantismo no Brasil (2002). Sobre Candido, conferir as entrevistas "A literatura é um direito do cidadão, um usufruto peculiar", concedida por Flávio Aguiar à IHU On-Line nº 278, de 20-10-2008, disponível em <https://goo.gl/qa95Jy>, e "Antonio Candido e a crítica cultural contemporânea", concedida por Célia Pedrosa à IHU On-Line nº 283, de 24-11-2008, disponível em <https://goo.gl/92rizw>. (Nota da IHU On-Line)

63 Marcus Reis Pinheiro: graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, possui mestrado, doutorado e pós-doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente é chefe de departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense, onde é professor adjunto II. (Nota da IHU On-Line)

64 Maria Clara Bingemer: teóloga e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. É autora de, entre outros, A experiência de Deus num corpo de mulher (São Paulo: Loyola, 2002); e Deus amor: graça que habita em nós. (São Paulo/Valência: Paulinas/ Siquem, 2003). Confira entrevista concedida na edição 84 da IHU On-Line, de 17-11-2003, sobre a filósofa Simone Weil; na edição 103, de 31-5-2004, sobre o Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI. Na edição 121, de 1-11-2004, sobre o sentido cristão da morte. Maria Clara é autora do segundo número dos Cadernos Teologia Pública, Teologia e Espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do Movimento Ecológico Feminista. (Nota da IHU On-Line)

65 Pedro Paulo Soares Pereira (1970): mais conhecido como Mano Brown, é um rapper brasileiro, vocalista dos Racionais MC's, grupo de rap formado na capital paulista em 1988 e integrado por Ice Blue (Paulo Eduardo Salvador), Edi Rock (Edivaldo Pereira Alves) e KL Jay (Kleber Geraldo Leles Simões). (Nota da IHU On-Line)

# Contra os ressentidos de 2013 é preciso alegria como substância para resistência

Thiago Amud analisa como as marchas foram apreendidas pelo “neofascismo” e vê na arte uma forma de ativar sentimentos que mobilizam sentimentos positivos como reação

João Vitor Santos

**O** que a França tem vivido nos últimos tempos com o movimento dos “coletes amarelos” parece um filme que já foi visto pelo Brasil em Junho de 2013, ou mesmo pelo francês *Nuit debout* de 2016. De uma onda de protestos desencadeados a partir das redes, aparentemente sem liderança clara e como algo que emerge das bases, os confrontos se tornam munição para o sufocamento de ações progressistas, ao passo que nutrem reações de uma nova extrema direita. “Até 2013, a direita andava envergonhada, esgueirando-se fisiologicamente em cantinhos do PSDB, do DEM. A partir de 2013, a direita brasileira monta no cavalo negro do ressentimento e começa a agenciar todas as sombras do país”, observa o músico Thiago Amud, ao falar da realidade brasileira. Para ele, a profusão de 2013 não foi entendida pela esquerda – e talvez nem pela direita –, mas desse “não entendimento” se abre uma brecha e “o hype neofascista se alastra a partir daí”.

E como reagir? “Se compreendermos tal processo como um longo encaideamento entre causas intelectuais e efeitos anti-intelectuais, melhor entenderemos que a perversão é uma dobra sombria necessária do mundo dito esclarecido, e não um seu acidente”, analisa, na entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line. “Por isso, a alegria deve ser a própria substância de toda resistência aos hiper-racionais, dos catedráticos aos tecnicistas e aos ocultistas”, completa. Assim, é

nesses movimentos que apreende similitudes com a experiência de Etty Hillesum. “Etty vai parar no coração da estrutura mortífera. Ali, dentro do mundo exausto reencantado artificialmente pelos dispositivos do ocultismo e da técnica, ela nos faz enxergar que as qualidades de nosso estar no mundo nunca são atributos concedidos pelos donos do poder”, compara.

Amud ainda aponta a arte como uma chave interessante, que pode ajudar nesse processo de resistência alegre. “Os intelectuais acadêmicos da esquerda precisam entender algumas coisas que artistas já intuem: que o iluminismo não pode virar superstição; que a religiosidade do povo brasileiro tende ao messianismo; que ser republicano não é sinônimo de ser democrata; que a classe média não deve ser entregue de bandeja à máquina paranoica dos ultraconservadores; que é preciso não apenas entender a forma como as redes (estruturas de natureza não empática) conseguem acicatar todos os desejos reativos, mas também elaborar um programa de ação contra-hipnótico sob medida para essas mesmas redes”, acrescenta.

**Thiago Amud** é compositor, arranjador, cantor e violonista carioca, parceiro de artistas como Guinga, Francis Hime, Edu Kneip, entre outros. Na sua discografia, destacamos 78 rotações (2000), *Sacradança* (2010) e *De ponta a ponta tudo é praia-palma* (2013).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Etty Hillesum trabalha uma resistência alegre em tempos sombrios, de personificação do mal. Qual a potência de uma resistência alegre diante do perverso?**

**Thiago Amud** – Os tempos que couberam a Etty viver foram mais do que sombrios. Foram a própria Sombra desprendida da busca que o espírito alemão empreendeu no sentido de um total esclarecimento racional. A Reforma Protestante, a Crítica da Razão Pura e a dialética hegeliana, por exemplo, são sinais de um processo autoanalítico multiseular que vai exaurindo o espírito alemão, inteiriçando-o. Quando crises econômicas e avanços tecnicistas se juntam a isso, temos todos os elementos de uma ideologia totalizante de guerra.

A Sombra à qual me referi começa a ganhar vida própria quando ideólogos, já sem lastro naquilo que um dia fora a vitalidade daquela cultura, identificam a desorientação da maioria e conseguem “reorganizar” os anseios nacionais lançando mão de mitos ocultistas que aparentemente reinterpretem o sentido da existência daquela cultura. Os mitos arianistas galvanizam setores da elite e das classes médias e fornecem energia a um partido arrivista, cheio de ressentidos e alucinados.

Se compreendermos tal processo como um longo encadeamento entre causas intelectuais e efeitos anti-intelectuais, melhor entenderemos que a perversão é uma dobra sombria necessária do mundo dito esclarecido, e não um seu acidente. Por isso, a alegria deve ser a própria substância de toda resistência aos hiper-racionais, dos catedráticos aos tecnicistas e aos ocultistas. Etty vai parar no coração da estrutura mortífera. Ali, dentro do mundo exausto reencantado artificialmente pelos dispositivos do ocultismo e da técnica, ela nos faz enxergar que as qualidades de nosso estar no mundo nunca são atributos concedidos pelos donos do poder. Alegria é entender que nascemos com nossa morte e que dela só nos tira Aquele que nos deu a vida.

**IHU On-Line – Durante a repressão da ditadura militar, a poesia e a música eram oxigênio para resistência e para quem sonhava com tempos melhores. Quais os desafios para, em meio à aspereza de uma realidade, conceber escapes através de uma arte que anima e não se entregue ao lamento?**

**Thiago Amud** – Sinto que é preciso que todos deem tudo que têm uns aos outros, menos sua fonte misteriosa de vida. Porque é claro que há os que exigem de nós justamente aquilo que não podemos dar.

“Os tempos que couberam a Etty viver foram mais do que sombrios”

O artista precisa se conhecer, saber qual é seu núcleo inegociável. Se algo ferir esse núcleo, que deixe vir seu lamento, pois quando o artista significa sua dor, mitiga o sofrimento do mundo. Não-artísticos são os amuos. Não-artística é a crueza da dor. Não-artística é a neura irredimida. Porque mesmo elegiaca a criação permanece ativa em relação à mesquinhez. E, aí, já está a alegria: esboço de triunfo sobre a opressão da sintaxe normativa, no mínimo.

Penso que quem quer que tenha ajudado qualquer pessoa a recuperar vontade de vida e alegria é um pouco anjo da guarda. Somente na arte a tristeza alegre, porque o indizível ganha nome sem perder o mistério. Por isso o artista não fabrica escapes: ele cria o campo simbólico onde todos poderemos não sucumbir ao pesadelo enlouquecedor da história.

**IHU On-Line – Como observa a relação das gerações mais jovens com as músicas de artistas como Caetano<sup>1</sup>, Gilberto Gil<sup>2</sup>,**

<sup>1</sup> Caetano Veloso (1942): músico, produtor, arranjador e escritor nascido em Santo Amaro (BA). Com uma carreira que ultrapassa cinco décadas, Caetano construiu uma obra musical marcada pela releitura e renovação, considerada como de grande valor intelectual e poético. Começou sua carreira profissional em 1965, com o compacto Cavaleiro/Samba em Paz, enquanto acompanhava a irmã mais nova Maria Bethânia por suas apresentações nacionais do espetáculo Opinião, no Rio de Janeiro. Nessa década, conheceu Gilberto Gil, Gal Costa e Tom Zé, participou dos festivais de música popular da Rede Record e compôs trilhas de filmes. Em 1967, saiu seu primeiro LP, Domingo, com Gal Costa, e, no ano seguinte, líderou o movimento chamado Tropicalismo, que renovou o cenário musical brasileiro e os modos de se apresentar e criar música no Brasil, através do disco Tropicalia ou Panis et Circencis, ao lado de vários músicos. Em 1968, por conta do recrudescimento da ditadura militar no Brasil, compôs É proibido proibir, música que foi desclassificada e vaiada durante o 3º Festival Internacional da Canção. Em 1969, foi preso pelo regime militar e partiu para exílio político em Londres, onde lançou o disco Caetano Veloso (1971), com temática melancólica e canções compostas em inglês e endereçadas aos que ficaram no Brasil. Transa (1972) representou seu retorno ao país e seu experimento com compassos de reggae. Em 1976, uniu-se a Gal Costa, Gilberto Gil e Maria Bethânia para formar os Doces Bárbaros, grupo influenciado pela temática hippie dos anos 1970, lançando um disco, Doces Bárbaros, e saindo em turnê. Na década de 1980, apadrinhou e se inspirou nos grupos de rock nacionais, aventurou-se na produção dos discos Outras Palavras, Cores, Nomes, Uns e Velô, e, em 1986, participou de um programa de televisão com Chico Buarque. Na década de 1990, escreveu o livro Verdade Tropical (1997) e lançou o disco Livro (1998). Ganhou o Prêmio Grammy em 2000, na categoria World Music. Com o disco A Foreign Sound, cantou clássicos norte-americanos. Em 2006, lançou o álbum Cê, fruto de sua experimentação com o rock e o underground. Unindo estes gêneros ao samba, Zii e Zie, de 2009, manteve a parceria com a Banda Cê, que se encerrou no disco Abraço, de 2012. É considerado um dos artistas brasileiros mais influentes desde a década de 1960. Em 2004, foi considerado um dos mais respeitados e produtivos músicos latino-americanos do mundo, tendo mais de 50 discos lançados. Foi eleito pela revista Rolling Stone o 4º maior artista da música brasileira de todos os tempos pelo conjunto da obra e pela mesma revista o 8º maior cantor brasileiro de todos os tempos. (Nota da IHU On-Line)

<sup>2</sup> Gilberto Gil (1942): cantor, compositor, multi-instrumentista, escritor, ambientalista e empresário nascido em Salvador (BA), um dos criadores do Movimento Tropicalista nos anos 1960. Conhecido por sua inovação musical e por ser ganhador de prêmios Grammys. Recebeu do governo francês a Ordem Nacional do Mérito (1997) e da Unesco o título de “artista pela paz” (1999). Gil foi embaixador da ONU para agricultura e alimentação e ex-ministro da Cultura (2003-2008). Em mais de 50 álbuns lançados, ele incorpora a gama eclética de suas influências, incluindo rock, gêneros tipicamente brasileiros, música africana e reggae. Sua carreira musical começou em 1964, quando cursava Administração na Universidade Federal da Bahia, e participou do show Nós, Por Exemplo, ao lado de Caetano Veloso, Tom Zé, Gal Costa e Maria Bethânia, na inauguração do teatro Vila Velha, em Salvador. Em 1965, mudou-se para São Paulo. No ano seguinte, sua música Ensaio geral, interpretada por Elis Regina, ficou em 5º lugar no 2º Festival de Música Popular Brasileira (FMPB), realizado pela antiga TV Record. Em 1967, a música Domingo no parque, que cantou junto com os Mutantes, ficou em 2º lugar no 3º FMPB. Nesse mesmo ano lançou seu primeiro disco, Louvação. O 3º FMPB foi o ponto de partida para o Tropicalismo, de que Gil participou junto com Caetano Veloso, Torquato Neto, Tom Zé e Rogério Duprat, entre outros. Em 1968, lançou Gilberto Gil, com 14 músicas, entre elas, Proclamação e Domingo no parque. Lançou também um disco manifesto, intitulado Tropicalia, do qual participaram também Caetano, Gal Costa, Os Mutantes, Tom Zé e Torquato Neto. O Movimento Tropicalista foi considerado subversivo pela ditadura militar, e Gil foi preso, junto com Caetano Veloso. Em 1969, ambos se exilaram na Inglaterra. Nesse mesmo ano, foi lançado Gilberto Gil (1969), onde se destacou a música Aquele abraço. No início de 1972, Gilberto Gil voltou ao Brasil, em seguida lançou Expresso 2222. Em 1976, junto com Caetano, Gal e Betânia, formaram o conjunto Doces Bárbaros, que rendeu um álbum e várias turnês pelo país. Em 1978, se apresentou no Festival de Montreux, na Suíça. Nesse mesmo ano ganhou o

## Milton Nascimento<sup>3</sup>, Chico Buarque<sup>4</sup> e tantos outros que faziam resistência à repressão?

**Thiago Amud** – Dou aulas de violão e música e a maioria de meus alunos tem entre 20 e 30 anos. Eu, aos 13 anos, já sabia que a música brasileira seria meu destino. Fui crescendo em descompasso com meus colegas de sala de aula que, em sua esmagadora maioria, gostavam apenas de funk, dance music ou heavy metal. (Hoje vejo com simpatia o funk. Aprendi a gostar de tudo que não fere a alteridade. E o funk é uma bomba de energia brasileira).

Voltando a meus alunos: se quando eu tinha aquela idade esses compositores que você citou já faziam “música de velho” no entendimento adolescente de quase todo meu meio, imagine agora que eles têm 75 anos!

Então, vou aos poucos percebendo as inquietudes de cada aluno meu, suas questões existenciais, indignações políticas, conflitos amorosos e familiares. Só então eu tento aplicar neles os grandes nomes da música brasileira, sempre a partir do que eles me mostram de si mesmos, e nunca a partir de apriorismos meus sobre “formação cultural básica”. Não creio nesse negócio de ter que conhecer uma determinada quantidade de coisas para virar alguém. Já até fingi que acreditava nisso, mas

sempre achei bobagem para aliviar má consciência de burguês. Ainda mais em se tratando de música, que é fluência, não é cânone.

Quanto aos quatro compositores citados acima, há neles elementos mais do que suficientes para todas as inquietudes.

### Chico

A obra de Chico Buarque acompanha toda a formação do Brasil: todos os ciclos, todos os apogeuos, todas as decadências. Gostar de Chico é gos-

“A alegria deve ser a própria substância de toda resistência aos hiper-racionais, dos catedráticos aos tecnicistas e aos ocultistas”

tar do Brasil: é gostar do samba, é ser bom sujeito, é gostar da sofisticação oblíqua da civilidade que em nós se esboça de modo específico e que vira e mexe é solapada por tsunamis de barbárie.

O enamoramento do Brasil por Chico é sinal de nosso ouvido musical, pois o coração da música de Chico é ardiloso, suas tonalidades tendem à ambiguidade entre os modos maior e menor, entre os afetos em conflito, da mesma forma que não sabemos se aqueles olhos ardósia são de zombaria ou melancolia. Nunca saberemos o que nele é máscara.

### Caetano

Caetano Veloso não se deixa capturar pelas categorias da história e dos mascaramentos teatrais: sua música se abre a tudo que é vontade de vida. Sua radical adesão aos ideais da democracia – e não um seu narcisismo – exige que ele interfira o tempo todo. Caetano se diz e se pensa sem parar porque dizer-se e pensar-se é exercício de liberdade, interferir é afirmar as forças da vida.

Seja entre concretistas ou funkeiros, Caetano é sempre o coração sensível do legítimo desejo brasileiro de originalidade. Por isso mesmo – porque ele vê que poderíamos ser imensamente maiores do que somos – algumas de suas canções mais violentas surgem nas décadas da redemocratização, quando ficou nítido que mecanismos opressores nunca deixaram de atuar sobre os mais pobres.

### Gil

Já a liberdade de Gil é a de quem venceu o medo da morte; portanto, venceu o desejo. A complexidade de sua obra é tamanha que parece regida por uma heteronímia quase pessoal. Mas, pop star ou mestre Zen, tribal ou intimista, tecnológico ou sertanejo, Gil sempre parece extrair suas canções de embates totais entre o seu coração e o do Ser. Assim, desvela dimensões e conexões tão insuspeitadas que não nos dão outra opção senão aceitarmos a vida por inteiro – o que muitas vezes é mal interpretado como relativismo ou passividade.

Movimentando-se constantemente entre ser ele mesmo o pulso da tribo e ser quem a pensa distanciadamente, Gil resulta misterioso. Há nele sempre algo que nos escapa, mas nunca tanto quanto em Milton Nascimento.

### Milton

Milton talvez escape inteiramente até de si mesmo. Talvez antes dele a música popular brasileira nunca tivesse atingido o cerne inconsciente

Grammy de Melhor Álbum de World Music com Quanta Gente Veio Ver. Em 1980, lançou uma versão em português do reggae No Woman, No Cry (Não Chores Mais), sucesso de Bob Marley. Entre 1989 e 1992, foi vereador na Câmara Municipal de Salvador, pelo Partido Verde. Em 2003, foi nomeado ministro da Cultura, se desligando em janeiro de 2008, para se dedicar à carreira musical. Depois de três casamentos, o músico está casado com Flora Gil, que conheceu em 1979. (Nota da IHU On-Line)

3 Milton Nascimento (1942): cantor e compositor brasileiro, reconhecido mundialmente como um dos mais influentes e talentosos cantores e compositores da Música Popular Brasileira. Mineiro de coração, tornou-se conhecido nacionalmente, quando a canção Travessia, composta por ele e Fernando Brant, ocupou a segunda posição no Festival Internacional da Canção, de 1967. Em 1998, ganhou o Grammy de Best World Music Album in 1997. Foi nomeado novamente para o Grammy em 1991 e 1995. (Nota da IHU On-Line)

4 Chico Buarque [Francisco Buarque de Hollanda] (1944): músico, compositor, teatrólogo e escritor carioca. Um dos mais famosos nomes da música popular brasileira (MPB), cuja discografia tem aproximadamente 80 títulos. Ganhou fama por sua música, que comenta o estado social, econômico e cultural do Brasil. Começa a ter destaque a partir de 1966, quando lançou seu primeiro álbum, Chico Buarque de Hollanda, e venceu o Festival de Música Popular Brasileira com a música A banda. Autocilou-se na Itália em 1969, devido ao aumento da repressão da ditadura instalada em 1964. Venceu três Prêmios Jabuti de Literatura: o de melhor romance em 1992, com Estorvo, e o de Livro do Ano com Budapeste, lançado em 2004, e Leite Derramado, em 2010. (Nota da IHU On-Line)

da vontade subjacente às representações. Por isso, tudo em sua música é experiência religiosa, chamamento, iniciação, sacrifício, epifania, liturgia, transe, comunhão. Ele não é discursivo, ele é a inteireza de uma intensidade, de uma revelação.

**IHU On-Line – Na periferia das grandes cidades brasileiras, mesmo apesar de toda a adversidade, sempre brotou o samba, o rap e outras manifestações artísticas que buscam uma forma de resistência alegre. Hoje, nas periferias do Brasil, a arte ainda é uma arma potente contra supressão? Por quê?**

**Thiago Amud** – Toda resistência cultural surgida nas periferias do Brasil age sobre toda a sociedade brasileira, e pode vir a ajudar a civilização como um todo, na medida em que entendemos por civilização um projeto universalizante baseado no respeito às alteridades. O sofrimento das periferias, sua experiência de choque direto com as engrenagens do Estado, produz os anticorpos da sociedade.

O Brasil viveu por muito tempo a cultura dos negaceios, da síntese entre os contrários, do entrelugar. O samba é isso: fluidez, síncope, tristeza que balança, dialética da malandragem. Já o rap, nascido nas periferias da megalópole pós-industrial São Paulo, introduz na cultura brasileira, pela primeira vez, um discurso direto não conciliatório.

Mas o mero fato de os Racionais<sup>5</sup> reconhecerem a importância de Jorge Ben<sup>6</sup> já particulariza o rap brasileiro,

5 Racionais MC's: grupo brasileiro de rap, fundado em 1988, e formado pelos MC's Mano Brown, Edí Rock e Ice Blue e o DJ KL Jay. É o maior grupo de rap do Brasil e está entre as bandas mais influentes do país. Suas canções demonstram a preocupação em denunciar a destruição da vida de jovens negros e pobres das periferias brasileiras e o resultado do racismo e do preconceito, ao sustentarem a miséria diretamente ligada com a violência e o crime. Temas como a brutalidade da polícia, do crime organizado e do Estado, bem como o preconceito, as drogas e a exclusão social são recorrentes nas letras do grupo. Embora inicialmente conhecido apenas na capital paulista, o grupo conseguiu alcançar sucesso significativo a partir dos álbuns Raio X Brasil (1993), Sobrevivendo no Inferno (1997) e Nada como um Dia após o Outro Dia (2002). (Nota da IHU On-Line)

6 Jorge Ben (1945): guitarrista, cantor e compositor popular brasileiro. Seu estilo característico possui diversos ele-

mentando-o na linha da alquimia e da simpatia, inscrevendo-o na história da singularidade amorosa da música brasileira.

O Brasil não pode prescindir do samba nem do rap.

**IHU On-Line – Em 2013<sup>7</sup>, o Brasil viveu uma explosão de narrativas, de inúmeras ações de coletivos que tomavam o espaço público. O que ficou dessa experiência hoje?**

**Thiago Amud** – O hype neofascista se alastra a partir daí. Até 2013,

mentos, entre eles: rock and roll, samba, samba rock (termo que gosta de usar), bossa nova, jazz, maracatu, funk, ska e até mesmo hip hop, com letras que misturam humor e sátira, além de temas esotéricos. A obra de Jorge Ben tem uma importância singular para a música brasileira, por incorporar elementos novos no sinfonia e na maneira de tocar violão, com características do rock, soul e funk

“Não-artisticos são os amuos. Não-artistica é a crueza da dor. Não-artistica é a neura irredimida”

norte-americanos. Além disso, trouxe influências árabes e africanas, oriundas de sua mãe, nascida na Etiópia. (Nota da IHU On-Line)

7 Junho de 2013: os protestos no Brasil em 2013, também conhecidos como Manifestações dos 20 centavos, Manifestações de Junho ou Jornadas de Junho, foram várias manifestações populares por todo o país que inicialmente surgiram para contestar os aumentos nas tarifas de transporte público, sobretudo nas principais capitais. Inicialmente restrito a pouco milhares de participantes, os atos pela redução das passagens nos transportes públicos ganharam grande apoio popular em meados de junho, em especial após a forte repressão policial contra os manifestantes, cujo ápice se deu no protesto do dia 13 em São Paulo. Quatro dias depois, um grande número de populares tomou parte das manifestações nas ruas em novos diversos protestos por várias cidades brasileiras e até do exterior. Em seu ápice, milhões de brasileiros estavam nas ruas protestando não apenas pela redução das tarifas e a violência policial, mas também por uma grande variedade de temas como os gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, a má qualidade dos serviços públicos e a indignação com a corrupção política em geral. Os protestos geraram grande repercussão nacional e internacional. Sobre o tema, confira a edição 193 dos Cadernos IHU ideias, intitulada #VEMpraRUA: Outono Brasileiro? Leituras, disponíveis em <http://bit.ly/2aVdHxw>. A edição 524 da revista IHU On-Line, Junho de 2013 – Cinco Anos depois. Demanda de uma radicalização democrática nunca realizada, de 18 de junho de 2018, está disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/524>. (Nota da IHU On-Line)

a direita andava envergonhada, esgueirando-se fisiologicamente em cantinhos do PSDB, do DEM. A partir de 2013, a direita brasileira monta no cavalo negro do ressentimento e começa a agenciar todas as sombras do país. Adensa-se o caldo onde se move: desejo de criminalizar certos desejos sexuais, para desentravar a bestialidade de outros; projetos de pauperizar mais ainda os periféricos, desregulamentando seus direitos trabalhistas; avanços neopentecostais sobre a saúde pública; avanços ocultistas sobre a educação; defesa do direito à propriedade acima do direito à vida.

Quase todas as famílias brasileiras racharam. E não creio que tão cedo isso tenha volta. Então, acho que os coletivos emancipatórios que também tomaram as ruas em 2013, os movimentos sociais e os partidos de oposição, precisam agir coordenadamente no sentido da organização da energia política. O movimento não pode ser de mera reação, o que seria aceitar o ressentimento como instância política legítima.

Se as forças da conservação assumiram a vanguarda da agressividade, caberá às forças do progresso assumir a defesa suprapartidária do projeto original do amálgama brasileiro. Por outro lado, os intelectuais acadêmicos da esquerda precisam entender algumas coisas que artistas já intuem: que o iluminismo não pode virar superstição; que a religiosidade do povo brasileiro tende ao messianismo; que ser republicano não é sinônimo de ser democrata; que a classe média não deve ser entregue de bandeja à máquina paranoica dos ultraconservadores; que é preciso não apenas entender a forma como as redes (estruturas de natureza não empática) conseguem acatar todos os desejos reativos, mas também elaborar um programa de ação contra-hipnótico sob medida para essas mesmas redes.

**IHU On-Line – Em tempos de ódio e intolerância, ainda potencializados pelas redes sociais, surgem discursos que questionam o financiamento**

**de espetáculos, alegando que investimento público não deve ser destinado para esse setor. Como responder a esses discursos?**

**Thiago Amud** – Eu penso que os grandes artistas democráticos brasileiros podem ainda roubar o protagonismo dos debates sobre arte nas redes. Não basta fazerem declarações à imprensa, não basta nada que ainda configure uma comunicação vertical de cima para baixo entre artista e público.

Esses grandes artistas precisariam horizontalizar sua comunicação, fomentar fóruns de debate, ser pedagógicos, abrir diálogos diretos em suas páginas para tentar neutralizar e reverter a corrente de desamor geral formada por essa enorme quantidade de pequenezas blindadas. Penso que eles deveriam fazer isso não apenas para “salvarem suas peles”, mas para ajudarem a salvar as peles de todos os que chegamos depois deles e que amamos o Brasil, em grande medida, por causa deles.

Esses pequenos ódios covardes estão fazendo estragos porque permanecem expressões de um quantitativismo tacanho: número de likes e deslikes, “fulano enriqueceu”, “fulano é da mamata”. Ora, o mundo da arte é o mundo qualitativo. Portanto, pruridos aristocráticos não devem eximir artistas de cumprir parte de seu papel civilizatório. Espero que sejam radicalmente democráticos, que desçam dos tronos e falem com todos diretamente, inclusive com os haters. “Ouro, desça do seu trono!”, como disse aquele samba<sup>8</sup> divino do Paulo da Portela<sup>9</sup>.

8 Ouça a íntegra desse samba em <http://bit.ly/2zWptmZ>. (Nota da IHU On-Line)

9 Paulo da Portela (1901-1949): foi um sambista brasileiro. Seu apelido é uma referência à Estrada do Portela, uma via que corta os bairros de Madureira e Oswaldo Cruz. Foi um dos que mais lutaram para mudar a imagem estereotipada e preconceituosa que se tinha a respeito do sambista, de malandro e vagabundo, para a de artista de respeito. Para isso, ele impôs vestuário próprio para sua agremiação, e defendia que todos os portelenses estivessem devidamente vestidos com as cores da escola no dia do desfile. Foi o primeiro presidente da Portela e sua casa foi a primeira sede da escola, muito embora nesta época a sede não fosse nada além de um lugar para guardar os instrumentos. Em 1937, Paulo da Portela foi eleito Cidadão Samba. Ainda neste mesmo ano, participou da primeira excursão de sambistas ao exterior, indo ao Uruguai, e retornando ao Brasil já no Carnaval. (Nota da IHU On-Line)

**IHU On-Line – Qual o papel da arte numa sociedade em crise?**

**Thiago Amud** – Preparar o coração das pessoas para desejarem e merecerem os tempos melhores; para saberem que tal desejo não é alienação, mas, sim, saudade do futuro; para saberem que tal merecimento nasce de uma reeducação ética e estética.

“O sofrimento das periferias, sua experiência de choque direto com as engrenagens do Estado, produz os anticorpos da sociedade”.

**IHU On-Line – Que canção representa o Brasil de 2018? E que música inspira a sonhar e construir um futuro para o país?**

**Thiago Amud** – Vou começar essa resposta por uma longa digressão. Não me movo seguindo princípios rígidos de identidade e diferença. Não deduzo logicamente quase nada a partir dos consensos. Por isso sinto que onde há horror há beleza (Olha a Etty aí de novo!). Estou sempre em busca do germe de alegria no horror geral. Onde há alastramento do fascismo há anticorpos, em quantidade ainda maior.

Mas, analogamente, estive sensivelmente atento aos muitos grãos de emburrecimento geral que germinaram nos tempos de coalizão democrática. Quem me conheceu na década passa-

da deve lembrar que não me esquivei nem mesmo de estudar algumas ideias da direita. Certa necessidade de ostentar liberdade já me fez dizer a colegas coisas injustas, por puro desfastio, por horror ao tédio. Dandismo é sinal de melancolia.

Caí lá do alto, meu tombo foi longo e muito bem vivido, porque afinal caí em mim. Sendo assim, vi de perto e posso afirmar que alguns dos avanços mais sinistros da neodireita ainda parecem, a muitos jovens semicultos e desorientados, nada mais que ampliação do debate democrático. Muitos desses dândis não estão nem perto de intuir que servem de massa de manobra.

Até onde entendo, a esquerda deve primar por sempre fazer que coisas contraditórias circulem às claras. Cabe a ela assumir os riscos da confusão saudável do mundo moderno que ela, num gesto iluminador, pariu. Mas, ao que me parece, no Brasil a intelectualidade progressista está tardando a ver a fundura do neomedievalismo jihadista que agora está desferindo sucessivos golpes no bom senso e nas bases humanistas da civilização.

Se a agenda regressiva está avançando tão a passos largos é porque um neorrelativismo hiper-racional está conseguindo inverter sistematicamente o sentido de todas as narrativas e convencer um bando de siderados em rede de que as esquerdas são corruptas, de que nunca houve ditadura, de que falar da herança da escravidão é mimimi, de que não há violência contra mulheres etc.

É preciso estudar. É preciso que os intelectuais progressistas estudem os “fundamentos” dessa hiper-racionalidade neofascista que age às claras invisivelmente, pois a agenda política regressiva nada mais faz do que traduzir tais “fundamentos”. Os intelectuais progressistas precisam se manter maiores do que a direita, abarcando-a, para antecipar suas movimentações e minimizar os males. A meu ver eles poderiam estudar ao menos duas fontes que, imagino eu, ainda desconhecem: o perenialismo

de Guénon<sup>10</sup> e o ocultismo de Evola<sup>11</sup>.

O caráter político dessa luta deve ser vasto a ponto de incluir a luta pela descolonização do imaginário de um país em transe. Sendo assim, afirmo que tenho tentado acompanhar a curvatura desses problemas com minha música. Mas meu trabalho, que tem sido um teatro barroco de máscaras e uma vontade romântica de interferência na ordem das coisas, já envereda por caminhos outros.

Faço o que faço porque nasci no país do tropicalismo<sup>12</sup> e do Clube da

10 René Guénon (1886-1951): foi um intelectual francês do século XX tido por alguns como 'inclassificável'. Sua influente obra, não obstante isso, pode ser classificada em três vertentes: a exposição da metafísica tradicional, a crítica ao materialismo e individualismo do mundo moderno e a explicação do simbolismo das civilizações tradicionais, em especial das civilizações hindu, chinesa, islâmica e cristã. (Nota da IHU On-Line)

11 Giulio Cesare Andrea Evola (1898-1974): mais conhecido como Julius Evola, foi um filósofo esotérico, escritor, pintor e poeta italiano do século XX, em cuja obra se têm inspirado algumas correntes esotéricas contemporâneas e escritores tradicionalistas. De acordo com o pesquisador Franco Ferraresi, "o pensamento de Evola pode ser considerado um dos sistemas anti-igualitários, antiliberais, antidemocráticos e antipopulares mais radicais e consistentes do século XX". (Nota da IHU On-Line)

12 Tropicalismo, Movimento tropicalista ou Tropicália: movimento cultural brasileiro que surgiu sob a influência das correntes artísticas de vanguarda e da cultura

Esquina<sup>13</sup>, da Casa da Tia Ciata<sup>14</sup> e

pop nacional e estrangeira (como o pop rock e o concretismo) misturou manifestações tradicionais da cultura brasileira a inovações estéticas radicais. Tinha objetivos comportamentais, que encontraram eco em boa parte da sociedade, sob o regime militar, no final da década de 1960. O movimento manifestou-se principalmente na música (cujos maiores representantes foram Gilberto Gil, Torquato Neto, Os Mutantes e Tom Zé); manifestações artísticas diversas, como as artes plásticas (destaque para a figura de Hélio Oiticica), o cinema (o movimento sofreu influências e influenciou o Cinema novo de Glauber Rocha) e o teatro brasileiro (sobretudo nas peças anárquicas de José Celso Martinez Corrêa). Um dos maiores exemplos do movimento tropicalista foi uma das canções de Caetano Veloso, denominada exatamente de "Tropicália". Leia a edição 411, intitulada Tropicalismo. O desejo de uma modernidade amorosa para o Brasil, disponível em <http://bit.ly/ihuon411>. (Nota da IHU On-Line)

13 Clube da Esquina: foi um movimento musical brasileiro surgido na década de 1960 em Belo Horizonte, Minas Gerais, onde jovens músicos começaram a se reunir. Seu som se fundia com as inovações trazidas pela Bossa Nova a elementos do jazz, do rock – principalmente os Beatles –, música folclórica dos negros mineiros com alguns recursos de música erudita e música hispânica. Nos anos 70, esses artistas tornaram-se referência de qualidade na MPB pelo alto nível de performance e disseminaram suas inovações e influência a diversos cantos do país e do mundo. (Nota da IHU On-Line)

14 Casa da Tia Ciata: Hilária Batista da Silva, conhecida como Tia Ciata, cozinheira e mãe de santo nascida na Bahia, é uma das figuras mais influentes da cultura negra carioca do início do século XX. Realizava encontros entre os músicos e religiosos filhos de santo, e nessas seções a música dava o tom. Músicos importantes como Donga e Pixinguinha eram frequentadores assíduos das rodas, e especula-se que Pelo Telefone, primeiro samba gravado em disco, foi escrito em um desses encontros. A Casa da Tia Ciata é um escritório da Organização dos Remanescentes da Tia Ciata (ORTC) e espaço cultural para manter viva a memória da dama do samba. Uma exposição permanente sobre a veterana do samba é a principal atração

de Villa-Lobos<sup>15</sup>, da bossa nova e de Jorge Ben, das polirritmias das congadas e das harmonias de Guinga.

## Averso do fascismo

A música brasileira é o avesso de todo fascismo e eu sou um músico brasileiro. Algumas canções que escrevi entre 2004 e 2013 já anunciavam muito do que vemos hoje. Depois dali enveredei por caminhos outros, onde estou re-encontrando o veio original da minha música. Que venha a alegria.■

do espaço. (Nota da IHU On-Line)

15 Heitor Villa-Lobos (1887-1959): compositor nascido no Rio de Janeiro. Aprendeu as primeiras lições de música com seu pai, Raul Villa-Lobos, funcionário da Biblioteca Nacional. Ele lhe ensinou a tocar violoncelo usando improvisadamente uma viola, devido ao tamanho de Tuhi (apelido de origem indígena que Villa-Lobos tinha na infância). Sozinho, aprendeu violão na adolescência, em meio às rodas de choro cariocas, às quais prestou tributo em sua série de obras mais importantes: Os Choros, escritos na década de 1920. Destaca-se por ter sido o principal responsável pela descoberta de uma linguagem peculiarmente brasileira em música, sendo considerado o maior expoente da música do modernismo no Brasil, compondo obras que contêm nuances das culturas regionais brasileiras, com os elementos das canções populares e indígenas. No Brasil, sua data de nascimento (5 de março) é celebrada como Dia Nacional da Música Clássica. (Nota da IHU On-Line)

4º Ciclo de Estudos

# Revolução 4.0

## Impactos nos modos de produzir e viver

De 25 de março a  
29 de maio de 2019

Unisinos Campi São Leopoldo  
e Porto Alegre

[ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

Ouse



**pensar**

o que ninguém

**PENSOU**

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

# Fascismo, a política oficial do Antropoceno

Marco Antonio Valentim repensa a filosofia a partir de postulados capazes de pensarmos nossa humanidade desde um ponto de vista não autocentrado, mas, sim, extra-humano

Ricardo Machado

Um nó górdio amarra o Antropoceno ao fascismo. Ambos aniquilam, ao mesmo tempo, o planeta e as formas de vida que dependem diretamente da diversidade ambiental, mas não somente, afinal nós, os metropolitanos, estamos cada vez mais sujeitos à implacável intrusão de Gaia. “O paradoxo do fascismo, que necessita do outro cuja existência se empenha em aniquilar, se revela, desde uma perspectiva ecológica, como sendo o mesmo que o paradoxo do Antropoceno: a época do Homem é o tempo de sua própria extinção”, avalia o professor e pesquisador Marco Antonio Valentim, em entrevista por e-mail à IHU On-Line. “Conforme podemos testemunhar mundo afora, o fascismo é a política oficial do Antropoceno (assim como o capitalismo, o seu sistema econômico)”, complementa.

Autor do livro *Extramundandade e sobrenatureza. Ensaio de ontologia infundamental* (Desterro [Florianópolis]: Editora Cultura e Barbárie, 2018), lançado em julho de 2018, Valentim toma categorias hegemônicas do campo filosófico, como mundo e natureza, e as coloca em outro lugar. “O mundo reúne tudo o que há de pensável pelo homem. Quanto ao extramundo, ou seja, a um complexo de sentido em que a natureza humana não atua como centro único de referência, é preciso uma estrutura de pensamento completamente outra, capaz de romper com os limites estabelecidos pela Crítica para a esfera do pensável”, propõe.

Se o Antropoceno pode ser interpretado como o fim de um mundo, o fenômeno mostra os sinais de esgotamento

também de uma forma de pensar, que tende a sobreviver sob a forma não do espectro, mas do zumbi. “A meu ver, os saberes ancestrais ameríndios, bem como de outros povos extramodernos, se demonstram bem mais capazes de fazer frente à catástrofe dos dias atuais e futuros do que o pensamento ocidental mais contemporâneo, o qual, por sua vez, assim ameaçado, tende cada vez mais a ceder a uma ancestralidade repressora. Num caso, trata-se do pensamento dos futuros vivos; no outro, do pensamento dos mortos-vivos”, provoca.

**Marco Antonio Valentim** graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná - UFPR e realizou mestrado e doutorado em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional do Rio de Janeiro. É professor no Departamento de Filosofia da UFPR. Publicou estudos de história da filosofia sobre temas metafísicos, com foco no pensamento de Heidegger, Descartes, Kant, Platão e Hegel. Atualmente desenvolve pesquisa em metafísica comparativa, articulando concepções referenciais da filosofia moderna com ideias ameríndias transmitidas pela etnografia e pela antropologia contemporânea. É pesquisador do SPECIES – Núcleo de Antropologia Especulativa.

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 31-10-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2A4H7Vx>.

**Confira a entrevista.**

# “Pensar um extramundo, em sentido pós-kantiano, exige necessariamente abrir o pensamento a outra perspectiva”

## IHU On-Line – Como é possível pensar um (extra)mundo e uma filosofia pós-kantiana?

**Marco Antonio Valentim** – O conceito kantiano<sup>1</sup> de mundo resulta de uma redução da cosmologia à antropologia. Mundo constitui, nesse sentido, o espaço-tempo de desdobramento da natureza humana. Assim, em chave kantiana, o mundo reúne tudo o que há de pensável pelo homem. Quanto ao extramundo, ou seja, a um complexo de sentido em que a natureza humana não atua como centro único de referência, é preciso uma estrutura de pensamento completamente outra, capaz de romper com os limites estabelecidos pela Crítica para a esfera do pensável. Isso não significa subverter o assim chamado “correlacionismo” kantiano pela simples eliminação do polo humano da correlação (como propõe o contemporâneo “realismo especulativo”). Pois uma tal subversão só consome, por negação, o projeto cosmológico cuja face positiva é o antropocentrismo.

Pelo contrário, romper com esse projeto implica multiplicar os sentidos

1 Immanuel Kant (1724-1804): filósofo prussiano, considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna, representante do Iluminismo. Kant teve um grande impacto no romantismo alemão e nas filosofias idealistas do século 19, as quais se tornaram um ponto de partida para Hegel. Kant estabeleceu uma distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si (que chamou noumenon), isto é, entre o que nos aparece e o que existiria em si mesmo. A coisa-em-si não poderia, segundo Kant, ser objeto de conhecimento científico, como até então pretendia a metafísica clássica. A ciência se restringiria, assim, ao mundo dos fenômenos, e seria constituída pelas formas a priori da sensibilidade (espaço e tempo) e pelas categorias do entendimento. A IHU On-Line número 93, de 22-3-2004, dedicou sua matéria de capa à vida e à obra do pensador com o título Kant: razão, liberdade e ética, disponível em <http://bit.ly/ihuon93>. Também sobre Kant, foi publicado o Cadernos IHU em Formação número 2, intitulado Emmanuel Kant – Razão, liberdade, lógica e ética, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem02>. Confira, ainda, a edição 417 da revista IHU On-Line, de 6-5-2013, intitulada A autonomia do sujeito, hoje. Imperativos e desafios, disponível em <https://goo.gl/S1l15H>. (Nota da IHU On-Line)

de humanidade, borrar em múltiplas direções a fronteira entre humanidade e não-humanidade, no sentido de favorecer a concepção e a formação de outros mundos humanos, bem como de mundos extra-humanos. Assim, pensar um extramundo, em sentido pós-kantiano, exige necessariamente abrir o pensamento a outra perspectiva, experimentar sua própria humanidade, supostamente autorreferente, sob o ponto de vista de outrem, ao mesmo tempo extra-humano e diferentemente humano. Trata-se, portanto, de uma revolução contra-antropológica, a ser operada a partir de uma expansão política da cosmologia.

## IHU On-Line – Como Deus abandonou seu espaço transcendente para ocupar o interior de cada indivíduo e como isso produziu rupturas importantes nos modos de vida (especialmente no que diz respeito à divisão radical entre cultura e natureza)?

**Marco Antonio Valentim** – A pergunta faz referência a uma hipótese originalmente elaborada por Eduardo Viveiros de Castro<sup>2</sup>, segundo a qual, na passagem à modernidade, Deus se transfigura com a divisão radical entre natureza e cultura. Menciono essa hipótese em Extramundandade e sobrenatureza (cf. Prólogo) no contexto

2 Eduardo Viveiros de Castro (1951): antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Concedeu a entrevista O conceito vira grife, e o pensador vira proprietário de grife à edição 161 da IHU On-Line, de 24-10-2005, disponível em <http://bit.ly/ihuon161>. Entre outras publicações, escreveu Arawete: O Povo do Ipixuna (São Paulo: CEDI), A inconstância da alma selvagem (e outros ensaios de antropologia) (São Paulo: Cosac & Naify) e Metafísicas canibais (São Paulo: Cosac & Naify). Também é autor do prefácio do livro A queda do céu – Palavras de um xamã yanomami, de Davi Kopenawa e Bruce Albert (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

de um estabelecimento provisório do conceito de sobrenatureza. A ideia era indicar que, bem ao contrário de superar de todo o sobrenatural, com o banimento metafísico de Deus, o pensamento moderno não fez senão redimensioná-lo, particularmente no sentido da dominação do Homem sobre a natureza. O pensamento moderno é sobrenatural, mágico, mítico – à sua maneira. Seu mito fundador consiste naquilo que Lévi-Strauss<sup>3</sup> chamou de “o mito da dignidade exclusiva da natureza humana”, o qual teria cancelado “todos os abusos”, ao mesmo tempo no sentido do especismo e do racismo. De outro modo, à luz da problemática ecológica contemporânea, poder-se-ia dizer que, transfigurado monstruosamente em Homem, Deus tornou-se o agente por excelência do estado de exceção/extinção que chamamos hoje de Antropoceno, que jamais teria sido metafisicamente possível sem a grande instauração, peculiarmente sobrenatural, da divisão moderna entre natureza e cultura.

## IHU On-Line – O que significa dizer que o Antropoceno é o resultado do banquete da constante e ininterrupta canibalização

3 Claude Lévi-Strauss (1908-2009): antropólogo belga que dedicou sua vida à elaboração de modelos baseados na linguística estrutural, na teoria da informação e na cibernética para interpretar as culturas, que considerava como sistemas de comunicação, dando contribuições fundamentais para a antropologia social. Sua obra teve grande repercussão e transformou, de maneira radical, o estudo das ciências sociais, mesmo provocando reações exacerbadas nos setores ligados principalmente às tradições humanista, evolucionista e marxista. Ganhou renome internacional com o livro As estruturas elementares do parentesco (1949). Em 1935, Lévi-Strauss veio ao Brasil para lecionar Sociologia na USP. Interessado em etnologia, realizou pesquisas em aldeias indígenas do Mato Grosso. As experiências foram sistematizadas no livro Tristes Trópicos (São Paulo: Companhia das Letras), publicado originalmente em 1955 e considerado uma das mais importantes obras do século 20. (Nota da IHU On-Line)

## de Gaia?

**Marco Antonio Valentim** – A afirmação é de autoria do antropólogo Mauro William Barbosa de Almeida. Cito-a nas páginas iniciais do livro para delinear o contexto metafísico em que ele procura se movimentar. Gaia, ou seja, o sistema biogeofísico da Terra, é “canibalizada” pelos agentes do Antropoceno, no sentido do colapso ambiental planetário, mediante a exploração ilimitada das formas de vida que a constituem. Trata-se, em outros termos, do processo maximamente acelerado de entropização do sistema Terra, característico das sociedades que Lévi-Strauss qualifica de “quentes” por oposição às sociedades “frias”, caracterizadas, de seu lado, por uma virtude negentrópica capaz de sustentar relações minimamente equilibradas com o ambiente.

Segundo Almeida, tal processo é equivalente à dinâmica do Capital, o progresso modernizante pelo qual “plantas, animais e escravos humanos” são literalmente consumidos “para aumentar a energia disponível para classes dominantes e sustentar cidades e impérios”. Enquanto Gaia se mantém pela transformação contínua de energia em informação mediante a proliferação desenfreada de formas de vida, o Capital se instaura com maximização sem limite da transformação reversa, com a redução drástica das formas de vida em função da antvida dos canibais. Mas, assim como o Antropoceno põe em xeque a continuidade da vida da espécie/povo que o desencadeou, assim também a canibalização de Gaia implica necessariamente a destruição autofágica dos seus agentes. O paradoxo do fascismo, que necessita do outro cuja existência se empenha em aniquilar, se revela, desde uma perspectiva ecopolítica, como sendo o mesmo que o paradoxo do Antropoceno: a época do Homem é o tempo de sua própria extinção. Conforme podemos testemunhar mundo afora, o fascismo é a política oficial do Antropoceno (assim como o capitalismo, o seu sistema econômico).

## IHU On-Line – De que maneira a composição de uma “história

## cosmopolítica da filosofia” pode conformar um tensionamento à tendência antropocêntrica e etnocêntrica da historiografia filosófica?

**Marco Antonio Valentim** – A ideia de uma história cosmopolítica da filosofia é a ideia de uma história em que a filosofia (bem entendido, a consciência espiritual do Ocidente moderno) seja revelada, em seus mais variados desdobramentos, à luz de suas relações internas com outras tradições e mundos de pensamento, que em geral não dispõem de nenhuma voz na história que a filosofia conta a respeito de si, bem como à luz de sua situação “ambiental”, relativa à conexão também interna com outras formas de vida e existência, extra-humanas. Tome-se, por exemplo, o cogito de Descartes<sup>4</sup>, um dos pilares de sustentação da filosofia moderna: sob um ponto de vista cosmopolítico, relativo à divergência entre mundos, a existência autoconsciente de um sujeito soberano está intrinsecamente conectada, ao mesmo tempo como causa e efeito, ao colonialismo – afinal, os grandes inimigos de Descartes não seriam os canibais de Montaigne<sup>5</sup>? – e ao especismo – com efeito, o cogito tem sua necessária contrapartida extra-humana na tese igualmente cartesiana das “bestas-máquinas”, de consequências devastadoras para animais não-humanos.

Subverter o etnocentrismo da filosofia, colocando-a sob o ponto de vista daqueles que ela expulsa para fora de si (ao mesmo tempo em que não hesita em falar em seu nome), implica necessariamente combater seu antropocentrismo, pois aqueles

outros se caracterizam por diferentes conceitos e experiências de ser humano (que abarcam, por sua vez, diferentes modos de relação com os não-humanos), e o antropocentrismo moderno sempre foi marcado, a despeito de (ou justamente devido a) suas pretensões universalistas, pela eleição de um tipo próprio e exclusivamente humano. Por tudo isso, a história cosmopolítica da filosofia não será escrita por filósofos (pelo menos, não em primeiro lugar).

## IHU On-Line – A propósito, como o conceito de cosmopolítica, que se tornou famoso nos escritos de Isabelle Stengers<sup>6</sup>, transformou-se numa categoria central para pensarmos os desafios à vida e ao pensamento contemporâneos?

**Marco Antonio Valentim** – Apesar de possuir diferentes versões e aplicações, a referência principal para o conceito de cosmopolítica é a obra de Stengers. Em um ensaio de enorme importância (“The Cosmopolitical Proposal”, 2005), a filósofa elabora o conceito construindo-o por equivocação a partir de e, ao mesmo tempo, contra o conceito kantiano de cosmopolitismo. O que mais me interessou no conceito foi sua dimensão ontológico-política: ao afirmar, contra a postulação “cosmopolita” de um ponto de convergência universal a todos os povos e seus respectivos mundos, a existência “desconhecida” (unknown) de um plano de divergência irreduzível entre múltiplos mundos, humanos e não-humanos, o conceito abre a possibilidade de uma outra política, na qual está em jogo a composição, a transformação e destruição mútua de mundos.

Quanto à dimensão ecológica do conceito, ela é explícita na própria formulação de Stengers, que vincula sua proposta a uma “ecologia das

<sup>4</sup> René Descartes (1596-1650): filósofo, físico e matemático francês. Notabilizou-se sobretudo pelo seu trabalho revolucionário da Filosofia, tendo também sido famoso por ser o inventor do sistema de coordenadas cartesianas, que influenciou o desenvolvimento do cálculo moderno. Descartes, por vezes chamado o fundador da filosofia e da matemática modernas, inspirou os seus contemporâneos e gerações de filósofos. Na opinião de alguns comentaristas, ele iniciou a formação daquilo a que hoje se chama de racionalismo continental (supostamente em oposição à escola que predominava nas ilhas britânicas, o empirismo), posição filosófica dos séculos 17 e 18 na Europa. (Nota da IHU On-Line)

<sup>5</sup> Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592): escritor e ensaísta francês, considerado por muitos como o inventor do ensaio pessoal. Nas suas obras e, mais especificamente, nos seus Ensaícos, analisou as instituições, as opiniões e os costumes, debruçando-se sobre os dogmas da sua época e tomando a generalidade da humanidade como objeto de estudo. (Nota da IHU On-Line)

<sup>6</sup> Isabelle Stengers: nascida em 1949, é formada em química e professora de Filosofia da Ciência na Universidade Livre de Bruxelas. Em 1993 foi laureada com o Prêmio de Filosofia da Academia Francesa. É autora de livros sobre Teoria do Caos, em parceria com Ilya Prigogine, o físico-químico russo-belga e Prêmio Nobel, conhecido por seu trabalho com estruturas dissipativas, sistemas complexos e irreversibilidade. (Nota da IHU On-Line)

práticas”. Além disso, o conceito se encontra numa relação intrínseca com a problemática da “intrusão de Gaia” (cf. No tempo das catástrofes. São Paulo: Cosac e Naify, 2015), pois a possibilidade de elaborar conceitualmente o fenômeno dessa intrusão, que é o Antropoceno experimentado desde o mundo ocidental moderno, depende de uma abertura cosmopolítica do pensamento, em particular no que se refere aos modos pelos quais diferentes mundos (ethoi) compõem, por seu próprio conflito, diferentes ambientes (oikoi). Elaborações similares foram feitas, por exemplo, por Marisol de La Cadena<sup>7</sup>, que investiga a “ecologia das práticas através dos mundos andinos” (Earth beings, Duke University, 2015), e Mauro W. B. de Almeida, que elabora o conceito de “conflitos ontológicos” para considerar a guerra entre o Estado capitalista e Caipora na Amazônia (“Caipora e outros conflitos ontológicos”, 2013).

No que se refere precisamente ao vínculo do capitalismo contemporâneo com o Antropoceno, vale lembrar também o livro de Luiz Marques, *Capitalismo e colapso ambiental* (Campinas: Editora Unicamp, 2015), que, embora não explore a dimensão ontológica do problema, investiga o fenômeno por meio de uma vertiginosa “cosmopolítica” de disciplinas, ciências humanas e naturais. No caso de Extramundandade e sobrenatureza, o conceito de Stengers inspira decisivamente suas articulações mais importantes, pois meu propósito era, sobretudo, realizar especulativamente uma passagem entre mundos de pensamento divergentes e mesmo incomensuráveis, cujo choque exprime a catástrofe antropocênica e, ao mesmo tempo, suas possíveis linhas de fuga.

**IHU On-Line – Os dois termos da primeira parte do título de seu livro – Extramundandade e sobrenatureza – produzem, por si próprios, um deslocamento**

7 Marisol de la Cadena: professora do departamento de Antropologia da University of California, Davis, Estados Unidos. (Nota da IHU On-Line)

**semântico. Mas a que exatamente eles se referem? Como podemos compreendê-los?**

**Marco Antonio Valentim** – Extramundandade resulta de uma transformação do conceito ontológico-existencial de mundo, tal como este é formulado por Heidegger<sup>8</sup> em *Ser e tempo*. O filósofo elabora nessa obra uma ontologia cujo centro é o mundo, compreendido como esfera do sentido humano. No que se refere aos entes não-humanos, ele os dirá “intramundanos”, significando com isso o suposto fato de que, apesar de (à diferença do homem) não formarem mundo, eles fazem parte do mundo humano, ocupando aí uma posição ontologicamente subalterna. Ao propor o conceito problemático de extramundano, meu experimento consiste em liberar esses entes, inclusive o humano, das amarras da mundandade. Considerar a extramundandade de um ente significa encontrá-lo, como diria Deleuze<sup>9</sup>, “em estado livre e selvagem, além dos ‘predicados antropológicos’”. Mas, obviamente, essa liberdade selvagem

“A história cosmopolítica da filosofia não será escrita por filósofos (pelo menos, não em primeiro lugar)”

8 Martin Heidegger (1889-1976): filósofo alemão. Sua obra máxima é *O ser e o tempo* (1927). A problemática heideggeriana é ampliada em *Que é Metafísica?* (1929), *Cartas sobre o humanismo* (1947) e *Introdução à metafísica* (1953). Sobre Heidegger, confira as edições 185, de 19-6-2006, intitulada *O século de Heidegger*, disponível em <http://bit.ly/ihuon185>, e 187, de 3-7-2006, intitulada *Ser e tempo. A desconstrução da metafísica*, disponível em <http://bit.ly/ihuon187>. Confira, ainda, *Cadernos IHU em Formação* nº 12, Martin Heidegger. A desconstrução da metafísica, que pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuem12>, e a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista IHU On-Line, de 10-5-2010, disponível em <https://goo.gl/dn3AX1>, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do ciclo de estudos *Filosofias da diferença*, pré-evento do XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana. (Nota da IHU On-Line)

9 Gilles Deleuze (1925-1995): filósofo francês. Assim como Foucault, foi um dos estudiosos de Kant, mas tem em Ber-

implica outras formas de “domesticação”: a possibilidade de mundos em que o homem existente (no sentido de Heidegger) não constitui a referência central.

Logo, extramundandade diz respeito antes a uma situação variável que a uma condição imutável: não se trata daquilo que jaz além de todo mundo possível, mas, como disse, da possibilidade de um outro mundo, estruturalmente divergente daquele que é tomado como referencial. Assim, por exemplo, as cosmologias ameríndias são, quando comparadas à ontologia fundamental, rigorosamente extramundanas; porém, quando tomadas por si mesmas, revelam sentidos inteiramente próprios de mundo, irredutíveis à mundandade existencial.

Já o conceito de sobrenatureza foi haurido da antropologia de Viveiros de Castro, na qual é empregado em vista de seu potencial ontológico-político para designar um certo regime de transformação entre humanos e extra-humanos (a rigor, de metamorfose transespecífica). É, sobretudo, tal possibilidade contra-ontológica que se encontra totalmente afastada, por uma questão de princípio, do horizonte especulativo de *Ser e tempo*. Assim, o que extramundandade designa como que em negativo (um outro mundo possível que não é o nosso), sobrenatureza o faz positivamente (um certo mundo efetivo em que o nosso não tem lugar).

A articulação entre os dois conceitos – um de origem filosófica, o outro de origem antropológica – perfaz o eixo principal de Extramundandade e sobrenatureza. Procurei indicar isso adaptando os termos (mundo, natureza, extra- e sobre-) à sua composição na “fórmula canônica do mito” cunhada por Lévi-Strauss (cf. epígrafe). Assim, a primeira parte do livro trata de extra-natureza e sobre-mundo como elementos, expondo assim a grande divisão entre natureza e cultura, habitada por animais e humanos. Por sua vez, a segunda parte toman-

gson, Nietzsche e Espinosa, poderosas interseções. Professor da Universidade de Paris VIII, Vincennes, Deleuze atualizou ideias como as de *devoir*, acontecimentos e singularidades. (Nota da IHU On-Line)

do como elementos extra-mundo e sobre-natureza, configurando uma zona de indiscernibilidade entre natureza e cultura, povoada de espíritos e espectros. Na passagem entre as partes, animais viram espíritos, e humanos, espectros. Essa é a transformação que o livro busca explicitar mediante o arranjo instável entre aqueles conceitos principais.

**IHU On-Line – Como a perspectiva da ontologia infundamental oferece alternativas para o pensamento? Qual o papel da “sobrenatureza” nesse processo?**

**Marco Antonio Valentim** – Em primeiro lugar, gostaria de enfatizar que a ontologia infundamental não constitui nenhuma disciplina nem um projeto de disciplina filosófica. Trata-se de um oxímoro com o qual denominei a operação de descentramento do humano que o livro procura empreender. Uma ontologia infundamental é, a rigor, algo que não existe... Pois não há, em filosofia, discurso mais “fundamentalista” que o da ontologia. Assim, aspirar a uma pluralidade ontológica é, no fundo, encaminhar-se a um pensamento capaz de prescindir do próprio conceito de ser, o qual implica, invariavelmente, a forma de fundamento. Logo, ontologia infundamental é um título provisório para uma disciplina inexistente (e que nem pretende existir como tal). Trata-se de um pensamento que não procura ser “alternativo”, como uma variante do mesmo mundo, mas sim alterado, por contágio com outro mundo.

A sobrenatureza – em seu sentido estrito, a saber, como dinâmica relacional de transformação entre mundos divergentes – é uma potência antifundamental por excelência. O fundamento exige a extinção do sobrenatural enquanto ameaça incompreensível que o acossa de fora (mas também, em muitos casos, de dentro). Experimentar algo como sobrenatural é conhecê-lo como o que faz radicalmente exceção à estrutura ou forma a priori do pensamento. Trata-se, no fundo, do encontro com

um pensamento transcendentalmente outro. A sobrenatureza consiste na experiência da multiplicidade transcendental, refratária a toda e qualquer espécie de unificação e normatização. Todo fundamento é sobrenaturalmente contingente: como diz Lévi-Strauss, “isso [o fundamento] não é tudo”.

“Quanto ao extramundo é preciso uma estrutura de pensamento completamente outra”

**IHU On-Line – De que maneira o ser, no sentido heideggeriano, exprime um devir-branco?**

**Marco Antonio Valentim** – Essa é uma questão particularmente polêmica, visto que ser, no sentido de Heidegger, jamais equivaleria a um devir, no sentido de Deleuze. Pois devir diz respeito sempre a “movimentos aberrantes”, que contrariam radicalmente a instituição do referencial, fundamental e normativo, como é o caso do Ser. Acontece que, a partir da aplicação do conceito filosófico de devir a cosmologias ameríndias (aplicação empreendida, com enorme rendimento, por Viveiros de Castro e outros antropólogos), ocorreu-me a hipótese segundo a qual o que se toma, do lado ocidental, como Ser não poderia senão ser compreendido, do lado ameríndio, como uma forma, ainda que extrema, de devir: uma transformação-limite que tende ao fim absoluto das transformações, pois ser é a extinção do devir.

Se, do nosso ponto de vista, estamos por princípio condicionados a compreender os devires indígenas como modos de ser, nosso ser mesmo con-

siste, do ponto de vista indígena, em um modo extremamente problemático de transformação, metamorfose descontrolada ou “baixa antropofagia” (Oswald de Andrade), capaz, no limite, como adverte Davi Kopenawa<sup>10</sup>, de provocar a “queda do céu”, entendida como colapso irreversível da vida na Terra. Se, como propõe Heidegger, existir em vista de si mesmo é a própria forma da relação com o ser em geral, devir-branco é um “mau devir” (Tânia Stolze Lima), pois implica, com o ingresso no ser, a impossibilidade de tornar a devir. Enfim, devir-branco é um conceito com que procurei especular sobre qual seria a situação virtual do conceito existencial de ser, enquanto elemento completamente outro, no pensamento ameríndio. Trata-se, portanto, de um conceito infundamental do branco como polo de uma certa transformação sobrenatural, no caso, da extinção – acontecimento, por sua vez, quase inefável (não fossem os brancos...) do ponto de vista indígena.

**IHU On-Line – Qual a importância de levar em conta os saberes ancestrais ameríndios na produção do pensamento contemporâneo?**

**Marco Antonio Valentim** – Permito-me divergir um pouco da formulação da pergunta, pois ela parece contar com uma oposição estanque entre ancestral e contemporâneo. É que, a meu ver, os saberes ancestrais ameríndios, bem como de outros povos extramodernos, se demonstram bem mais capazes de fazer frente à catástrofe dos dias atuais e futuros do que o pensamento ocidental mais contemporâneo, o qual, por sua vez, assim ameaçado, tende cada vez mais a ceder a uma ancestralidade represora. Nada mais contemporâneo, face

<sup>10</sup> Davi Kopenawa Yanomami (1956): escritor e líder indígena brasileiro. Ainda criança, viu a população de sua terra natal ser dizimada por duas epidemias, ambas trazidas pelo contato com o homem branco. Trabalhou na Fundação Nacional do Índio como intérprete. Mudou-se para a aldeia Watorik+ na década de 1980. Casou-se com a filha do pajé e se tornou chefe do posto indígena Demini. Foi um dos responsáveis pela demarcação do território Yanomami em 1992. Recebeu o prêmio ambiental Global 500 da ONU. Em 2010, viu sua autobiografia *La chute du ciel*, escrita em parceria com o antropólogo francês Bruce Albert, foi lançada na França. O livro teve tradução para o inglês, francês e italiano e sua edição em português saiu em 2015 *A queda do céu*. Palavras de um xamã yanomami (São Paulo: Companhia das Letras). (Nota da IHU On-Line)

ao Antropoceno, do que, por exemplo, a memória ancestral das idades da Terra que o xamanismo yanomami mantém e reelabora constantemente. Nada mais obsoleto, face ao mesmo acontecimento, do que a pós-história proclamada pelos avatares da filosofia aceleracionista. Num caso, trata-se do pensamento dos futuros vivos; no outro, do pensamento dos mortos-vivos.

A importância de levar a sério saberes como os dos ameríndios reside, como afirma Lévi-Strauss, no fato de que nossa própria sobrevivência, espiritual e física, depende de algo assim. Tudo o que nos falta em termos de “abertura ao Outro” e capacidade ecológica concernem diretamente aos princípios da sua sabedoria. Conforme diz Kopenawa, no dia em que não houver mais xamãs, o céu cairá: não porque os Yanomami sejam o povo mais importante da Terra, mas porque a sabedoria extra-humana que os xamãs yanomami ainda portam e transmitem, resistindo a todo custo ao seu extermínio pelos brancos, está à altura de compreender as profundas transformações pelas quais o planeta passa atualmente. Qualquer um pode fazer a experiência: compare-se a queda do céu aos mais importantes dos ainda raros discursos filosóficos contemporâneos sobre o Antropoceno. A diferença, em termos de amplitude de horizonte e complexidade de diagnóstico, é acachapante. É como se só pudéssemos entrever o que realmente está acontecendo, em termos de suas razões e consequências mais profundas, através dos olhos dos outros. Como propõe Viveiros de Castro em seu prefácio ao livro de Kopenawa & Albert, a nós, que nos tornamos alienígenas em nosso próprio planeta natal, é preciso, mais que nunca, reconhecer, mundo afora, a “contemporaneidade absoluta” do pensamento indígena.

**IHU On-Line – Como foi o processo de construção do seu livro Extramundandade**

**e sobrenatureza? Por onde ele transita?**

**Marco Antonio Valentim** – Atinei para a possibilidade de compor um livro reunindo ensaios sobre a divergência metafísica entre Ocidente moderno e América indígena em meados de 2013, após a realização de um estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, sob a supervisão de Viveiros de Castro, dedicado ao estudo da problemática ontológica no pensamento ameríndio. O projeto seguiu instável e hesitante por vários anos, enquanto meus estudos se aprofundavam confusamente em mais de uma direção. Até que aos poucos uma estrutura foi se consolidando. Foi quando percebi que o livro poderia, ou mesmo deveria, consistir na escrita da passagem dos meus estudos críticos sobre a ontologia fundamental de Heidegger, que a essa altura haviam chegado a um limite intransponível, e meus estudos ainda incipientes de ontocosmologia ameríndia.

Daí para frente escrevi os textos restantes já tendo o livro em perspectiva. A isso se acrescentou ainda um remate decisivo, proveniente de novos estudos de pós-doutorado, dessa vez sob a supervisão de Déborah Danowski<sup>11</sup>, no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUC-Rio, sobre a relação entre metafísica e termodinâmica no Antropoceno. Com base nessas fontes, o livro transita constantemente entre ontologia moderna, antropologia contemporânea, cosmologia ameríndia e cataclismologia (ocidental e indígena). Sobretudo, ele jamais teria sido gestado sem a leitura de *A queda do céu*, publicado originalmente em 2010. Outra influência muito importante foi a obra do filósofo argentino Fabián Ludueña Romandini, particularmente devido à sua escatologia espectralógica. Ademais, devo mencionar como circuns-

tância fortemente favorável à escrita do livro, bem como aos estudos que lhe deram origem, a interlocução no species – núcleo de antropologia especulativa, o qual fundamos, Alexandre Nodari, Flávia Cera, Miguel Carid Naveira, Vinícius Honesko, Juliana Fausto e eu, no primeiro semestre de 2015, na UFPR. O livro deve demais ao cultivo de “ciências inumanas” que praticamos, junto a vários outros colegas, no âmbito do species.

**IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Marco Antonio Valentim** – Terminei a escrita do livro nos idos de março deste ano, quase simultaneamente ao assassinato de Marielle Franco<sup>12</sup> – acontecimento que revela, entre muitos outros desde então, e também antes disso, a captura do Estado brasileiro pela máquina de guerra do fascismo. O livro se encerra apontando para a relação constitutiva que há entre fascismo contemporâneo e Antropoceno.

Como escrevo estas linhas logo antes do que pode vir a se configurar como sendo a captura definitiva, com consequências devastadoras para a vida dos povos no Brasil, para suas terras e até mesmo para o planeta (já que está em jogo nada menos que a sobrevivência próxima da Amazônia), é inevitável que eu me questione sobre o sentido do imbricamento entre o pensamento escrito e o acontecimento, feito de vidas e espíritos, ao qual ele procura de algum modo corresponder. Pode-se escrever para que as coisas aconteçam; também é possível fazê-lo para que elas jamais sucedam. Só agora me dou conta de que o fiz, em grande medida, pelo segundo motivo.

Força, amor e sorte a todos, todas, nós! ■

<sup>12</sup> Marielle Franco [Marielle Francisco da Silva] (1979-2018): socióloga, feminista, militante dos direitos humanos e política nascida no Rio de Janeiro. Filiada ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), elegeu-se vereadora do Rio de Janeiro na eleição municipal de 2016, com a quinta maior votação. Crítica da intervenção federal no Rio de Janeiro e da Polícia Militar, denunciava constantemente abusos de autoridade por parte de policiais contra moradores de comunidades carentes. Em 14 de março de 2018, foi assassinada a tiros. Os autores do crime ainda não foram identificados. (Nota da IHU On-Line)

<sup>11</sup> Déborah Danowski: bacharela, mestra e doutora em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, onde é professora. Fez estágio pós-doutoral em Filosofia na Universidade de Paris IV (Paris-Sorbonne). (Nota da IHU On-Line)

# O Antropoceno é um alerta sobre as ações humanas no planeta

Etienne Turpin busca compreender o Antropoceno como um sinal de que os “efeitos agregados das ações humanas sobre humanos, não humanos e vários sistemas” estão estritamente conectados

Ricardo Machado | Edição: João Vitor Santos | Tradução: Moisés Sbardelotto

76

A palavra Antropoceno é relativa à área da Geologia, diz respeito aos efeitos da ação do ser humano sobre os mais variados sistemas da Terra. Entretanto, mergulhar no conceito é entrar num complexo emaranhado. Primeiro, porque não é consenso no campo científico a existência desta como uma nova era na escala geológica e, segundo, porque há inúmeras interpretações acerca dessa ideia de “efeito dos humanos sobre os ecossistemas”. Fato que não pode ser negado é que, desde que o homem fica em pé, domina a agricultura e passa a viver assentado, o planeta vem se transformando de forma exponencial. Por isso, o filósofo e pesquisador Etienne Turpin vai além da busca conceitual e compreende o “Antropoceno como um alerta sobre os efeitos agregados das ações humanas sobre humanos, não humanos e vários sistemas entrelaçados”. Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à IHU On-Line, acrescenta que “tem a ver com intensidade e velocidade, e como os efeitos agregados das ações humanas (muitas vezes não intencionais) que se acumulam. Mas esses efeitos não se acumulam igualmente em todos os lugares, nem para todas as pessoas ou para cada grupo de pessoas”.

E se desde que o homem começa o processo de domesticação das plantas já há alterações em todo o globo, imagine quando constrói cidades e passa por cima dos mais inúmeros e diversos ecossistemas. É por isso que o tema do

Antropoceno não pode ser um objeto restrito apenas a estudos de campos como Geologia, Ecologia, mas também deve se estender a áreas como Design e Arquitetura. “A arquitetura tem sido bastante resistente ao ‘impacto’ há algum tempo. Talvez desde o desvio do discurso da autonomia no discurso da arquitetura na América do Norte e na Europa, a disciplina se apegou a uma ideia de independência que a tornou cada vez mais retrógrada e reacionária, senão totalmente irrelevante para as preocupações contemporâneas”, aponta Turpin. Para ele, é preciso que tenhamos consciência de que “somos, em graus variados, reféns do Antropoceno, a imagem do Homem como Mestre da Natureza”.

**Etienne Turpin** é filósofo, pesquisador do Instituto de Tecnologia de Massachusetts e diretor fundador do Aneexact Office, escritório de arquiteto em que atua. Suas pesquisas se baseiam no design das cidades de Jacarta, na Indonésia, e Berlim, na Alemanha. Também é membro fundador do User Group, cooperativa internacional de propriedade de trabalhadores que desenvolve infraestrutura humanitária, software de código aberto e ferramentas de coleta de dados geoespaciais. Com sua parceira Anna-Sophie Springer, Turpin é pesquisador do ReassemblingNature.org, onde trabalham a partir da exposição sobre o significado das coleções de história natural no Antropoceno.

**Confira a entrevista.**

## “Vivemos em meio a montanhas de lixo que ajudaram a produzir o Antropoceno como cascas desprezadas da acumulação industrial-capitalista”

**IHU On-Line – De que forma o Antropoceno, como era geológica e ambiental, tem produzido transformações nas formas de vida e hábitos humanos em escala global?**

**Etienne Turpin** – Em nosso escritório de pesquisa em design (anexact office<sup>1</sup>), entendemos o Antropoceno como um alerta sobre os efeitos agregados das ações humanas sobre humanos, não humanos e vários sistemas entrelaçados. Isso tem a ver com intensidade e velocidade, e como os efeitos agregados das ações humanas (muitas vezes não intencionais) se acumulam. Mas esses efeitos não se acumulam igualmente em todos os lugares, nem para todas as pessoas ou para cada grupo de pessoas. Usamos o demonstrativo proximal “este” para qualificar as nossas discussões: o que *este* Antropoceno nos diz sobre poder político, controle social e imagens da natureza? Como no breve filme-palestra *Conspiracy of the Anthros*, filmado no Rio Ciliwung de Jacarta, este Antropoceno está conectado, mas é distinto de outras instanciações.

**IHU On-Line – Como o Antropoceno, enquanto espírito do tempo, joga luz sobre certas ilusões epistemológicas da Modernidade? Que ilusões em especial ele ilumina?**

**Etienne Turpin** – Esta é uma pergunta mais para Bruno Latour, que lida com essas heranças da Mo-

dernidade de modo bastante explícito. Não estou tão certo quanto ele da profundidade ou da amplitude da ilusão. Certamente, durante a colonização europeia, havia uma divisão clara e distinta entre humanos e natureza. Talvez seja por isso que Walter D. Mignolo e Catherine E. Walsh insistem em usar o termo *modernidade-colonialidade*.

“A arquitetura ainda não captou a indignidade de representar os outros”

De qualquer forma, essa divisão não desapareceu porque provou ser uma ilusão. No mínimo, por ser um limite ilusório, é guardado mais febrilmente agora do que nunca. No Brasil, o trabalho de Paulo Tavares é especialmente importante para desmontar o quadro epistemológico da modernidade-colonialidade, no que diz respeito às histórias indígenas. Se existe uma prática de arquitetura no Brasil hoje que mostra como a prática pode se envolver em trabalhos críticos, situados e urgentes é a agência *Autonoma* de Tavares.

**IHU On-Line – Esse novo rearranjo produz impactos no campo do design e da arquitetura? Explique.**

**Etienne Turpin** – A arquitetura tem sido bastante resistente ao “impacto” há algum tempo. Talvez desde o desvio do discurso da *autonomia* no discurso da arquitetura na América do Norte e na Europa, a disciplina se apegou a uma ideia de independência que a tornou cada vez mais retrógrada e reacionária, senão totalmente irrelevante para as preocupações contemporâneas. Não posso falar sobre a situação no Brasil, mas eu lecionei no Canadá, nos Estados Unidos, na Austrália e na Rússia. Eu vivo e trabalho na Europa e faço alguns workshops, mas realmente não leciono no verdadeiro sentido da palavra. De qualquer forma, estou bastante cético em relação ao que vi na última década.

Em 2013, depois de organizar o Simpósio *The Geological Turn* no Taubman College, na Universidade de Michigan, altos funcionários e administradores me disseram que, apesar do enorme sucesso da própria conferência, “ninguém nunca vai se importar com o Antropoceno”. Milhares de conferências depois, sem falar da enxurrada de livros, artigos populares, publicações acadêmicas, parece claro que muitas pessoas se importam, sim, com essas preocupações. Então, eu me pergunto por que esses arquitetos-acadêmicos estavam tão ameaçados pela discussão do Antropoceno na época. Será por

<sup>1</sup> <http://anexact.org/>.

que a gravidade e a complexidade do problema que ele ajuda a delinear torna a arquitetura e suas tradições especialmente cúmplices da implacável destruição do planeta?

Em última análise, como o próprio capitalismo, a disciplina tentará fazer do Antropoceno um tema do qual ela possa extrair frases discursivas úteis e, então, ir à caça da próxima coisa na tentativa de representar a si mesma como um relevante campo de estudo. É um problema realmente óbvio para mim: a arquitetura acadêmica está interessada na representação habilidosa e inteligente dos problemas, de tal modo que a autoria, o poder e o controle permaneçam incontestados. Enquanto essa *vontade de dominação* através da representação não for superada, a disciplina simplesmente se tornará cada vez mais como um marketing tridimensional. Se isso soa *muito* crítico, deveríamos pelo menos admitir que a maioria das escolas de arquitetura estadunidenses hoje poderiam ser subsumidas pelas faculdades de Administração como um subcampo do marketing com poucas mudanças em seu currículo.

**IHU On-Line – Ainda faz sentido a divisão categórica entre natureza e cultura? Como o Antropoceno produz uma nova deontologia?**

**Etienne Turpin** – A divisão entre natureza e cultura às vezes é pragmática, mas não é nem categórica nem ontológica. Eu acho que é importante aceitar que existem processos independentes da mente e da cultura, chamemo-los de realidade, natureza ou do que você quiser. Ao mesmo tempo, há pouca realidade ou natureza, pelo menos na Terra, que não seja de alguma forma afetada pelo efeito agregado das atividades humanas com as quais devem interagir. Isso é algo que tentamos escrever recentemente a respeito de cidades, mosquitos e dengue – como as suposições humanas sobre essas divisões realmente orientam a política urbana e/ou os processos urbanos que ficam ainda mais fora de con-

trole à medida que tentam ganhar o controle?

**IHU On-Line – Poderíamos dizer que o Antropoceno inaugura uma nova estética? De que ordem?**

**Etienne Turpin** – Eu tentei escrever sobre essa estética, tanto em artigos anteriores, quanto na coleção que editei com Heather Davis, intitulada *Art in the Anthropocene* [Arte no Antropoceno], publicado pela Open Humanities Press em 2015. No artigo “A estética não intencional do Antropoceno”, eu argumentei que essas estéticas estão todas ao nosso redor, incluindo algumas mais óbvias, como as montanhas de lixo e as gigantescas chaminés industriais. Vivemos em meio a montanhas de lixo que ajudaram a produzir o Antropoceno como cascas desprezadas da acumulação industrial-capitalista. Podemos imaginar essa estética como caracterizada pelas externalidades territoriais e encarnadas da imagem do progresso sob o capitalismo.

“Se somos, em graus variados, reféns do Antropoceno, a imagem do Homem como Mestre da Natureza”

**IHU On-Line – De que forma podemos compreender o paradoxo de que o Antropoceno, justamente a era em que a ação humana interfere diretamente na autopoiesis da terra, tornou os seres humanos ainda mais reféns da natureza?**

**Etienne Turpin** – Em uma recente exposição sobre o Antropoceno que eu organizei com Anna-Sophie Springer no contexto de uma colaboração de longo prazo chamada *Reassembling the Natural*<sup>2</sup>, nós entrevistamos na exposição de um museu de história natural, reorganizando-o, criticando-o e introduzindo 18 obras de arte contemporânea para contestar a pedagogia do excepcionalismo humano que é ubíquo no museu em condições normais. Após três meses de visita, recebemos os comentários do livro de visitas – os visitantes ficaram furiosos. Fomos acusados de destruir o museu de história natural!

Parece claro agora que, à medida que as pessoas se tornam cada vez mais conscientes das catástrofes ecológicas iminentes (sejam elas referentes à extinção, às mudanças climáticas etc.), elas se apegam ainda mais fortemente a uma imagem da natureza que está na raiz do problema! Se somos, em graus variados, reféns do Antropoceno, a imagem do Homem como Mestre da Natureza – como Ele é apresentado em quase todos os museus de história natural – torna-se um mito que deve ser defendido para não admitirmos a nossa precariedade.

**IHU On-Line – Como o Antropoceno, mais especificamente o aquecimento global, exige uma nova forma de relação com as comunidades/populações mais fragilizadas pelo rearranjo climático? Em particular, qual a contribuição do design e da arquitetura nesse sentido?**

**Etienne Turpin** – Minha prática tem sido uma extensa etnografia institucional e trabalho de campo, então,

<sup>2</sup> <http://reassemblingnature.org/about/>.

acho que, se os arquitetos estão se perguntando: quem são as partes interessadas nesse projeto, eles já estão muito atrasados. Se você precisa se perguntar para quem é o seu projeto, você já entendeu tudo errado. A pesquisa em design, software e infraestrutura humanitária em que eu tenho trabalhado, tanto com o anexact office quanto com a cooperativa de propriedade dos trabalhadores User Group, começa atendendo às condições in loco. Onde estamos? O que está acontecendo? O que faz as coisas se moverem? O que faz as coisas pararem?

Isso significa se sentar, ouvir, estar na cidade e fazer parte de suas alegrias e tristezas, de seus potenciais e seus limites. Os designers não são observadores privilegiados! Eles podem fazer parte de uma conversa, fazer parte de uma narrativa, fazer parte do processo, e eles têm algumas habilidades úteis, é claro. Mas, se você não consegue ver uma cidade ou um sistema pelo que eles são, ou seja, como eles funcionam, *o que os residentes podem fazer uns com os outros* (para fazer referência ao brilhante trabalho de AbdouMaliq Simone), você acaba de volta ao jogo da representação. Há quanto tempo Foucault falou sobre a indignidade de falar pelos outros? No entanto, a arquitetura ainda não captou a indignidade de *representar* os outros! Se há alguma contribuição que a arquitetura pode fazer, é definitivamente a de ir ao encontro das lutas pela justiça social e ambiental, e pela integridade climática, com humildade – não como um especialista com respostas, mas para ouvir e aprender com os que estão na linha de frente.

**IHU On-Line – Quais os limites da arquitetura enquanto disciplina para enfrentar os desafios colocados pelo Antropoceno? Como a multidisciplinaridade pode contribuir nesse sentido?**

**Etienne Turpin** – Cada disciplina é uma herança do Holoceno, portanto, nesse aspecto, a arquitetura é como qualquer outro campo de pesquisa. Agora, vemos as disciplinas

competindo umas com as outras sobre quem é o árbitro apropriado do Antropoceno. Incrível, não? De fato, Isabelle Stengers previu esse triste resultado em sua entrevista com Heather Davis, publicada pela Open Humanities Press em *Architecture in the Anthropocene* [A arquitetura no Antropoceno], em 2013.

“Se você precisa se perguntar para quem é o seu projeto, você já entendeu tudo errado”

Mas agora eu estou longe demais da academia para dar uma resposta adequada, para ser perfeitamente franco. Eu sinceramente não sei como esses debates disciplinares ainda podem persistir, para que fim, com quanta energia desperdiçada e para quê?! Até mesmo a ideia de que a multidisciplinaridade como tal é uma chave de ouro para o bloqueio da complexidade parece um pouco como um slogan neoliberal nos dias de hoje. Não que eu seja contra, mas o que precisamos são de modelos mais ágeis e convincentes de investigação e intervenção, não de um slogan de “vamos todos juntos”.

Em um projeto de software de código aberto que eu ajudei a desenvolver na Indonésia a partir de 2013, a equipe de pesquisa original era composta por mais de 15 disciplinas distintas. Desde então, dezenas de pessoas de outros campos também vieram trabalhar no projeto, apoiaram-no e passaram por ele, e depois por outros projetos ou áreas de pesquisa. Por estar embasada em uma realidade concreta, ela é res-

tringida de tal modo que torna esses vários compromissos epistemológicos valiosos, mas apenas parcialmente. Ninguém pode narrar o projeto inteiro a partir de uma disciplina – engraçado, essa parece ser uma boa maneira de mantê-lo trabalhando, e de mantê-lo trabalhando em conjunto.

**IHU On-Line – É possível construir alternativas aos dilemas ambientais e sociais originados pelo Antropoceno para além do debate acadêmico? De que maneira pode-se integrar outros interlocutores na discussão, como, por exemplo, as populações atingidas pelas mudanças climáticas?**

**Etienne Turpin** – Sim, eu acho que é possível. Pelo menos, na minha prática, eu trabalho cruzando vários formatos para construir alternativas, porque acredito que seja possível e urgente fazê-lo. Formei-me como filósofo, mas acho que a filosofia pode ser praticada melhor em vários registros em que o pensamento faz parte do conjunto. Como editor (e, ocasionalmente, como escritor), eu trabalho com o setor de publicações porque ainda acredito que os livros (e as ideias que eles transmitem) são consequentes para essa condição que podemos chamar de Antropoceno. Como curador, acho que as exposições ainda são um espaço para desafiar as narrativas culturais dominantes e para reformular os modos de ver o Antropoceno. Como designer que trabalha cruzando o design urbano, o software de código aberto e a infraestrutura humanitária, gosto de pensar no nosso trabalho como *anastrófico*. Se uma catástrofe é o passado se separando, uma *anástrofe* é o futuro se unindo. Como podemos fazer design para as convergências do Antropoceno (mudanças climáticas, luta política, migração, conflito etc.), permitindo a colaboração, a cooperação e a criatividade em participantes humanos e não humanos? Esse trabalho não tem a ver com prever o futuro, mas se concentra em projetar uma infraestrutura criteriosa, atentando cuidadosamente para *estas* trajetórias do Antropoceno. ■

# Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo

O ensaio traz uma reflexão preliminar de uma etnografia longitudinal que vem sendo realizada desde 2009 sobre consumo e política entre jovens do Morro da Cruz (aqui, “o Morro”), a maior periferia de Porto Alegre. Mesmo sem resultados

teóricos ou empíricos conclusivos, consideramos de suma relevância apresentar este esboço de nossos dados. No trabalho pôde-se observar as transformações pelas quais os jovens, suas famílias e seus entornos passaram pelos momentos chave da história recente do País, marcados, respectivamente, pela emergência e colapso do crescimento econômico. Essas fases do desenvolvimento nacional afetam não apenas as condições materiais da existência, mas igualmente o self individual, a capacidade de aspirar e as formas de fazerpolítica e de compreender o mundo. Esperança e ódio, por fim, não são categorias totalizantes na perspectiva adotada aqui. São antes tendências que nos ajudam a pensar como a subjetividade política é moldada em contextos diferenciados. Havia ódio na esperança e parece haver esperança no ódio - e essa sutileza é, na verdade, central no argumento que traçaremos nas linhas que seguem.

**Rosana Pinheiro-Machado** é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS e doutora em Antropologia Social pela mesma universidade. Foi professora de Desenvolvimento Internacional na Universidade de Oxford de 2013 a 2016. Atualmente é professora visitante no Departamento de Sociologia da Universidade de São Paulo – USP.

**Lucia Mury Scalco** é socióloga e antropóloga. Possui mestrado e doutorado em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, quando desenvolveu pesquisas com os títulos “FaLa K É NósIs”: etnografia de um projeto de inclusão digital entre jovens de classes populares em Porto Alegre e O Consumo das novas tecnologias pelas classes populares, respectivamente. Atualmente, realiza investigações sobre os temas classes populares, inclusão digital, novas formas de apropriação das informações e do conhecimento, juventude e consumo.

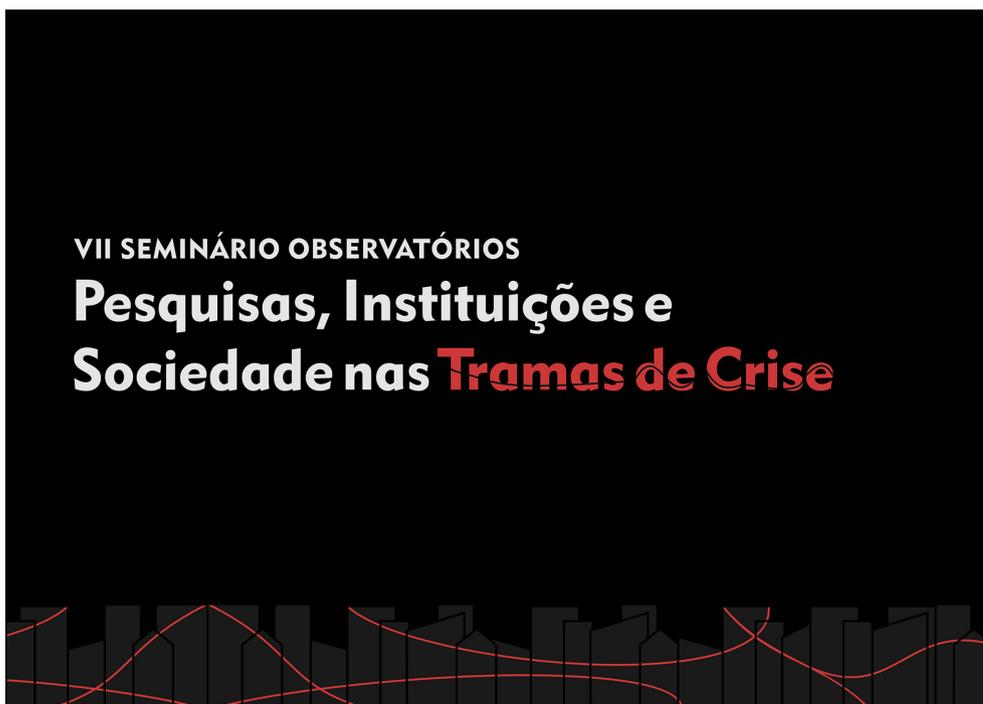
A versão completa está disponível em <http://bit.ly/2CdxDbY>.

Esta e outras edições do Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br). Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



# Pesquisas, Instituições e Sociedade nas Tramas de Crise

O VII SEMINÁRIO OBSERVATÓRIOS: PESQUISAS, INSTITUIÇÕES E SOCIEDADE NAS TRAMAS DA CRISE dá sequência à tematização de interesse de um coletivo de Observatórios com atuação no campo social comprometido com a organização e democratização das informações, assim como com a afirmação de políticas públicas no contexto da sociedade contemporânea. O evento dá continuidade aos



seis Seminários anteriores, que objetivaram promover o estudo e o debate sobre o papel dos Observatórios, suas metodologias e impactos. Este espaço de formação e articulação desde 2013 apontou para a constituição da REDE DE OBSERVATÓRIOS SOCIAIS, que assumiu a realização deste evento, assim como um conjunto de outras ações que apontam para o fortalecimento dos observatórios sociais como ferramentas estratégicas de afirmação da democratização do Estado e da sociedade brasileira. O livro apresenta importantes debates sobre o tema e discussões realizadas na última edição do evento.

A versão completa está disponível em <http://bit.ly/2CcoxCD>.

# O mal-estar na cultura medicamentalizada

**A** pesar de inegáveis benefícios farmacológicos dos medicamentos, é difícil sustentar uma postura de atenuar e relativizar a atuação poderosa e notadamente abusiva da indústria farmacêutica. Estas são identificadas por estudiosos do campo por vi-

sarem a proliferação contínua do consumo de medicamentos através de recursos eticamente discutíveis. Ao mesmo tempo, pode-se afirmar que convivemos com uma “crise dos vínculos de confiança” nas interações médicas no desempenho de suas atividades. O comprometimento da dimensão ética no âmbito da atividade médica também pode encobrir interesses financeiros que participam da mencionada crise dos vínculos, que pode ser desenvolvida a partir do conceito foucaultiano de governamentalidade aplicado ao campo da medicina: a medicamentalidade. Da mesma forma, podemos nos referir a um epidemiopoder que irá configurar práticas medicamentalizadas, se considerarmos as características básicas que definem o objeto das disciplinas do âmbito sanitário – saúde e vida nas populações. Mais: na atualidade, é a normatividade de base epidemiológica que rege os preceitos e recomendações que pretendem disciplinar as populações humanas no interior dos discursos de promoção da saúde centrados no comportamento saudável com vistas à longevidade com a qualidade de vida acessível ao consumidor. No limite, cada um deve ter metas de gestão da vida como fenômeno biológico configuradas por noções de risco propaladas por mensagens médico-epidemiológicas normativas de porta-vozes da fortaleza, prudência, moderação e temperança em nome de estilos de vida regrados.



## O mal-estar na cultura medicamentalizada

Luis David Castiel

INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

**Luis David Castiel** possui graduação em Medicina pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil (1975), mestrado em Community Medicine pela University of London (1981), doutorado em Saúde Pública pelo Fundação Oswaldo Cruz (1993) e pós-doutorado pelo Depto. de Enfermeria Comunitaria, Salud Publica y Historia de la Ciencia da Universidade de Alicante, Espanha (2005). Atualmente é pesquisador titular do Depto. de Epidemiología e Métodos Quantitativos em Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz.

A versão completa está disponível em <http://bit.ly/2GhGNYX>.

Esta e outras edições do Cadernos IHU ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br). Informações pelo telefone (51) 3590-8213.

# A opção de Francisco: como evangelizar um mundo em mudança?

O artigo mostra como a opção Francisco foi o resultado de um sofisticado discernimento dos sinais da época da Igreja latino-americana, parte do qual foi um diagnóstico de onde a Igreja ocidental errara em sua resposta temerosa ao secularismo. Uma vez apreendido esse discernimento, fica mais claro por que o pontificado de Francisco coloca tal ênfase no encontro com a misericórdia de Deus, e por que ele está convencido de que a Igreja deve ser “próxima e concreta” para proclamar o Deus vivo em uma era de tecnocracia e secularização.

**Austen Ivereigh** é escritor e jornalista britânico especializado na Igreja Católica e no papado de Francisco. Possui doutorado pela Universidade de Oxford sobre o tema da Igreja e da política na Argentina, no qual ele se baseou para escrever sua biografia autorizada do Papa Francisco, Francisco, o grande reformador: os caminhos de um papa radical.



A versão completa está disponível em <http://bit.ly/2UEuclX>.

Esta e outras edições do Cadernos Teologia Pública também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br). Informações pelo telefone (51) 3590-8213.

telefone (51) 3590-8213.

# Ciclo de Debates Políticas Públicas no atual contexto Brasileiro

## Desafios e possibilidades para a democracia

agexcom  
UNISINOS



11/03 a 25/04  
de 2019

**Local:** Sala Ignacio  
Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

[ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS

UNISINOS

Outras edições em [www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-antiores](http://www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-antiores)



## A mística nupcial. Teresa de Ávila e Tomas Merton

Edição 460 – Ano XV – 16-12-2014

*Em 2015, comemorou-se os 500 anos do nascimento de Teresa de Ávila (1515-1582) e o centenário de Thomas Merton (1915-1968) duas grandes referências da mística cristã. Reconhecidos pela busca da interioridade e pelo amor a Deus e ao próximo, evidenciar o legado teológico de ambos os místicos, sua trajetória, sentido e atualidade de suas vivências foi o tema de debate da revista IHU On-Line.*

## Maria de Magdala. Apóstola dos Apóstolos



Edição 489 – Ano XVI – 18-7-2010

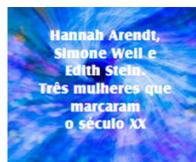
*A iniciativa do Papa Francisco de elevar a memória litúrgica de Maria Madalena, no dia 22 de julho de 2016, à festa, como dos Apóstolos, é profética. Segundo Lilia Sebastiani, teóloga italiana, a decisão “inscreve-se na teologia dos gestos, mais do que das inovações doutrinárias, e será lembrada como dos aspectos mais significativos de seu pontificado” Segundo ela, isto “não somente é importante para a história do culto de uma santa, mas para o devir do anúncio Pascal”.*

85

## Hannah Arendt, Simone Weil e Edith Stein. Três mulheres que marcaram o século XXI

Edição 168 - Ano V – 12-12-2005

*“Parece que certas pessoas estão, em sua própria vida (e unicamente nisso, e não como pessoas, por exemplo), de tal forma expostas que se tornam, por assim dizer, encruzilhadas e objetivações concretas da vida”, escreve Hannah Arendt. A frase prefigura seu próprio destino e o de duas outras mulheres, suas contemporâneas: Simone Weil e Edith Stein.*



Leia nesta edição

Editorial p. 2

Tema de capa

Formas

Simone Weil: a grande e a pequena p. 4

Biografias

Hannah Arendt (1906-1975) p. 6

Simone Weil (1909-1943) p. 9

Edith Stein (1891-1942) p. 11

Entrevistas

Séculos Contempôranos: Três mulheres em tempos modernos p. 13

Encontros e desencontros: Três mulheres em busca do sentido e da justiça p. 17

Matéria de Ponta: Vidas e mortes: Simone Weil e a importância da fé e do trabalho p. 22

Atos de Maria: Simone Weil e a importância do amor p. 24

Editorial: Simone Weil: “Nunca antes nosso futuro foi mais incerto” p. 28

Brasil em foco

Paulo Malabar: “O Lula era centro-esquerda, parecia a ser quase centro-direita” p. 18

IHU ON-LINE • WWW.IHUONLINE.BR/ • SÃO LUÍS/CADALZ, 12 DE DEZEMBRO DE 2008



Ciclo de Estudos  
**A China e o mundo**  
A (re)configuração geopolítica global

07 de Maio de 2019  
Das 8h30min às 22h

Mais informações  
[ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)



# ONTOLOGIAS ANARQUISTAS

03/04 a 30/05 de 2019

19h30min às 22h  
Unisinos campus Porto Alegre

[ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)

 INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS 



4º Ciclo de Estudos

# Revolução 4.0

Impactos nos modos de produzir e viver

De 25 de março a 29 de maio de 2019

Mais informações: [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br) | [ihuonline.unisinos.br](http://ihuonline.unisinos.br)

 [twitter.com/\\_ihu](https://twitter.com/_ihu)  [bit.ly/faceihu](https://bit.ly/faceihu)  [bit.ly/instaihu](https://bit.ly/instaihu)  [bit.ly/youtubeihu](https://bit.ly/youtubeihu)  [medium.com/@\\_ihu](https://medium.com/@_ihu)